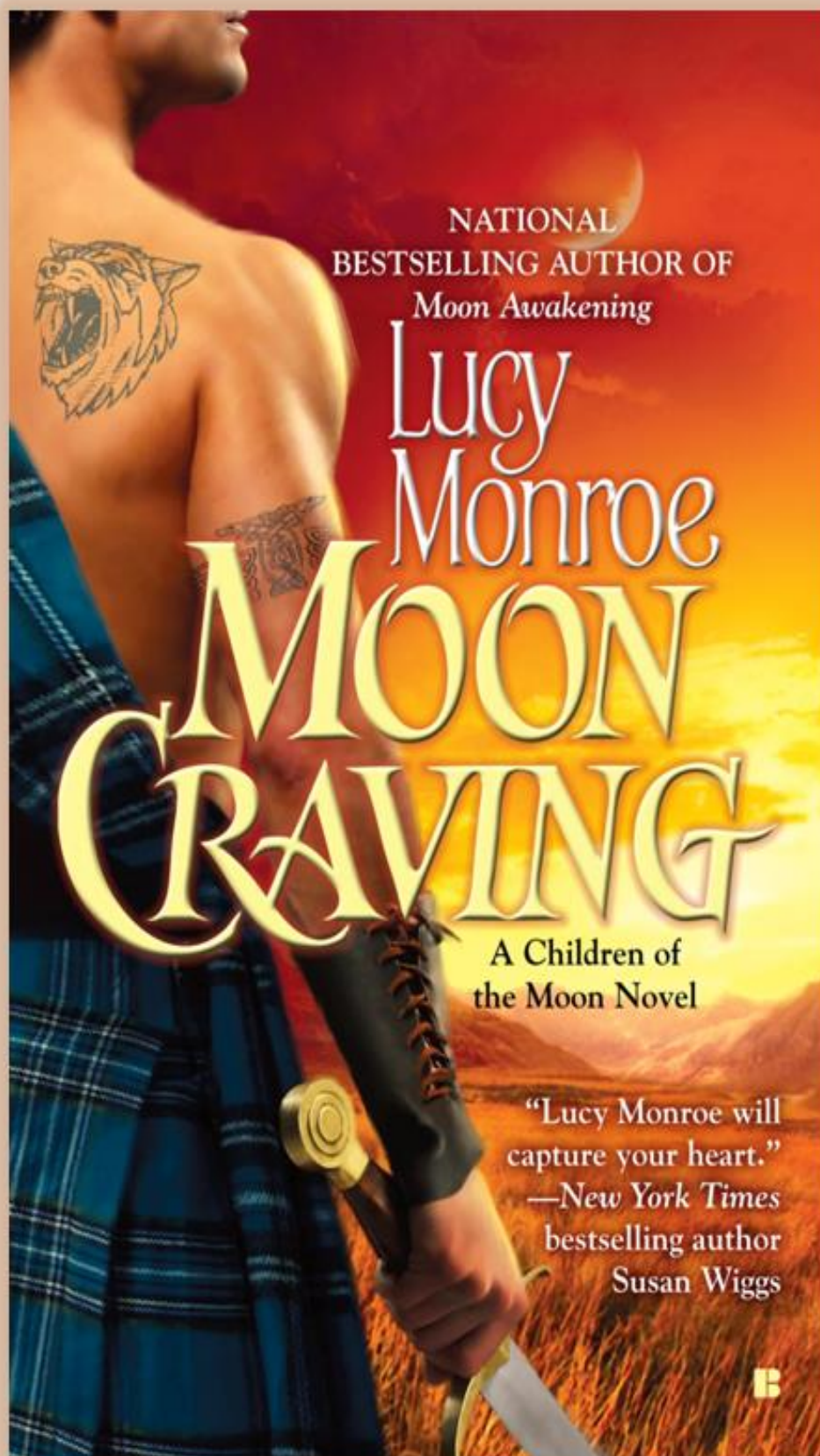






DESEJO DA LUA

Filhos da Lua 02

Lucy Monroe

Se fosse por ele, Talorc – Laird do clã Sinclair e líder do seu bando de lobisomens — nunca casaria. Mas quando o rei ordena que Talorc desposse uma mulher inglesa, o solitário lobo está chocado por encontrar sua companheira na determinada Abigail. E depois de uma noite de casamento cheia de clima, as duas almas ferozmente independentes sentem um laço inquebrável...

Surda desde a infância, Abigail espera manter sua deficiência longe de Talorc tanto quanto possível. Da parte dele, ele não tem nenhuma intenção de dizer a ela sobre ser um lobisomem. Mas quando Abigail descobre que o marido que começou a amar a enganou, Talorc levará toda a força de seu guerreiro — e esperteza do seu lobo — para ganhar sua esposa de volta. E ainda terá que enfrentar seu maior desafio:

A vulnerabilidade de um homem apaixonado...

Revisão Inicial: Vanessa, Josyvane, Miriam, Heloisa

Revisão Final: Josyvane

Visto Final: Heloisa

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Prólogo

Milênios atrás, Deus criou uma raça de pessoas tão ferozes que até suas mulheres eram temidas em batalha. Era um povo guerreiro em todos os aspectos, que recusava submeter-se ao domínio de qualquer governante que não fosse um dos seus... sem importar o tamanho das tropas enviadas para subjugar-los. Seus inimigos diziam que eles lutavam como animais. Seus inimigos vencidos nada diziam, pois estavam mortos.

Era considerado um povo primitivo e bárbaro porque desfiguravam suas peles com tatuagens em tinta azul. Os desenhos eram normalmente simples. Uma única besta era pintada em um contorno simples, embora alguns membros do clã tivessem mais marcas que rivalizavam com os celtas pela complexidade artística. Estes eram os líderes dos clãs, e seus inimigos nunca eram capazes de descobrir o significado de quaisquer das tatuagens azuis.

Alguns suporiam que eram símbolos de sua natureza bélica e nisso estavam parcialmente certos. Pois as bestas representavam uma parte deles mesmos, algo que esse violento e independente povo mantinha em segredo frente à dor da morte. Era um segredo que eles guardavam por séculos de sua existência, na época em que a maioria migrou por todo território europeu para se estabelecer no inóspito norte da Escócia.

Seus inimigos romanos os chamavam de Pictos, um nome aceito pelos outros povos de sua região e de regiões ao sul... eles chamavam a si mesmos de Chrechte.

Seu gosto selvagem pela luta e a conquista vinha da parte de sua natureza que seus equivalentes completamente humanos não desfrutavam. Porque este povo feroz mudava de forma e as tatuagens azuladas em suas peles eram marcas dadas como parte de um ritual de passagem. Quando sua primeira mudança ocorria, eram marcados com o tipo de animal no que podiam se transformar. Alguns controlavam a transformação. Outros não. E embora a maioria fosse lobo, também existiam grandes felinos caçadores e aves de rapina.

Nenhum dos que se transformavam reproduziam-se tão depressa ou abundantemente quanto seus irmãos e irmãs inteiramente humanos. Ainda que eles fossem uma raça temível e sua perspicácia fosse aprimorada por uma compreensão da natureza que a maioria dos humanos não possuía, eles não eram precipitados e não eram governados por sua natureza animal.

Um guerreiro podia matar a centenas de seus inimigos, mas ela ou ele poderia morrer antes de ter uma descendência, a morte levaria a um inevitável encolhimento do clã. Alguns clãs Pictos e aqueles conhecidos por outros nomes em outras partes do mundo já tinham se extinguido ao invés de se submeterem aos inferiores, porém numerosos humanos que os rodeavam.

A maior parte dos que se transformavam das Highlanders Escocesas foram muito inteligentes para enfrentar o fim de sua raça, por isso preferiram se misturar. Eles vislumbravam o futuro. No nono século D.C., Kenneth MacAlpin ascendeu ao trono escocês. De origem Chrechte por parte de mãe, MacAlpin era o resultado de um "casamento inter-racial", e sua natureza humana era predominante. Ele não era capaz da "mudança", mas isso não o deteve na hora de reivindicar o trono Picto (como era chamado então). A fim de garantir sua monarquia, ele traiu seus irmãos Chrechte durante um jantar, matando

toda Família Real de sua raça e consolidou para sempre uma desconfiança para os humanos de seus companheiros Chrechte.

Apesar desta desconfiança, os Chrechte perceberam que eles poderiam desaparecer lutando contra uma sempre crescente e usurpadora raça humana, ou poderiam se juntar aos clãs Celtas.

Eles se juntaram.

Para aos que pertenciam ao do resto do mundo, embora muitos viviam para testemunhar sua antiga existência, o povo Picto já não existia mais.

Por não estar em suas naturezas serem governados por quaisquer que não fossem um deles, depois de duas gerações, os clãs Celtas que assimilaram os Chrechte eram governados por chefes de clã que se transformavam. Em sua maioria, os integrantes humanos ignoravam este fato; porém, para poucos eram confiados os segredos de seus parentes. Aqueles que sabiam os segredos estavam cientes de que trair o código de silêncio significava morte certa e imediata.

Aquele código de silêncio raramente era quebrado, ainda que os que se transformavam migraram a outras partes do mundo juntamente com seus pares humanos. Podemos encontrá-los em cada continente, embora poucos acreditem em sua existência e inclusive poucos saibam com segurança.



CAPÍTULO 1

Nós, os moradores mais remotos sobre a Terra, os últimos seres livres, fomos protegidos... por nosso confinamento e pela obscuridade que envolveu nosso nome... além de nós não existe nenhuma nação, nada além de ondas e rochas.

REI CALGACUS DOS PICTOS, TERCEIRO SÉCULO DC

—É guerra então? — o velho escocês grisalho, Osgard, perguntou a seu laird.

Barr, segundo no comando de seu poderoso líder, franziu a testa.

—Contra nosso próprio rei?

A tentação de dizer sim era grande. Talorc, Laird do clã Sinclair e líder para seu bando Chrechte, teve que manter sua mandíbula cerrada para impedir a palavra de sair. Serviria de lição para David. Talorc não duvidava que se ele ordenasse, seu clã iria guerrear contra o rei ainda questionado por muitos Highlanders como o soberano de toda Escócia.

Nas Highlands pelo menos, a primeira lealdade ainda era para o chefe do clã, não para o rei. Onde isso deixaria o “civilizado” rei então?

Mas o homem elevado pelos Normandos naquele buraco do inferno ao sul era um amigo. Apesar da influência *sassenach*¹, Talorc respeitava o Rei David quando poucos homens ganharam essa honra.

—Não foi suficiente ele enviar uma noiva inglesa a você, agora ele envia outra? — Osgard perguntou, sua voz envelhecida ainda forte o suficiente para expressar sua fúria.

—Não planeja enviar esta — Barr disse.

Como se Talorc já não soubesse dos detalhes da maldita mensagem.

—Não, ele espera que eu viaje para a Inglaterra para casar com ela.

—Isso é uma afronta — Osgard rosnou.

Barr concordou.

—Uma ofensa que não pode tomar levemente.

—De acordo com o mensageiro, foram ambos os Reis, David e o da Inglaterra, que ficaram ofendidos por você não ter se casado com a primeira mulher inglesa — Guaire, Senescal de Talorc quietamente acrescentou, ganhando um penetrante olhar sulfúrico de Osgard.

O ancião, que permaneceu no lugar do pai de Talorc como conselheiro desde a morte dele, deliberadamente se virou para Guaire, que não estava em sua linha de visão.

—Alguns poderiam se importar pela ofensa ao rei *sassenach*, mas existem aqueles de nós que sabem melhor do que confiar nos ingleses. Especialmente um que busca impor uma esposa para nosso laird.

—Não estou preocupado com nenhum desgosto do rei, mas meramente assinalei que eles se

¹ Maneira pejorativa de chamar os ingleses.

ofenderam primeiro e isso poderia explicar o desagradável pedido ao nosso próprio rei. Guaire manteve sua posição, mas estava claro que o jovem soldado estava aborrecido pelo comentário de Osgard.

Osgard pigarreou e Barr manteve seu próprio conselho, mas Talorc concordou.

—Nenhuma dúvida. Eu não tinha intenção de me casar com a inglesa Emily, e está claro que meu suserano percebeu depois do que aconteceu.

—Você não foi guerrear quando o Balmoral a tomou e a manteve — Barr disse.

—Um Chrechte não vai à guerra pela perda de uma *sassenach* — Osgard cuspiu, o desgosto atado a cada palavra.

Guaire fez uma carranca.

—O Balmoral iria.

O senescal de Talorc estava certo. O chefe do clã Balmoral, agora casado com a inglesa que seu rei tinha oferecido em casamento primeiro a ele, sem dúvidas iria guerrear por ela. Quanto impossível poderia ser para Talorc entender, todas as indicações o levaram a acreditar que o outro laird Chrechte *amava* sua linguaruda esposa.

Osgard girou para enfrentar o guerreiro mais jovem e o teria golpeado e arremessado ao chão, mas a mão de outro guerreiro o parou. O grande Chrechte cicatrizado pela batalha olhava impassivelmente para o homem velho. Tão grande quanto o segundo no comando de Talorc, Niall, gêmeo de Barr, podia intimidar sem esforço. Suas duras feições eram ainda mais imponentes pelas cicatrizes que arruinavam o lado esquerdo de seu rosto.

Matar um Chrechte não era nenhuma tarefa fácil, mas Niall quase morreu na mesma batalha que tinha reivindicado seu irmão mais velho, Sean, antigo segundo no comando e cunhado de Talorc.

Osgard vacilou, embora nenhuma ameaça tivesse sido falada pelo volumoso guerreiro.

Talorc teve que morder de volta o divertimento. Pouco intimidava o velho escocês, mas Niall o fazia sem esforço. De fato, além dele mesmo, o único outro membro do clã Sinclair que não tremia na presença de Niall era seu gêmeo, Barr.

Abrindo e fechando sua boca como um peixe, Guaire olhou fixamente com olhos arregalados para Niall e Osgard.

—Eu vejo que você decidiu juntar-se a nós — Barr disse para seu gêmeo.

—Eu ouvi que um mensageiro do rei tinha chegado.

—Você ouviu corretamente — Talorc respondeu.

—O que ele quer dessa vez? — Niall perguntou, como se uma exigência do monarca da Escócia viesse frequentemente.

—Você pode soltar meu braço — Osgard lamentou.

—Você não baterá no menino.

—Ele insultou nosso laird — Osgard disse.

—Eu não sou um menino — Guaire disse ao mesmo tempo, e então, quando percebeu o que Osgard disse, ele se inchou com a ofensa. —Eu não fiz tal coisa.

Niall soltou o braço de Osgard, mas ficou entre o ancião e o jovem guerreiro ruivo.

—Nosso Guaire não insultaria nem trairia ao nosso laird.

—Ele disse que nosso líder não era tão forte quanto o Balmoral.

—Eu não falei! — a face de Guaire ruborizou com sua própria fúria.

Niall olhou de modo inquiridor para Talorc.

—Você foi ofendido, laird?

—Não.

—Aí. Vê? — Guaire cruzou seus braços, se afastando pouco a pouco de Niall e se aproximou de Barr.

A boca de Niall se apertou, mas não disse nada sobre a ação.

Guaire disse:

—Eu meramente me referi ao fato que o Balmoral tinha encontrado benefício em sua esposa inglesa e nosso laird poderia também. Afinal, ela é irmã de Emily.

Sim, o Balmoral tinha encontrado uma companheira para seu lobo na humana inglesa. Ela, recentemente, deu a luz à sua primeira criança. Uma filha. Talorc realmente sentiu prazer por eles, entretanto ele não podia imaginar por que. O Balmoral era uma dor no traseiro. Mas um forte guerreiro Chrechte, entretanto.

—Nosso laird não pisará em solo inglês para se casar — Osgard disse com pura convicção.

—Não, eu não irei. —Talorc girou para Guaire. —Você escreverá uma mensagem para o rei por mim.

—Sim, laird.

—Diga a ele que eu casarei com a *sassenach* como ordena, mas farei em solo Escocês. Eu viajarei ao sul através da terra dos MacDonald; eles são nossos aliados.

—Sim, laird. Mais alguma coisa?

—Eu aceitarei a terra da fronteira do clã Donegal que tem estado em disputa estes últimos anos, e os outros artigos de dote que ele ofereceu fornecer, mas exigirei um adicional de vinte barris de hidromel e vinte escudos, vinte capacetes, dez espadas, e dez machados de guerra em pagamento por tomar a noiva inglesa.

—Quais de nós precisamos ter escudos e capacetes? — Osgard perguntou, entretanto estava claro que ele aprovava a exigência de Talorc por um dote maior de seu rei para casar-se com a *sassenach*.

—Nem todos os nossos guerreiros são Chrechte — Talorc lembrou a seu velho conselheiro.

Alguns, realmente a maioria de seu clã, eram humanos. Eles não tinham o poder do lobo para protegê-los na batalha, ou a habilidade de se transformar em feras.

Só os Chrechte tinham aquelas habilidades, e sua natureza dupla era um segredo muito bem guardado. Embora eles não fizessem nenhum segredo que na verdade viam a si mesmos como guerreiros superiores.

A deslealdade humana podia enfraquecer a força Chrechte, entretanto. A traição de MacAlpin ao povo Chrechte ainda estava fresca em grande parte de suas memórias, embora tenha acontecido no último século. Outros ferimentos estavam mais frescos, como a deslealdade da madrastra de Talorc, a humana Tamara. Ela traiu seu pai e o todo o clã Sinclair. As maquinações dela resultaram em muitas mortes, tanto humanas quanto Chrechte, entre elas a do pai e do irmão de Talorc.

O fato que ela também provocou sua própria morte não suavizava a fúria de Talorc, ou o seu pesar.

Não era uma coisa que Talorc provavelmente esqueceria. Nunca.

Ele quase podia se apiedar da humana inglesa escolhida como sua noiva por causa disto.

* * *

Abigail esgueirou-se para dentro do quarto que seu padraсто usava principalmente para reuniões com seu mordomo e o capitão da sua guarda. Também era onde ele guardava a correspondência escrita e mantinha os poucos livros que compunham a biblioteca Hamilton. Ninguém exceto Sir Reuben e sua senhora, mãe de Abigail, eram permitidos no quarto sem um convite.

As mãos suadas de Abigail se fecharam, nervosa com a possibilidade de ser descoberta, mas ela não tinha nenhuma escolha.

Não depois da discussão que testemunhou entre a senhora sua mãe e sua irmã mais jovem, Jolenta. Ela não deveria ter visto aquilo tampouco, mas era uma necessidade obrigatória.

Precisava saber mais que outros sobre o que ocorria na fortaleza. Se por nenhuma outra razão que proteger seu próprio segredo.

Então, sem vacilação, ela assistiu a discussão entre sua mãe e sua irmã do seu lugar escondido do outro lado da muralha. Ela viu somente o rosto da sua irmã, então sabia de apenas um lado da discussão, mas as palavras de Jolenta causaram profunda inquietação dentro de Abigail, e ela veio à procura de respostas.

Entre outras coisas mais alarmantes, Jolenta mencionou uma mensagem do Rei. Ela acusou sua mãe, Sybil, de favoritismo em direção a Abigail. O que tinha sido tão absurdo que Abigail riu com silenciosa e amarga alegria, mesmo enquanto a discussão continuava.

Sua vigília resultou em mais perguntas que respostas. Abigail estava esperando que a mensagem do rei se encontrasse aqui.

Antes de ir para as Highlands casar-se com um Laird lá, sua meia-irmã Emily, disse uma vez que ela nunca saberia o que estava acontecendo se não espiasse. Abigail não tinha a opção de escutar conversas, mas ela tinha seus próprios métodos de descobrir o que sua mãe mantinha escondido.

Como lendo de longe os lábios de sua irmã.

Abigail perdeu sua audição, e o amor de sua mãe, seis anos atrás para uma febre que quase tomou sua vida. Quando ela despertou da febre e sua aflição foi descoberta, sua mãe recusou a retornar ao quarto de doente de Abigail. Foi deixada para Emily, sua meio-irmã, só uns anos mais velha, que a cuidou e fez que recuperasse a saúde.

Levou só uma visita de sua mãe e padraсто depois que Abigail estava bem o suficiente para deixar seu quarto, para as meninas perceberem que Abigail não mais mantinha o status de filha preciosa. Realmente, Lorde e Lady Hamilton fizeram seu melhor para fingir que Abigail não existia mesmo.

Uma vez que as meninas perceberam o efeito que sua surdez teve sobre os afetos de seus pais, elas souberam que não poderiam deixar os outros se interarem.

Emily ficou preocupada que Abigail não só seria rejeitada, mas seria vista como amaldiçoada. A

menina mais velha empreendeu a tarefa de ajudar Abigail a esconder seu fardo do resto da fortaleza. Ela trabalhou incansavelmente com Abigail, ensinando-a a ler lábios e continuar a falar com uma voz bem modulada.

Emily foi uma rígida instrutora, mas Abigail sabia que a insistência de sua irmã em praticar até o ponto de esgotamento havia sido motivada por amor. Não obstante, houve vezes que Abigail perguntou-se se acordar de sua febre tinha sido o melhor. Fora seu próprio amor por Emily, Abigail nunca deu voz a suas dúvidas.

Ela não quis machucar a meio-irmã que a amou e a tratou mais amavelmente que sua irmã de sangue jamais faria. Abigail sentia muita falta de Emily.

E sem ela lá para ajudar, a voz de Abigail havia baixado para o que ela sabia estava perto de um sussurro. Falar era muito difícil; falar normalmente era quase impossível sem a constante instrução disfarçada de Emily. Ainda assim, poder dizer que nenhum dos servos descobriu seu segredo em mais de dois anos desde que sua irmã foi para Escócia, era um testemunho do quão bem Emily a havia treinado.

Abigail vivia para o dia que ela se juntaria a sua irmã e poderia escapar da Fortaleza Hamilton.

A atitude de Sir Reuben se suavizou para ela, uma vez que viu que ela não iria envergonhá-lo fazendo sua doença conhecida, mas sua mãe deixou claro que considerava Abigail uma pedra ao redor de seu pescoço. Ela pôs todas suas esperanças em Jolenta para realizar um casamento vantajoso.

Entretanto, Sybil recusou a petição inicial de Emily de enviar Abigail às Highlands para uma visita estendida.

Abigail não entendeu por que. A menos que sua mãe simplesmente a odiasse tanto que Sybil não podia aguentar a ideia de que Abigail fosse feliz, como ela seguramente seria, reunida com a única pessoa no mundo que a amava e verdadeiramente desejava sua presença.

Abigail gastou a maior parte de seus dias em sua própria companhia. Agradecidamente, Emily a ensinou ler cartas como também lábios. Embora poucas e distantes entre si, as cartas de sua irmã foram sua única ligação com Emily desde que foi para o norte para casar com seu Highlander. Abigail estudou os livros que Sir Reuben permitiu que ela lesse e as cartas que Emily deixou para trás de sua amiga, a abadessa. Nos últimos seis meses, Abigail começou a sua própria correspondência com a sábia mulher também. Sua inabilidade para ouvir não teve nenhum poder para manchar uma amizade realizada por escrito.

A governanta, Anna, era amável, mas uma mulher ocupada e Abigail não gostava de ser um aborrecimento. Ela só continuou a trabalhar em melhorar seu gaélico com a velha mulher nascida na Escócia porque ela se recusava a desistir de esperar. Eventualmente Sybil permitiria à filha que ela considerava inútil, de juntar-se a Emily nas Highlands. Ela tinha que permitir.

Realmente, Abigail esteve certa que a ocasião veio quando Sybil a levou de lado, setes dias atrás, e lhe disse que deixaria a fortaleza com o Senhor Reuben e ela para fazer uma viagem. Abigail acreditou que Sybil finalmente consentiu com as solicitações de Emily e se lançou nos preparativos para a viagem com uma excitação que ela não sentia desde que sua irmã foi tirada dela.

Claro, Abigail experimentou certa inquietação com a probabilidade de que fosse levada para um convento. Mas seguramente a abadessa teria dito algo em sua última carta se este fosse o caso. Abigail

perguntou a sua mãe se veria Emily.

Sybil respondeu que era possível. Abigail pensou que ela só estava sendo evasiva. Agora, ela temia o que a mulher mais velha quis exatamente dizer com isso. Era possível, não provável.

Finalmente, Abigail achou a carta do rei e a leu com pânico crescente.

Não podia ser possível. Sua mãe não seria tão cruel. Mas a missiva do rei dizia o contrário. Sybil, condenada fosse sua alma avarenta, não disse nada sobre a verdadeira razão para a futura jornada, mas a carta colocava a cobiça e deslealdade de sua mãe em tinta, selada pelo próprio rei.

Como uma mãe podia planejar algo tão abominável para sua descendência de sangue? Pior, como ela podia fazê-lo sem advertir Abigail do que estava por vir?

Uma mão agarrou seu ombro, dedos que pareciam com garras fundiram nele. Seu coração parou e então começou a bater mais rápido que o de um coelho assustado.

Fizeram que desse a volta bruscamente e se encontrou cara a cara com sua furiosa mãe.

Sybil exigiu:

—O que você pensa que está fazendo?

Ela não podia ouvir as palavras, mas não teve nenhuma dificuldade em ler a raiva ou a pergunta que vinha dos lábios de sua mãe.

A princípio, choque e medo por ser descoberta paralisaram os pensamentos de Abigail. Ela tentou falar, mas podia afirmar que nenhum som passaria por sua garganta ante a expressão indignada que torcia as feições de sua mãe.

Aquele desgosto cortou através de Abigail, deixando para trás uma trilha sangrenta de dor interna. Porém, em vez da vergonha que ela normalmente sentia com suas inabilidades, a fúria da traição de sua mãe ferveu dentro de Abigail.

Mais de dois anos passaram do primeiro édito do rei que tinha rasgado o mundo de Abigail em partes pela segunda vez. Por causa da resposta avarenta de Sir Reuben ao pedido do rei por soldados vindos de seus exércitos, o rei exigiu que seu vassalo fornecesse uma filha casadoura. Ele e o monarca da Escócia queriam um casamento entre a nobreza inglesa com a indomável nobreza das Highlands.

Emily foi enviada para a Escócia para casar com Talorc, Laird dos Sinclairs. Só que ela acabou sequestrada e casada com seu rival, o laird do clã Balmoral.

Quando Abigail se informou desta situação, acreditou que este seria o final. O rei da Escócia devia estar feliz que um de seus lairds Highlanders tomou uma esposa inglesa. Ingênuo como este pensamento, ela teve certeza que estava certa.

De acordo com a carta do rei, o consequente matrimônio planejado de Abigail com o laird Highland inicial era resultado da petição de Sybil por uma reparação, não uma ordem do rei escocês. Sua mãe apresentou uma solicitação a seu rei, sabendo que o resultado seria que entregaria em casamento sua filha surda para um estranho em uma terra estrangeira.

Abigail pôs cada parte de aborrecimento que sentia pela perfídia da sua mãe em seu olhar.

—Buscava a verdade; algo difícil de conseguir em sua companhia.

Sybil repudiou o insulto com desprezo.

—Não tem nada que prenda você aqui.

—Por suas ações, você acredita que não tenha nenhuma utilidade nesta fortaleza.

Um mudo olhar fixo respondeu sua acusação, mas ele falou mais alto do que palavras fariam. Sybil queria que Abigail se fosse. A dor lhe rasgou, os anos de rejeição se reuniram em um momento para perfurar seu coração com um golpe mortal.

—Quando você iria me dizer? — Abigail perguntou, não fazendo nenhum esforço para modular sua voz.

—Quando sentisse que era necessário — Sybil respondeu com desdenhoso venenoso.

—No altar? Quando pronunciasse os votos diante do sacerdote?

A expressão da sua mãe foi toda a resposta que Abigail precisava. Sybil não tinha intenção de preparar Abigail para o casamento que deveria acontecer depois da fronteira escocesa. Abigail pensou que nada poderia machucar mais que a traição que encontrou entre as linhas da missiva do rei. Ela estava errada.

Saber que Sybil organizou este casamento e que desejava que Abigail fosse para ele não apenas surda, mas também muda, destruiu os últimos vestígios de esperança no amor da sua mãe, ao qual obstinadamente, se agarrou todo esse tempo.

—Como pode ser tão cruel? Como alguma mãe poderia trair tão asquerosamente sua filha?

—Não é cruel assegurar seu futuro.

Abigail não acreditou na justificativa benevolente nem por um segundo.

— Não existe nenhuma segurança na falsidade.

Ela bem sabia. Ela viveu com o medo diário de ser revelada sua surdez. Muitos consideravam tal doença como o resultado de uma possessão demoníaca. A resposta da Igreja para tal circunstância era suficiente para dar pesadelos a Abigail. Muitos, muitos pesadelos desde que sua irmã partiu pelo decreto de seu rei para casar-se com um laird Highland.

—Deveria estar agradecida. Que chances você teria de casar sem minhas maquinações? — sua mãe tinha o descaramento de parecer um mártir, mas Abigail a conhecia.

—Emily quis que eu vivesse com ela. Teria desaparecido de seu caminho. —Abigail forçou as palavras, sabendo que sua mãe não tinha paciência com sua doença.

—Não permanentemente. Uma vez que seu marido percebesse que você era amaldiçoada, a enviaria de volta para nós. —Sybil falou como se as palavras não fossem punhais para o coração de sua filha primogênita. —É uma solução melhor.

—O Laird de Emily sabe da minha aflição. Ela disse a ele.

—Claro que ela não disse. Caso dissesse, ele nunca teria permitido que ela a convidasse para visitá-los.

Abigail sentiu que tremia.

—Você me odeia tanto?

—Eu estou mostrando preocupação de mãe em assegurar seu futuro. Jolenta tem ciúmes do bom casamento que você está fazendo. —Sybil teve a ousadia de assinalar isso, confirmando que ela falou a irmã mais jovem de Abigail sobre os planos de casamento.

O verdadeiro propósito daquele matrimônio não poderia ser mais óbvio.

Abigail teve que tragar a bÍlis quando se sentiu fisicamente doente por esta evidência adicional do ódio da sua mãe.

—O único futuro que você está assegurando é o seu próprio.

—Pense o que você quiser. — Sybil encolheu os ombros. —Claramente não confia em minha sabedoria maternal. Por sorte, ainda tenho uma filha que escuta meus conselhos.

A injustiça das acusações tirou o fôlego de Abigail. Sybil havia interrompido tanto seu afeto maternal, como seu conselho, desde que sua filha mais velha se tornou uma abominação para ela. Entretanto, dizê-lo não afetaria em nada a senhora sua mãe, então Abigail não tentou.

—Eu acho que o laird Sinclair ficará furioso quando ele perceber que foi enganado.

—Então seria melhor você ter certeza que ele nunca descobrirá.

—Como eu posso fazer isto? Nós estaremos casados. —Ela não tinha Emily para lhe cutucar quando outros falavam com ela ou cobri-la quando ela perdia algo.

—Você precisa gastar pouco tempo com ele. Depois de tudo, é um selvagem escocês.

De acordo com as esporádicas cartas de Emily, Talorc dos Sinclairs era tanto bárbaro quanto orgulhoso. O que um laird tão orgulhoso faria quando se informasse do engano? Ele iria matá-la? Declarar guerra contra seu pai? Mandá-la para um convento ou de volta para sua família no melhor dos cenários, mas não um com que ela pudesse contar.

E a triste verdade era que a mãe de Abigail obviamente não se importava com qual fosse o resultado, contanto que se livrasse de sua filha amaldiçoada.

—Depois de tudo será meu marido. E se busca minha companhia? — ela perguntou, com pouca esperança de raciocinar com Sybil.

A expressão da sua mãe revelou o que ela pensava sobre aquela possibilidade.

—Ele odeia os ingleses. Ele está consentindo com o casamento por causa do dote que seu rei ofereceu a ele.

A missiva do rei explicava isso, esboçando um dote muito generoso que soava mais como um suborno do monarca ao laird para assegurar a cooperação do Highlander.

—E quanto ao *meu* dote?

—Você pensa que eu forneceria tal coisa quando sua irmã acabou casando com o laird errado? Insisti que o dote entregue com Emily seja devolvido ao laird Sinclair ou fica sem ele.

Fria certeza instalou-se no coração de Abigail.

—Você quer se libertar de mim e não tinha nenhuma intenção de pagar a um convento o dote adequado. —Supondo que um convento a aceitasse, mesmo com o correto incentivo monetário. — Então, você orquestrou esse trato feito no inferno.

Sybil estapeou Abigail, fazendo-a retroceder.

—Não ouse falar comigo desta maneira.

—Por que não? É a verdade. — Abigail pôs sua mão sobre sua pulsante bochecha, gritando em sua cabeça, mas incapaz de expressar tal dor em sua voz.

—A verdade é que já não será meu problema.

Abigail cambaleou com o golpe verbal muito mais doloroso que o bofetão.

—E se eu contar antes dele ficar preso a mim? O que fará então?

Ela podia parar esta loucura antes de começar.

Aquelas palavras foram as últimas que Abigail pode articular quando Sybil ergueu a vara pendurada por uma correia em seu cinto, aquela que ela costumava bater na mesa pedindo atenção ou como uma arma para castigar os servos. Percebendo o que sua mãe queria fazer, Abigail girou para correr, mas tropeçou em seu vestido.

O primeiro golpe caiu sobre seus ombros enquanto ela tentava recuperar seu equilíbrio. O segundo veio rapidamente depois, e logo Abigail desistiu de tentar fugir, e meramente se encolheu como uma bola, sua única proteção era fazer-se um alvo menor para a enfurecida mulher.

Os golpes pararam abruptamente e Abigail sentiu uma briga acima dela, mas se recusou a descobrir sua cabeça para ver o que estava acontecendo. Mãos gentis a ergueram quando um odor familiar que disse a ela quem a segurava. Era seu padrasto. Ela levantou sua cabeça para descobrir Sir Reuben parecendo furioso. Ele gritava algo para sua mãe, Abigail não pôde ler seus lábios devido a sua posição, mas podia afirmar que as palavras eram cortantes e irritadas pela forma em que tencionavam os músculos de seu pescoço.

Sua mãe abriu a boca, mas ele falou novamente, agitando sua cabeça. Abigail podia sentir as vibrações no peito masculino.

Os olhos de Sybil arregalaram com surpresa e logo se estreitaram com raiva, mas ela partiu. E naquele momento, Abigail não almejava nada mais.

Sir Reuben disse algo, mas claramente não estava tentando se comunicar com Abigail enquanto ele a apertava mais firmemente contra seu amplo peito. Ele a carregou através da fortaleza para seu pequeno quarto e deitou-a na cama.

—Ordenei que Anna venha atendê-la. —Falou lentamente para que Abigail pudesse ler seus lábios sem esforço.

—Obrigada. —Ela estava muito aflita para assegurar-se que as palavras haviam soado, mas esperava que ele compreendesse.

Ele suspirou, parecendo culpado, o que a surpreendeu.

—Deveria ter percebido que ela nãoalaria nada sobre o casamento.

Não sabendo o que dizer e insegura de poder pronunciar algo, Abigail olhou para longe.

Sir Reuben girou a cabeça dela de volta.

—Escute-me, criança.

Ela deu a ele um olhar.

Ele sorriu. Realmente sorriu.

—Então leia meus lábios.

Ela concordou de má vontade, apenas movendo sua cabeça para cima e para baixo uma vez.

—A princípio, eu pensei que fosse uma ideia louca de sua mãe, mas então nos chegou a primeira carta de Emily.

Abigail inalou bruscamente. Então, sua mãe planejou isto assim que os rumores os tinham alcançado de que Emily se casou não com o Sinclair, mas com o laird Balmoral? Ela suspeitou durante

muito tempo que Sybil queria enviar Abigail, no lugar de Emily — a enteada que a ajudava cuidar da fortaleza — em resposta ao primeiro édito de casamento do rei.

Só que Emily se recusou a confirmar os medos de Abigail. Ela até tinha agido animada sobre a probabilidade de ir para o norte, e havia prometido buscá-la assim que pudesse.

Agora Abigail sabia com certeza que não foi escolha de Sybil enviar Emily. Não sabia como sua meio-irmã pôde, mas Abigail estava certa que Emily tinha arranjado para ser enviada a fim de protegê-la do mesmo resultado que ela agora enfrentava.

—Emily... — era a única palavra que ela podia deixar sair.

CAPÍTULO 2

Sir Reuben suspirou.

—Sua mãe nunca teve a intenção de permitir que fosse com Emily. Ela via essa solução como muito tênue.

—Ela me odeia — Abigail sussurrou, as palavras queimaram como ácido em sua garganta e coração.

—Sybil é uma perfeccionista. Ela pôs grandes expectativas em você e na probabilidade de que fizesse um bom casamento e concretizasse suas aspirações. A febre que tomou sua audição roubou os sonhos dela também.

Abigail enojou-se e tentou distanciar-se de seu padrasto, causando dor suficiente para fazê-la desejar ter ficado quieta.

Os ombros dele caíram e uma expressão de profunda tristeza espreitou em seus olhos normalmente severos.

—O comportamento dela não tem justificativa, mas ninguém é perfeito. Nós frequentemente machucamos àqueles a quem mais amamos quando nossa decepção é muito grande para superar.

Emily contou a Abigail uma história de quando ela era pequena, antes que seu pai e Sybil casassem. Abigail perguntou-se se ele falava daquele tempo. Embora isso não importasse. Não importava qual era a razão por trás da crueldade de sua mãe, que deixou Abigail em uma circunstância horrível.

—Ele me matará — ela disse, dando voz a seu pior medo.

Os ombros de Sir Reuben levantaram e seu orgulho se ajustou a ele como um manto.

—Eu não o permitiria, se eu pensasse que existia até mesmo uma remota chance de tal coisa.

—Você não pode saber.

—Eu posso. Existe um resultado mais provável.

Ela duvidou dele, mas se sentiu extremamente desanimada para discutir o ponto.

—Por quê?

—Por que eu permiti isto?

Ela concordou a duras penas.

—Sua irmã encontrou felicidade com seu laird Highland; quem sabe você também encontre.

Abigail não podia pronunciar todas as palavras que desejava, assim simplesmente conseguiu dizer:

—Nos odeia.

—Sua mãe ouviu que ele odeia os ingleses, mas Emily disse em suas cartas que ele era agora aliado de seu marido. Não pode ser isso o que o enche de ódio, ou não teria se aliado com um homem casado com uma inglesa.

Abigail só olhou fixamente para Sir Reuben, lágrimas queimando por suas bochechas.

—Você escondeu sua aflição do restante da fortaleza, seguramente você poderá fazê-lo em seu castelo.

Ela agitou a cabeça veementemente, a dor a rasgou com o movimento. O que Sir Reuben afirmava

era impossível. Ela conhecia a fortaleza e seus habitantes, seria diferente e impossível de fazer em outro lugar.

Sir Reuben acariciou sua bochecha e tristemente sorriu.

—Talvez ele descubra, mas se descobrir, você não pensa que ele achará mais conveniente lhe devolver a sua família mais próxima, ao invés de te enviar todo o caminho de volta para a Inglaterra?

Pela primeira vez desde que leu a missiva do rei, um minúsculo vislumbre de esperança veio iluminar o coração de Abigail. Era possível que esta situação a reuniria com Emily afinal?

Sir Reuben deve ter lido a esperança em seus olhos porque concordou.

—Eu considere todas as possibilidades antes de permitir a sua mãe peticionar ao rei por uma reparação no que ela viu como uma grave ofensa, que sua enteada se casou com o laird errado.

Abigail agitou sua cabeça novamente, causando outra onda de dor em seus ombros. Mas era uma mentira. Sua mãe estava cheia delas.

—Quaisquer que fossem seus verdadeiros motivos, este era o único jeito que você poderia deixar sua influência para sempre. Caso fosse como uma convidada para as Highlands, ela poderia ter a chamado para casa em qualquer momento. Estimo sua mãe, mas sei que ela tem uma veia rancorosa.

As lágrimas de Abigail diminuía, mas ante a lembrança do ódio que sua mãe tinha por ela, derramaram-se sobre suas pálpebras uma vez mais.

Sir Reuben limpou-as com os polegares.

—Vamos. Tudo ficará bem. Caso deseje que eu diga ao laird a verdade sobre sua aflição, direi.

Ela olhou fixamente para ele, as lágrimas secando por absoluta surpresa.

—Eu lhe dou minha palavra.

Seu padrasto era um homem duro, um homem que ela nunca buscou conforto ou consolo, mas uma coisa ela sabia: ele mantinha sua palavra.

Nesse momento, Anna chegou à porta, cacarejando e parecendo tão transtornada como quando sua própria netinha caiu muito perto do fogo da cozinha e se queimou.

—Pense sobre o que eu disse. Nós vamos partir para a fronteira amanhã. Pode dar-me sua resposta uma vez que você tenha olhado nos olhos do homem com que você tenha que se casar.

As palavras atordoaram Abigail de novo. Só o pai mais carinhoso considerava a opinião de sua filha quando acertava seu casamento. Era uma benção que ela não esperava, sendo que não se sentia nem um pouco estimada.

A oferta de Sir Reuben estava até além de uma benção; poderia ser o suficiente para dar-lhe a coragem de enfrentar o que a viagem de amanhã traria.

—Obrigada — sussurrou, forçando a sair o som que ela não podia ouvir, só sentir em sua garganta. O rosto dele se torceu em uma careta.

—Eu lhe devo muito mais, criança.

Então deixou Abigail aos cuidados de Anna.

* * *

A viagem para a propriedade MacDonald levou dois dias.

Abigail passou ambos dolorida, e evitando olhar ou responder a sua mãe de qualquer forma.

Desde que ela caiu em desgraça, havia esperado ganhar novamente a aprovação e o amor de sua mãe. Agora sabia que era mais improvável que um dos contos de fadas que Anna contava para ela e para Emily sobre lobisomens das Highlands escocesas. Nunca aconteceria.

E ela não se importaria.

Sua mãe não a amava, mas Emily ainda o fazia. Sua meio-irmã nunca deixou de ter carinho por ela. Abigail pretendia se reunir com a única família que a apreciava. De algum modo. De algum jeito. Ela veria Emily de novo, e Abigail confessaria a outra mulher o quão importante era sua devoção para ela.

Agora sabia que Emily verdadeiramente salvou sua vida, em mais de uma maneira.

Foi fácil ignorar sua mãe durante a viagem, já que o medo e a dor competiam pela atenção de Abigail. Não podia pensar sobre seu futuro sem sentir grande agitação mitigada somente um pouco pela sua esperança.

E enquanto Anna tratou as feridas de Abigail com uma mistura herbácea melhor do que qualquer sanguessuga, nenhuma erva poderia remover todo o desconforto das muitas contusões de Abigail. A criada de Sir Reuben insistiu em viajar com ela para ajudá-la a aplicar a mistura a cada noite e manhã, deixando-a com forte cheiro de alecrim e pera escocesa. Pelo menos não era uma fragrância desagradável, consolou a si mesma.

Era fim da tarde do segundo dia quando eles alcançaram a fortaleza MacDonald. Não era nada parecida como a casa de seu padrasto. Não existia fosso, nenhuma torre, só uma casa com quatro vezes o tamanho das cabanas circundantes e uma cerca de madeira que queimaria facilmente em batalha.

Não obstante, as pessoas pareciam despreocupadas pela presença de um barão inglês e sua guarda pessoal.

O plaid² MacDonald era de um profundo vermelho-alaranjado e verde floresta. Abigail procurou por um conjunto diferente de cores, tentando identificar seu pretendente a marido ou uma de seus homens. Só que não existia nenhum outro clã presente. Nenhum outro plaid senão o que eles viram depois de entrar nas terras MacDonald.

Um ancião e dois jovens guerreiros corpulentos abordaram sua comitiva, enquanto Sir Reuben puxava seu cavalo para uma parada fora do forte.

—Bem-vindos a propriedade MacDonald — disse ele em cuidadoso inglês.

Abigail utilizou seu bem praticado método de ler lábios, assistindo primeiro o escocês falar e então Sir Reuben.

Sir Reuben desmontou de seu cavalo, seguido pelo seu primeiro em comando e mais dois soldados. O resto permaneceu montado.

—Você é o laird?

—Não, ele está fora caçando com o Sinclair.

Seu padrasto estava claramente desconcertado.

—O pretendente da minha filha está fora caçando?

² Um plaid é um tecido de pregas feito a partir do mesmo tartan e usado fundido por cima do ombro e preso na frente, usualmente leva as cores do clã como identificação.

—Aye.

—E seu laird foi com ele?

Pela expressão no rosto do ancião, Abigail soube que algo na maneira de falar de Sir Reuben o alarmou.

—Ninguém contradiz o Sinclair, milorde.

—Talvez ele mesmo quisesse fornecer a carne para o banquete de casamento? — Sir Reuben perguntou.

O ancião concordou depressa.

—Sim, tenho certeza que era isso.

—Entendo. —Sir Reuben olhou ao seu redor. —Seu laird fez preparativos para o nosso conforto?

O homem MacDonald apontou para uma cabana separada das demais e próxima a outro edifício.

—Sim. Aquela cabana, próxima à capela, está limpa e pronta para sua ocupação.

—E meus soldados?

—Eles não estão acostumados a dormirem fora como um guerreiro escocês? — perguntou o ancião, um brilho perverso em seu olhar.

Abigail se encontrou quase sorrindo.

—Temos tendas de campanha para eles armarem em torno da cabana. Posso prover para todos meus homens de forma civilizada — seu padraço disse com o que ela estava certa era arrogância. Estava nos olhos dele e no modo que se ergueu.

Sir Reuben era um lorde poderoso, razão pela qual a única sanção por enviar um número miserável de soldados como dízimo para seu rei, quando possuía um grande séquito, fosse a perda de uma filha.

Abigail sabia que sua mãe estava falando também porque os olhos do velho vagueavam em direção a Sybil algumas vezes, embora não pareceu falar diretamente com ela enquanto ele e o seu padraço resolviam os preparativos de onde armar as tendas dos soldados.

Por uma vez Abigail estava grata por não poder ouvir. Ela não podia ser forçada a escutar as palavras de sua mãe, e ela escolheu não olhar os lábios de Sybil.

A decisão para armar as tendas para os soldados ingleses no lado oeste da cabana, o mais distante do forte, fez pouca diferença para Abigail.

Ela queria uma chance de ver o homem com quem lhe ordenaram casar, o laird ao qual teria que ocultar sua aflição.

Pelo menos até que eles alcançassem as Highlands.

* * *

Mais tarde aquela noite, Abigail lutou consigo mesma para dormir enquanto ela jazia na pequena cama no canto da cabana. Só que foi inútil. Sua mente estava rodopiando com perguntas e possibilidades.

Por que seu noivo estava fora caçando quando ela e sua família tinham chegado? Seguramente ele sabia da data de sua chegada; está foi comunicada através de seu rei.

Ele ainda não tinha retornado à fortaleza, tendo perdido a refeição da noite.

Este era seu modo de mostrar sua infelicidade ante a perspectiva de casar com uma inglesa? Estava dando um bofetão em seu padraсто por consequência? Sua antipatia pelos ingleses não era nenhum segredo, mas ele concordou com o casamento e todas as estipulações que o circundava.

As estipulações que assustavam Abigail até a fadiga e a enchiam de preocupação, além das apreensões que já a assolavam. Seu rei exigiu que o casamento fosse consumado antes que deixassem o Lowlands. Abigail não tinha nenhuma ideia de porque o soberano da Escócia exigiria tal coisa, mas o prospecto se inclinava como um desconforto adicional para uma situação que já tinha o poder de apavorá-la completamente.

Nenhum daqueles medos foi acalmado de alguma forma pelo fato de saber que seu noivo estava longe.

Quando ela olhasse seus olhos, veria crueldade? O ódio rivalizaria com o da mãe dela? Ele reconheceria sua doença apesar de seus melhores esforços para escondê-la?

O jantar de hoje à noite foi uma prova diferente de qualquer coisa que ela experimentou desde a perda de sua audição. Foi difícil o suficiente seguir o ritmo de várias pessoas falando de uma vez; o ambiente pouco conhecido só fazia isto pior. Ela recebeu ajuda de uma fonte inesperada. Sir Reuben fez todo o possível para ajuda Abigail a manter os fios das conversas que acontecia ao seu redor.

Ninguém do clã MacDonald falou diretamente com ela. Ela ficou com a impressão que isto era por respeito ao laird Sinclair.

Mesmo sem estar diretamente envolvida nas discussões, ela cometeu vários enganos porque ela não percebeu que estavam falando com ela.

O velho guerreiro que ocupava a posição do laird como anfitrião, acreditou que o gaélico defeituoso de Abigail era a causa, quando de fato, Abigail entedia e falava gaélico bastante bem agora. Tão conveniente como desculpa, quanto tempo isso serviria para cobrir o fato que ela nem sempre sabia quando alguém estava falando com ela?

E o que faria Talorc, Laird dos Sinclair, quando ele descobrisse?

Emily deixou claro em sua primeira carta que ela e Talorc não tinham se adequadado mesmo. A irmã mais velha de Abigail escreveu que o homem odiava os ingleses. Ele não queria o que ele chamava de uma noiva *sassenach* sobre nenhuma circunstância. Ele devia estar fervendo com raiva pela segunda ordem de seu rei.

Isso trabalharia em favor de Abigail ou contra ela? Certamente, se ela quisesse um poderoso laird escocês por marido como sua irmã mais jovem Jolenta parecia querer, o conhecimento que Talorc dos Sinclairs menosprezava os ingleses feriria suas esperanças. Mas Abigail desistiu da esperança de ter sua própria família quando seus parentes de sangue a rejeitaram por causa de sua doença. Nenhum homem, seja ele um bárbaro escocês ou um cavaleiro inglês, queria uma esposa amaldiçoada pela surdez.

A possibilidade que a antipatia de Talorc pelos ingleses, e o desejo naturalmente subsequente de ser libertado dela, fosse grande o suficiente para ele ver o engano dela como um presente no lugar de uma ofensa sobre a qual ele declararia guerra, era sua única débil esperança.

Sir Reuben parecia desinteressado com a ideia de que laird Sinclair poderia declarar guerra por tal coisa. Porém, pelo que Emily escreveu em suas cartas, relativo ao orgulho dos Highlanders e de Talorc especialmente, Abigail tinha suas dúvidas. Além de, se Talorc fosse um homem tão difícil quanto Emily implicava em suas cartas, ele poderia muito bem exigir uma vingança pessoal contra uma noiva enganadora.

A perspectiva a apavorou quase tanto quanto seu primeiro momento de lucidez depois de seu mundo tornar-se mudo.

Neste momento, existiam muitos prospectos para causar sua preocupação, e Abigail invejou sua criada o esquecimento do sono. Ela almejou fugir de seus pensamentos, mas não o suficiente para lamentar ter se negado a se juntar a seus pais. Sybil e Sir Reuben estavam na fortaleza, junto com os soldados de serviço e aqueles que não escolheram retirar-se cedo.

Abigail não tinha sido convidada para se juntar a eles, e ela não pediu para fazer isso. A ceia foi difícil o suficiente com sua luta para ler lábios e feições desconhecidas. Adicionado ao que havia sido a desesperadora condição de ser o centro de todas as atenções, uma condição com que ela não tinha nenhuma experiência.

Abigail estava acostumada a ser ignorada pelo povo de seu padrasto. Só que aqui, ela era a futura esposa de um poderoso laird Highland, obviamente respeitado e admirado pelo Clã MacDonald, e talvez até um pouco temido. Todo mundo a encarava, e ela sentia o julgamento deles ainda que ela não pudesse ouvir os sussurros acontecendo ao redor dela.

Tristemente, nenhuma de suas experiências até alcançar a Escócia serviu para acalmar a ansiedade que gritava dentro de seu mundo sem som.

O chão sujo da cabana vibrou. Emily ensinou a Abigail que ela tinha de usar seus outros sentidos para compensar sua falta de audição. Caso contrário, ela seria descoberta e se tornaria uma pária mesmo na fortaleza de sua própria família. Ela aprendeu a “ouvir” muito através do que ela sentia ao redor dela. Baixando sua mão ao chão, ela deixou-a se acomodar contra a terra batida. As vibrações não eram sutis e indicavam um pequeno destacamento de cavaleiros sobre cavalos de guerra passando pela cabana. Seu futuro marido e o laird MacDonald deviam ter retornado.

Certamente levaram seu tempo para fazê-lo. Estava totalmente escuro, e os dois lairds tinham perdido a refeição da noite por mais de duas horas.

Cuidadosa para não despertar a criada adormecida, Abigail saiu de sua cama. Ela não podia perder a oportunidade de conseguir um vislumbre do laird Sinclair.

Ela se esgueirou quietamente até a janela da frente da cabana, mas quando ela retirou a cortina, não viu nenhum cavalo ou homens. Ela se apressou a cruzar o único cômodo da casa e puxou a cortina da janela de frente para a capela.

A lua estava quase cheia, a lua crescente iluminava um grupo grande de guerreiros. Nove homens ao todo. Cinco estavam em enormes cavalos de guerra e ostentavam maior segurança que os demais. Ou talvez fosse simplesmente porque eles transpiravam domínio sobre todos ao redor deles. Eles eram todos homens grandes, entretanto, dois estavam próximos a gigantes. Eles todos vestiam um plaid diferente dos de MacDonalds, embora as cores fossem difíceis de distinguir nesta distância e somente

com o luar.

Os Sinclairs. Deviam ser eles.

Os quatro homens restantes vestiam o plaid MacDonald. Assistindo a interação entre eles, era fácil determinar quem era o laird MacDonald.

Os Sinclairs não eram tão fáceis de ler. Os outros quatro guerreiros, inclusive o laird MacDonald, diferiam de todos os cinco Sinclairs em sutis, mas inconfundíveis modos. Pelo menos eles eram evidentes para uma mulher que gastou tanto tempo decifrando a linguagem corporal como Abigail.

E enquanto estava claro que alguém entre os Sinclairs deu a ordem para desmontar, ela não podia dizer quem fez isto. O gigante com cabelo da cor de um corvo que roçava seus ombros, ou o com cabelo de luz colorida que brilhava quase prata no luar?

Nenhum vestia uma camisa, o que lhe informaram era comum quando um guerreiro escocês caçava ou lutava em batalha. Pelo menos entre os Highlanders. Todos os MacDonalds vestiam camisas, ainda que eles exibissem suas pernas desnudas com uma total falta de modéstia civilizada. Abigail gastou muito tempo corando sobre aquela idiossincrasia do guarda-roupa gaélico, ela tinha certeza que suas bochechas estavam tingidas permanentemente de rosa.

O homem de cabelo de ébano possuía uma tatuagem complicada e escura circulando seu bíceps esquerdo. Ela tinha ouvido que existiam tribos nas Highlands que praticavam o costume selvagem de marcar permanentemente sua pele com tinta azul, mas nunca lhe ocorreu que os Sinclairs pudessem ser um deles. Os redemoinhos escuros se moveram quando os músculos do guerreiro se juntaram quando ele desceu de seu cavalo.

Ela experimentou o mais desconcertante desejo de seguir aquelas linhas de tinta escura com as pontas dos dedos. O desejo chocou-a muito perto de seu coração. Abigail era muito mais inocente que sua irmã mais jovem, Jolenta, que passou vários meses dos últimos quatro anos na Corte. Jolenta gabava-se de paquerar com numerosos homens.

Ela contou a Abigail que foi tão longe quanto permitir a alguns daqueles homens beijá-la. Quando Abigail expressou desânimo por tal comportamento temerário, Jolenta meramente riu.

Desde que sua irmã estava raramente disposta a gastar tempo na companhia de Abigail, ela não importunava Jolenta sobre isso mais. Só que ela se perguntava se os modos avançados de sua irmã foram a razão de Jolenta retornar cedo este ano à Corte.

Diferentemente de sua voluntariosa e corajosa irmã, Abigail raramente falava com o sexo oposto. Ela nunca tocou em um homem ou até quis fazê-lo. Ela foi tocada pela primeira vez por um varão quando seu padrasto a carregou para seus aposentos depois que sua mãe bateu nela.

A verdade era que ela quase nunca fez contato físico com ninguém.

Querer alcançar e acariciar alguém era um sentimento tão novo e perturbador que entorpeceu seus pensamentos como também sua pessoa por vários segundos.

Quando lutava contra essa sensação inesperada, o homem de cabelo negro girou, assim ela pode ver seu rosto. A respiração de Abigail se prendeu em seu peito. A barba crescida de um dia delineava uma mandíbula forte e uns lábios firmes, no rosto mais bonito que ela já viu.

E o mais assustador.

Porque ela sabia com uma certeza inexplicável que este era o homem com que ela se casaria. Poder o cercava como uma névoa que nunca se dissiparia. Ninguém além dele poderia ser o líder dos Sinclairs.

Ele girou sua cabeça, e ela teria jurado que ele olhou diretamente para ela, se isso fosse possível. Era como se ele soubesse que ela estava o olhando, mas isso não poderia ser. O desejo de se esconder completamente atrás da cortina era forte, mas ela ainda estava sentindo o paralisante efeito de seu desejo de tocá-lo. E seguramente ele poderia não vê-la na escuridão da cabana?

Isso era crueldade ou força reluzindo em seus olhos? *Existia* conhecimento. Lógico, todavia, ele sabia que ela estava lá. Mas como?

Diferentemente dele, ela não permanecia em uma claridade sem obstáculos para as revelações do brilho do luar. Ela estava escondida quase completamente pela coberta da janela, e o que não estava escondido devia não ser distinguível na luz fraca, feito mais escuro pela sombra do telhado da cabana.

Se as circunstâncias não fossem estranhas o suficiente, o gigante guerreiro de cabelo pálido girou sua atenção para ela também, entretanto ela não viu nada que indicasse que o outro homem houvesse falado de sua presença. Os olhos deste guerreiro eram escuros, embora ela não achasse que fossem castanhos. Talvez fosse ainda maior que o homem moreno, mas ela não acreditou que fosse o laird.

Enquanto a força seria importante fator para determinar a liderança entre os clãs do norte sempre em guerra, o tamanho não era o fator determinante de força. O gigante loiro parecia bastante forte, mas ele não a olhava com a mesma intensidade que o outro homem.

Ele não tinha uma tatuagem em seu braço tampouco, e ela estava achando que isso era significativo. Sua bochecha esquerda estava arruinada por uma cicatriz de batalha; mesmo assim, ele era quase tão bonito quanto o outro homem.

Abigail sentiu uma imediata conexão com o soldado cicatrizado. Era muito fácil para os outros julgarem o valor de uma pessoa por uma doença física. Este guerreiro não podia fazer mais sobre a cicatriz dele do que ela podia sobre sua surdez.

O homem de cabelo escuro veio na direção dela com passos resolutos. O outro guerreiro gigante o seguiu, um estranho meio-sorriso em seu rosto. A carne enrugada dava a ele uma aparência sinistra que a diversão em seus olhos desmentia.

Naquele momento, Abigail definitivamente deveria ter se escondido atrás da cortina da janela. Ela não pôde. O guerreiro tatuado segurou sua atenção tão firmemente quanto a que se agarrou na esperança de ver sua irmã novamente um dia.

Sua ordem silenciosa de ficar quieta era inconfundível.

Mesmo que o comando *estivesse* só em sua imaginação, não a deixaria ir. Seu corpo se sentia estranhamente pesado, mas sua cabeça se sentia leve. Medo e alegria correram por ela enquanto seus dedos se curvaram em torno da cortina da janela em um aperto estrangulador.

Quando ele esteve mais próximo, o ritmo de sua respiração aumentou até que ela estava ofegando como se tivesse perseguido sua irmã pelo prado próximo a fortaleza de seu padraсто, como faziam quando eram crianças.

Ele não parou uma vez que alcançou a cabana como ela esperava, mas continuou se aproximando

para frente. Ela olhou fixamente para além dele, confundida e dolorosamente desapontada quando nunca devia querer falar sozinha com o homem em primeiro lugar.

Seu olhar regressou para o soldado de cabelo claro que parou a poucos metros da janela. Ele olhou para ela, mas se estava curioso sobre ela como o clã MacDonald, não demonstrou. Seu rosto cicatrizado e seus olhos cinza eram destituídos de emoção, seu determinado queixo quadrado estava fechado como se as palavras não escapassem com prontidão de sua boca.

Ela devolveu o olhar, incerta se devia fazer ou dizer alguma coisa.

A falta de comunicação entre eles se estendeu até que o homem de cabelo escuro retornou, uma carranca de raiva torcendo seus lábios masculinos. Seu olhar azul queimou-a, seus olhos eram mais escuros do que o céu matinal, mas não se aproximavam do escuro azul aveludado da noite.

Seu coração bateu mais depressa em seu peito, e ela acomodou sua mão contra a garganta para assegurar que não estava fazendo sons inconscientes.

—Por que você está bravo? — Ela se sentiu perguntar sem pensar em fazer isso. Ela falou em gaélico, não tão hesitante como quando ela aprendeu com Emily, mas em um volume mais baixo.

Não deveria ter falado nada. Era um comportamento que certamente Sybil teria repreendido severamente.

—Ninguém guarda você.

—Existem soldados em suas tendas no lado oeste. —Seguramente ele notou.

—Eles dormem.

—Viriam se pedisse ajuda. —Entretanto, honestamente, ela não sabia se ela seria capaz de gritar muito.

Passou mais de dois anos desde que sua irmã partiu, e desde que alguém a ajudou a determinar o volume de sua voz.

A carranca do homem só aprofundou.

—Onde está o guarda para sua porta?

Ela então desejou que pudesse ouvir a voz dele. A dor de sua perda aguilhoou de um modo que não fazia em muitos anos. Tudo nele era de matéria com que é feitos os sonhos. Nenhuma dúvida que sua voz seria a perfeita lança para um homem tão poderoso.

—Não há.

Soube que sua resposta não era a que o homem queria ouvir no momento em que articulou as palavras.

Ele disse uma palavra que ela não podia interpretar e olhou sobre seu ombro, vociferando uma ordem que ela não podia ouvir. Embora não precisou, porque um de seus outros soldados se dirigiu rapidamente à parte da frente da cabana. Abigail sabia que foi tomar a posição de guarda na porta.

Teria ido verificar, mas não podia obrigar-se a deixar a companhia do guerreiro de cabelo escuro.

—Onde estão os soldados de seu pai? Seguramente nem todos eles dormem?

—Alguns de serviço, ou quem desejou visitar com os soldados de MacDonald, estão dentro da fortaleza. Com ele. —Ela manteve a mão contra sua garganta para ter certeza que vibrava com som, monitorando seu tom como Emily a ensinou a fazer.

—Ele não está em sua própria terra. Todos os seus soldados devem estar de serviço sempre — o guerreiro Sinclair tencionava sua mandíbula entre cada palavra.

Abigail olhou em direção a fortaleza onde seus pais se entretinham sem pensar no terror da filha surda na noite anterior ao seu casamento forçado.

—Isto não é algo que possa afirmar.

—Você é irmã de Emily. A mulher que me casarei.

Ela concordou e penteou seus cachos em um gesto nervoso pelo qual Sybil a recriminaria.

—Você é Talorc, Laird dos Sinclair. Eu soube no momento em que me encarou. Você tem o porte de um lorde.

Os olhos de Talorc se estreitaram perigosamente, e ela pensou que o tivesse ofendido com seu comentário fora de hora. Ele avançou em direção a ela, e ela quis recuar, mas não o permitiria.

Ela deve enfrentar este homem com força ou para sempre se perdesse para os terrores ferozes que a assolavam.

Talvez ele a acreditasse lasciva por não evitar o gentil roçar de seus dedos contra sua bochecha, mas ela não se moveu. A mais surpreendente sensação de estremecedor prazer se estendeu ao longo do seu corpo naquela única pequena carícia.

Ela questionaria sua sanidade no dia seguinte, estava certa, mas sentiu como se naquele momento fosse tocada por um pedaço de sua alma que tinha se perdido. Como podia ser isso?

—Quem bate em você? — A ponta do dedo dele descansou suavemente na menos dolorosa das contusões de Abigail. O único bofetão que Sybil tinha deixado em sua bochecha.

—Não é nada.

Ele não respondeu, nem tirou a mão. Era como se quisesse que ela respondesse.

E ela não podia opor-se àquela vontade.

Ela suspirou.

—Minha mãe não estava feliz com minha resposta a ela.

—Sua mãe? Não seu pai?

—Não. Sir Reuben nunca levantou uma mão para mim.

—Nunca?

—Nunca.

Talorc assentiu e então franziu o cenho de novo antes de apartar o pescoço solto de sua camisola.

—Existe outra contusão. Esta aqui mais feia.

A palavra quebrou seu transe como nada mais podia ter feito. Não, Abigail não podia reivindicar beleza. Ela não podia reivindicar qualquer coisa que a faria a esposa correta para este poderoso laird.

Sua única esperança era que ele não descobrisse aquela verdade antes de levá-la para as Highlands.

Ela retrocedeu bruscamente, saindo de seu alcance enquanto segurava a cortina da janela.

—Eu sinto muito se minha aparência desagrade você.

—Isso não é o que eu disse.

—Não, ele falava sobre sua contusão, moça. E é melhor que diga quem lhe fez isso. — Disse o

outro guerreiro gigante.

Abigail só captou as palavras porque seu movimento lhe recordou que eles não estavam sozinhos e que precisava olhar para o outro guerreiro também, para que ela não fosse pega em seu subterfúgio antes do casamento.

Ela conteve um suspiro de frustração consigo mesma. Por tudo que ela sabia, ele poderia ter falado antes disto. Ela devia ser mais cuidadosa.

—Minha mãe — ela disse novamente, tendo certeza que ela podia ver ambos os rostos dos guerreiros.

Talorc se escureceu com fúria.

—Ela bateu em você. Por quê?

Abigail gastou sua vida mentindo pela omissão de sua aflição, mas ela se prometeu há muito tempo que não mentiria sobre nada mais. Nunca.

—Eu prefiro não dizer.

—Dirá a mim.



CAPÍTULO 3

—Talvez ela não esteja mais resignada com este casamento que você, Talorc. — O gigante de cabelo claro parecia divertido pela possibilidade.

—Acha isso divertido, Niall? — Talorc perguntou ao outro soldado.

—Um pouco — Niall respondeu, claramente nem um pouco assustado por seu laird.

—É verdade? — Talorc perguntou a ela.

Tão perto como estava só pôde dizer.

—Sim.

—Bateram-lhe até que concordou? — Talorc perguntou, claro desgosto em suas feições.

—Eu não me submeti.

—E você ainda está aqui.

—Sir Reuben me disse que poderia escolher uma vez que olhasse em seus olhos.

Algo como respeito cruzou os traços de Talorc.

— Você está agora me olhado nos olhos.

—Sim.

—Bem?

—O que teria feito se tivesse sido meu pai quem me bateu? — perguntou ela, no lugar de responder.

—Matá-lo.

—Você não bateria em uma mulher?

Seus lábios se torceram em um grunhido animalesco.

— Eu não sou inglês.

Abigail sentiu um riso bem formado pela primeira vez desde que Emily deixou a fortaleza de Sir Reuben. Talorc realmente menosprezava os ingleses, e em vez de assustá-la ainda mais, ela encontrou essa afirmação extremamente divertida na situação atual.

E ele não podia conceber um Highlander batendo em uma mulher. Aquele conhecimento a confortou como nada mais tinha.

—Você acha isso engraçado? — o outro soldado perguntou.

—Eu acho a arrogância de seu laird divertida — ela sussurrou, se cobrindo. —Sua suposição de que só um inglês bateria em uma mulher aliviou um pouco meu medo do que está por vir.

Ela não quis fazer a admissão, mas não precisava ter se preocupado. Nenhum guerreiro pareceu particularmente tocado ou impressionado por isto.

Niall disse:

—Ele é seu laird também.

—Se me casar com ele, será.

—Você se casará comigo. —Ela não podia ouvir seu tom, mas a certeza em seus olhos não deixou margens a dúvidas. Ou algo mais.

—Seguramente você estaria contente se Sir Reuben recusasse o casamento — ela não podia evitar

dizer.

—Me sentiria insultado e forçado a matá-lo. — Ele não pareceu particularmente aborrecido por aquela possibilidade, nem parecia estar fazendo uma piada.

Ela, por outro lado, sentiu outra mão fria e úmida de medo pegar em seu coração. A probabilidade que Talorc declarasse guerra ao seu padrasto quando ele descobrisse seu engano — como era certo que ele eventualmente ia fazer — só aumentou em sua mente.

—Por que estaria insultado? Você odeia os ingleses.

—Sim.

Seu estômago caiu, a preocupação por seu padrasto esquecida pelo momento.

—Então você me odeia.

—Não.

—Não?

—*Nay*.

—Ele não odeia um inocente — esclareceu Niall.

Talorc olhou por cima de seu ombro para seu guerreiro e então de volta para Abigail. Ele encolheu os ombros.

—Eu não odeio um inocente.

Havia algo sobre o modo que ele disse isto, algo em sua expressão que implicava que ele pensava que inglês e inocente eram opostos entre si. E ainda assim disse que não a odiava.

Ela procurou a verdade seu olhar. Ela conhecia o ódio. Tinha vivido com sua própria mãe durante anos. A posição de Talorc não era agressiva, nem seu comportamento desdenhoso. Ele estava pronto para ação, mas não com uma atitude de enfado ou qualquer indicação de que ele tinha coisas melhores para fazer que conversar com sua noiva inglesa.

Ainda que ele não fizesse nenhum esforço para assistir sua chegada. De repente, ela considerou a possibilidade do que esse deslize era para seus pais, não necessariamente para ela.

Quando ele olhou para ela, a expressão de Talorc mostrava cautela. Existia também desconfiança, até frustração, embora do que ela não sabia, mas ele não olhava para ela com ódio.

Ela sabia que uma vez que ele descobrisse de sua inabilidade para ouvir, ele a rejeitaria como sua esposa. Ele poderia até odiá-la então, mas suas escolhas eram escassas. Se ela contrariasse o casamento, Sybil acharia um caminho para castigar Abigail muito mais severamente que com um único tapa. Sua única chance de ver Emily novamente provinha do casamento com este homem.

Que poderia odiar os ingleses, mas não a odiava.

—Eu me casarei com você.

Ele concordou como se isso nunca estivesse em questão. Nenhuma dúvida na mente dele, não tinha. Ele parecia o tipo de homem que conseguia o que queria e que não deixava nada permanecer no caminho.

—Os Sinclairs não batem em mulheres, mas nós matamos traidores.

Quando sua mente traduziu as palavras de Talorc, Abigail se sentiu vacilar.

—Eu nunca trairei seu clã.

—Me dá sua palavra?

—Juro por minha alma imortal. — Esconder sua doença não era uma traição para seu clã. Realmente, pela falta de hospitalidade deles para sua irmã, Abigail estava certa que os Sinclairs seriam somente muito felizes ao serem libertados dela, uma vez que seu defeito fosse revelado. Mas ela nunca poria o clã em risco ou revelaria segredos de Talorc, como sua mãe às vezes fazia com as fofocas de seu padrasto e à procura da admiração de seus pares.

Ele estudou o olhar de Abigail tão cuidadosamente quanto ela estudou o dele. Finalmente, satisfação cintilou em seus surpreendentes olhos azuis.

—Sua mãe merece a morte pelo que fez com o que é meu.

Ele estava completamente sério. Ele não estava fazendo pose. Isso não era nenhuma ameaça inútil para impressionar aos ingleses por seu poder. Ele quis dizer isto.

Ela agitou a cabeça, contente que seus músculos não doessem muito mais com o menor movimento.

—Não, por favor. Ela acredita que é seu direito ditar minha vida e forçar minhas vontades a se dobrarem à suas. —Abigail estava certa que era o mesmo para a maioria dos pais entre a nobreza. — Independentemente, meu padrasto não merece morrer. Ele a parou. Ele prometeu me proteger de um casamento que me apavorava.

Os músculos da garganta de Abigail doíam com toda essa conversa. Às vezes, passava dias e dias sem articular uma única palavra e agora era forçada a conversar como uma vez fez com Emily. Só que ela sabia que Talorc não fazia nenhum esforço para ler seus lábios, então tinha que modular sua voz para ser ouvida. Mesmo se fosse um sussurro, estava lá.

—Ele me desafiaria pela cadela maligna que você chama de mãe?

A arfada de Abigail não foi audível para ela, mas podia sentir a expulsão de sua chocada respiração.

—Sim — foi tudo que ela disse, entretanto.

—Eles nunca serão bem-vindos nas terras Sinclair. Ela machucou você. Ele deveria ter feito um trabalho melhor lhe protegendo.

—Certo. —Ela não se importava se nunca visse seus pais novamente. Emily era completamente diferente. Ela tragou por coragem. —Mas Emily, ela é bem-vinda em sua terra?

—O Balmoral é um aliado. Sua esposa é bem-vinda.

—Fico feliz. Eu senti falta dela.

Talorc concordou e então girou em seus calcanhares e começou a distanciar-se. Niall não partiu. Assumiu a posição de guarda a alguns metros da cabana. Quando ela o olhou, ele piscou.

Ela sorriu de volta e articulou um agradecimento.

Ele se sobressaltou surpreendido, entretanto sorriu de volta antes de girar para frente, sua expressão ficou séria, assustadora até. Alguns minutos mais tarde, dois dos soldados de seu pai juntaram-se a ele, mas o grande soldado não partiu.

Quando ela verificou a janela da frente, segura o suficiente, ela tinha tanto um guarda Hamilton como também um soldado Sinclair.

Abigail foi dormir, se sentindo mais segura do que ela esteve em um longo tempo.

* * *

Talorc ficou diante do padre inglês na pequena capela. Os guerreiros MacDonald e a maioria dos soldados do barão inglês permaneceram do lado de fora. Seus próprios guerreiros, o MacDonald e cinco de seus homens, a família da sua noiva e alguns soldados ingleses eram as únicas testemunhas para o casamento que aconteceria.

Não existia nenhuma flor, nenhuma pompa e formalidade para este casamento regamente ditado. Isso não deveria tê-lo aborrecido, mas a mulher de fala suave que ele encontrou a noite anterior parecia merecer mais. Mesmo que ela fosse inglesa. Ela esteve tão vulnerável, e mesmo quando ele exigiu saber se ela planejava casar-se com ele, ela levou seu tempo para responder.

Ela havia sobrepesado. Ele podia senti-la fazendo isto, e ela não tinha adicionado o tamanho das terras dele em sua cabeça. Ela tinha o julgado pessoalmente, e algo dentro dele havia se recusado a ser encontrado deficiente.

Ela não era nada como Emily, que era tanto bom quanto ruim. Ele não apreciava a probabilidade de ser comparado a um bode por outra inglesa, mas ele não tinha nenhum desejo de ver Abigail Hamilton comida e cuspidada por seu clã. Emily veio para as Highlands para proteger esta irmã de tal destino. Ele não podia evitar acreditar que seus medos como injustificados.

Abigail falava em sussurros, parecia inconsciente de sua beleza e tinha um hábito nervoso de segurar a mão em sua garganta quando conversava. Como se ela estivesse prevenindo as palavras erradas de saírem. Seu lobo pareceu protetor para com ela, como ele não fazia para nenhum outro além de sua família. Desde que a única que restava, sua irmã mais jovem, Caitriona, estava agora acasalada com o segundo no comando Balmoral, passou muito tempo desde que Talorc sentia aqueles instintos mexerem tão profundamente.

Ele quis acreditar que era só porque a mulher seria profundamente criticada por ser sua esposa, mas seu lobo não mostrou tal preocupação pela irmã dela quando o Rei David originalmente tinha instruído Talorc a casar-se com Emily. O lobo queria uivar pela evidência de contusão na pele pálida de Abigail.

E então caçar.

Talorc gastava seu tempo esperando pela chegada da sua noiva olhando fixamente para a mãe dela e forçando de volta grunhidos ameaçadores do lobo.

Lady Hamilton tinha aquele mesmo olhar avaro e irracional que sua madrastra, Tamara, tinha tido. Como se ela esperasse que o mundo cumprisse suas ordens, e aí de qualquer um que recusasse. A princípio, a cadela tentou um sorriso, mas Talorc meramente a advertiu com seus olhos o quão perto da morte ela estava por maltratar a mulher que era dele.

O fato que ele não queria uma noiva inglesa não fazia nenhuma diferença. Os reis ditaram que Abigail era para ser dele, e ninguém ousava maltratar um Sinclair. Ele ainda estava tentado a matar Lady Hamilton, apesar dos apelos de sua noiva pelo contrário. Seu lobo clamava por retribuição, se não morte.

Finalmente, a *lady* inglesa começou a se contorcer debaixo de sua atenção hostil.

Bom. Ela não tinha nenhum lugar na vida de Abigail e ele queria que ela soubesse disto.

Niall limpou sua garganta, mas Talorc não precisava de alerta. Ele pegou o odor de Abigail no momento em que ela entrou na capela. Ervas perfumadas, conhecidas para curar, misturadas com o próprio perfume único, criando uma fragrância embriagadora que chamava sua besta. Foi tudo que Talorc pôde fazer para não se virar e assistir sua noiva caminhar pelo corredor.

Isso não faria para mostrar seu interesse. O barão inglês poderia tomar isto como uma cortesia. Não que seu lobo parecesse se importar que Abigail fosse inglesa. A besta nunca percebeu as mulheres, mas certamente notou Abigail.

E a quis.

Com uma ferocidade que forçou Talorc a manter rígido controle do membro semiduro debaixo de seu kilt.

O lobo lutava para sair e fazer-se conhecer a mulher que casava com o homem. Talorc tinha que se concentrar mais duramente do que jamais havia feito para manter seu lobo dentro, enquanto ele esperava Abigail fazer sua muda caminhada no corredor pelo braço do barão.

Finalmente, ele girou, senão somente para satisfazer o lobo.

Abigail não estava sorrindo, mas não hesitava em sua lenta procissão em direção a ele. Ela parecia assustada, mas determinada, e ele respeitava isto.

Era fácil enfrentar uma batalha sem medo; muito mais difícil era enfrentar a incerteza do desenlace. Olhos da cor da rica terra refletiam medo, mas não terror. Isso era algo. Ele não deveria se importar, mas ele não gostava da ideia de que o casamento com ele a apavorasse. Era natural para ela estar um pouco preocupada sobre seu futuro.

Ela estava deixando a Inglaterra para as Highlands. Sua vida nunca seria a mesma.

Nem a dele, uma voz baixa dentro dele insistiu. Uma que suspeitosamente soava como seu lobo.

Os cachos dela, da cor do puro e doce mel, balançavam justo acima de seus quadris com cada passo que dava. Talorc experimentou um desejo pouco conhecido, ou melhor, *necessidade* de alcançar e correr seus dedos pelas sedosas mechas.

Ele reprimiu uma maldição. De onde esse pensamento veio? Ele nunca quis tocar em Emily. Ou em qualquer outra mulher. Não desde os anos durante os quais seu corpo transitou de menino até homem. Seus impulsos sexuais correram excessivos então, mas ele não agiu por eles.

Ele não esteve pronto para uma esposa e não havia encontrado uma companheira. Ele nunca iria desonrar sua família não levando a cabo as promessas da carne.

Diferentemente dos Balmoral, os Chrechte entre os Sinclair acreditavam que sexo era um ato vinculador. Os Balmoral mantinham padrões mais frouxos, assim seus guerreiros podiam ganhar controle de suas habilidades de trocar à vontade em uma idade mais jovem.

Afortunadamente para Talorc, seu pai teve o bom senso de acasalar com uma loba branca que passou aquela habilidade para os filhos deles no nascimento.

Aquele controle sobre a besta dentro dele nunca foi verdadeiramente testado até agora.

O lobo de Talorc queria reivindicar Abigail no jeito de seu povo, mas ele não tinha a intenção de

fazer isto na frente de uma capela cheia de pessoas. Nem tinha intenção de acasalar com ela em qualquer terra, salvo em sua própria.

Era frustrantemente cruel, mas para uma inglesa, Abigail era bonita e muito sedutora. Ela tinha lábios da forma de um arco perfeito em um feminino rosto oval. Seu nariz era pequeno e reto, e seus olhos marrons eram grandes e expressivos. Ela tentou esconder o encanto de seu corpo nas roupas inglesas que ela tinha vestido essa manhã.

Ela vestia as cores de seu pai pela última vez. A túnica acima do vestido longo cobria cada polegada da pele de seu pescoço até seus pés delicados. Pelo menos ela não estava vestindo o terrível capuz, coisa que a mãe dela tinha posto. Ele achou que as mulheres inglesas chamavam isso de véus. Tamara insistia em usar um com os Sinclair, constantemente lembrando ao clã que ela não renunciaria a seus modos ingleses.

Se Abigail pensasse em vestir isso, ela logo aprenderia seu erro.

Ele não o permitiria.

Uma pergunta veio sobre suas feições adoráveis, e o barão empalideceu ao lado dela. Talorc percebeu que ele estava franzindo o cenho. Ele suavizou sua expressão em uma tranquilidade inexpressiva e estendeu sua mão para pegá-la de seu padrasto.

O padre clareou a garganta.

—Nós ainda não estamos nessa parte da cerimônia, meu lorde.

Uma vez que o homem falou em inglês, Talorc escolheu o ignorar.

Ele ergueu uma sobrelha para sua noiva, perguntando por que ela não concordou com seu pedido.

Em um movimento que o surpreendeu, assim como a Sir Reuben, ela soltou o braço do padrasto e se distanciou dele, e tomou a mão de Talorc.

Ele concordou, pegando sua mão firmemente e girou para enfrentar o padre.

O homem parecia agitado e levou vários momentos para se recuperar antes do início do serviço. Em gaélico, depois de só seu erro inicial.

Talorc falou os votos de seu povo em Chrechte quando a hora chegou, ignorando os murmúrios ao redor dele. Quando a vez da sua noiva veio, ele a moveu, assim eles viam somente um ao outro, não o resto da congregação reunido como testemunha. Ele a guiou na forma de pronunciar seus votos, falando devagar, assim ela não tropeçaria nas palavras pouco conhecidas.

Sua expressão mostrou desconcerto e depois de um breve tempo de aceitação, Abigail sussurrou as palavras depois dele, fazendo promessas para vida que ele estava determinado que ela mantivesse.

Sua mãe teve uma crise então, exigindo que os votos deles fossem repetidos em inglês. Talorc a ignorou até que o padre interveio.

—Eu me casei com ela no modo de meu povo — Talorc disse em gaélico.

O padre concordou. Porém, quando ele contou a Lady Hamilton em inglês o que Talorc disse, a mulher mais velha recusou ser apaziguada.

Talorc não se importava. A opinião da cadela maligna não era de importância para ele. Chateado com a discussão e pouco disposto a ficar na companhia dos ingleses muito mais, ele pegou sua nova

esposa em seus braços e a levou para fora da capela.

Os braços de Abigail voaram para rodear seu pescoço, mas ela não lutou com ele. Tampouco fez algum som que se assemelhasse a surpresa. Ele olhou para ela, somente para encontrá-la o olhando fixamente com uma expressão que beirava a pânico em seus olhos castanhos.

—Você é minha agora.

—Eu sei.

—Você não tem nenhuma necessidade de se preocupar.

—O casamento acabou? O padre não disse a bênção final.

—Nós falamos a bênção a nós mesmos como convém ao meu povo.

—Eu não achava que os escoceses fossem tão diferentes dos ingleses.

—Eu sou do norte. Nós não tomamos seus modos *civilizados*.

—A bênção do padre é civilizada?

—É desnecessária. Ele falou as palavras que nos fazem marido e mulher e nós dissemos nossos votos.

—Certo.

Ele deveria ter estado contente por ela desistir muito facilmente, mas novamente se preocupou sobre o espírito dela quando enfrentasse às pessoas de seu clã. Eles não eram cruéis normalmente, mas respeitavam a força e detestavam a debilidade.

Sir Reuben gritou algo atrás deles, mas Talorc ignorou o barão da mesma maneira que tinha ignorado a esposa do homem.

Seus guerreiros o seguiram para fora da capela e já estavam montando seus cavalos, claramente tão ávidos quanto ele para sair das Lowlands. Ele foi diretamente para seu cavalo, mas quando foi lançar Abigail a suas costas, ela se torceu de seus braços mais rápido que ele teria pensado que fosse possível para um humano.

Ele agarrou seu braço antes dela poder se lançar à cabana.

Ela franziu a testa para ele.

—Eu preciso de minhas coisas.

—Não.

Ela agitou a cabeça e se retorceu de seu aperto com surpreendente agilidade.

Ele foi agarrá-la novamente, mas ela deu a volta.

—Por favor. Eu tenho presentes para Emily.

—Ela não precisa de nada da Inglaterra.

—Obrigada por sua opinião no assunto, mas eu devo discordar. —Ela girou e se dirigiu em direção à cabana.

Ela o desobedeceu. O choque o impediu de ir atrás dela a princípio.

—O que ela está fazendo? — Niall perguntou.

—Pegando seus presentes para a irmã.

—O Balmoral não gostará de sua esposa recebendo símbolos da terra de nosso inimigo.

—Eu sei. Foi por isso que escolhi permitir a Abigail pegar as coisas.

Niall riu.

— Sua esposa estará agradecida.

— É outra razão pelo que permito Abigail fazer isso.

— Aye.

O Balmoral agora poderia ser seu aliado, mas Talorc realmente apreciava alfinetar o homem.

Só quando Talorc estava considerando a possibilidade de Abigail ter se abrigado na cabana em lugar de meramente juntar seus pertences, ela voltou. Estava levando um pacote grande e dois pequenos.

Ele encarou.

— Você não vestirá roupas inglesas como minha esposa.

— Eu deixo tudo, menos o que eu visto agora — ela disse, mostrando mais senso do que ele pensou que um nascido inglês pudesse ter. — Estes são os presentes, minha costura e outras coisas pessoais, e ervas para cura.

O barão inglês e sua esposa vieram da capela e gastaram os últimos poucos momentos repreendendo o padre. Mas até um homem santo sabia melhor que questionar o desejo do Sinclair. Ele recusou a exigência de repetir os votos matrimoniais.

Então, agora eles estavam gritando com Talorc, exigindo serem ouvidos.

Talorc obteve um prazer marginal por ignorá-los. Ele olhou para o MacDonald.

— Você tem uma mulher que pode ajudar minha esposa a vestir minhas cores?

O laird do clã das Lowlands concordou.

— Aye, de fato.

Ele acenou para sua esposa e disse a ela o que Talorc queria. A mulher ruiva deu um aceno afirmativo com a cabeça indo para Abigail e a guiando de volta para dentro da cabana, depois de dar seus pacotes para os guerreiros de Talorc.

O barão inglês desistiu do assunto dos votos e agora exigia que Talorc compartilhasse o almoço com eles como um homem civilizado. Como se Talorc desejasse ser tal coisa. Idiotas.

— Seguramente você deseja compartilhar do festim que caçou ontem para esta ocasião.

Ele tinha caçado evitando gastar mais tempo que o necessário com os ingleses. Ele deu sua caça para o MacDonald como agradecimento por usar a propriedade do clã como hospedagem para o casamento exigido por édito do rei deles.

Quando o outro homem não pareceu saber que ele deveria calar a boca, Talorc girou para o barão com toda a força de seu desgosto.

— Eu nem sou civilizado, nem sou inglês. Nós partimos assim que minha esposa estiver apropriadamente vestida.

— Não existe nada errado com seu vestido. Suas roupas estão no auge da moda.

Lady Hamilton pareceu mortalmente ofendida.

— Niall, informe a esta mulher que não se importa em bater na sua filha até a submissão, o quão perto da morte ela está.

Niall disse as palavras apropriadas em Inglês.

A mulher começou a guinchar para seu marido para tomar ofensa com tal insulto.

Talorc girou para o barão.

—Você permitiu que ela machucasse o que pertence a mim. Você vive só porque sua filha pleiteou por sua vida.

Niall começou a traduzir para o inglês, mas o barão acenou de volta as palavras.

—Eu falo seu idioma — ele disse em inglês. —Fui levado a acreditar que você falava inglês também.

—Nosso laird não permite que o idioma de traidores passe por seus lábios — disse Niall com áspera cólera.

Em vez de ficar bravo como Talorc teria esperado, Sir Reuben meramente olhou pensativo.

—Seu pai se casou com Lady Tamara de Oborek.

Talorc concordou.

—Eu não desejaria tal casamento para meu pior inimigo.

Era a vez de Talorc surpreender-se, mas não permitiu a surpresa se mostrar em seu rosto.

—Sybil pode ser uma víbora gananciosa, mas ela não trairia sua casa — o barão disse em gaélico.

—Essa víbora nunca verá sua filha novamente.

—Eu supus.

A mulher em questão estava ainda reclamando, mas ninguém lhe deu qualquer atenção, nem mesmo seu marido. Ela se moveu da queixa para a lisonja, tentando convencer Talorc a ficar, assim Abigail poderia compartilhar uma última comida com sua família.

Desde que ela continuou a articular a profanação para suas orelhas em inglês, ele não fez nenhuma tentativa de responder. Ou até reconhecer que ela estava falando.

Alguns minutos mais tarde, a atenção de Talorc foi atraída para Abigail que vinha da cabana.

Ela vestia uma pálida blusa amarela por baixo de seu plaid. Ela parecia preocupada, seu lábio inferior entre os dentes e seu olhar voando de uma pessoa a outra muito depressa, o que era como uma leve borboleta.

Ele estendeu a mão novamente e ela pareceu relaxar um pouco. Ela começou a caminhar na direção dele com um andar mais rápido.

Sua mãe foi agarrar o braço dela em lugar de deixá-la passar.

Talorc soltou um rosnado baixo, e a única coisa que salvou a abusiva bruxa de seu lobo foi a esposa de MacDonald dando um tapa para o lado na mão da inglesa.

—Ninguém toca na esposa do laird sem sua permissão — ela cuspiu em um inglês fortemente acentuado. O olhar que ela deu a inglesa indicou que ela tinha visto as contusões de Abigail e, ou descobriu sua causa ou perguntou a Abigail e se interou da verdade.

—Sybil — o barão latiu. —Venha aqui, agora.

—Você o deixaria me negar meu adeus final para minha filha? — Lady Hamilton perguntou com a dignidade furiosamente ofendida.

—Se ela tocar o que é meu, ela morre — Talorc disse em um tom que prometeu que ele não fazia nenhuma ameaça, só promessas.

—Eu nego isto — o barão furiosamente disse. —Você renegou seus direitos como sua mãe em ocasiões demais para contar. Ela não é mais sua filha. Ela é uma Sinclair.

Sua vontade de casar com tal víbora pôs sua sabedoria em questão, mas Talorc pensou que os ingleses realmente poderiam ter um pouco de inteligência depois de tudo.

—O rei dele prometeu uma prova da consumação — a mulher gritou. —Como nós conseguiremos isso se ele partir com ela agora?

—Ele pode enviar o lençol ensanguentado por um mensageiro.

—E se ele não faz? — Ela escapuliu de seu marido e ficou na frente de Talorc. —Você prometeu a seu rei. Você é um homem de honra ou não?

A fúria de Talorc queimou tão brilhante, seu lobo literalmente coçou debaixo de sua pele para sair e rasgar fora a garganta da cadela.

—Você ousa questionar minha honra?

Ele não esperou pelo barão traduzir as palavras de Talorc para a mulher estúpida. Seu rei *tinha* feito a petição, e Talorc não tinha nenhuma intenção de desperdiçar um mensageiro enviando lençóis ensanguentados para a gananciosa inglesa.

Ele marchou adiante, agarrou sua noiva e a arrastou para a cabana. Ele foi para dentro e bateu a porta tão forte que as paredes tremeram.

CAPÍTULO 4

Talorc girou para enfrentar sua noiva.

—Sua mãe é uma cadela.

—Ela não é mais minha mãe — Abigail sussurrou tenuemente, ondas de terror emanando dela. —

Sir Reuben disse que eu sou uma Sinclair agora. Você não negou isto.

—Uma barreira permanece entre você e essa verdade.

—Minha virgindade. —Não existia nenhum som para as palavras, meramente um sopro de ar quando ela os declamou.

—Aye.

A mão de Abigail voou para sua garganta e ela olhou de modo selvagem ao seu redor.

—Você me tomaria agora?

Não provavelmente. Ele não seria ditado por seu rei, muito menos por uma lady inglesa nesse assunto. Mas antes dele conseguir uma chance de dizer isso, sua noiva simplesmente teve um colapso.

Usando a velocidade sobrenatural de seu lobo, ele a pegou antes dela cair sobre o chão. Maldição, ela era vulnerável. Não como sua irmã. Emily o teria chamado de bode e lhe dito que fosse para o inferno antes de ter sua virgindade quebrada minutos depois de seu casamento.

Talorc devia ter estado repugnado pela debilidade de sua nova esposa, mas ao invés sentiu pesar por ter causado tal angústia.

O sentimento o chocou, mas muito mais surpreendente foi o modo que ecoou no coração de seu lobo. Nenhum deles queria que ela se machucasse. Ele suavemente a deitou na menor das duas camas da cabana. O outro fedia ao barão e sua esposa. A cama estreita onde Abigail tinha dormido cheirava somente a ela e ar fresco.

Seus olhos tremularam abrindo, seu corpo ficando imediatamente tenso com cautela.

Seus olhares se encontraram. Seus olhos queimaram e então se encheram com tristeza.

—É isto, então.

—Você está muito aborrecida pela probabilidade de compartilhar minha cama?

—Assustada. Eu não sei nada sobre os modos dos homens.

—Isto é para ser esperado.

—Você não entende. Nem minha mãe, nem minha criada, ninguém me disse nada. — E claramente, o desconhecido a assustava fora de seu juízo.

—Você quer que eu conte o que vai acontecer?

Seus olhos escuros alargaram com surpresa, mas eles arderam com esperança.

—Você faria? — Novamente suas palavras terminaram silenciosamente, mas ele não tinha nenhuma dificuldade lendo o que ela queria dizer.

—Aye.

Apesar de sua pele estar da cor de uma rosa vermelha em flor, ela concordou e tragou.

—Por favor.

—Farei. Agradar você, eu quero dizer. — Era um assunto de orgulho tanto para ele como para o lobo que vivia nele. —Eu começarei beijando você. Você já foi beijada, Abigail?

Ele duvidava disto e poderia ter que matar alguém se ela tivesse, mas ele precisava perguntar.

Ela agitou a cabeça.

—Isto é bom. Eu não quero ter que ir caçar na Inglaterra.

Seus olhos se alargaram ainda mais e ficaram daquele modo enquanto ele descrevia, em minucioso detalhe, como ele a tocara antes, durante e depois de seu defloramento. Ele não omitiu nada do que sentiria, nem do que ele esperava que sentisse.

Enquanto falava entrelaçou seus dedos e não ficou surpreso quando ela começou a apertá-lo tanto que quase lhe fez pensar que tinha a força dos Chrechte. Mas ela nunca contrariou sua descrição ou afastou-se pelas palavras que ele dizia, ela olhava fixamente para ele com desesperada intensidade.

Quando ele terminou, ela o encarou por vários segundos.

—Verdadeiramente? — finalmente perguntou em um sussurro. —Você fará tudo isso? — Suas bochechas estavam carmesins, a contusão do bofetão de sua mãe estava quase escondida.

—Farei.

—Você será cuidadoso.

—Eu disse a você que eu seria. Pode machucar, mas eu evitarei tanta dor quanto possível. É meu dever como seu marido.

—Os maridos ingleses são tão considerados?

Ele encolheu os ombros.

—Eles são ingleses.

—Eu sou inglesa.

—Você é minha.

—Eu suponho que eu sou. — Ela pareceu surpreendida por seu próprio reconhecimento.

—Você ainda tem medo?

—Um pouco.

Ele concordou.

—Isto é esperado por sua inocência, mas eu cuidarei de você. Começando agora.

Ela vacilou, mas não disse nada. E então resolutamente concordou.

—Levante-se.

Ela deu a ele um olhar questionador, mas obedeceu.

Ele puxou uma faca de sua bota. Era mais afiada do que a que ele mantinha em seu cinto.

Ela deu um passo para trás, mas confusão em lugar de medo mostrava-se em seus olhos.

Ele estendeu a mão direita acima do local no lençol e então cortou uma fina e pequena linha abaixo de sua palma. Sua boca estava aberta, mas nenhum som escapou enquanto ela olhava fixamente em incompreensível fascinação como as gotas do sangue dele decoraram o lençol.

—Sua mãe quer a prova de sangue. Eu a darei para ela, mas eu não a reivindicarei na terra de outro.

Abigail assentiu com compreensão, e então alívio apaziguou suas adoráveis feições. Ela deu a ele um olhar intenso e esticou sua mão.

—Corte-me, também.

Muito pouco tinha o poder de assombrá-lo, mas sua oferta o golpeou como um soco de Niall.

—Não é necessário.

—É.

Ele agitou a cabeça.

Ela obstinadamente pôs sua mão direita acima da sua, a palma para cima.

—Compartilharemos isto como compartilharemos mais. Mais tarde.

Seu corpo inteiro reagiu por seu toque e as palavras inesperadas vindas por entre seus lábios inocentes. Um grunhido de aprovação veio do lobo, e Talorc consentiu com um movimento afirmativo de sua cabeça.

Ele deitou a faca contra sua pequena, branca palma.

—Você está certa?

Ela concordou.

—Assim seja. —Ele a cortou, só uma picada, mas o suficiente para deixar suas gotas de sangue entre as dele no lençol.

Quando havia sangue suficiente para indicar que haviam se unido, ele correu uma mão através das gotas para deixar um rastro como se verdadeiramente tivesse existido um ato sexual. Então ele levantou a palma dela para sua boca, e permitindo a saliva de seu lobo se misturar com a sua própria, ele lambeu o corte dela. A hemorragia parou imediatamente, mas ele não soltou sua mão. O sabor de sua pele e as poucas gotas de sangue em sua língua era diferente de qualquer coisa que ele já conheceu. E, contudo, se parecia com algo que ele nunca teria esperado... a satisfação que seu lobo sentia depois de uma caçada bem sucedida.

A besta dentro dele uivou em exaltação que Talorc não podia entender. Foi essa sensação de vitória que sentiu que deu a ele o ímpeto de soltar a mão dela. Ela era humana e inglesa. Ela permaneceria entre ele e a possibilidade de encontrar sua verdadeira companheira. Seu lobo deveria estar choramingando, não uivando.

Sua expressão era de uma certeza sincera, ela tomou a palma dele e retornou o favor. Embora ela não tivesse o lobo, seu ferimento tinha estado perto de fechar de qualquer maneira e o sangue parou. Mas a sensação de seus lábios era viciante, e ele teve que reprimir uma negação instintiva quando ela afastou seus lábios.

Eles ficaram lá em silêncio por vários segundos, sem afastarem o olhar, nenhum parecendo pronto para falar. Calor encheu seu corpo. Era como uma febre, mas ele não estava doente. Os olhos dela refletiam confusão e maravilha. Ele não sabia o que tinha acabado de acontecer, mas foi profundo.

Incapaz de se deter, ele a puxou para mais perto, até que seus odores se misturaram e seus corpos estavam alinhados.

Então, ele a beijou. Porque ele podia. Porque não podia deixar de *fazê-lo*.

Assim que seus lábios tocaram os dela, outra onda de calor encheu seu corpo e ele ouviu o que

soava como o mais puro dos suspiros em sua cabeça. Seu lobo estava tão afetado que a besta soava tão diferente do normal?

A probabilidade não era agradável em qualquer resultado. Parecia-se demais com debilidade.

Uma maldição.

Recusando ceder à doçura de seus lábios, ele se afastou dela.

Ela o olhou com uma expressão que ele não tinha nenhuma ideia de como decifrar. E ele recusou a dar-se tempo tentando.

Ele deliberadamente se afastou da conexão que sentia por ela e rasgou o lençol da cama.

— Sua mãe não terá nada para reclamar agora.

Saiu tempestuosamente da cabana, lançando o lençol ensanguentado nos pés do barão. Lady Hamilton se curvou e o agarrou, examinando até quando Talorc saltou para a parte de trás de seu cavalo e olhou para ver se sua esposa o seguiu. Ela tinha. Ele se curvou para agarrá-la. Ela se acomodou na frente dele sem um murmúrio de protesto.

Deu um sinal e ele e seus guerreiros deixaram os cavalos galoparem para o norte... para casa.

* * *

Abigail se concentrava em não cair da enorme besta que era o cavalo de Talorc. Até que percebeu a faixa de pedra ao redor de sua cintura que era o seu braço, não a deixando ir a lugar nenhum. Os cavalos estavam galopando muito depressa, a beleza verde ao redor se tornando nada mais que um borrão para seus olhos ofuscados.

Ela nunca montou em tal passo em sua vida. A maioria era para se divertir.

Apesar do trauma de seu casamento e sua quase união, Abigail sentiu um sorriso de puro prazer e instalar furtivamente em seu rosto e o riso brotar dentro dela. Ela percebeu que não foi silenciosa quando o corpo muito perto atrás dela se endureceu pela surpresa.

Ela se inclinou para trás e girou, assim podia ver o rosto de Talorc. Certa o suficiente que ele tinha uma expressão indagativa em suas bonitas feições sombrias.

—O que? — perguntou ela.

—O que provocou seu riso?

—Eu acredito que aprecio montar cavalos escoceses, meu laird.

—Isto não é nenhum mero cavalo; é uma besta merecedora de um guerreiro de Chrechte.

Sua arrogância a fez rir novamente.

—Nenhuma dúvida.

Ter a confiança dele seria uma coisa maravilhosa. Abigail gastou tanto tempo com medo de revelar seu verdadeiro eu, que ela raramente sentia confiança na companhia de outros. Mas certo nesse preciso momento, enquanto cavalgava distanciando-se de uma vida e uma família que a fizeram sofrer uma e outra vez, sentia pura alegria.

—Você me surpreende, moça.

—Talvez isto seja uma boa coisa. —Ela não podia acreditar em sua própria audácia, mas se sentia mais livre do que jamais se sentiu, desde que sendo uma criança aterrorizada, despertou em um mundo

silencioso.

—Aye. —Ele pareceu bastante sério. —Eu acredito que seja. Eu não quero que te comam, moça.

—Os Highlanders são canibais, então? — perguntou com humor indisfarçado, sabendo que não existia tal coisa.

Ele a encarou como se a visse pela primeira vez.

—Não, mas as pessoas de meu clã têm pouca tolerância com a debilidade.

—Você pensa que eu sou fraca? — Ela não sabia por que seu julgamento devia a surpreender tanto. Ela trabalhou muito para não ser notada; seria uma verdadeira surpresa se ele percebesse a mulher sobre o exterior. Então, em lugar de estar ofendida por sua avaliação, ela encontrou nele sua própria piada privada.

Entretanto, neste caso, ela não o deixou ver isto.

—Existe muito medo em você.

Ela não podia negar. Ela vivia diariamente em terror.

—Eu não tenho medo agora mesmo.

—Eu posso ver isto.

—Eu tinha medo quando eu achei que você iria para cama comigo com brutal rapidez — admitiu, ainda agradecida que ele não fez isso.

—Aye. Você estava apavorada.

Nenhuma preocupação por aquela verdade se mostrou em suas feições, ainda que ele tivesse protegido-a.

—Você aliviou meu medo.

Ele encolheu os ombros, fazendo que seu corpo se movesse contra o dele.

Bastante perturbada, ela ofegou.

—Eu não estive perto assim de outra pessoa desde que minha irmã deixou nossa casa.

—Ninguém mais lhe segurará deste modo.

Não, mesmo? Ela não era nenhuma libertina para permitir a outro homem tocá-la. Ela rolou os olhos para ele, mas então teve um pensamento.

—Eu abraçarei Emily quando eu a ver novamente.

—Você ousa me desafiar? — Isso foi uma contração nervosa no canto de seus lábios?

—Neste caso, sim.

—Se você pensar em deixar outro homem tocar em você... — deixou o resto de sua clara ameaça permanecer no ar, mas uma fúria completamente injustificada pela atual conversa ardeu em seu olhar azul.

—Não seja tonto. Nem estou completamente conciliada com o fato de você me tocando.

—Você se acostumará ao meu toque. —Havia aquela surpreendente confiança novamente.

—É sua responsabilidade fazer isto então. —Verdadeiramente, disse tal coisa em voz alta para ele?

Mas não era mais do que ele reivindicou quando explicou como a cama de casamento seria para ela.

—Aye.

—O que é Chrechte?

Ele não respondeu, mas encarou dentro de seus olhos com uma expressão que ela não podia ler, não importava o tempo que ela gastasse para saber como fazer isso.

—Você disse que o cavalo era merecedor de um guerreiro Chrechte. É outra palavra para um Highlander?

Ele sacudiu a cabeça.

—Então o que quer dizer? Chefe? Laird?

—Você sempre faz tantas perguntas?

—De verdade?

—Eu sempre esperarei a verdade de você.

Seu coração deu uma pontada por suas palavras. Ela decidiu que apesar dela não poder lhe dizer seu segredo, nunca mentiria para ele.

—Eu frequentemente desejo saber coisas sobre as quais eu não pergunto.

—Ainda assim você não hesitou em me questionar.

—Eu deveria?

Ele não respondeu imediatamente.

—Bem? — Ele não podia saber o quão importante sua resposta era para ela, mas diria muito sobre seu lugar na estima dele.

—Não.

—É bom saber.

—Chrechte é uma antiga tribo de pessoas que vivem entre os clãs Highland agora.

Ela sorriu nesta confirmação da vontade dele de satisfazer sua curiosidade.

—Você quer dizer os Pictos?

—É disso que os Romanos nos chamaram, sim.

—São como os normandos entre os ingleses?

Ele encolheu os ombros novamente, mas não existia confusão pela pequena careta de desgosto nos lábios dele pela menção dos ingleses.

Abigail girou para enfrentar a frente do cavalo novamente, sua alegria esgotada. Talorc odiava os ingleses. Isso nunca mudaria.

Não importa o quão considerado ele foi neste dia, o fato que ele afirmou não odiá-la não duraria indefinidamente. Senão por nenhuma outra razão que ela não era a inocente que ele e seu guerreiro Niall acreditavam que fosse. Ela *estava* mentindo para eles, por fingir ser algo que ela não era. Uma mulher inteira, merecedora de ser esposa de um laird.

Pela primeira vez, Abigail sentia pesar pela inevitabilidade de seu futuro. Talorc não era o monstro que ela temia, nem era o animal selvagem que sua mãe alegava.

Ele atribuiu seus guerreiros para vigiá-la na noite anterior, mostrando que ela tinha mais valor para ele do que ela tinha para seus pais. Mesmo que ela fosse inglesa. Ele também a tinha protegido de uma defloração cruel que Sybil esteve bastante feliz por exigir.

Abigail não sabia o que a levou a insistir em adicionar seu sangue ao dele naquele lençol. Só sabia que algo dentro dela disse que era a coisa certa para fazer.

E ele respeitou o gesto. Ela viu em seus olhos. Seu incrível azul aqueceu com aprovação, porém breve. Um dia, provavelmente mais cedo do que tarde, este mesmo azul cresceria glacial com desgosto quando ele descobrisse seu segredo.

E não existia nada que pudesse fazer a respeito.

Talorc não sabia o que fez sua nova esposa se retrair em si mesma, mas ele admitiu, embora só para si mesmo, que não lhe agradava.

Desfrutou de sua alegria em cavalgar, seu riso um som verdadeiramente bonito. Sacudiu a cabeça. Estava ficando tão tonto quanto ela afirmou, se pensasse que achava risada de uma mulher inglesa era bonita.

Mas ela não era mais inglesa, não é? Ela era sua.

Ou assim seu lobo e seu rei afirmavam.

A besta nunca reivindicou a alguém com tanta decisão, a nenhum membro de sua manada, nem mesmo os de sua família. O lobo uivou esperando o momento que alcançariam as terras Sinclair, assim eles poderiam reivindicar Abigail no mais básico e irrevogável modo. As palavras podiam ser perdidas, mas juntar seu corpo ao dela não poderia ser desfeito.

* * *

Quando Talorc mandou seus homens pararem para passar a noite, a alegria de Abigail pelo passeio deu lugar ao esgotamento entorpecido. Eles pararam só duas vezes para dar água aos cavalos, e somente em uma daquelas vezes eles desmontaram. Eles comeram pão e queijo então, mas isso foi horas atrás. Ainda tão faminta como se encontrava, Abigail estava muito cansada para pensar em comer.

Foi tropeçando para floresta para satisfazer as necessidades mais urgentes do seu corpo. Quando retornou aos homens e aos cavalos, Niall e um dos outros guerreiros estavam erguendo uma pequena tenda de peles.

Ele a notou quando ela chegou perto e a saudou com a cabeça, seu semblante franzido não mudou, mas existia uma compreensão em seus olhos cinza que quase a comoveu até as lágrimas.

—Eu pensei que Highlanders dormiam debaixo das estrelas — ela encontrou a energia para arrelhar.

Ele sorriu ante isto, puxando as cicatrizes no lado esquerdo de seu rosto em um careta torcida.

—É para você, inglesa.

—Oh. —Ela trágou inexplicáveis lágrimas. —Obrigada.

Ele encolheu os ombros e ela decidiu que era a resposta do guerreiro escocês quando ele não queria se dar ao trabalho de falar.

Quando o outro soldado terminou de pôr as peles dentro da tenda para ela dormir, ele partiu, e só então o cérebro cansado de Abigail disse que ela tinha sido rude por não pedir a Niall uma apresentação. Quando ela disse isso, o gigante guerreiro cicatrizado deu a ela um olhar estranho.

— Talorc os apresentará no momento adequado.

— Oh. —Ela não sabia o que isso significava e estava muito cansada para tentar entender.

Ela girou em direção à tenda e tropeçou. Niall estava lá mais rápido que ela podia imaginar possível, evitando que caísse de bruços.

Ela olhou para ele com gratidão.

—Obrigada.

Ele segurou seu braço, obviamente preocupado que ela tropeçasse novamente.

—Você está bem?

Quando foi a última vez que alguém se interessou por ela sem outra razão que a básica consideração humana? Estes guerreiros Chrechte poderiam não ser civilizados, mas eles mostraram mais cuidado por seu bem-estar do que sua família.

Ela exibiu um sorriso, um cansado esforço ao menos.

—Meramente cansada. Tem sido umas... complicadas... duas semanas.

—Preparação para casamento é desse modo para as mulheres, eu ouvi. — Ele soltou seu braço, mas ficou perto o suficiente para ser de ajuda se ela precisasse.

—Eu não sabia que estava preparando um casamento. Eu acreditei que eu estava indo para a Escócia visitar minha irmã, Emily. —Ela não estava certa de por que admitiu isto; talvez se devia que queria ser tão honesta quanto ela pudesse ser. Mais provavelmente foi simplesmente porque ela confiava neste grande e cicatrizado guerreiro como um amigo. Sem nenhum outro motivo exceto que seu coração lhe dizia que podia fazê-lo.

—A esposa do Balmoral? — perguntou, confusão espreitando em seus olhos cinza.

—Sim.

—Eu não entendo. Seu pai peticionou ao seu rei inglês por reparação quando ela se casou com o laird errado. Seu casamento com nosso líder tem sido um resultado previsto, pelo menos para nossos monarcas, nestas últimas semanas.

—Eu não sabia disto.

Niall olhou para ela com piedade e outra coisa mais. Algo que disse a ela que ela estava certa de confiar nele como amigo. *Compreensão*.

—Quando você se informou de que você ia se casar?

—O dia anterior ao que nós deixamos a fortaleza de meu padrasto.

Parecendo convenientemente furioso, Niall assentiu como se concordando com algo que alguém disse, e seu olhar se fixou em algo atrás de Abigail.

CAPÍTULO 5

Abigail virou para encontrar seu recente marido de pé atrás dela, a menos de 30 centímetros de distância. Normalmente, ela era muito mais atenta. Devia ser seu esgotamento.

—Oi, Talorc.

—Eu não me desculparei.

—Não lhe pedi para fazer — ela disse, tentando compreender por que ele pensou que ela esperava isto.

—Era sua ideia, não era?

Ah, ele escutou sua conversa com seu guerreiro e corretamente imaginou que as maquinacões de sua mãe tinham estado por trás da ignorância de Abigail. Talvez ele chamasse Sybil de um nome indelicado?

Abigail não se importou.

—Sim. Ela não achou que eu precisava saber sobre os planos para meu futuro.

Nenhum homem perguntou a Abigail por que sua mãe a trataria tão cruelmente. Graças a Deus. Eles provavelmente atribuíram isto ao fato que Sybil era inglesa.

Talorc estremeceu.

—Quando eu organizei o primeiro casamento de minha irmã, eu contei a ela no momento que os planos estavam finalizados.

Emily costumava lembrar a Abigail que tom de voz segurava tanto ou mais significado que as palavras que as pessoas falavam, mas Abigail não poderia nunca lembrar como aqueles tons poderiam soar. Ela só conhecia isso quando olhava de muito perto, o rosto da pessoa dizia sua própria história. Uma que nem sempre concordava com a palavra falada tampouco.

A expressão de Talorc era uma mistura de pesar e retidão, ambas em conflito com a afirmação dele.

—Isso foi na mesma noite que ele lhe fez casar com seu primeiro no comando — Niall disse com uma piscada.

Ah, isso explicava. Seu marido não tinha nenhum desejo de pensar que ele era como a inglesa que chamou de cadela.

—Não foi o mesmo. Eu não organizei para que ela acasalar-se com um estranho de uma terra estrangeira. Caitriona conhecia Sean do tempo que ela era um bebê, e eles gostavam um do outro o suficiente. — Mas algo na expressão de Talorc disse a Abigail que ele podia sentia culpa por suas ações.

Ela gostou dele por isto. Ele se importava que pudesse ter machucado sua irmã. Era algo que Abigail podia aferrar-se com respeito a seu próprio futuro. Isto esperava.

—A primeira vez que ela casou? — perguntou.

—Sean morreu em batalha. Cait casou com Drustan, segundo no comando do Balmoral.

—Não é estranho que agora sejam aliados.

Niall bufou. Não disse uma palavra, mas tinha uma expressão de descrédito que Abigail viu vezes demais para não reconhecer. Talorc deu a seu guerreiro um olhar furioso para silenciá-lo... embora não

teve efeito aparente.

—Sua irmã e a minha própria não fariam isto de outro modo — Talorc disse.

Havia definitivamente mais do que estava falando, mas Abigail foi pega por uma verdade acima de todas as outras.

—E você as escutou? — ela perguntou em um verdadeiro choque.

Seu padraсто nunca admitiu tomar o conselho de uma mulher, até mesmo de Sybil.

—Era uma boa aliança para fazer.

—Sim, era. —Niall inclinou a cabeça em direção a Abigail. —Sua noiva está tão cansada, que mal pode ficar em pé.

—Ela precisa comer.

—Deixe-a comer na tenda, onde ela pode dormir depois.

—Você pensa me aconselhar sobre como tratar minha noiva? — Talorc perguntou, parecendo perigoso.

—Por que não? — Abigail perguntou. —Ele é seu segundo no comando, não é? Seguramente a ele é permitido ter uma opinião. —Ela não estava tentando ser rude, mas percebeu que depois de formular essa pergunta podia ser tomada daquele modo. Ela simplesmente queria entender o modo das coisas dos Highlanders.

O sorriso de Niall poderia ser considerado assustador para alguns, mas Abigail viu a honesta diversão espreitando em seus olhos cinza.

—Sua esposa é mais vivaz do que eu pensei.

—Ela é.

—Não recua ante mim.

Ele pareceu muito contente e surpreso por este fato.

—Eu notei que você segurou o braço dela.

—Caso contrário teria caído. —A cabeça de Niall se curvou em desculpa.

—Ela está aqui mesmo. —Abigail franziu o cenho para os dois homens grandes.

Realmente. Ela estava acostumada a ser ignorada por sua família, mas isto estava saindo do controle.

Pelo bem ou para o mal, Talorc deu a ela sua total atenção.

—Niall não é meu segundo no comando. O irmão dele ocupa este lugar.

—Mas... — ela não entendia. —Qual é seu irmão? — ela olhou para os outros guerreiros, não vendo qualquer um que parecesse poder dar ordem a Niall.

—Barr tem o comando do clã enquanto estou fora — Talorc respondeu.

—Entendo. Então, Niall é seu segundo no comando no momento. —Concordou, satisfeita por sua habilidade de raciocinar apesar de seu atual estado de exaustão.

Talorc não respondeu. Nenhuma dúvida de que ele não desejou admitir que ela estivesse certa.

—Eu esperarei ansiosamente para encontrá-lo, então.

—Por quê?

—Porque ele é seu segundo, e eu gosto de seu irmão. Eu estou destinada a gostar dele.

—Você gosta de Niall? — Talorc perguntou.

—Você não precisa ser tão incrédulo. Eu não odeio os escoceses como você faz com os ingleses.

—A maioria de nosso clã acha Niall intimidante.

—Então eles devem achar você positivamente apavorante.

Isso fez Talorc parecer satisfeito e Niall sorrir, o que pelas chocadas expressões dos outros guerreiros não devia acontecer frequentemente.

Abigail decidiu que teve o suficiente da discussão e de tentar estar acordada quando tudo que queria era dormir. Então, fez uma mesura e se desculpou antes de se esconder na tenda. O luar brilhante filtrava entre as bordas dos plaids drapejados que faziam as paredes da tenda e logo seus olhos se ajustaram.

Ela apenas tinha removido seus sapatos, assim poderia se acomodar nas peles, quando Talorc juntou-se a ela, fazendo o quarto já pequeno parecer opressivamente lotado. Ela fugiu para a borda da tenda para dar lugar a ele.

Ele lhe deu uma maçã.

—Coma.

Ela pensou em discutir, dizer que só queria dormir. Só que provavelmente iria tomar mais esforço para convencer o grande guerreiro do que comer logo.

Aceitou a maçã e tomou uma mordida. Fresca e suculenta, o sabor da fruta explodiu sobre seu paladar, lembrando a seu corpo quanto tempo que passou desde que tinha o estômago alimentado. Quando terminou com a maçã, ele lhe deu um odre de água para beber. Ela bebeu e então se encontrou presenteada com um naco de queijo amarelo e um pãozinho duro. Ela comeu o queijo.

Porém, depois de uma mordida no pãozinho duro e mastigando-o pelo que pareceu uma eternidade, ela o colocou de lado.

—Eu guardarei esse para manhã.

—Eu fornecerei a você comida para quebrar seu jejum pela manhã. —Sua aparência era carrancuda.

—Eu estou satisfeita.

Ele estreitou seus olhos.

—Você tem certeza?

—Eu não sou um guerreiro. Eu não preciso de tanto.

—Eu não terei você enfraquecendo, esposa.

Ela sentiu um rubor subir por suas bochechas pela sua reivindicação verbal sobre ela.

—Eu não irei.

—Você é pequena.

—Mulheres Highlanders são tão maiores, então? Emily não mencionou tal coisa em suas cartas.

—Não, mas você é frágil. —Ele disse a última palavra torcendo a boca.

Ah, a coisa da debilidade novamente.

—Emily não é maior do que eu, e está indo muito bem entre seus irmãos.

—Ela vive entre os Balmoral.

—Mesma coisa.

—Não, não é. —Ele franziu a testa ferozmente. —Nós somos os Sinclair, eles são Balmoral.

—Não existe nenhum Chrechte entre eles? — perguntou ela, tentando entender o ponto de vista de seu novo marido.

Talvez ele pensasse que os guerreiros mais ferozes eram um perigo para ela. Entretanto isso não fazia muito sentido para ela tampouco, mas então muito dos modos de pensar dos homens não faziam.

—O Balmoral é Chrechte.

—O marido de Emily?

—Aye.

—Aí, você vê? Eu estarei bem. —Ela poderia estar afligida, mas isso só a tinha feito mais forte, não tinha encorajado a debilidade.

Entretanto só Emily tinha conhecimento de tal coisa.

—Você pensa em me comparar ao Balmoral?

Ela decidiu que seria melhor se responder com o encolher de ombros tão popular entre os guerreiros Highland.

Ele agitou sua cabeça como se incapaz de acreditar nela.

—Você é uma Sinclair agora, você não irá esquecer isto.

—Confie em mim, é improvavelmente que eu esqueça. —Ela era surda, não maluca.

—É hora de dormir.

—Finalmente — ela murmurou quando girou e tentou achar um lugar para deitar onde não colocaria seu corpo em contato com o dele.

Ele não tinha esse tipo de escrúpulo. Enquanto tirava o plaid e a camisa, não fez nenhum esforço em evitar roçar nela com primeiro um braço e então sua perna.

—Nós estamos em terra Sinclair então? — ela perguntou com um chiado que não poderia ter certeza de ter sido suficiente alto para ser ouvido.

Ele girou olhando fixamente para ela.

—Nay.

—Mas...

—Dispa-se. Você não dormirá toda torcida por cima de seu plaid.

—Eu...

Ele soltou em uma respiração impaciente.

—Você pode remover seu plaid debaixo das peles para proteger sua modéstia.

Ele devia ter pensado sobre isso antes de desesperadamente comprometê-la ficando completamente nu na frente dela. Nunca tinha visto o corpo de um homem antes, e ela achou tanto assustadoramente repulsivo quanto inexplicavelmente fascinante.

Ele não fez nenhum movimento para se cobrir enquanto ela olhava fixamente para ele em impotente curiosidade. De fato, a parte que deveria ter coberto, e que ela definitivamente não deveria estar olhando, começou a crescer. Ela se lembrou que ele mencionou tal fenômeno de manhã, quando explicou sobre o leito conjugal. Mas não tinha entendido o que ele quis dizer. Agora, ela entendia.

Oh querido, *ela realmente entendeu*. Era bastante surpreendente e completamente mortificante. Especialmente desde que ela não conseguia desviar o olhar.

— Isto é... — ela lambeu seus lábios e tragou. — Fica maior? — ela foi incapaz de evitar perguntar.

— Continue olhando-o como uma gata pronta para lambear creme, e ficará.

Ela sacudiu com suas palavras.

— Eu... eu... não estava. Não pensava sobre lambear. — *Lambendo?* Ele estava verdadeiramente sério? Parecia, nenhum relampejar de diversão em sua expressão. Mas *lambear*?

Ele lhe disse que poderiam fazer isto. Saborear um ao outro em tal intimidade. Tinha pensado que seguramente ele deveria estar exagerando, brincando com sua ignorância. Claramente, ele não fez. Oh, Deus.

Ele esperava que ela fizesse isto agora?

Ela a agarrou.

Surpreendentemente, ela não desfaleceu novamente. E mostrando uma falta completa de preservação própria, ela não fez nenhum movimento para correr gritando da tenda.

O rosto dele mascarando uma emoção muito feroz, o vazio aludindo a isto, ele desatou seu cinto. Ela o agarrou e olhou fixamente para ele, incapaz de verbalizar uma pergunta ou reclamação.

Ele não disse nada. Nenhuma palavra de conforto, nenhuma exigência para que ela não o impedisse.

O fogo estava queimando em seu olhar azul com luxúria? O desejo de um homem por uma mulher não era algo com que ela tinha qualquer experiência. Entretanto, Jolenta contava histórias, implicando o tempo inteiro que Abigail nunca teria de se preocupar sobre tal coisa.

Aquilo não é o que eles *todos* pensavam, inclusive Abigail?

Sybil não disse publicamente que pensava que Talorc não sentiria desejo por Abigail, mas deu a entender muito claramente. E ainda assim, não era o que Abigail via em seus olhos neste momento?

— Você me quer? — ela perguntou, uma vez mais mostrando que seus dons de autopreservação estavam em seu ponto mais baixo.

Mas ela verdadeiramente precisava saber.

— Sim.

— Mas eu sou inglesa. — *Cale-se, Abigail*. Ela falou mais com seu marido no último dia do que frequentemente fazia em uma semana. Seguramente podia parar de falar. Mas as palavras continuavam estalando para fora dela.

— Eu não reivindicarei você agora — ele disse, ignorando seu último comentário.

Então por que desejava despi-la? Esta pergunta ela conseguiu manter para si mesma. Por pouco.

Ele puxou seu cinto e, por vontade própria seus dedos o liberaram. Seguramente não teria feito assim de propósito. Ele o puxou e começou a desfazer as pregas de seu plaid. Choque e uma estranha agitação em seu ventre a mantiveram imóvel enquanto ele removia o tecido azul, verde e preto de seu corpo.

Quando terminou, ele se ajoelhou e permaneceu imóvel. Sério. Em silêncio, mas o olhar dele falava tudo o que ela poderia interpretar na mensagem. Sua blusa apenas alcançava suas coxas e sua

regata só algumas polegadas mais abaixo, mas pelo menos ela não estava tão nua quanto ele. Isto era algo. Então, por que sentia como se ele pudesse atravessá-la com seu olhar?

De repente, ela lembrou que as peles onde eles se ajoelharam não eram apenas para amortecer seus corpos do chão duro. Elas ofereceriam proteção do calor incendiário de seu olhar.

Quando ela fugiu para ficar sob as peles, ele a parou com uma mão em sua perna nua.

—Os ingleses dormem em suas roupas, então?

Ela agitou a cabeça em silêncio.

Ele começou a arrastar a bainha de sua blusa.

Ela a agarrou e a segurou no lugar.

—Você disse que eu poderia me despir debaixo das peles.

Ele pareceu que fosse discutir, mas depois de alguns segundos concordou.

—Faça isto.

Ela engatinhou debaixo da pele, mantendo seus olhos longe do duro membro entre as pernas dele. A carne realmente cresceu para proporções verdadeiramente intimidantes. Dentro de segundos, ele juntou-se a ela, mostrando que sua suposta prorrogação era uma falsa espera. Ela podia até sentir a perna nua dele tocando as suas debaixo das suaves peles.

Ela se moveu, mas ele pôs esse braço duro como pedra, que a manteve segura em seu cavalo por tantas horas, ao redor de sua cintura e a arrastou para perto dele.

—Vamos nos livrar disso agora.

Ela estava tão perdida em seu nervosismo que mal podia ler seus lábios à medida que ele falava, muito menos dar sentido as palavras.

Sua grande mão pegou a bainha de sua blusa novamente, explicando aos sentidos dela o que seu cérebro se recusava a entender. Ele não esperou por seu consentimento, só começou a puxar a blusa para cima, e então ela já não estava, deixando-a vulnerável vestida só com uma muito-fina regata. Segundos mais tarde esta também tinha ido, deixando-a completamente nua, fora o banho, pela primeira vez em sua vida adulta.

Mesmo que temesse o desconhecido, ela não temia a ele. Ele disse que não a tomaria até que estivessem em terra Sinclair. Ela confiava nele para manter sua palavra. Algo bem no seu interior lhe disse que podia.

—Você é minha — ele disse, uma selvagem expressão em seus olhos.

Ela não podia fazer nada além de concordar.

Ele estendeu a mão e puxou a aba sobre a tenda, cortando a luz do céu que rapidamente ia se desvanecendo. Existia apenas luz suficiente para ver sua forma, muito menos para ler seus lábios.

Ela podia dizer que ele disse algo, mas não o que era.

Ela estendeu a mão e a colocou contra os lábios dele.

—Sem conversar.

Ela não tinha nenhuma ideia de como ele recebeu a ordem, mas nada podia tê-la preparado para o beijo que ele lhe deu. Seus lábios a dominaram, exigindo a entrada em sua boca, silenciosamente reivindicando o seu direito sobre dela.

Não podia fazer nada além de permitir a seus lábios se separarem. Inexplicavelmente, ela almejava tal intimidade. A língua dele escorregou entre seus lábios separados, deslizando por seus dentes. Ele tinha gosto de maçãs e o biscoito seco que ela não comeu, mas mais que isto. Havia um silvestre e selvagem gosto dele, que seus instintos de mulher disseram era nada além que seu marido.

E ela, que nos últimos dois anos esteve morrendo de fome por algum afeto, não podia conseguir o suficiente. A sensação verdadeiramente íntima de saboreá-lo de um modo que ninguém mais teve o direito de fazer era imediatamente viciadora. Ela saboreou sua língua com a sua própria. Ele permitiu pacientemente sua ingênua exploração, por longo momento. Uma sacudida como um raio queimou a distância toda até a sua parte mais feminina quando a paciência dele se esgotou e ele começou a chupar em sua língua.

Ela parou de se importar que estivesse nua, parou de se preocupar que ele também estava, e simplesmente festejou a surpreendente e feliz conexão entre eles.

Ele rolou para cima dela, seu corpo mais quente do que as peles. Em lugar de se sentir assustada por ser coberta pelo enorme guerreiro, Abigail sentiu segurança, diferentemente de qualquer coisa que ela já tivesse conhecido. Seu joelho duro pressionou suas macias coxas para separá-las e ela não resistiu.

Aquela grande, dura virilidade esfregou contra o ápice de suas coxas, e ela pensou que ela poderia morrer pelo prazer disto. Ela sabia que eles realmente não estavam copulando; ele não estava dentro dela como ele disse que estaria. Mas ela não podia imaginar qualquer coisa mais pessoal. Isto era algo que ela nunca compartilharia com outro.

Algo que ele daria somente para ela. Ele lhe disse isto, também.

Sua boca deslizou de seus lábios para mover abaixo de sua mandíbula e então sobre seu pescoço, onde ele parou. Ela esperou, respirando entrecortadamente, ofegando. Finalmente, ele quebrou a expectativa do momento.

Ele suavemente mordeu a junção de seu pescoço e ombro, apertando o suficiente para sentir o círculo de reindicação que deixavam seus dentes. Ela não pensou que ele romperia sua pele, mas seus dentes pareciam incomunmente afiados. Ou talvez seus sentidos simplesmente estivessem realçados.

Para níveis quase insuportáveis.

Ele começou a chupar forte e ela soube que deixaria uma marca. Ela não conseguia se importar. Ao invés, ela arqueou seu pescoço em um silencioso convite para prolongar o prazer inesperado. Seu corpo estremecia emocionado e excitado, a maravilhosa sensação de seu beijo era quase insuportável.

Seus dentes deslizaram de sua pele e ele lambeu a pequena mordida, construindo prazer em cima de prazer.

Seu corpo contorceu-se contra o dele, embora não fosse consciente do que estava fazendo. Suas peles deslizaram ao longo uma da outra. E isso era delicioso. Incrível. Como podia qualquer mulher resistir a tal prazer?

Seus quadris arquearam em busca de algo que ela não podia nomear.

Umas mãos fortes pressionaram seus quadris para baixo, detendo seus movimentos.

Então ele ficou de joelhos e sua boca traçou uma ardente trilha descendente até alcançar seu seio. Quando o beijou da mesma forma que beijou seu pescoço, ela sentiu um afiado grito deixar sua

garganta. Mas quando prestou similar atenção ao seu mamilo não pode fazer nada exceto deixar escapar um silencioso gemido de indefinível prazer. Ele tocou, primeiro com sua língua e então com seus dentes, até que ela pensou que ela morreria pelo desejo indescritível e insatisfeito que percorria seu corpo.

Mas sua boca não se deteve ali; baixou ainda mais, parando várias vezes ao longo do caminho que ele fixou para si mesmo. Todo tempo, ela pensou que alcançaria algum pináculo de prazer que poderia bem a matar, mas em cada caso, ele partia quando seu corpo beirava o precipício.

Quando sua boca cobriu sua carne mais íntima, ela estava tão submersa no prazer que ele proporcionava, que não pensou em protestar. Ele a lambeu e então apunhalou dentro dela com sua língua, não tão profundo para violar sua virgindade, mas o suficiente para ela se sentir irrevogavelmente marcada como dele.

Faziam um quadro vivo tão incrível, que sua mente se recusava a imaginá-lo — a cabeça dele entre suas pernas, seus beijos íntimos tão intensos que ela mal podia respirar. Ele estendeu ambas as mãos para cima, primeiro pondo as mãos em concha nos seus seios, como se pesasse as pequenas curvas antes de beliscar ambos seus mamilos de uma vez. Ela gritou... não sabia se foi baixo ou não, e não podia se importar se os guerreiros dele ouviram.

Ele mudou o modo que sua língua se movia nela. O precipício de prazer que ela sentiu repetidas vezes se fez mais próximo, até que a atravessou e quando as convulsões sacudiram seu corpo, este ficou rígido. Ele a levou pelo prazer e em uma série de pequenas explosões internas, até que seu corpo caiu mole contra as peles abaixo dela.

Ele emergiu de entre suas pernas e agarrou sua mão. Ele a colocou sobre o calor ardente de sua ereção. Ela curvou seus dedos ao redor dele convulsivamente. Ele envolveu a mão dele ao redor da dela e começou a mover a ambas sobre o calor de sua masculinidade.

Seus quadris para frente e para trás, a mão dele ao redor da sua apertava tanto que beirava a dor. Então ela o sentiu dar um grito triunfante, o som batendo no ar ao redor deles, apesar dela não poder ouvir. Líquido quente caiu sobre seu estômago e seios, chamuscando-a com outro ato da possessão dele.

O lobo de Talorc uivou seu triunfo enquanto o guerreiro gritava seu prazer e sua semente disparava sobre a sedosa pele de sua esposa. O clímax durou mais do que qualquer orgasmo que ele já teve, cada jato que aterrisava contra a pele dela dava a seu lobo um prazer selvagem que Talorc não podia nem desejava negar.

Quando terminou seu clímax, ele se debruçou adiante e começou a esfregar sua semente na pele dela, marcando Abigail de um modo inconfundível para todos os guerreiros Chrechte reconhecerem.

Diferentemente de outras mulheres que poderiam ter reclamado por algo tão grosseiro, Abigail se deitou complacente abaixo dele quando ele acariciava até a última gota de sua semente na pele dela, até que ela estivesse tão completamente marcada com seu odor que seu próprio lobo teria dificuldade para distinguir a diferença entre seus corpos.

Ela era sua e todos saberiam disto.

CAPÍTULO 6

Abigail acordou sozinha.

Depois de uma pontada de decepção inicial, o alívio a inundou. Ela não sabia como encarar Talorc depois de seu comportamento devasso na noite anterior. Tinha parecido tão natural então, mas na primeira luz do dia, pareceu aberrante. Ela desejou que pudesse convencer-se que tinha sido um sonho vívido. Um sonho surpreendente e escandaloso.

Qualquer coisa exceto a realidade embaraçosa que era.

Homens e mulheres realmente se envolviam em tais atos como uma ocorrência normal no leito conjugal? Independentemente se outros o fizessem, ela tinha a sensação de que ela e seu marido fariam. Talorc não era um homem para negar-se o que via como dele, ela pensou. Adicione isso a afirmação de Talorc, na manhã de suas bodas, que ele esperava que ambos encontrassem prazer em sua cama de casal compartilhada, e fazê-lo novamente seria uma questão definida, é claro.

Pelo menos até que ele soubesse a verdade de sua aflição.

Ela somente poderia ser grata por ter experimentado os mistérios de sua própria feminilidade até então.

O que antes a aterrorizava havia se tornado uma jornada que estava ávida para seguir. E isto, tanto quanto o que tinham feito na noite passada, a mortificava.

Era uma verdadeira desavergonhada.

Certamente, ela não devia estar tão ávida. Não que o decoro importava de uma maneira ou de outra. Ela passou muito tempo escondendo sua surdez, ela não tinha tempo para subterfúgios para mascarar essa recente necessidade. E sem estômago para fazer isso também.

Com essa verdade ressoando em sua consciência, ela se sentou e olhou ao seu redor. Nenhum sinal de Talorc. Novamente alívio a assaltou. A aba estava para baixo na tenda, mas a luz da manhã filtrava da parte externa. Parecia como a luz calma do amanhecer. Conhecendo seu laird, ele esperaria para retornar a sua viagem ao norte, em breve.

Ela puxou a pele que a cobria e agarrou sua regata, mas parou e enrugou seu nariz. Ela cheirava como ele. *Como sexo com ele.*

Não foram apenas suas bochechas que coraram, mas seu corpo inteiro conforme renovado embaraço a inundava. Ela poderia apenas esperar que seus soldados não notassem a fragrância de sexo acima do fedor dos cavalos e seu próprio suor.

Daria todo seu estoque de ervas que trouxe com ela por um riacho onde pudesse se lavar agora mesmo. Não porque não gostasse do cheiro da semente de Talorc sobre ela, o que causou outra onda de vergonha nela. Ela deveria achar isto ofensivo em lugar de estranhamente satisfatório, não deveria?

Porém, independentemente de sua estranha reação para a situação, ela dificilmente queria que todo mundo soubesse o que fizera com seu novo marido na noite anterior.

Ela sentiu a vibração de passos pesados fora da tenda e se afundou nas peles. Ela mal tinha se coberto quando a aba virou para trás da tenda e Talorc franziu o cenho para ela.

—Então, você está acordada.

O medo familiar afundou em seu estômago, como uma pedra. Tinha perdido alguma coisa. Novamente.

—Você estava me chamando? Eu acabei de acordar.

A carranca diminuiu um pouquinho.

—Se você quiser comer antes de levantarmos acampamento, você precisa fazê-lo agora.

—Eu prefiro me lavar.

—Não há tempo.

Parecia como se esse fato lhe satisfizesse por alguma razão.

—Cheiro a mmm...

—A mim.

—Sim.

—É como deve ser.

—Você verdadeiramente é selvagem, não é?

—Sim. —Sorriu, claramente inalterado pela pergunta.

Pelo menos ela não o insultou. Às vezes falava sem pensar, e não queria ofendê-lo. Ela mesma não estava certa se estava intimidada ou encantada pelas exhibições primitivas de seu marido.

—Você deseja que eu traga sua comida para você aqui?

—Isso não será necessário. Vou me vestir agora mesmo. —Bom, assim que ele saísse para lhe dar alguma privacidade.

Ele não mostrou nenhum sinal de fazer isso, no entanto.

—Eu não desejo me vestir na frente de uma tenda aberta.

Ele deixou cair a aba para fechar atrás dele, movendo-se completamente dentro da tenda.

Perplexa, ela olhou para ele.

—Você deseja que eu me vista na sua frente.

—Você já sabe como firmar suas pregas?

—Um... não?

Ele encolheu os ombros como se essa fosse a única resposta que precisava.

Ela conseguiu pegar sua regata e camisa embaixo das peles antes de sair para permitir ajudá-la com o plaid. Era duro de ficar nos limites pequenos da tenda, mas ela conseguiu, com sua ajuda. Quando ela estava vestida e prestes a deixar a tenda, ele colocou sua mão em seu braço.

Ela olhou de volta a ele por cima de seu ombro.

— Eu verei tudo de você. Em breve.

Ela não respondeu, apenas saiu da tenda.

* * *

Ela montou seu próprio cavalo essa manhã, uma bonita égua branca, o garanhão de seu marido parecia ter uma predileção por ela. Talorc manteve seu cavalo posicionado entre o seu e o de Niall para o longo passeio matutino. Quando eles pararam para dar água aos cavalos e comer novamente, o sol estava alto no céu. Os dias no verão eram longos e, ela não tinha dúvida nenhuma, eles gastariam a maior parte da luz cavalgando.

Mantiveram um ritmo rápido, que não se viu turvado pela velocidade como no dia anterior. Abigail estava contente. Ela era uma boa amazona, mas ela ficaria nervosa cavalgando tão rápido sem o braço forte de seu marido para mantê-la plantada no dorso do cavalo.

A pausa foi pequena e ela se forçou a montar sua égua sem reclamar. Ela não acrescentaria à convicção de Talorc que era fraca.

Eles tinham montado por uma hora quando ele agarrou suas rédeas e forçou-a a encontrar seus olhos.

—Concorde, esposa.

—Claro — disse, antes que pudesse pensar algo melhor.

—Eu direi a você quando for seguro falar novamente.

Ah, ele tinha instruído seu silêncio.

Ela assentiu.

—Bom. —Ele balançou a cabeça. —Você é uma mulher extraordinária.

Porque falava pouco exceto em uma conversação direta com alguém? Era um traço de necessidade apenas. Ela gastaria mais tempo conversando, se pudesse confiar que não trairia seu segredo fazendo-o. Como estava, seu silêncio na hora errada era suficientemente condenatório.

Eles pararam para dar água aos cavalos novamente, mas não desmontaram, assim como no dia anterior. Desta vez, entretanto, ela notou que ninguém falava. Os guerreiros estavam todos alerta, e Talorc parecia mais sombrio do que o habitual.

Ela encontrou os olhos de Niall e fez uma pergunta com os seus.

—Território inimigo — ele murmurou.

Seus olhos se arregalaram. Não lhe ocorrera que eles teriam de atravessar território inimigo para chegar à terra dos Sinclair. Ela não se lembrava da menção dos soldados do seu padrasto tendo de fazer quando eles escoltaram Emily às Highlands há quase três anos.

De repente, Talorc estava lá, e ela estava sendo varrida do seu cavalo para o dele. Ela aterrissou contra seu peito com um suspiro silencioso.

Ele olhou para ela com uma expressão feroz, como se preparado para ela discutir a mudança. Ela simplesmente deixou-se ficar mole contra ele, e fechou seus olhos para dormir.

Ela não era um guerreiro, e se ele ia dar-lhe uma oportunidade inesperada de um cochilo neste passeio extenuante, ela iria tomá-lo.

Sentiu sua surpresa, mas ignorou quando seu braço envolveu-a próxima e segura contra ele. Ela estava adormecida, um momento depois.

Desconcertado, Talorc segurou sua esposa dormindo contra ele.

Ele não estava certo do que o levou a colocá-la em seu cavalo com ele. Ela estava cansada, mas sua ação foi uma reação instintiva a troca muda entre sua esposa e seu guerreiro na água.

Talorc não tinha nenhuma ideia de que ele e seu lobo se tornariam tão possessivos com uma mulher, particularmente uma inglesa. Ele não tinha reagido deste modo com Emily, há três anos ele não tinha nenhuma intenção de casar-se com a inglesa enviada a ele por ordem de seus reis.

Essa deve ser a diferença neste momento. Abigail era, indiscutivelmente, sua esposa, não uma mulher que ele deveria se casar.

Sim, devia ser isso.

Ela se moveu no sono, mas não fez nenhum som. Não que importaria agora. Eles estavam em território mais seguro agora, e estariam até amanhã ao meio-dia, quando cruzariam a propriedade Donegal. As pessoas de Donegal não eram inimigas de Talorc, mas o outro clã não estava feliz com decreto do rei para ceder as terras das fronteiras disputadas com ele.

—Ela é surpreendente.

Talorc sentiu um rosnado se formando em seu peito com as palavras de Niall, mas ele meramente grunhiu em resposta a seu comentário.

Não existia nenhuma razão para o ardente ciúme dentro dele. Niall estava emparelhado, embora essa pessoa permanecesse inconsciente do vínculo entre eles. Os humanos podiam ser engraçados sobre a forma natural das coisas.

Indiferentemente, Niall nunca poderia ser infiel a sua alma gêmea, ainda que o guerreiro Chrechte marcado nunca realizara uma verdadeira reivindicação. Ele era, de fato, o mais seguro dos companheiros para a esposa do Talorc. Até seu lobo reconhecia isto.

E ainda assim, o ciúme permaneceu.

Se ele tivesse conhecimento que tomar uma esposa viria com tais complicações, Talorc teria desobedecido a seu rei, recomendando a seu soberano escolher um laird diferente para dar tal honra. Mesmo enquanto tinha o pensamento, seu lobo rosnou ferozmente em resposta a ideia de Abigail casada com outro.

E com este último, Talorc soube que suas frustrantes divagações eram mentiras.

—Ela não tem medo de mim. — Niall disse, trazendo a atenção de Talorc para o soldado.

—Eu notei.

—Eu penso que ela *gosta* de mim.

Talorc mudaria para forma de lobo e rasgaria a garganta do outro homem se pensasse que Niall queria dizer algum desrespeito, mas ele sabia que o guerreiro desfigurado não dizia deste modo.

—Ela não vê as cicatrizes.

—Não. — Niall pareceu confuso por esse fato.

Talorc não respondeu. Não existia nada para dizer. Niall assustava a maioria das mulheres de seu clã. A maior parte dos homens, também, quando ele estava perto.

—Ela dorme em seus braços como se confiasse em você com sua própria vida.

—Ela tem uma escolha? — Ele era seu marido. Ela não tinha melhor proteção.

—Não — reconheceu Niall — mas ela não tem medo.

—Ela teme algo. —Ele notou a apreensão imediatamente, e acreditou que significava que ela era fraca. Agora não estava tão certo.

—Sim. Mas não a você.

—Ela está nervosa com o leito conjugal.

—Você a reivindicou ontem à noite. Todo guerreiro Chrechte aqui pode cheirar isto. Inferno, até um guerreiro humano poderia.

Assim como ele quis que fosse.

—Não completamente.

—O que está esperando? — Niall franziu o cenho. —Você não vai tentar anular o casamento?

—Você acha que ela é uma companheira adequada para seu laird?

—Antes de nós a encontrarmos, eu teria dito não. Era inglesa.

—E agora?

—Ela não comparou você com um bode ainda.

—É certo.

—Então, você a manterá?

—Ela é minha.

—No entanto, você espera para reivindicá-la totalmente.

—Eu não realizarei o ritual de acasalando Chrechte em qualquer terra, mas na minha própria.

Compreensão raiou nos olhos de Niall.

—Então, é por isso que estamos montando tão malditamente rápido. Nós não mantivemos esse ritmo a caminho da propriedade MacDonald.

—Eu quero chegar em casa. — Talorc rosnou.

Abigail se mexeu em seus braços e inclinou a cabeça para poder ver seu rosto.

—Eu dormir muito? — Ela sussurrou.

—Aye.

Ela corou, mas não disse mais nada.

—Você pode falar — ele disse a ela.

—Nós saímos da terra de seus inimigos?

—Aye.

—Os soldados de meu pai não disseram nada de terem que passar por território inimigo quando estavam na Escócia escoltando Emily.

—Todo o tempo que estiveram fora da Inglaterra estavam em território inimigo.

—Mas nossos reis são aliados.

Talorc encolheu os ombros.

Ela cruzou seus braços e olhou-o.

—Você faz isso toda vez que você não quer responder.

—O quê?

—Encolhe os ombros.

Ele fez novamente. Só para ver o que ela faria.

Ela riu uma música suave e débil que lhe fez querer beijar seus lábios.

Ela gritou enquanto ele se inclinou para fazer exatamente isso, mas ele também engoliu aquele som. Ela tinha gosto de inocência sonolenta.

Quando ele ergueu sua cabeça, ela parecia aturdida.

Niall riu alto e longo.

—Acredito que levará um pouco de tempo para acostumar-se com suas maneiras.

Os outros soldados Chrechte ao redor deles olharam fixamente para Niall, como se nunca o tivessem visto antes. Verdade, o homem raramente ria. Ok, até essa viagem, Talorc não o ouviu fazer em anos, mas isso não era razão para olhá-lo embevecidos como um grupo de mulheres fofoqueiras.

Ele deu a seus guerreiros um olhar que disse isso a eles, e estes voltaram a observar o terreno como deveriam fazer. Talorc nunca perdeu a consciência de seu ambiente, até quando sua boca moldava a de Abigail.

—Nós estaremos na propriedade Sinclair logo?

—Nós estaremos na terra de Sinclair amanhã à tarde.

Ele sentiu a tensão a encher. Ela sabia exatamente o que isso significava.

—Você não acha que seria melhor esperar até que alcançássemos sua fortaleza?

Ela não disse o que seria melhor, mas ambos estavam completamente cientes.

—Não.

—Oh.

Seu lobo mataria alguma coisa se Talorc fizesse a besta esperar para reivindicar sua companheira.

—Por que você me tirou do meu cavalo mais cedo? — Ela perguntou.

—Você estava cansada.

—Você notou? — Ela soou envergonhada pela possibilidade.

—Aye. —Ele tinha, mas também notou a forma que ela estava ligada com Niall, e racional ou não, seu lobo insistiu que Talorc marcasse sua reivindicação.

—Você não é como eu esperava.

—Por quê?

—Você odeia os ingleses e você teria matado meu padrasto sem pestanejar, mas você me mostrou consideração.

—Você é minha noiva.

—Emily era para ser sua noiva, mas você não foi tão considerado com ela.

—Eu não tive nenhuma intenção de casar com Emily.

—Então, por que concorda em se casar comigo?

Ele tinha vivido quase três anos mais sem uma companheira e percebeu que ele provavelmente nunca iria encontrar uma.

—Meu rei ofereceu incentivo suficiente.

—Meu dote.

—Aye.

—Pelo menos você consegue algo que quer deste casamento. —Ela quietamente falou, quase como se para si mesma.

—Eu quero você, também.

—Você não quer uma esposa inglesa.

—Você não é inglesa.

—O que eu sou, então?

—Minha.

* * *

Abigail estava montada uma vez mais em seu próprio cavalo no dia seguinte, quando Talorc fez gestos a seus soldados para parar. Não estava perto do anoitecer e eles deram água aos cavalos recentemente. Tinha sido outro passeio silencioso hoje, e Abigail não se importou minimamente.

Tentar seguir as conversações ao seu redor sobre o lombo de um cavalo era bastante exigente.

Ela não perguntou por que eles pararam porque não sabia se era seguro falar.

Talorc desmontou do seu cavalo, disse algo para Niall e então cruzou para o cavalo de Abigail. Ele pegou suas mãos.

—Venha.

Ela se esticou para ele, permitindo a seu marido ergue-la do cavalo. Ele ajudou-a a ficar em pé, esperando até que seus músculos duros comesçassem a trabalhar novamente.

—Por que nós paramos? — Não que ela estivesse reclamando.

—Você gostaria de um banho? — ele perguntou.

Ela procurou, insegura onde tal feito poderia ser apresentado. Ela não viu fonte de água, mas não permitiu a falta aparente embotar seu entusiasmo. Se ele ofereceu, ele tinha um caminho para fazer acontecer.

—Sim!

Ele riu e então se virou e foi embora. Ela assumiu que supostamente deveria segui-lo, então ela fez. Ele a levou a uma abertura de caverna. Ela hesitou quando ele entrou na caverna.

Ele parou dentro da entrada e estendeu sua mão.

—Venha.

Ela agitou a cabeça.

Ele assentiu.

—E se existem animais selvagens lá?

—Você deve confiar em mim.

—Não é você quem eu desconfio.

—Quem então?

—Animais selvagens. —Ela tragou, tentando molhar sua garganta seca. —Eu não faço amigos facilmente.

Em verdade, ela não tinha feito nenhum desde que descobriu o que a febre lhe tirou.

Mas sua amizade com Jack, filho de Jon o ferreiro, tinha antecedido sua febre.

E ele não a deixou afastá-lo posteriormente. Ele até farejou seu segredo — embora, até hoje, ela não soubesse como. Mas o rapaz disse a ela que não importava e insistiu em ser gentil com ela.

—Então? — Talorc perguntou.

—Existia um menino que brincava com uma menina. O filho do ferreiro de meu pai. Ele foi destruído por um lobo. Eu vi seu corpo. —Ela estremeceu com a memória horrível, nem um pouco enfraquecida nos anos transcorridos. —Foi horrível. A morte vem muito facilmente.

Talorc ficou curiosamente imóvel.

—Você não tem nada para temer de lobos.

—Você acha isso?

—Eu protegerei você.

— Que tal os ursos?

Seus lábios contorceram-se em um meio sorriso, nenhuma impaciência na reticência em seu rosto.

—Você não tem nada para temer, de maneira nenhuma, quando você está comigo.

Ela balançou a cabeça, e isso pareceu agradar-lhe.

—Enviei meu soldado explorador à frente.

—Oh.

Ela o deixou puxá-la para a caverna, e notou imediatamente que em lugar do ar úmido e frio que associava com cavernas, estava morno com um lânguido odor de enxofre. Ele a levou para baixo de um longo túnel, em uma caverna iluminada por tochas e luzes ambientes em algum lugar acima. Sua luz refletida na água de uma grande lagoa no centro. Ao lado da lagoa, as peles que tinham dormindo nas últimas duas noites estavam empilhadas convidativamente perto da água.

Abigail olhou fixamente ao redor maravilhando-se no calor da caverna.

—Uma fonte termal? — perguntou com temor. Ela ouviu falar de tal coisa, mas nunca tinha visto.

—Sim. Uma das razões de lutarmos por esta seção de terra. As fontes têm propriedades curativas.

—Realmente?

—Assim se acredita entre meu povo.

—E estas cavernas são suas agora? Por causa do presente do seu rei?

—Aye. —Talorc sorriu selvagememente. —Entretanto é minha responsabilidade mantê-las.

—Você estabelecerá um posto avançado? — Seu pai tinha postos de guarda nos quatro cantos de suas terras.

Talorc encolheu os ombros.

—Você simplesmente não quer responder ou você não sabe?

—Eu sei que você está atrasando o inevitável com conversaço.

Homem esperto.

—Eu estou nervosa.

—Eu não.

Ela abriu a boca, mas honestamente não soube o que responder para tal arrogância, então a fechou novamente.

Ele sorriu, desta vez quase suavemente, e pegou uma barra de sabão.

—Você pode ter um banho adequado.

—Eu... — este era o Talorc que sua irmã escreveu em suas cartas? Abigail não podia acreditar nisso. —Obrigada.

Teve que piscar para conter as lágrimas. Ninguém exceto Emily já esteve tão preocupado com o seu conforto.

Ele analisou a caverna com satisfação.

—Esse é um lugar apropriado para um acasalamento Chrechte.

—Acasalamento? — Oh, ele quis dizer a união de seus corpos. Calor rastejou junto a sua pele enquanto as imagens assaltavam a sua mente sobre a discussão que tiveram na propriedade MacDonald.

Por alguma razão, ele pareceu desiludido por sua própria escolha de palavras.

—Eu simplesmente quis dizer a revindicação do matrimônio.

Ela balançou a cabeça, não tendo nenhum desejo de discutir, ainda que não visse nada simples sobre a consumação física de seu casamento. Entretanto ele parecia como se esperasse que sim.

Ele indicou a lagoa.

—Você tomará banho agora.

—Na sua frente? — Ela já aprendeu que ele tinha um sentido de modéstia muito diferente do dela, e que o Céu a ajudasse, ele parecia esperar que ela se ajustasse ao dele. Realmente esperava que ela tomasse banho na sua frente? —Assim é como é feito em seu clã? Seus homens e mulheres tomam banho juntos? —perguntou intimamente escandalizada.

—Eu não me ofereci para tomar banho com você, mas se prefere assim, consentirei isso.

Antes de ela poder verbalizar um horrorizado não de sua contraída garganta, ele tirou seu plaid.

Ela olhou fixamente em chocado silêncio quando ele se despiu na frente dela, como fez nas últimas duas noites no isolamento de sua tenda, de noite.

—É só meio-dia. Seguramente você não planeja realizar o de deitar-se agora mesmo? — Ela pensou que ele era atencioso? Ele era pior que o bode que sua irmã o chamou... ele era um bode barulhento sem sentido de decoro ou modéstia. Ou... ou... ou qualquer outra coisa.

—É a hora.

—Não... não... deveríamos esperar até hoje à noite. Você disse que eu podia me lavar, com sabão.

—Eu lavarei você. —Ele diminuiu a distância entre eles antes dela perceber que ele estava se movendo. —Deixe-me ajudar você com isso.

Ela se afastou, mas foi muito tarde. Ele teve seu cinto desfeito muito rápido. As pregas de seu plaid simplesmente caíram, deixando o artigo de vestuário escocês pendurado sobre seu ombro como um longo cobertor. Ele o puxou e logo tinha ido completamente, caindo em um ondular de tecido ao redor de seus pés.

Ela se virou e pulou para a relativa segurança da lagoa, agradecida que diferente de sua irmã mais velha, Abigail tivesse aprendido a nadar. Era mais fundo do que ela esperou, e mais quente que qualquer banho que já tomou. Sua cabeça ficou submersa antes de seus pés tocarem o fundo da lagoa.



A água agitou ao seu redor a partir da entrada de Talorc na lagoa enquanto ela chutou para cima e longe de onde o sentiu entrar.

As mãos dele se fecharam em sua cintura e ela rompeu na superfície bem na sua frente. Ele a estava olhando inquiridor.

—Os ingleses tomam banho em suas roupas, então?

CAPÍTULO 7

—Minha blusa precisa ser lavada. —Que não era nada menos que a verdade.

—Não é o momento para lavar roupa, é o momento para se tornar minha esposa.

—Não... eu...

Ele se debruçou e roçou um beijo sobre seus lábios molhados.

—Sim.

—Mas...

—Eu esperei por muito tempo.

—Só faz duas noites.

—Eu terei você agora.

Ela sacudiu a cabeça.

Ele acenou.

Tal como fez fora da caverna. Só que desta vez, ela não tinha nenhum feroz animal selvagem para se preocupar; só a natureza amorosa de seu novo marido.

Ela se inclinou para trás, tentando pôr distância entre eles.

—Tire sua blusa.

Levando conforto no fato de ele não ter mencionado sua regata, ela puxou a blusa agora completamente encharcada sobre sua cabeça e lançou-a para o lado. Realmente precisaria lavar pela manhã, depois desse tratamento.

Ele a olhou e seus olhos arderam.

—Talvez devêssemos desenvolver uma nova tradição de lavar suas regatas em você.

Ela olhou para abaixo e imediatamente tentou se cobrir. O tecido fino era completamente transparente na água.

—Você não deveria olhar para mim assim.

—Eu sou o único homem que deveria.

—Naturalmente, ninguém mais deve tampouco.

Ele a puxou em sua direção na água aquecida, até que seus corpos escovaram.

—Acostume-se a isso. Gosto de olhar para você.

—Não é decente.

—É.

—Talorc...

—Venha, vamos lavar sua regata. —Ele soltou sua cintura, mas imediatamente escorregou um de seus braços ao redor dela, segurando-a do mesmo modo, firmemente contra ele. Apenas que agora ele fez isso com uma mão livre.

Apoiando na borda do manancial, ele alcançou atrás dele com sua mão.

—Aha. — Ele segurou o sabão em cima para ela ver.

Por um momento a necessidade de Abigail pela limpeza obscureceu sua timidez e ela chegou a ele.

Mas ele sacudiu a cabeça.

—Eu serei sua serva.

A ideia era tão absurda, que ela riu. O som poderia ser histérico; ela não soube. Ela não podia ouvir o som, e por uma vez, não se importou. Seus nervos estavam muito perto da superfície para se importar se sua voz estava trabalhando corretamente nessa ocasião.

—Você deve ser paciente comigo. Esse não é meu papel habitual.

Ela olhou fixamente para ele, incapaz de falar. Ele não quis dizer que ia lavá-la. Ele não podia. E ainda assim, ele não parecia como se estivesse brincando em nada. Sua boca era uma fina linha enquanto seus olhos a devoravam.

—Eu posso lavar a mim mesma.

—O prazer será todo meu.

—Mas...

Mais nenhuma palavra teve a chance de passar de seus lábios antes dele começar a lavar sua regata completamente. Só que cada golpe da barra de sabão sobre o tecido era uma carícia contra a pele debaixo dela. Ele teve a certeza que o sabão tinha tocado em cada centímetro da regata antes de colocar a barra na rocha do manancial.

—Acredito que o próximo é fazer espuma sobre a roupa, aye?

Muito embargada para falar, ela podia simplesmente acenar com cautela.

Usando a mão livre, ele fez exatamente isso, sendo muito mais gentil que a lavadeira e sua ajudante na fortaleza do pai de Abigail. Na verdade, cada movimento de sua mão contra o linho era mais uma carícia que um esfregar. E cada toque a deixava cada vez mais ofegante.

—Você tem um jeito estranho de lavar roupa nas Highlands.

—Você acha?

Uma risada estrangulada conseguiu passar pela sua garganta apertada e ela balançou a cabeça.

—Então você estará aliviada ao saber que isso não é algo comum.

—Só lairds lavam a roupa das suas esposas assim?

—Somente este laird.

—Oh — ela ofegou quando toda pretensão em limpar sua roupa sumiu.

Dedos hábeis e inteligentes a acariciavam através da regata molhada, causando uma sensual fricção contra sua pele. Ela nunca conheceu tal sensação, nem mesmo quando ele a tocou na tenda. Isso era decadência pura, fazendo-a se sentir mais nua usando sua regata do que debaixo das peles nas últimas duas noites.

Ela não soube quando ele a soltou para tocá-la com ambas as mãos, mas elas seguraram e apertaram suas nádegas através do tecido. Ela se sentiu marcada e possuída por aquele simples toque. Em seguida, uma mão deslizou ao redor para desenhar padrões indecifráveis no seu estômago. Devagar, pouco a pouco, sua mão moveu para cima até que ele alcançou seu seio.

Longos e masculinos dedos se enrolaram ao redor dela em uma íntima posse fazendo sua alma queimar. Usando o tecido molhado, ele irritou seus mamilos até que suas coxas tremeram com a tensão de querer mais. Ainda por todo o prazer que ela soube que havia para ter em seus braços, ela não podia fazer-se pedir isso.

Ele continuou a acariciar sua bunda através da camisa e suas pernas se separaram por vontade própria, enquanto lutava contra o desejo de retornar a carícia. Mais por causa do medo de fazer errado do que ao que poderia levar.

—Eu penso que minha regata está limpa — ela disse entre respirações ofegantes.

—Então eu acredito que é hora de lavar você. —Ele removeu sua roupa sem outra palavra.

Ela pensou que se sentiu nua e vulnerável, mas agora sabia que não foi nada em comparação a estar na água sem a barreira de sua roupa íntima.

Ela olhou fixamente a ele.

—Eu devo lavar você?

Os olhos dele se alargaram, dizendo a ela que conseguiu dar voz às palavras, não meramente articulá-las. Como o silêncio entre eles se esticou, ela quis abaixar a cabeça, para se esconder da expressão de sondagem dele. No entanto, não podia dar-se ao luxo de perder qualquer coisa que ele pudesse dizer, então ela permaneceu em uma extrema ansiedade para ver como ele responderia a sua ousadia.

—Você lembra o que eu disse na cabana de MacDonald?

Ela assentiu. Cada palavra tinha sido gravada em seu cérebro.

—Você me tocará como eu toco em você.

—Mas eu não sei como. — Abigail admitiu. Sem importar o quanto ela desejava fazer.

Ela queria dar prazer a ele, como ele deu a ela.

—Você acredita que eu tenho uma vasta experiência tocando mulheres?

Fúria possessiva brotou nela, tomando seu fôlego por um segundo.

—Não é assim? — ela perguntou, no entanto.

—Não.

Seu choque deve ter se mostrado em seu rosto, porque ele sorriu.

—Nosso clã acredita que a penetração equivale aos votos entre duas pessoas.

—Existe uma grande distância entre tocar e deflorar. — Ou isso insistiu sua irmã.

Talorc encolheu os ombros.

Ela franziu a testa.

—O que isso quer dizer?

—Talvez eu tenha tocado uma mulher ou duas, mas nunca com a intimidade deste momento.

—É melhor que não tenha feito. —Ela não soube de onde as palavras ou a ferocidade vieram, mas não se retrairia.

Talorc não pareceu aborrecido. De fato, uma vez mais, ele sorriu.

Ela teria dito a ele para tirar o olhar convencido de seu rosto, mas ele levantou-a contra seu corpo e todo o ar a deixou.

—Se você vai me lavar, faz agora.

Abigail não sabia como ele ansiava que fizesse o que havia dito.

Ele esfregou sua dureza contra ela uma vez antes de liberá-la no outro lado do manancial, onde ela descobriu que podia permanecer sem afundar.

—Ali.

Ela procurou pelo sabão, mas ele agarrou-lhe o queixo, fazendo-a olhar para ele.

—Só suas mãos.

Ela assentiu, partes iguais de terror e desejo lutando dentro dela. Então ela se esticou pela água quente e massageou o braço de Talorc. Ela tinha visto sua mãe fazer isso para seu padrasto quando ele estava cansado ou chateado. Parecia um ato tão íntimo.

Algo que uma esposa faria para seu marido.

Mas pela expressão de Talorc, ela soube que ele esperou mais. Ela quis mais. Ela respirou fundo e, em seguida, colocou ambas as mãos contra seu peito. A pele era mais quente que a água que cobria esses músculos duros, sentia-se como seda coberta de granito sob seus dedos.

Ela usou um movimento de lavar, mas não podia fingir que não estava fazendo nada mais que uma tarefa mundana. Tremeu com a novidade de tocá-lo.

Ele não fez nenhum movimento para dirigi-la, permitindo a ela explorar seu torso no disfarce de lavá-lo. Nenhum falou enquanto ela mapeava seu corpo com as mãos trêmulas.

Ela parou com as mãos descansando contra seu estômago.

—Eu quero tocar em você lá.

Ele não perguntou onde “lá” era; meramente assentiu.

Ela não se moveu.

—Eu tenho medo.

—De quê?

Era sua vez para responder com silêncio e um encolher de ombros. Ela não poderia dar voz a seus medos do que aconteceria sem afastar-se dele naquele momento.

—Você me deu grande prazer estas últimas duas noites.

—Pôs sua mão sobre as minhas — ela o lembrou. Como se ele pudesse esquecer tão pequeno detalhe.

Sem outra palavra, as mãos dele deslizaram sobre as suas e apertaram para baixo. Ela o deixou guiá-la para o membro duro que se sobressaía na água. Saltou quando as pontas dos seus dedos roçaram junto ao seu comprimento. Ele guiou seus dedos para enrolar em torno dele e então moveu suas próprias mãos a seus quadris, segurando-a no lugar.

A carne que se encontrava em suas mãos era quente, dura e viva. Muito, mas muito viva.

Ela elevou os olhos até seu ardente olhar.

—Eu sinto como se estivesse segurando a essência de sua vida.

Antes de ela ter uma chance de sentir-se estúpida por dizer algo tão ridículo, ele deu um sorriso maroto e acenou.

—Muitos homens diriam que isto é exatamente o que você está fazendo.

—Você disse que isto iria... iria...

—Dentro de você? É isso que a preocupa, esposa?

Ela trágou e assentiu.

—Caberá como se fosse feita para me receber e a nenhum outro.

—Você está certo?

—Aye.

—Mas... é... você percebe que existem cavalos pequenos que estariam contentes por serem tão dotados? — Ela foi criada em uma fortaleza, afinal; ela vira mais de um acasalamento equestre.

A cabeça dele inclinou para trás e ela imaginou seu riso expandido em torno da caverna. Não podia ouvir isto, mas podia sentir as vibrações pelo corpo dele.

Ela não estava certa do porque ele achou seu comentário tão divertido. Ela achava muito mais preocupante.

Ele sacudiu a cabeça.

—Eu não machucarei você, moça.

—Você está seguro? Disse que não tem muita experiência.

—Eu estou certo. E isso claramente deveria ser assim.

E sinceramente? Agora mesmo, ela estava menos preocupada com o que estava por vir do que pelo fato que lhe dera sua permissão, ou melhor uma *ordem*, para “lavá-lo”.

Ela moveu as mãos ao longo do grande eixo e os olhos de Talorc caíram fechados enquanto uma feroz expressão assumia o comando de suas características. Ela deixou as mãos aprenderem de um modo que ela não tinha feito as noites anteriores na tenda. Ela explorou a suavidade da pele, apertando a carne para sentir o quão duro ele estava. Era como segurar pedra aquecida.

O corpo do volumoso guerreiro estremecia ante seu toque, e ela não podia evitar sentir que realizasse algo especial.

De repente ele a ergueu da água, quebrando seu agarre de sua virilidade.

—É suficiente.

—Você está limpo? — ela brincou, surpreendendo a si mesma.

Ele lhe deu um olhar pesado, que prometeu prazer e algo mais... revindicação.

—É hora.

Ela não conseguiu responder. Não negaria seu próprio desejo. Já que isso seria uma mentira, mas ela não poderia forçar o acordo por sua garganta apertada.

Por um longo tempo, ele simplesmente olhou para ela. Seus olhos pareceram brilhar amarelos à luz das tochas.

—Você é tão bonita.

—Não como você — ela sufocou.

Ele estremeceu como se surpreso por suas palavras. Mas como poderia estar? O laird Sinclair era um tratado da perfeição masculina.

O longo cabelo negro cintilava mais escuro que a noite ao redor das feições elegantemente esculpidas que evidenciavam força implacável e orgulho feroz. Seu corpo de guerreiro grande e bem

definido era só a manifestação física daquela força. Os olhos que continuavam surpreendendo-a com suas brilhantes profundidades azuis revelavam uma força interior que ela não vira em nenhum outro homem. Eles diziam que Talorc não poderia ser nada menos que laird de seu povo. Nenhuma outra posição seria digna para esse homem muito claramente nascido para liderar.

Agora mesmo aqueles olhos ardiam com estrias de ouro que enviaram alfinetadas de sensações por sua espinha.

Estranhamente, ela achou isso incrivelmente atraente ao invés de assustador. Este homem tinha autoridade sobre sua vida como só seus pais tiveram antes dele. Ele era muito mais forte que sua mãe ou padrasto. Sua personalidade e forma deveriam intimidar, mas ela sentia inexplicável segurança. Neste momento, a Abigail não se preocupava que Talorc usasse seu poder mental ou físico para machucá-la.

Não, sua intenção de dar-lhe prazer era inegável. Confundida pela verdade, mas incapaz de negá-la, ela almejou a experiência. De todos os cenários com que se entretive em suas preocupadas imaginações antes de deixar a fortaleza de seu padrasto, nenhuma incluía que se sentisse atraída por seu marido escocês. Nem sequer em seus sonhos mais bem guardados se permitiu sonhar desejando Talorc, desejar que ele a reclamasse... muito menos a necessidade de reclamá-lo, também.

Mas ele era puro atrativo.

Cada um de seus músculos era esculpido como se definido pelo mais talentoso dos artistas. E eles não tinham sido? Certamente Deus era quem tinha dado a seu marido parte de sua beleza masculina assim como o poder interior, tal como a poucos escolhidos na história conhecida.

—Você é incrível para mim — admitiu ela, não muito segura que sua voz estava funcionando.

Ele disse algo que ela não pôde entender.

Temeu que não desejasse estar com ela neste lugar.

—Por favor. Não...

Por favor, não fale. Por favor, não exponha meu segredo antes de revelar todos os mistérios do leito conjugal. Ela não poderia ter um tempo de normalidade em sua vida? Uma coisa não marcada ou arruinada completamente por sua deficiência?

—É Chrechte.

O alívio não cancelou o medo que se tornou uma parte dela, mas ainda assim foi bem-vindo.

—Eu não entendo Chrechte.

—Você não iria.

—O que você disse?

—Eu chamei-lhe anjo.

—Um anjo?

—Aye. Quando Cait e eu éramos crianças, minha mãe nos contou que os anjos eram seres com cabelo cor de ouro e beleza para rivalizar com nossas benditas Highlands.

—Você me vê desse modo?

—Essa é a única maneira de vê-la.

—Oh.

—Também disse que você é minha. Meu anjo.

—Oh. — Ela não faria... não poderia... negar isso.

Ele a baixou até que estavam no mesmo nível.

—Agora repete isso.

—Eu sou sua. Embora ela não lhe chamaria de anjo.

Ele falou novamente na língua antiga. Então em gaélico:

—Pertença a você.

Ela não esperou por ele instruí-la para repetir a frase.

—Você me pertence.

Ao menos até que ele soubesse sua verdade condenatória.

—Eu prometi protegê-la durante nossa cerimônia de casamento e você prometeu aceitar minha proteção. Agora eu prometo mantê-la como minha companheira pelo resto de nossas vidas.

Por que parecia que ele falou a palavra companheira com uma finalidade que nem mesmo esposa poderia encarnar? Poderia ser real a promessa de serem companheiros de vida? Ou seus votos Chrechte sequer estariam sujeitos aos seus defeitos?

—Eu prometo proteger você com o melhor de minhas habilidades e ser sua companheira por tanto tempo como você me quiser.

Ele franziu a testa ante sua adição, ou teria sido sua advertência?

—Agora é hora para a bênção Chrechte. Falarei tanto como líder do bando, como seu marido.

—Me parece bem. —Melhor que a bênção precipitada do padre quando Talorc andou a passos largos com ela da capela.

Ele a tirou do manancial e colocou-a sobre as peles. Então caiu de joelhos e a colocou na frente dele. Ajoelhados, eles enfrentaram um ao outro. A expressão dele era tão decidida que ela mal podia respirar. Ele inclinou a cabeça ligeiramente para trás e falou algo, como emitindo um comando. Ela não entendeu, mas ele não notou sua expectativa, como se devesse ser assim.

Então ela acreditou saber a quem ele tinha falado quando dois guerreiros entraram em sua visão. Eles tomaram uma posição atrás de Talorc enquanto ela percebia que eles não entraram sozinhos na caverna. Todos os seus soldados agora permaneciam em um círculo ao seu redor e de Talorc. Nenhum deles vestia seu plaid, ou qualquer outra coisa.

Ela deveria estar mortificada, tanto pela nudez deles quanto a sua, mas ela não estava. Parecia inexplicavelmente adequado, como se tivesse nascido para este obviamente rito ancestral Chrechte. Ajudava que nenhum dos homens estivesse olhando-a. Eles tinham suas costas para ela e Talorc, suas cabeças jogadas como se olhando em direção aos céus.

Cada um dos soldados tinha uma simples marca azul de um lobo em seu ombro esquerdo. Talorc tinha aquela tatuagem também. Essa era sua marca Chrechte?

Seu olhar deslizou dos grandes guerreiros até seu marido. Ele estava olhando-a com uma paciência que ela não esperava de um homem que declarou estar na hora deles consumarem seu casamento. Ele estendeu as mãos e ela deitou a suas nelas.

Ele acenou e então começou a falar.

A bênção continuou por longos momentos naquele idioma que ela não tinha nenhuma esperança de decifrar. Não obstante, uma sensação de bem-estar cresceu dentro dela com cada palavra que ele pronunciou. Ela não sabia o que implicava a bênção, mas podia dizer pela expressão séria nos olhos brilhantes de Talorc, que era importante para ele.

Ele parou de falar, mas nenhum deles se moveu. O ar em torno deles estava completamente quieto, indicando que os guerreiros não se moveram tampouco. Estavam todos a espera de algo. Ela podia sentir. Mas ela não podia adivinhar o que era.

Ele inclinou a cabeça para trás como seus soldados, chamando sua atenção completamente para ele. Sua expressão se tornou selvagem, seus olhos ardendo uma vez mais com aquela luz estranha. Talorc abriu a boca e ela pensou que ele *uivou*.

Incapaz de ouvir, não podia ter certeza. Fosse o que fosse, ela sentiu uma necessidade mistificadora de compartilhar a experiência. Sem o pensamento consciente, ela estendeu uma mão e a colocou em seu peito, assim poderia sentir as vibrações do som através de seus dedos. Ele *estava* uivando.

Verdadeiramente. Como um lobo.

E acreditou que os outros também estavam, suas cabeças lançadas para trás, seus braços alcançando alto, palmas para fora. O ar brilhava com o som que ela não podia ouvir, fazendo o cabelo na parte de trás do seu pescoço levantar e arrepios subirem em seus membros expostos.

Então, tão de repente quanto havia começado, parou. Os outros homens baixaram seus braços, e ela podia sentir que eles pararam de uivar também. Um por um, eles vieram para ela e Talorc. Cada homem caiu sobre um joelho ao lado deles, falando alguma promessa Chrechte antes de curvar as cabeças e, em seguida, deixar a caverna.

Quando ela e Talorc estavam mais uma vez sozinhos, ele lhe soltou a mão e segurou seu rosto com as suas mãos.

—Você não é mais inglesa.

—Não sou? — Ela não soube o que esperou que ele dissesse, mas não foi isso.

—Você é minha esposa, acasalada ao líder do bando Chrechte pelo rito ancestral e verdadeiro.

Ela não entendeu por que ele se referiu a seu clã como um bando. Sem dúvida, era uma das muitas novas maneiras Highlander que ela teria que acostumar-se. Independentemente disso, se este rito lhe deu um lugar diferente de noiva inglesa indesejada, ainda que por pouco, estava agradecida.

—Eu farei meu melhor para estar à altura da honra que você me fez. —Ela não estava certa porque disse isso, só que soube que elas eram as palavras certas para dizer.

Seu genuíno e aprovador sorriso afirmou sua escolha.

Então ele a beijou. A princípio a carícia de seus lábios foi como o roçar de asas de borboleta, o toque suave em conflito com o poder de seu marido guerreiro. Sua reação não foi suave, porém. A mais leve carícia de seus lábios acendeu o fogo da paixão que se acumulou durante a cerimônia de casamento Chrechte.

Fê-la querer as coisas que ele prometera. Fê-la almejar o prazer que ele já havia mostrado a ela nas últimas duas noites em sua tenda.

Este toque estranhamente gentil era como uma bênção para a mulher dissoluta que clamava dentro de sua alma para liberar-se.

Colocando ambas as mãos no peito dele, sentiu a rigidez de seus músculos sob seus dedos, sua respiração aumentada e acelerada, assim como o seu batimento cardíaco forte. Cada pequeno detalhe que evidenciava que gostava de beijá-la tanto quanto ela o apreciava.

O conhecimento a encheu com um prazer feroz e único.

Aqui mesmo, neste momento, ela podia e seria uma mulher normal. Uma mulher inteira. Seu anjo. Sua falta de audição não importava quando seus lábios estavam ocupados demais conectados para falar.

Ela não soube quanto tempo eles se beijaram, mas pouco a pouco, os lábios dele se tornaram mais exigentes. Até que não havia dúvidas que eles exigiram sua rendição total. E ela a deu, querendo nada além de conhecer a realidade de ser uma esposa verdadeira para este poderoso laird... ao menos por esta noite.

CAPÍTULO 8

Sua própria respiração tornou-se superficial e ela viu uma explosão de estrelas por trás das pálpebras fechadas.

De algum modo ele conseguiu colocá-la de costas, embora nunca movesse suas mãos do terno e possessivo controle sobre o rosto de sua mulher.

Sua boca se moveu sobre a dela, aprofundando o beijo com a língua à medida que seus corpos se alinhavam em necessidade instintiva. Grunhidos vibravam em seu peito enquanto ele reivindicava sua boca com força selvagem, atraindo seu lábio inferior entre seus dentes e, cuidadosamente, beliscando-o. Ele não extraiu sangue, mas ela instintivamente soube que não havia volta atrás, não tentar afirmar independência de qualquer forma neste momento.

Seu espírito regozijou-se em sensações. Ela não tinha nenhum desejo de se separar dele... ela o beijou de volta da mesma maneira, ferozmente, se não muito mais, mordiscando em seus lábios e duelando com sua língua para aumentar a intensidade do beijo. Por uma vez, o casulo de silêncio causado por sua surdez só intensificou as sensações que ela mais desejava.

A selvageria que sentia nele chamou uma parte dela que nem sequer sabia que existia... desejos animais e ânsias selvagens além de sua habilidade de compreensão.

Cobrindo-a, seu grande corpo pressionado-a nas peles suaves. Suas peles se tocavam intimamente, e ainda não era suficiente. Ela ansiava por mais. Mais de seu toque, mais das sensações que rodavam através dela. Ela precisava de uma conexão mais profunda. Ela queria o que ele lhe prometeu na manhã de seu casamento.

Juntar seus corpos tão perfeitamente que o sentiria dentro de sua alma.

Ela não sabia o que fazer para encorajá-lo em direção a esse pináculo, mas ele havia lhe ensinado uma coisa até agora. Ele apreciava de seu contato com um prazer descarado.

Então, ela o tocou. Em todos os lugares que ela poderia alcançar. Sobre os ombros protuberantes e os bíceps, ao longo das costas rígidas com músculos que pareciam rocha sob sua pele de cetim lisa.

Suas mãos deslizavam sobre suas nádegas, agarrando duros e redondos globos. No entanto, em lugar de satisfazê-la, o movimento de suas mãos sobre o seu corpo só aumentou sua necessidade.

Ela queria empurrar seus quadris para frente com ela segurando em seu traseiro, mas quando tentou, ele não se moveu. Sua força teimosa falou uma mensagem silenciosa de controle que ao mesmo tempo frustrava e a encantava.

A possessão masculina sobre a boca de Abigail não enfraqueceu e seu corpo se movia sobre o dela enquanto ela se contorcia sob seu peso.

Mas nada disso era suficiente.

E, no entanto, era quase demais. Ela queria mais. Ela queria parar. Sua mente guerreando com seu corpo enquanto seu coração cantava uma canção que tentou sintonizar. Uma coisa eles todos

concordavam: ela necessitava uma conexão mais profunda. E apesar disto a conexão que sentia já a assustava estupidamente.

Ela tentou não pensar à medida que movia as mãos para cima em seu corpo e então traçava as linhas de seu rosto com as pontas do dedo. Era uma intimidade tão profunda quanto a sensação da sua endurecida carne masculina apertando como uma pedra contra sua coxa.

Com o primeiro suave toque das pontas dos seus dedos junto a sua mandíbula, o corpo de Talorc enrijeceu com a necessidade de reivindicar Abigail completamente. Ele não entendia por que aquele simples toque agiu como um chamado de sereia para sua natureza selvagem, quando uma carícia semelhante ao longo do seu flanco só alimentou o fogo de sua necessidade sexual. Isso não fez mais que virar seu desejo em um inferno que ele estava em perigo de não controlar.

Porém, ele devia controlá-lo.

Ele não machucaria sua doce esposa. Apesar de sua natureza de lobo, ele não era nenhuma besta para tomar o que queria sem pensar ou considerar. Os Chrechte não eram animais, mas seres humanos com o encarecimento da natureza animal. Não obstante, era mais fácil acasalar em espécie. Os seres humanos eram frequentemente muito fracos para enfrentar uma completa paixão Chrechte.

Abigail era mais gentil do que a maioria, definitivamente demasiada suave para seu lobo, mas ela respondia para ele alegremente alheia ao perigo. Ela tocou-lhe com uma carnalidade devassa que ele nunca teria acreditado capaz em uma suave mulher da raça inglesa. Como não pudesse ler seus pensamentos, ela transmitia sua necessidade com todo movimento de seu pequeno e sedoso corpo.

E ela beijou-o com a fome de uma mulher Chrechte reivindicando seu companheiro.

Assim que o pensamento se formou, ele o baniu com um grunhido furioso. Mesmo que ela parecesse com um anjo saído diretamente do Céu, era humana. Ela tinha nascido e se criado na Inglaterra. Ela não era sua companheira, mas era sua esposa.

Esta noite seus corpos consumariam aquela verdade.

Ele agarrou seus pulsos e colocou-os sobre sua cabeça.

—Mantenha-os aí.

Seu suave olhar dourado se escureceu pelo o desejo, mas ela ousou negar com a cabeça.

—Obedeça-me.

Desta vez foram seus olhos que falaram em negação, embora seus lábios permanecessem imóveis.

—Digo seriamente. —Ele acariciou seus pulsos com os polegares. —Suas mãos permanecerão nesta exata posição.

Seus lábios sensuais em forma de arco torceram em uma careta de rebeldia.

—Eu quero tocar.

—Seu toque incita minha luxúria, anjo.

—Isto está errado? — ela pausou, olhando para ele com uma expressão insondável. —Entre um marido e mulher?

—Se é a primeira vez que a esposa o toma dentro de seu corpo, é perigoso. Eu não machucarei você.

—Eu sei que você não fará. —Novamente uma pausa como se procurasse por palavras. —Pelo menos não mais que o necessário. Alguma dor é inevitável.

Ele desejava que pudesse negar isto, mas ela falou a verdade. Não obstante, havia uma diferença entre ser cuidadoso em romper sua virgindade e se afundar nela como uma besta no cio. O que estava em perigo de fazer se não mantivesse o controle.

—Obedeça-me — ele repetiu.

—O que você fará se eu não fizer?

Ele não podia acreditar que sua tímida esposa teve a ousadia de fazer essa pergunta. Ele olhou para ela, sua paixão o fazendo mais feroz.

—Assegurarei obediência.

Ela lambeu seus lábios, seus olhos dilatando com a excitação aumentando, mas não respondeu.

Não houve necessidade. A reação dela era tão clara quanto seu lago favorito. Seu anjo gostou da ideia!

Sem pensar, estirou as mãos dela sobre sua cabeça e pegou os pequenos pulsos com sua mão esquerda. Seu lobo uivou em aprovação enquanto Abigail ofegava e então gemia, suas pálpebras caindo pela metade.

Ele não gastou tempo perguntando-se por que ambos deveriam apreciar tanto ele a dominando deste modo. Ele era um guerreiro, não um filósofo. Sabia apenas que os ossos delicados de seus pulsos sentiam-se muito bem no aperto de sua mão.

Ele abaixou a cabeça e beijou-a novamente. Dentro de segundos ela estava contorcendo-se como antes, só que com total abandono. O movimento de sua pélvis teria jogado-o fora de seu corpo se ele não fosse tão forte. E ainda assim soube que não foi sua intenção.

Se a expressão vítrea em seu bonito rosto em forma de coração fosse qualquer indicação, ela não estava pensando de modo algum. Certamente não suficiente para ter intenções conscientes.

Suas respostas instintivas eram devastadoras o suficiente. Ela espalhou as pernas o suficiente para fazer o convite claro e, no entanto, ele estava certo que ela não teve conhecimento de fazer a oferta. Ele se afastou dela para estar descansar ao seu lado. Mantendo o aperto de seus pulsos, a posição ainda deixou-lhe a liberdade que precisava para tocar em seu corpo e deixá-la pronta para a reivindicação física.

Ela choramingou pela perda de seu peso e começou a agitar as pernas, ondulando seu corpo em uma necessidade bonita e abandonada. Ele teve que jogar uma coxa acima da dela para mantê-la no lugar ao lado dele.

Então ele começou a assegurar que sua estimulação alcançasse um auge através do qual seria apenas marginalmente consciente da dor que a violação de sua virgindade inevitavelmente causaria. Ele amassou seus seios, excitando seus mamilos até que ela clamava com descuidado desejo.

Ele tocou em cada centímetro de sua pele sedosa na fonte termal e queria fazer isso novamente, mas de uma vez a necessidade de ambos lhe chamava com muita urgência. Ele permitiu a sua mão deslizar até a junção de suas coxas, deslizando seu dedo médio entre seus inchados e molhados lábios.

Ele não violou sua abertura vaginal além de uma ponta do dedo durante as explorações de seu corpo na tenda, mas agora permitiu a si mesmo apertar mais fundo. Parou somente quando sentiu a barreira flexível de sua virgindade.

Ela fez um pequeno som aflito e ele a confortou com beijinhos ternos no seu rosto e pescoço. Ele sussurrou promessas e elogios pelos que ela não respondeu. A parte de seu cérebro que ainda funcionava em um nível completamente humano estava satisfeito que ela estivesse tão perdida no desejo que não fizesse sentido suas palavras.

Pelo contrário, ele se sentiria como um idiota mais tarde por dizê-las.

Ele não puxou o dedo, mas massageou a fina barreira dentro de seu corpo, que provava que ela não jogou os jogos amorosos como ele ouviu que se permitiam muitos dentro da Corte Inglesa. Ele foi informado que a Corte Inglesa realmente venerava o amor entre partes casadas ou prometidas para outros como uma espécie de ideal romântico.

Ambos, ele e seu lobo, acharam o conceito totalmente desagradável.

E sua noiva bonita e sensual claramente não participou da prática de tais jogos absurdos. Ela era completamente inocente e digna de toda sua consideração para sua primeira reivindicação.

Com esse pensamento em mente, ele roçou o dedo polegar sobre o broto de seu prazer. O seu corpo sacudiu e ele sorriu para si mesmo. Continuou suas ministrações, massageando sua virgindade em preparação para quebrá-la e seus clitóris em preparação para seu prazer.

Somente quando seu anjo implorou por mais com o seu corpo e quebradas pequenas palavras mal sussurradas pelos seus lábios entreabertos, ele se moveu sobre ela e ajustou seu pênis a sua abertura. Ele deslizou dentro apenas um centímetro, causando a si mesmo um indescritível prazer e a ela certo grau de comoção.

—Você está dentro de mim. —O temor atado a cada sílaba.

Ele empurrou suavemente com os quadris, tanto ele quanto seu lobo trabalhando juntos para controlar o desejo de tomá-la rapidamente e sem remorso.

—Eu estarei tão profundo dentro de você...

—Que tocará minha alma — ela completou e, em seguida, as lágrimas derramaram por seus nos olhos.

Seu corpo não falava de dor; seus sentidos de lobo confirmaram que ela não estava em angústia. As lágrimas eram a reação de algumas mulheres pela reivindicação.

Mesmo assim, ele perguntou:

—Você está bem, anjo?

—Neste momento, eu estou completa.

Ela não estava, ainda não, mas ele não a contradisse. Logo, ela entenderia.

E então provavelmente choraria um pouco mais. Mulheres. Mas enquanto não fosse de dor, ele toleraria sua emotividade feminina.

Empurrou mais fundo e sua cabeça encontrou a barreira da inocência dela.

Ela olhou fixamente como se esperando por ele forçar a si mesmo, mas ele teve um plano melhor. Ele arqueou os quadris de modo que pudesse conseguir a sua mão livre entre seus corpos. Enquanto permaneceu quietamente equilibrado na barreira de sua virgindade, acariciou seu clitóris com o polegar.

Ela sussurrou seu nome enquanto sua respiração tornava-se ainda mais irregular. Ele não a trouxera ao clímax, mas passou duas noites ensinando seu corpo a almejar o auge de prazer. Alcançava isso agora, torcendo-se contra ele, e somente quando ele sentiu a convulsão que sinalizava seu orgasmo, surgiu adiante para embutir a si mesmo plenamente em seu corpo.

Ele mesmo gritou pelo movimento, mas ele era um guerreiro Chrechte, não uma jovem inexperiente para desfazer a cuidadosa preparação para este momento.

Permitiu-lhe que superasse a dor e o prazer antes de começar a se mover. Ele podia buscar sua própria culminação, e se ele permitisse a si mesmo, provavelmente gozaria com um par de golpes bem dados, mas ele queria mais.

Ele rodou os quadris em cada punhalada para baixo, e ela ofegou com óbvio prazer. Segurou-se com rígido controle, construindo o prazer dela novamente até que sentiu que seu corpo tremia uma vez mais ao seu redor. Permitiu-se a liberação enquanto ela gritava o seu nome e gozava uma segunda vez.

* * *

Abigail despertou com uma dor residual entre suas pernas. Nenhuma dúvida que seria muito pior se Talorc não tomasse tal cuidado com ela. Ele fez a consumação de seu casamento incrivelmente especial, mas não parou seus serviços ali.

Ele a levou para a lagoa e lavou seu corpo com mãos gentis enquanto ela cochilava em seus braços. Ela estava tão exausta. Não soube quanto tempo eles se banharam nas águas termais, mas podia recordar se enrolando nos braços dele em algum momento durante o sonho.

Ela despertou sozinha, entretanto. Da mesma maneira que tinha feito cada manhã até agora deste o seu casamento. Sua roupa estava nitidamente dobrada na extremidade das peles. Existia comida para quebrar seu jejum ali também. Ela tomou seu tempo comendo, então penteando o cabelo e finalmente fazendo suas próprias pregas no plaid quando Talorc não apareceu para ajudá-la.

Quando saiu da caverna foi para encontrar Niall, não seu marido, esperando por ela.

Ela acalmou sua decepção e embaraço sem ser o suficiente hábil para ocultar seus sentimentos antes de perguntar:

—Onde está seu laird?

—Ele é seu laird, também, senhora.

—Ele é meu marido.

Niall sorriu, fazendo que o único guerreiro próximo estremecesse. Abigail o ignorou e devolveu a expressão do grande guerreiro.

Niall cruzou os braços, fazendo os músculos de seu bíceps sobressaíssem.

—Talorc está caçando.

—Eu pensei que nós iríamos cavalgar para a fortaleza hoje?

—Ele disse que podemos passar pelo menos mais uma noite aqui.

—Mas... por quê?

—Ele é o laird. Ele não precisa explicar o porquê. —O que simplesmente explicava que Niall não sabia.

Ela pensou que mesmo assim; talvez o guerreiro soubesse e não quis compartilhar.

—E ele está caçando agora mesmo?

—Aye.

Ela olhou a clareira onde quatro cavalos comiam, o garanhão negro de seu marido, o que viu Niall montar, um que assumia que montava o outro guerreiro e a égua que ela montou parte da jornada... quando não compartilhava um cavalo com seu novo marido.

—Ele está caçando sem o seu cavalo?

—Aye.

—Isto é comum?

Niall encolheu os ombros, entretanto a surpreendeu adicionando.

—Algumas vezes Talorc prefere caçar completamente só.

—E os dos outros membros do clã? Eles estão com ele, não é?

—Eles estão caçando, mas não com seu laird.

—Oh. — Ela não entendeu, mas meramente adicionou a instância à lista crescente de coisas que faziam esses estranhos Highlanders e afirmava que fazia pouco sentido para ela. —Entendo. Por que você não está caçando?

—Eu estou guardando você.

—Oh. —Ela disse novamente quando não pensou em nada mais adequado. Então ela encolheu os ombros. Não podia esperar que Talorc saltasse a atendê-la. E honestamente, o pouco tempo que passou em sua companhia, eram as poucas oportunidades que teve de conhecer seu segredo. —Pode me proteger durante um passeio? Nós passamos tanto tempo montando, eu anseio o exercício de alongar minhas pernas.

—Se é seu desejo.

—É.

Então, eles caminharam e ela fez a Niall perguntas sobre o que ela devia esperar uma vez alcançassem o clã.

Ele encolheu os ombros.

—Os Sinclairs têm pouco amor pelos ingleses. Eu temo que sua irmã não apreciou sua curta permanência entre nós.

—Ela chamou Talorc de bode.

—Aye. Não se fez querer para nosso povo. — Entretanto, Niall pareceu mais divertido que ofendido pelo comportamento de Emily.

—Eles me julgarão tão severamente?

—Alguns vão, mas a maioria aceitará você porque é esposa do seu laird.

—Emily não era sua noiva?

—Ele não mostrou nenhum desejo ou intenção de seguir com o casamento. Seus seguidores agiram em conformidade.

—Mas ele e eu somos casados.

—Aye. Ele chama você de dele. Vai fazer a diferença para muitos.

Mas não todos. O grande guerreiro poderia também gritar a ressalva não dita.

Niall soltou um suspiro profundo que a surpreendeu, mas as palavras a chocaram ainda mais.

—Eu não quero que seus sentimentos sejam machucados.

—Um... obrigado.

Ele riu. Ela não podia ouvir o som, mas reconheceu a expressão juntamente com o movimento no pomo de Adão.

—Você não entende minha preocupação por você.

Ela sacudiu a cabeça. Ela não fazia. Sua própria mãe não se importou se Abigail encontrasse aceitação nas Highlands, por que este guerreiro marcado de batalha deveria? Perguntou a ele o mesmo.

—Você é boa para Talorc. Vocês dois estão conectados de forma que nenhum dos dois está pronto para reconhecer.

Era sua vez de rir.

—Eu acredito em que você seja um romântico forte e feroz, Niall.

Ele meramente encolheu os ombros.

Mas ela sorriu, sabendo que estava certa.

—Então, há uma moça que aguarda seu retorno?

—Muitas, mas nenhuma é a quem devo reclamar. —Uma expressão estranha tomou suas feições, uma mistura de tristeza e saudade.

O coração de Abigail torceu pela visão.

—Há uma que desejaria que fizesse.

Novamente, esse enigmático e aborrecido encolher de ombros. Mas ela viu a verdade em seus olhos. Estava certa. Ele estava ansiando. Ela desejou que soubesse como ajudá-lo, mas não imaginou que ele daria boas-vindas a interferência de uma mulher inglesa surda em sua vida amorosa.

—Então, me conte sobre sua família — ela disse.

—Há só eu e meu irmão Barr agora. Sean morreu na batalha que me deixou isto. —Ele indicou sua cicatriz. —E nosso pai, na batalha que levou nosso laird anterior.

—E quanto sua mãe?

—Ela morreu dando a luz a Barr e a mim. Dois bebês de uma vez foi demais para sua natureza humana.

Que maneira estranha de colocá-lo.

—Eu sinto muito.

—Por quê?

—Crescer sem uma mãe deve ter sido difícil.

—Mais fácil que crescer com aquela harpia que lhe deu a luz, eu diria.

—Nem sempre foi tão cruel. Eu... — Abigail mordeu seu lábio e lutou contra o desejo de dizer a verdade. Apesar dos anos de prática em ocultar sua aflição, não lhe caia bem mentir. —Eu a desapontei.

—Então é uma tola.

Abigail queria acreditar que era verdade.

—O antigo segundo em comando de Talorc era seu irmão? — Ela perguntou por meio de mudar de assunto. —É uma posição familiar ou algo assim?

—Nossas famílias têm sido próximas por gerações. Sean era o primogênito, então ele era o primeiro a ser escolhido como beta, eu quero dizer, segundo para nosso laird.

—E agora seu irmão Barr mantém sua posição.

—Ele é um bom guerreiro — Niall disse com orgulho evidente.

—Eu estou certa que é. Para Talorc o escolher acima de você, ele deve ser incrível.

O rosto do Niall empreendeu um tom corado, e Abigail teve que morder de volta o desejo de rir novamente. Ela não queria ofender o homem. Afinal, seu louvor obviamente o tinha envergonhado.

—Eu não quero a responsabilidade. Ser segundo para nosso laird requer mais do que grandes habilidades como um guerreiro; precisa de diplomacia — disse a última palavra com um gesto desagradável que não deixava dúvida sobre o que pensava dessa parte da posição de seu irmão. —Eu prefiro golpear cabeças que ajudar a que as pessoas descontentes do clã alcancem um *compromisso*.

Se ele disse “diplomacia” com uma falta marcada de entusiasmo, Niall fez claro o que a palavra *compromisso* deixava realmente um gosto ruim em sua boca.

Desta vez ela riu e ficou muito feliz ao ver que Niall se juntou a ela.

Seu riso secou completamente quando um enorme lobo cinza entrou em seu caminho. Ao lado dela, Niall se sacudiu bruscamente como se estivesse surpreendido. Quem não estaria ao ver um predador selvagem tão perto?

O lobo se aproximou e Abigail fixou rígida com medo.

A besta inalou como se a cheirasse e então levantou a cabeça e lançou um uivo triste. Então latiu. E se não quisesse dizer que ela enlouqueceu, ela diria que ele estava tentando conversar com ela. Um lobo.

—Você não precisa ter medo, ele não te machucará. —Niall falou ao lado dela.

Engraçado, mas ela teria esperado que o grande guerreiro colocasse seu corpo entre o dela e o perigo. Não que um dos soldados de seu pai faria, mas ela tinha um lugar diferente no clã Sinclair. Ou pelo menos, ela pensou. Talvez eles estivessem da mesma maneira contentes por se livrarem dela por qualquer meio, como esteve sua mãe.

Os olhos de Abigail arderam com lágrimas, e não importou que ela piscasse furiosamente na tentativa de fazê-las irem embora, derramaram uma atrás da outra queimando uma trilha pela sua bochecha.

O lobo lamentou e então latiu para Niall, um rosnado claro de advertência emitido do fundo do peito do animal.

—Não sou a causa de sua angústia. —Niall disse, como se conversar com um lobo era a coisa mais natural no mundo.

Talvez para os guerreiros escoceses selvagens, era.

O enorme lobo cinza latiu mais uma vez e então girou e foi embora, desaparecendo na floresta como se nunca tivesse estado lá.

Abigail quis afastar-se de Niall, tomar tempo se recompondo. Mas como era frequentemente o caso, ela não teve nenhuma escolha senão olhar para ele no caso de que falasse com ela.

Os olhos um tom mais leve que da pelagem do lobo a estudou.

—Você está bem?

—Ele não atacou — ela observou, em lugar de resposta com uma mentira. —Por quê?

—Ele não tinha nenhum desejo de machucar você. De fato, eu acho que você feriu seus sentimentos.

—Não seja ridículo. —Ela não estava com humor para algumas brincadeiras estranhas do guerreiro.

—Não sou. —Realmente, Niall olhou muito sério. —Você não ouviu seu uivo triste e o modo que lamentou?

—Eu suponho que ele quis que eu o acariciasse.

—Aye. Mais provável.

—E que mordesse minha mão? — Abigail estremeceu. —Eu não acredito.

—Ele não teria a mordido.

—Como você pode soar tão certo?

—Eu conheço aquele lobo.

Ela sacudiu a cabeça, mas acreditou nele apesar de tudo.

—Você está falando sério. É por isso que você não ficou entre mim e o animal.

—Se eu tentasse tocar em você ou ficar entre vocês, então as coisas poderiam ter ficado feias.

—Isso não faz nenhum sentido.

—Mas é verdade.

— Você está tentando me convencer que os lobos escoceses são tão diferentes daqueles achados nos confins da Inglaterra?

—Alguns. Esse lobo, sim.

—Tomarei sua palavra nisso.

—Então, você não deseja encontrar o lobo cinza novamente?

—Não. —Mas até quando ela negou o desejo, não estava certa que falou verdade. —Talvez, se eu pudesse vê-lo e saber que não me machucaria. Ele era bonito.

Niall balançou a cabeça, como se estivesse satisfeito por sua resposta, entretanto ela não podia imaginar por que isto devia importar para ele.

No momento que os caçadores montados a cavalos retornaram no início da tarde junto com a caça para assar ao fogo, ela e Niall tinham estabelecido o início de uma amizade verdadeira.

Abigail insistiu em ajudar a preparar os coelhos para o espeto. Então ela implorou para os soldados caçarem novamente, desta vez por legumes e frutas selvagens para comerem com a caça na refeição da noite.

CAPÍTULO 9

Não importava quão longe Talorc se aventurou nos bosques, a memória do doce e fresco cheiro de Abigail, o atraía de volta para a clareira. Ele seguiu a ela e Niall em seu passeio, suas patas de lobo silenciosas no chão da floresta. Ele mascarou seu cheiro de modo que até Niall não percebeu que Talorc estava perto.

Seu lobo queria tornar-se conhecido, esfregar-se em seu anjo e permitir a seus plenos sentidos de lobo a oportunidade de deleitar-se em sua presença. Ele revelou a si mesmo somente para descobrir que Abigail tinha horror a sua besta. Sua presença trouxe lágrimas aos olhos dela, e não as do tipo boas.

Ele forçou seu lobo a fugir em vez de arriscar assustá-la ainda mais, ou pior, revelando-se a ela. Ele não podia compartilhar os segredos de seu povo com Abigail.

Além disso, ele deveria estar caçando. Não que eles precisavam de carne; Eles podiam chegar à fortaleza até o anoitecer se cavalgassem duramente, mas não fariam esse dia.

Sua gentil noiva precisava de tempo para se curar antes de montar em um cavalo. Ela tinha se banhado nas águas restaurativas das fontes termais na noite passada. E ele deixou instruções com Niall para ter certeza que ela faria o mesmo hoje, mas Talorc não podia estar certo que seria suficiente.

Se a escolha estava entre chegar em casa hoje à noite, mas ter uma esposa muito dolorida para acasalar, e ficar um dia extra na caverna de águas termais, ele escolheria o tempo extra longe de seu clã.

A única outra vez que ele voluntariamente passou tempo longe das pessoas que era responsável por conduzir foi quando ele havia seguido sua irmã e Emily para a Ilha Balmoral. A segurança de Cairtriona tomou precedência naquele tempo. Ele não tinha tais considerações agora, mas isso não o impediu de ordenar que passassem uma segunda noite nas cavernas.

Ele recusou considerar o quão anormal era que fizesse tal escolha. Tampouco tinha qualquer interesse em contemplar por que ele teria tomado tal decisão.

Só soube que seu lobo estava em completo acordo e isso era suficiente para ele.

Pensando que devia ao menos fazer um pouco de esforço para caçar, ele agachou e farejou uma pequena pilha de folhas. Havia definitivamente algo ali, mas não era uma presa. Não da variedade animal de qualquer maneira.

O cheiro não era a de seus guerreiros e certamente não o perfume sedutor de sua nova esposa. Era muito fresca para ter mais de uma hora. Que significava que alguém que não deveria estar aqui, tinha estado.

Ele levantou a cabeça, tendo a imagem monocromática dos arredores que captara em sua forma lupina. Ele estava definitivamente ainda em sua terra, recentemente transferido por escritura pelo Rei

da Escócia. Um grunhido retumbou em seu peito animal quando sentiu o perfume no chão ao redor dele de novo. Seis rastros distintos, dois Chrechte e quatro humanos. Todos machos.

Um grupo de caça? Um engano? Ou um desafio à propriedade Sinclair pelo território outorgado por seu rei?

O laird Donegal estava envelhecendo sem um claro sucessor. Ele presidia um dos clãs menores e sua respectiva manada Chrechte dentro dele, que só era um mero punhado de trocadores de formas. Até sem a intervenção do rei, o outro laird teria terminado por outorgar a terra ao clã muito maior de Talorc e seu bando Chrechte, e os dois sabiam disto.

Nunca um extenso grupo perdeu tanto na guerra como o clã Donegal. O filho do laird morreria nas mãos dos mesmos bastados ingleses responsáveis pela morte do pai de Talorc. O jovem guerreiro estava no lugar errado na hora errada, patrulhando as fronteiras com um pequeno grupo de soldados quando o contingente inglês se dirigia a roubar o Tesouro Real Sinclair cruzando as terras Donegal.

Essa foi a razão pela qual Talorc ainda não tinha usado força para pressionar sua reivindicação ao território disputado. Seu pai foi o responsável por trazer a traidora cadela inglesa às Highlands. Talorc não descartou as consequências daquele ato.

Ele chegou ao ponto de oferecer o uso das fontes aos Chrechte do clã Donegal para suas cerimônias de acasalamento e para o uso curativo do clã, com a compreensão de que as pessoas do clã Sinclair tinham prioridade. Porém, ele não toleraria a caça do clã Donegal na recente terra reivindicada Sinclair. Nem em forma humana, nem de lobo.

O laird Donegal aceitou ambas as generosidades de Talorc e sua estipulação relativa à caça.

Então, que diabos seis estranhos estavam fazendo em sua terra? Eram mesmo do clã Donegal? Nenhum dos Chrechte levavam o cheiro de laird. Talorc teria reconhecido.

Não importando de onde eram, não pertenciam aqui e ele estava decidido que soubessem.

Seguiu seu rastro até que ficou claro que os quatro humanos e os dois Chrechte se dirigiam às águas termais. Em direção a sua esposa. O passo quadrúpede de Talorc ganhou velocidade até que estava voando através da paisagem.

Ele ergueu a cabeça para uivar uma mensagem de advertência a seus guerreiros. Aqueles que foram caçar com ele voltavam para a clareira, se eles não estivessem já ali, e aqueles que ele deixou para trás guardando sua esposa estariam em alerta.

O reconhecimento de que seus guerreiros poderiam não ter já chegado à clareira, Talorc obrigou-se a ir mais rápido. O corpo do seu enorme lobo ganhou velocidade enquanto as plantas e árvores passavam por ele deixando um obscurecido aspecto de sombras negras e cinzas.

Ele entrou repentinamente na clareira em uma corrida pela vida, os sentidos agudos de seu lobo dizendo-lhe que os intrusos estavam realmente à frente dele. Ele deslizou em uma parada atrás de seis jovens guerreiros vestindo o plaid do clã Donegal, suas posições eram de desafio.

Niall e Airril tomaram posição em frente à entrada da caverna. Eles não pareciam excessivamente preocupados, mas estavam claramente prontos para lutar se necessário.

Do resto do seu grupo de caça não havia sinal.

Talorc desejou emergir sua forma humana e, segundos depois, o ar vislumbrou em volta dele enquanto se tornava um homem novamente. Ele soltou um grunhido subsônico de advertência que fez dois dos homens jovens girarem para encará-lo.

Maldição, nenhum poderia ter mais de dezesseis verões. O jovem da esquerda mostrou mais inteligência que seu companheiro porque a cor sumiu de seu rosto e ele ofereceu seu pescoço em submissão imediata.

Os quatro humanos se moveram somente depois que perceberam que seus companheiros haviam feito. Não pareceram capazes de decidir o que colocava maior ameaça, então eles angularam seus corpos. Com guerreiros mais experientes, tal manobra poderia ter sido benéfica, mas com estas quase crianças, tudo que fez foi torná-los mais vulneráveis.

Talorc franziu a testa a eles com aguda desaprovação. Os soldados Donegal precisavam de treinamento adequado. Mal.

O jovem Chrechte que não teve o bom senso de parecer assustado, franziu a testa a seus companheiros de clã antes de enfrentar Talorc desafiadoramente.

—Estas águas pertencem ao clã Donegal. Você não pode tê-las.

—O rei diz o contrário.

O jovem fez um som de desgosto.

—Ele leva o fedor dos *sassenach* e imita seus modos.

—Você não se submete a seu rei?

—Eu sigo o caminho Chrechte. Nós lutamos pelo que é nosso.

—Você me desafia pelo direito desta terra? — Talorc perguntou.

—Eu faço. —A voz do jovem tremeu, mas sua postura de desafio não vacilou.

Talorc não podia deixar de respeitar a coragem do garoto, mas não sua sabedoria.

—O que está acontecendo? — Abigail espiou por entre os dois guerreiros Sinclair bloqueando sua saída da caverna. Seu cabelo úmido e pele brilhante indicaram que estava banhando-se quando os impetuosos jovens soldados Donegal chegaram. Embora não acreditava que essa era a razão do rubor em seu rosto adorável.

Ela estava encarando seu corpo nu de uma forma que logo faria efeito em sua masculinidade.

—Você sempre salta em torno da floresta nu, Talorc?

—Eu estava caçando.

—Assim me informaram. —Ela limpou a garganta e fechou os olhos por uns segundos, somente para abri-los novamente quase imediatamente. —Não era consciente que os escoceses caçavam nus. Você estava vestindo um plaid quando retornou da caça a noite anterior ao nosso casamento — ela disse quase acusadoramente.

—Você tem muito a aprender de nossos modos.

Ela suspirou, ostensivamente.

—Suponho que farei. Penso que preciso aprender algo deles, agora que estas crianças estão aqui.

—Nós somos homens — o guerreiro Chrechte mais corajoso insistiu.

Abigail, para seu crédito, não o contradiz, mas meramente olhou com expectativa para Talorc. Obviamente, sua esposa esperava uma explicação. Ele só não sabia se ia gostar de ouvi-la.

—Estes *guerreiros* não cedem o direito desta terra ou das fontes de águas termais para o Clã Sinclair. —Ele deu a eles o respeito de chamá-los guerreiros. Guerreiros mais experientes de seu clã não pensariam em desafiar uma reivindicação de Talorc.

Se tivessem, Talorc era honesto suficiente consigo mesmo para saber que não teria sido tão indulgente. Os homens mais experientes que tivessem estômago para desafiá-lo já estariam mortos.

—Eles estão desafiando você? — Abigail perguntou em confusão. —Eles não respeitam os desejos de seu rei?

—Aye.

—Entendo. —Ela olhou para os jovens Donegals, medindo cada um com seu suave olhar castanho. Então ela agitou sua cabeça. —Valente, mas tolo.

Suas palavras refletiram tão intimamente seus próprios pensamentos que Talorc percebeu seus lábios quase se curvando em um sorriso antes de se conter.

Mostrando seu primeiro pedaço de sabedoria até agora, o garoto Chrechte permaneceu em silêncio diante da observação de Abigail. Seus compatriotas pareciam que já estavam questionando a inteligência de suas ações, mas nenhum deles pareceu pronto para recuar.

Novamente, ele podia respeitar isto.

—Você vai aceitar o desafio? — Sua esposa perguntou depois de momento de silêncio.

—Sim.

Cinco dos seis soldados jovens vacilaram, mas o jovem Chrechte corajoso meramente pareceu mais determinado.

Abigail cruzou os braços e movimentou a cabeça.

—Bom.

—Você aprova? — Ele perguntou surpreso.

Ele teria pensado que sua gentil esposa era muito compassiva para distanciar-se do comportamento de seu até agora mundo civilizado.

—É óbvio que a honra destes jovens homens exige que você ganhe a terra.

Ele assentiu, ainda confuso pela fácil aceitação de sua esposa, por não mencionar sua perspicácia nos modos de seu povo.

—Além disso, você não o matará. —Ela não fez uma pergunta.

—Eu não vou?

Ela apenas olhou para ele.

O aborreceu que ela parecia capaz de ler suas intenções tão claramente, mas ela estava certa. Ele não faria que o custo da coragem para esses jovens fosse suas vidas.

Antes de ele pudesse dizer qualquer outra coisa, o grupo de caça retornou. Embora ele não soubesse onde estavam. A fragrância de carne assada lhe disse que eles voltaram para a clareira pelo menos uma vez.

—Vocês foram capazes de encontrar qualquer coisa? — Abigail perguntou a eles.

Os dois olharam para ele por instrução, tendo respondido por seu uivo de advertência.

—Minha esposa lhes mandou em uma missão?

—Aye, ela fez. —Niall respondeu por eles. —Ela queria legumes e frutas para a refeição da noite.

—E vocês encontraram algum?

Os dois homens concordaram.

—Suficiente? — Ele perguntou.

Ambos os homens pareceram inseguros, observando sua esposa com algo entre respeito e apreensão.

Niall riu, o som enferrujado pelo desuso.

—Parece que sua esposa gosta dos legumes.

Talorc assentiu.

—Então vá e encontre mais, Earc. Fionn, você ficará para enfrentar o desafio que estes jovens guerreiros fizeram em nome de seu clã pelos direitos a esta terra.

Não faria que os jovens enfrentassem Niall. Ninguém exceto o corajoso Chrechte seria capaz de fazer isso sem urinar em si mesmo, e Talorc tinha a intenção de enfrentá-lo pessoalmente.

Ambos os homens fizeram como ele disse sem outra palavra.

Ele encarou os seis jovens Donegal novamente.

—Todos que entraram no desafio lutarão, exceto ele — disse, indicando o Chrechte que já oferecera seu pescoço.

O garoto que já oferecera sua submissão curvou a cabeça como envergonhado. Talorc rosnou e a cabeça do jovem elevou-se.

—Você é Ômega, não existe nenhuma vergonha em se submeter ao alfa mais poderoso.

O lugar de Ômega no bando nem sempre era de respeito, mas quando os Chrechte perceberam que suas maneiras opostas estavam à beira de dizimar seu povo, isto mudou. Inicialmente, tinha sido um Ômega que primeiro sugeriu que os Chrechte deveriam inserir-se nos clãs circundantes, em lugar de lutar com eles. Uma vez que a sabedoria dessa recomendação foi reconhecida, o respeito pela forma de pensar dos Ômegas aumentou.

Desde então, ômegas recebiam um lugar de honra nos conselhos do bando. Eles eram considerados sábios e razoáveis, o que na maioria dos casos, era exatamente certo. Eles eram também considerados fortes da forma que a força muscular não poderia derrotar, porque os ômegas conseguiram ampliar suas vidas entre seus irmãos Chrechte mais poderosos, apesar de serem fisicamente mais fracos. Geração após geração. Não era algo facilmente negável o pensamento desses homens.

Além disso, cada Ômega agora permanecia como uma lembrança viva para seu bando que não importava o quão forte o Chrechte podia ser, eles não poderiam escapar a sua debilidade... a de mortalidade. Eles tinham que respeitar a vida a fim de continuar prosperando. Eles ainda eram influenciados por suas naturezas lupinas, mas não controlados por elas. Recordou-se que muitos deles frequentemente morriam jovens, e que, além disso, seriam um aviso proeminente para aqueles que viriam depois.

—Talorc, você não acha que poderia se referir a estes jovens em termos mais humanos? Ou estas palavras gaélicas que está usando têm outro significado que não entendo?

—Eu não estou sendo ofensivo — ele assegurou sua esposa e então se perguntou se estava fazendo isso. Importava que sua esposa inglesa o achasse rude?

Ele não era civilizado, maldição, e não tinha nenhum desejo de ser.

Dando abertura para sua irritação, ele cruzou seus braços e olhou ao outro Chrechte Donegal.

—Por que você trouxe um Ômega para um desafio?

—Ele é meu irmão mais novo. Eu não posso deixá-lo desprotegido, mas ele recusou ficar na floresta enquanto eu desafiava você.

—Eu compartilharei o destino de meu irmão — disse o lobo Ômega calmamente.

O respeito de Talorc por estes jovens soldados cresceu. Ele não teve dúvidas que eles liderariam o clã Donegal e seu bando um dia. Ele assentiu ante sua explicação.

—Você. —Ele disse olhando para o Ômega. —Permaneça com Niall e minha senhora durante o desafio.

O Omega baixou a cabeça em reconhecimento da ordem.

Niall levou Abigail longe da caverna e os homens colocaram-se em guarda para o desafio. O Ômega o seguiu, tomando uma posição no outro lado de Niall. Longe de Abigail, como era adequado. Ele não mostrou nenhum medo na presença do enorme guerreiro, evidentemente confiante na honra Chrechte de Talorc como alfa superior. Um dia ele aprenderia que nem toda a natureza de lobo era merecedora dessa fé, mas não hoje.

Talorc instruiu Airril e Fionn a enfrentar os quatro humanos.

Então ele movimentou a cabeça em direção ao líder Chrechte.

—Enfrentarei seu desafio, garoto.

—Eu não sou nenhum garoto.

—Você não é nenhum alfa tampouco, ainda não.

Ele poderia dizer que suas duas palavras finais deram prazer ao jovem soldado pela expressão que transpareceu através de seu rosto antes que a seriedade povoasse suas feições.

—Meu nome é Circin.

—E eu sou Talorc, laird dos Sinclairs e líder do bando para meus irmãos Chrechte.

Então ele esperou, deixando Circin fazer o primeiro movimento. Talorc respondeu, contente quando isto tomou um pouco de esforço de sua parte. Ele estaria penosamente desapontado com o laird Donegal se o homem não tivesse observado o treinamento do jovem guerreiro Chrechte sob seu cuidado. Talorc fez seu próprio movimento, explicando porque era um bom oponente, mas como poderia ser ainda melhor.

Os olhos de Circin alargaram diante das instruções, ainda assim não permitiu que o fluxo de palavras rompesse seu foco. Mesmo assim, era óbvio que estava escutando tudo que falava Talorc. E ao fazer assim ganhou outra medida na estima de Talorc.

Ele permitiu a luta continuar muito depois que os garotos humanos tivessem sido derrotados e submetidos por Airril e Fionn. Podia ter derrubado Circin e forçado sua submissão a qualquer hora.

Porém, queria ensinar o jovem lobo os movimentos normalmente reservados aos Chrechte porque exigiam mais velocidade, força e resistência que a maioria dos guerreiros humanos possuía.

Circin mostrou a seu reconhecimento ao voluntariamente expor a garganta quando Talorc pegou-o em um abraço quase irrompível. O soldado mais jovem poderia ter se obstinado em seu orgulho até Talorc forçar um reconhecimento de sua força superior. O laird ficou contente por ver que o garoto entendia como tomar dignidade na derrota.

Essa era uma carência em sua gente que quase os tinha levado a desaparecer no passado.

Talorc permitiu que Circin lutasse tempo suficiente pelo que não deveria existir nenhuma vergonha na perda de seu desafio. Pelo contrário, a honra do jovem homem deveria estar satisfeita também, desde que tinha lutado pelo direito da terra e perdeu.

Não obstante, era bom verificar. Talorc não precisava um inimigo surgindo de uma fonte quando estava tão perto de chamá-lo amigo.

—Você está satisfeito?

Circin assentiu, tristeza tingindo seu olhar.

—Estou.

Até conhecendo o resultado antes de o primeiro golpe ser dado, não podia haver nenhuma alegria na derrota.

—Bom. — Ele colocou seu punho direito sobre o coração.

Circin copiou a ação e curvou a cabeça.

—Diga a seu laird que o laird de Sinclair consideraria uma honra treinar os guerreiros Chrechte de seu clã se ele o desejar.

Os olhos de Circin iluminaram com excitação.

—Você quer dizer isso?

—A primeira coisa que precisa aprender garoto, é que um alfa nunca diz algo que não quer dizer ou não pode manter — Niall repreendeu de sua posição entre Abigail e o Ômega.

—Até Muin? — Circin perguntou.

—Muin é seu irmão? — Talorc perguntou, em lugar de responder.

Circin enxugou sangue do canto de seu lábio com a parte de trás da mão.

—Aye.

—Um Ômega é sempre bem-vindo entre seus irmãos Chrechte, não importando as cores que vista.

—Vocês aderem estritamente às leis Chrechte.

—Aye. — Ainda que o Balmoral acreditasse por um tempo que ele não fazia.

—Eu transmitirei seu convite a meu laird.

E não esperaria a resposta, se a suposição de Talorc fosse exata.

Ele não ficou surpreso quando Abigail convidou os guerreiros Donegal a compartilhar sua refeição da noite. Ele ficou só surpreso pelo fato que sua presunção não lhe tivesse incomodado. Supunha que se devia a que ela era sua esposa afinal.

* * *

—Eu não pude evitar, mas noto que você não levou seu cavalo na caçada — disse Abigail, quebrando o silêncio que manteve desde que convidou os outros soldados a comerem com eles.

Sua esposa era uma mistura curiosa de timidez e coragem. Ela não hesitou encará-lo antes dele aceitar o desafio de Circin, mas ela passou as horas desde então observando todos outros e dizendo muito pouco. Isso era estranho. Em sua experiência, mulheres tendiam a conversar mais que homens, frequentemente enchendo um silêncio pacífico com desnecessário ruído verbal. Abigail era a primeira mulher que conheceu que realmente poderia falar menos que seus guerreiros.

—Eu não precisei de um cavalo.

—Talvez devesse reconsiderar essa ideia. —Ela pausou, dando a ele um olhar entre suas pestanas. —Considerando o fato que seus soldados retornaram com caça e você não.

Todos em torno do fogo ficaram mudos ante a observação inocente de sua esposa, esperando por sua resposta.

Ele não ia admitir que seu lobo passou a manhã preocupado com a mulher que respondeu com nada mais que medo em sua presença. Ele franziu a testa, advertindo-a que não tinha nenhuma intenção de justificar seu fracasso em retornar sem uma caça.

—Talvez o esquecimento de seu plaid causasse sua falta de sucesso. Assustou a presa. —As extremidades de seus lábios curvaram para cima, embora sua expressão permanecesse recatada.

Ela estava o provocando. Sua tímida pequena esposa humana ousava brincar com o Sinclair. O olhar de assombro no rosto de Earc e a sutil alegria em Niall lhe disseram que também haviam notado. Os outros homens mostravam uma mistura de inquietação e preocupação, claramente confundindo as palavras de sua esposa com uma crítica.

—Highlanders tem caçado sem cobrir-se desde que reivindicaram estas terras.

—Hmm... — ela respondeu evasiva.

—Você está preocupada sobre minha habilidade de prover para você? — perguntou, mantendo sua expressão dura e ilegível.

O cruzamento de seus braços e o olhar que lhe deu fez que ele se inclinasse para trás.

—Talvez. —Ela não estava comprando seu fingido aborrecimento, não mais que uma falsa moeda inglesa sem valor.

Um ofego coletivo de seus guerreiros lhe disse que, todavia, eles sim.

—Não deve preocupar-se, senhora. Nosso clã provê ao laird como ele nos provê — disse Niall, acrescentando sua contribuição contra Talorc.

—Pareceria um bom trato — ela respondeu e deu uma mordida delicada do coelho assado.

Quando Talorc não fez nada mais que fulminar Niall e sacudir a cabeça, Circin franziu o cenho muito mais ferozmente.

—Você aceita tal insulto de seu guerreiro?

—Niall não me insultou, nem fez minha esposa. —Ele olhou para Abigail, que estava definitivamente sorrindo agora. —Não é?

—Nay, meu laird. Eu nunca faria isso.

Circin não parecia completamente cético.

—Mas...

—De fato, eu tenho plena confiança que minha esposa prontamente prometerá comer só o que eu prover pela próxima semana.

—Certamente — Abigail prontamente disse.

Só então o jovem Donegal compreendeu.

—Você estava brincando com seu laird.

Uma risadinha quase muda saiu de sua garganta.

—Sim.

—Ninguém brinca com o laird Donegal.

—Nem mesmo sua esposa? — Abigail perguntou.

—Nossa senhora morreu há dez anos.

—Isso explica. Ele está provavelmente ainda lamentando. — disse Abigail, claramente irônica.

O jovem soldado assentiu bastante sério.

—Aye. Assim é. Grande parte de seu coração morreu com ela. Eles eram verdadeiros companheiros.

—É bom que um marido e esposa sejam amigos — Abigail observou, claramente entendendo errado o significado da palavra companheiros.

Circin deu a Abigail um olhar confuso que posou nela enquanto ela estudava o rosto de Talorc. Ele lhe devolveu o olhar.

—Você concorda? — perguntou ela, uma expressão pensativa em suas bonitas feições oval.

—Seria suficiente desejar que não fossem inimigos — era tudo que estava disposto a conceder.

Como ele podia ser amigo de uma mulher nascida e criada como *sassenach*? Ele nunca teria a uma autêntica companheira agora que a aceitou em sua cama. Não seria capaz de gerar filhos, já que um Chrechte não podia ter descendência com uma humana a menos que existisse um vínculo de companheiros sagrados. Ele, quem acreditava fortemente em preservar a herança Chrechte, não seria capaz de passar sua própria natureza de lobo para próxima geração.

O pensamento o fez levantar-se.

—Eu tomarei a primeira patrulha.

* * *

Abigail andava de um lado ao outro, sua atenção ia a deriva à entrada da caverna a cada poucos passos. Esta permanecia tão vazia como esteve desde que tinha dado boa noite aos guerreiros e encontrou seu caminho à temporária antecâmara de descanso dela e de Talorc.

Seu marido desapareceu no fim do jantar e não retornara. A princípio, esteve aliviada por sua ausência. Seu cruel comentário sobre não ser inimigo de sua esposa foi suficiente para pô-la a beira das lágrimas. Junto com o modo que ele a ignorou o dia todo para caçar, a pé ainda, tinha-lhe deixado em dúvida de como a via.

Como uma intrusa inoportuna.

Exatamente como seus pais.

Por um breve instante, quando lhe propiciara semelhante cuidado depois de consumir seu casamento a noite anterior, permitiu-se acreditar por um momento que seria diferente.

Só que, frente ao que havia dito durante o ritual de casamento Chrechte sobre que já não era inglesa e sem ter em conta o tão profundamente emocional havia sentido sua união física, ele não sentia carinho por ela. Foi uma tola por pensar que um dia ele poderia. Uma absoluta tola. A intensa intimidade física que tanto tinha significado para ela, significou menos que nada para ele.

Ela era sua inimiga. Que ela fosse sua esposa não cancelava esse fato.

Não podia culpar nada salvo a sua própria estupidez por permitir a mais leve esperança de que pudesse haver um lugar para ela entre seu clã, inclusive uma vez que soubessem a verdade sobre sua surdez. Talorc estaria muito feliz em usar a decepção como desculpa para livrar-se de sua esposa inglesa indesejada. Como acreditou desde o início.

Ela bateu na umidade que tentava acumular-se em seus olhos. Ela não choraria. Não faria.

Nem daria satisfação a Talorc ao retornar e encontrá-la passeando impaciente por sua chegada.

Com esse pensamento em mente, ela tirou sua regata e subiu entre as peles para forçar ou fingir sono. Qualquer um funcionaria, enquanto Talorc não se desse conta do quanto tinha ferido suas estúpidas esperanças.

CAPÍTULO 10

Só uma tocha queimava na caverna quando Talorc entrou pouco depois da meia-noite. A água da lagoa parecia como obsidiana na suavizada luz âmbar. Ele contemplou se inundar nela antes de juntar-se a Abigail, mas reconheceu isso como a tática de protelar que era e girou do manancial para olhar para sua esposa.

Ela dormia irrequieta, tendo chutado a pele que deveria estar cobrindo seu bonito corpo. Vestia sua regata, embora não tivesse feito desde que o tentou na noite de seu casamento. Se preservar sua modéstia era a meta, ela falhou miseravelmente. A roupa de baixo subiu sobre suas coxas até os bonitos cachos loiros que cobriam seu montículo serem revelados.

Suas pernas bem formadas brilhavam a luz suave, chamando-o a tocar. Tudo sobre o corpo de sua esposa apelava a seus sentidos e a natureza de seu lobo. Em vez de fazer beicinho como um pequeno garoto destituído de sua companheira de vida, Talorc devia estar agradecido que pelo menos achasse Abigail desejável.

Ele não fez com a irmã de Abigail.

Ele não soube por que evitara a adorável loira que adornava suas peles hoje à noite. A situação era mais sua culpa que dela. Ele, pelo menos, podia ter escolhido desconsiderar os desejos de seu rei. Novamente. O padraço de Abigail poderia ter oferecido recusar o casamento, mas a realidade era que a mãe de Abigail teria feito sua vida até mais miserável se o barão tivesse sido tolo suficiente para fazer isto.

E Talorc teria sido forçado a matá-lo. Afinal, decidiu aceitar o casamento conhecendo o custo de fazê-lo no momento que enviou suas demandas a seu Rei.

Além disso, ele queria sua esposa. Uma das poucas compensações deste mal concebido casamento era o fato que estava livre para fazer sexo com ela tão frequentemente quanto os dois desejassem. E, entretanto, estupidamente a evitou por uma boa parte da noite.

Poderia ser mais de meia-noite, mas tinha finalmente se dado conta.

Desnudando-se de seu plaid, ele juntou-se a ela nas peles, seu pênis já de pé em atenção e seu lobo clamando por tocar. Talorc alcançou e riscou a curva de seu ventre suave e feminino com a ponta do dedo.

Enrugando a testa em frustração, Abigail moveu-se em direção a ele dormindo. Ele se moveu também, prontamente permitindo a seus corpos acomodarem um contra o outro. Ela pareceu gostar quando parou de mover e as linhas de seu rosto suavizaram em paz.

Se ele não soubesse melhor, pensaria que ela era parte Chrechte, o modo que ela reagia com instintos quase como animais.

Inclinado, ele respirou fundo, inalando seu viciante perfume. Emily não tinha cheirado tão bem; nenhuma mulher jamais tinha. Mas o perfume natural de sua adorável esposa era flores silvestres no chão do Céu para os sentidos de seu lobo. Incapaz de evitar a si mesmo, Talorc acariciou a pele lisa de seu pescoço.

Ela inclinou a cabeça para trás em um gesto inconsciente de submissão que foi diretamente para seu sexo e ao espírito do lobo.

Ele continuou acariciando-a até que o desejo para farejá-la do modo de seu povo cresceu irreprimível. Ele esfregou a bochecha contra a dela de um lado do rosto e então do outro. Seu lobo clamando para Talorc trocar e farejar sua companheira corretamente, mas ele resistiu. Abigail sem dúvida teria um ataque cardíaco se despertasse com um lobo cinza gigante lhe roçando o focinho contra as bochechas e o pescoço.

Ela ficou apavorada o suficiente ao encontrá-lo no bosque. Ela tinha um medo insalubre de animais selvagens que ele teria que ajudá-la a superar. Era uma boa coisa que não tivesse nenhuma intenção de esclarecer jamais sua natureza lupina para sua esposa. Ainda que pudesse confiar nela com seus segredos, o seu terror permaneceria uma barreira entre eles.

Então, farejá-la como um homem teria que ser suficiente. Seria suficiente marcá-la como sua para outro Chrechte. Agora que eles tinham acesso à água para lavar-se, sua esposa fastidiosa não deixaria o odor de sua relação sexual impregnada em sua pele.

Infelizmente.

A respiração da Abigail entrecortou e então mudou refletindo um estado de despertar. Seu cheiro mudou sutilmente enquanto ela experimentava algum tipo de agitação. Tensão rastejou em seus membros, embora ela não se movesse. Ele ergueu sua cabeça para encontrar seus olhos.

Ela piscou sonolenta a ele, algo ilegível na profundidade castanha de seu olhar.

—Você está aqui.

Ele não perguntou onde deveria estar considerando que passou a maior parte da noite longe de sua cama temporária. Ele simplesmente assentiu e então cobriu seus lábios com os seus antes dela poder dizer qualquer outra coisa, ou fazer qualquer pergunta que não queria responder.

Ela ficou rígida contra ele, todas as implicações da rendição inconsciente desaparecendo quando apartou seu rosto do dele e quebrou o beijo.

Ele se ergueu para apoiar-se em seus braços sobre ela.

—O que está errado, anjo? — Então um pensamento o atingiu. —Você ainda está dolorida?

Ela não respondeu, mantendo seu rosto desviado, assim ele não poderia ler sua expressão.

Isso o aborreceu mais do que se importou em admitir e ele cuidadosamente pegou seu queixo para girar sua cabeça e encontrar seus olhos.

—Responda-me.

Ela olhou fixamente para ele, seu suave olhar castanho vislumbrando com o que parecia resignação.

—Você está dolorida. Tudo bem. Nós esperamos até que você se cure. —Ele não era um monstro.

—Não estou dolorida.

—Então por que você se virou? — exigiu com exasperação.

—Como você pode compartilhar seu corpo com o inimigo?

—Eu não iria. —O asco da ideia atado a sua voz.

Suas sobrancelhas se juntaram em confusão.

—Você disse que eu era sua inimiga quando estávamos jantando.

—Eu não fiz.

—Você fez. Eu nem sempre entendo... — hesitou e deixou escapar uma exalação claramente frustrada. —Gaélico. Eu nem sempre entendo gaélico perfeitamente. Não é meu primeiro Idioma, mas eu conheço a palavra para inimigo.

Ele mentalmente revisou cada palavra que disse para ela ao longo da refeição da noite e a compreensão finalmente surgiu.

—Eu disse que era suficiente que você e eu não sejamos inimigos, eu não esperava que fôssemos amigos.

Seus olhos brilharam com prazer, mas escureceram quase tão rapidamente quanto ele terminou de falar.

—Você não pensa que podemos ser amigos?

Ela era antigamente inglesa. Ela era uma mulher. Não era Chrechte e nunca poderia conhecer essa parte importante de si mesmo. Havia só uma resposta para sua pergunta, mas ele não podia forçar a negativa a sair. Então, encolheu os ombros e observou com diversão como seus olhos estreitaram no que podia ser descrito como um adorável olhar furioso.

—Não é uma resposta.

—Aye, meu anjo, é.

Abigail separou os lábios, mas antes de poder discutir, ele cobriu-os novamente com sua boca. Desta vez, ele se aproveitou da abertura e apunhalou a língua adiante para reivindicar sua doçura.

Diferentemente de um momento atrás, sua resposta foi imediata e descarada. Ela realmente esteve aborrecida pela ideia que ele a visse como um inimigo. As mulheres eram criaturas estranhas com mentes insondáveis.

Ele nunca iria para cama com seu inimigo, mas não estaria extremamente preocupado se ela o considerasse menos que confiável. Ainda enterraria a si mesmo em sua suavidade. Não é que ela desconfiasse dele. Ele era o Sinclair, e pelas palavras e ações de Abigail, ela mostrou que sabia o que isso queria dizer... pelo menos até o ponto que ela confiava sua segurança em suas mãos.

Para ela recusar intimidade porque pensava que ele a via em uma luz negativa quando ela muito claramente apreciava fazer amor era um pensamento demais refinado. Era mais que provável o resultado de seus mais civilizados modos ingleses.

Agora que ela decidiu que podia se permitir uma resposta natural, queimou-o com o fogo de sua necessidade. Ele se divertiu na carnalidade do seu beijo, roçando seu corpo nu contra o dela. Suas mãos pequenas agarraram seus ombros, as unhas fincando fundo e desencadeando satisfação no espírito de seu lobo ante a sua flagrante possessividade. Ele abaixou, cobrindo o corpo dela completamente com seu em um movimento exigido por seu sangue Chrechte.

Ele esfregou seu corpo contra o dela, perfumando cada pedaço de pele que podia alcançar. Seus ossos estremeceram com a necessidade para trocar, mas se controlou.

Por pouco.

Seu lobo uivava por liberação. Ele desejava a besta para submergir no prazer.

Erguendo os braços dela sobre sua cabeça, ele acariciou com o nariz uma de suas axilas. Um afrodisíaco como nenhum outro, o odor de seus feromônios o tornou louco. Mordeu a delicada pele diretamente onde o braço e o ombro se uniam. O corpo dela estremeceu, seus quadris pressionaram para cima contra ele. Ela não estava tentando derrubá-lo, não como a forma que suas pequenas panturrilhas envolveram ao seu redor, segurando-o para ela com inconfundível intenção.

Ele aprovou e a deixou saber quanto roçando seu pênis duro contra o ápice de suas coxas. Ela fez um barulho sufocado, seus quadris empurrando novamente. Era surpreendente, quão perfeitos seus corpos estavam harmonizados, considerando que ela não era parte lobo.

Ele jogou para trás sua cabeça e uivou seu prazer e necessidade.

Então sua cabeça caiu adiante de sua própria vontade e seus lábios buscaram a junção entre seu ombro e pescoço. Ele abriu a boca sobre o lugar sensível, seus dentes roçando a pele ali, fazendo ambos gemerem em um primitivo reconhecimento tão velho quanto o tempo. Ele a mordeu, suavemente, mas firme, acossando a marca que tinha feito a noite anterior.

Um som entusiasta saiu da garganta dela e o corpo de Talorc ficou rígido com prazer no reconhecimento de sua *reivindicação*. Seu lobo uivou tão alto dentro dele que sua cabeça retumbou. O corpo inteiro dela arqueou, erguendo sua forma muito maior vários centímetros antes dela desmoronar de volta nas peles.

Ele mudou seus quadris até que sua ereção dura como granito apertou na escorregadia abertura do seu corpo suave.

—Faça. —Suas mãos se agarraram a ele, puxando-o para baixo. —Faça-o. Faça-o. Faça-o. *Reclame-me.*

Ele não podia ter parado a si mesmo se quisesse. Ele a reivindicou com sua mordida e com sua masculinidade.

Enquanto entrava em seu interior, duas coisas aconteceram. A primeira foi uma sensação opressiva de voltar para casa, muito mais forte que teve a noite anterior. Tão forte que não podia começar a negá-la. Tão forte que o paralisou em imobilidade temporária.

E a segunda era que a ouviu clamar seu nome. Dentro de sua cabeça.

Reconheceu a cadência suave de sua voz, mas havia um timbre que ele não tinha ouvido nela antes, uma riqueza que suas palavras faladas não tinham.

Não. Não era possível. Ela era humana. Ela era a escolha do rei, não de Talorc. Ela não era Chrechte. Ela devia ter falado em voz alta e ele simplesmente pensou que ouviu em sua mente.

Tinha que ser isso.

Todos os argumentos internos fugiram quando o prazer aumentou com velocidade sem precedente entre eles. Ela movia debaixo dele com sensualidade vivaz. As punhaladas de seus quadris por sua própria iniciativa, movendo sua dureza dentro e fora dela com uma velocidade e força que não pensaria que ela pudesse lidar, muito menos gozar tão claramente.

Ele deslizou seus antebraços debaixo de seus joelhos e levantou-lhe as pernas, assim podia empurrar mais profundamente.

—Sim. Sim. Sim... — cada afirmação mal sussurrada pelos seus lábios, mas a intensidade da demanda era mais óbvia que se ela gritasse as palavras.

Ele subiu vertiginosamente para o clímax. A estranha sensação de poder senti-la fazendo o mesmo só aumentado seu prazer. Aumentando e aumentando. Até que juntos alcançaram um orgasmo que foi tão intenso que sua tímida esposa gritou tão forte que teria destruído seu ouvido interno.

Se o grito não soasse dentro de sua cabeça.

Jogou a cabeça para trás e uivou em prazer indescritível enquanto plantava sua semente profundamente no corpo de sua esposa e clamava seu nome em sua mente.

—Abigail.

Sua respiração aprisionou no peito e o corpo de Abigail convulsionou com outra onda de maravilhosa felicidade enquanto ouvia seu nome gritado pela voz encharcado de prazer de seu marido.

Ouviu-o.

Graças ao céu e todos os santos por isso. Podia ser verdade? Tinha ela verdadeiramente ouvido Talorc gritar seu nome quando alcançou seu próprio pináculo de satisfação? Entretanto, como podia isto ser qualquer coisa exceto real? Ela que não ouvira nada, nem mesmo um toque de campainha em seus ouvidos, durante muitos anos silenciosos, ouviu seu próprio nome gritado.

Ela ofegou pelo puro milagre disto, lágrimas de alegria queimando os olhos com bem-vinda ardência.

Agarrando seu rosto com ambas as mãos, exigiu:

—Diga isso novamente. Diga meu nome novamente.

Mas quando ela falou, um frio terrível lambeu nas extremidades de sua alegria. Ela não ouviu sua própria voz.

Ele olhou fixamente a ela com saciado prazer e obsequiosamente concordou com seu frenético pedido.

—Abigail.

Observou seus lábios formarem as sílabas que ela soube fazia seu nome, mas nenhum som penetrou o casulo de silêncio que vivia. A desolação sufocou-a até quando implorou.

—Novamente. Por favor?

As sobrancelhas de Talorc se juntaram e ele fez uma pergunta com seus surpreendentes olhos azul.

Ela não podia responder, entretanto, só implorou novamente.

—Por favor. —Embora cada palavra que pronunciou corroía a esperança que florescera no que pensou que era um milagre.

Porque não podia ouvir suas próprias palavras e agora questionava se tinha realmente ouvido seu nome. Mas se não, então o que? Tinha sido muito tempo desde que qualquer coisa exceto o silêncio a

assaltou, ela não podia se lembrar do som. Lutou contra o esquecimento da normalidade, mas cada ano arrastava-se ainda mais para dentro de um mundo que sentia como se nunca tivesse som.

Entretanto, como podia imaginar algo que ela nem sequer experimentou mais que em sonhos?

—Você está bem? — ele perguntou.

E ela leu o significado em seus lábios, na preocupação agora mascarando suas feições, mas nada ouviu.

Como ela podia responder?

Acabaram de compartilhar um prazer incrível e ela estava permitindo que as fantasias de sua mente arruinar isso. Ela não estava bem, mas não era culpa de ninguém, mas sua própria.

Forçou um sorriso e puxou seu rosto em direção a ela, com o intento de esconder-se atrás de um beijo.

—Como podia ser de outro modo?

Como realmente?

E ele cooperou em ajudá-la esconder-se, beijando-a com uma ternura e paixão residual que suavizou a dor de sua própria ilusão.

Ele não a levou para encharcar-se nas águas termais esta noite, mas a levou em outra jornada sensual que não concluiu com quaisquer experiências inexplicáveis. Então a beijou e depois... dormiu profundamente.

* * *

Talorc despertou com seus braços embrulhados protetoramente em torno de sua companheira. Não só seu anjo em um voo de fantasia, mas sua autêntica e sagrada companheira. Se ele pudesse acreditar na evidência de sua mente e sentidos. Como era possível?

Os argumentos contra a probabilidade de encontrar uma companheira sagrada como ele fez era da mesma maneira válidos como o dia anterior, mas nenhum deles importava frente a um fato inevitável: ele ouviu sua voz dentro de sua cabeça. Eles eram capazes de se comunicarem com a mente. Nem todos os companheiros verdadeiros eram, mas isso era um sinal indisputável que o acasalamento era abençoado.

Também significava que até Abigail ou ele morressem, seriam fisicamente capazes de acasalar só um com o outro. Não que ele teria considerado fazer o contrário. Os Sinclairs, particularmente os Chrechte entre eles, atribuíam grande importância ao ato físico do sexo. A maioria dos membros do clã, guerreiros e mulheres por igual, consideraram isso um vínculo sagrado, impossível de quebrar.

Até mais importante, o vínculo sagrado de acasalando significava que não só podia Abigail ter crianças de Talorc, mas mais provável ela os teria. O que pareceu uma impossibilidade na noite anterior tinha uma forte chance de acontecer. Talorc transmitiria sua natureza lupina para a próxima geração se fosse abençoado com descendência Chrechte em vez de humana.

Era suficiente para fazê-lo uivar em encanto. Porém, sua alegria foi tingida de melancolia.

Ele não podia dizer a Abigail sobre sua natureza e arriscar-se a ela revelar os segredos de seu povo para estranhos. Deste modo ele não podia compartilhar alguns dos benefícios do vínculo de

companheiro verdadeiros com ela, como a comunicação com a mente. Desde que aceitou um tempo atrás que muito provavelmente não encontraria sua autêntica companheira, isso não devia aborrecê-lo. Mas fez.

Conhecendo a intimidade mental que eles eram capazes, sentiu falta de participar do antigo ato Chrechte. Entretanto, uma parte dele estava aliviada que tinha uma razão para evitá-lo. O vínculo verdadeiro era suficiente desconcertante; a intimidade profunda da comunicação mental não era algo que estava confortável compartilhando com uma mulher que conhecera só alguns dias antes. Particularmente, uma humana que nascera e fora criada na Inglaterra.

Devia ser cuidadoso para não falar na mente dela como fez quando gritou seu nome durante o primeiro clímax da noite anterior. Ele não podia arriscar-se revelar a verdadeira condição de seu acasalamento antes de estar pronto. Se esse tempo alguma vez chegasse.

* * *

A primeira visão de Abigail da fortaleza Sinclair foi mais que um pouco imponente. As cartas de sua irmã descreveram uma fortaleza semelhante à de seu pai, com cerca de madeira cercando o castelo normando³. Não era assim agora. Nos quase três anos desde que sua irmã se foi ao Norte, essa madeira foi substituída por pedra, e a fortaleza Sinclair parecia mais como um castelo. Uma fortaleza sólida e impenetrável, para ser precisa.

Um largo fosso circundava a alta muralha de pedra. A água era escura, indicando uma profundidade que preveniria cruzar facilmente.

Os cascos dos cavalos ressoavam enquanto um grupo passava pelo único lugar de acesso, uma estreita ponte que levava a única abertura que ela podia ver na parede. Os membros do clã saíram de suas cabanas para darem boas-vindas a seu laird a casa e seguiram os cavalos através da ponte. Eles se juntavam com mais homens e mulheres na muralha exterior.

Alguns gritaram, muitos aclamavam e crianças brincavam em torno dos homens montados nos seus corcéis enormes. Era um retrato muito diferente do que Emily tinha pintado de sua primeira visão do forte Sinclair. Ambos, os guerreiros e os cavalos, demonstraram seu treinamento superior porque as crianças nunca estiveram em perigo de serem pisoteadas.

Porém, Talorc manteve-se adiante, cruzando a muralha para guiar seu cavalo em um caminho até o castelo. Os muros de pedra se elevavam em ambos os lados, lançando uma sombra sobre todos eles, sobre os que montavam e os que caminhavam por igual.

Abigail não podia dizer se a colina íngreme era artificial como o encarpado de seu pai ou uma ocorrência da natureza. O caminho sob as patas do seu cavalo era composto de sujeira e pedras cobertas de musgo. Parecia sólido, indicando que a colina tinha sido criada muitos anos atrás, seja por

³ Castelo Normando era um monte de terra largo e nivelado, geralmente com 50 pés de altura, onde era erguida uma larga torre de madeira. Abaixo do monte havia um terreno cercado com uma paliçada de madeira, chamada de *balley*. Nesse terreno cercado eram construídos depósitos, galinheiros e choupanas. Tanto o monte quanto a paliçada eram uma espécie de pequena ilha cercada por um fosso cheio d'água, escavado para a construção do monte.

Deus ou pelo homem. Nenhuma tormenta arrastaria sua fundação como tragicamente acontecia na Inglaterra em algumas ocasiões.

Sybil se preocupou e lamentou sobre acontecer tal coisa desde que ela levou suas filhas para viver na fortaleza Hamilton.

O portão no topo do caminho estava aberto e Talorc atravessou montando, seu porte orgulhoso e imponente. Um contingente de guerreiros, cada um parecendo tão feroz como aqueles que os acompanharam ao norte, esperava no pátio. Eles estavam na frente de uma única torre de pedra circular concentrada no centro, no topo aplainado da colina. A torre subia rapidamente bem uns trinta metros no ar, competindo com os soldados ferozes pela atenção curiosa de Abigail.

Talorc desmontou e saudou o guerreiro que parecia ser o gêmeo de Niall com um punho em seu coração. O outro homem copiou o movimento de seu laird, adicionando uma inclinação de cabeça em direção a Talorc quase uma reverência, mas não completa.

Abigail sorriu para Niall.

—Este é seu irmão, Barr, não é?

—Aye.

—Ele é quase tão bonito quanto você, mas a ele falta a marca de força que você leva no rosto.

Derrubando a cabeça para trás, Niall riu alto, fazendo Abigail sorrir. Ela gostou de ver a alegria no rosto de seu novo amigo.

Os guerreiros ao redor deles pararam de saudar seu laird e olharam fixamente. Então o mesmo fizeram os membros do clã, olhando para Niall como se lhe brotasse serpentes Medusas na cabeça.

A alegria de Niall se transformou em um olhar feroz, fazendo todos, menos um homem ruivo parado próximo de Talorc, assumirem um interesse imediato em qualquer outra coisa. O homem ruivo estava sorrindo e olhando fixamente para Niall com o que poderia só ser descrito como uma expressão cegada pelo amor. Não que Niall parecesse notar, ele estava muito ocupado tentando intimidar seus amigos.

Abigail sacudiu a cabeça, desistindo de tentar manter o caminho das conversas ao seu redor. Ela só podia ver alguns lábios das pessoas, e não tinha experiência suficiente para observá-los falar e ainda ler com precisão mais que uma ou outra palavra. Ela não podia ver a boca de seu marido para nada. Porém, quando todos, inclusive as pessoas do clã que tinham seguido eles da muralha mais baixa, fixaram sua atenção em Abigail, ela imaginou que ele havia dito algo com respeito a ela.

Apavorada, olhou para Niall.

—O que ele disse? Eu não estava prestando atenção.

Niall deu seu um olhar estranho, mas não hesitou em responder.

—Nosso laird apresentou você como sua esposa. Os soldados e o clã estão agora em liberdade para falar com você.

—Você quer dizer que eles não estavam antes?

—Você não notou que nenhum dos soldados falou com você em nossa viagem ao norte?

—Eu pensei que eles poderiam ser tímidos. —Ou que eles não gostaram dela porque era inglesa.

—Você falou comigo.

—Eu tive licença do meu laird para fazer isso.

—Caramba, Sybil faria uma manha de criança merecedora de um gato escaldado se meu pai presumisse ditar quem podia e não podia falar com ela.

—Isso significa que você tem intenção de ficar furiosa? — Talorc perguntou, tendo se aproximado sem ela ter notado.

Ela sacudiu a cabeça com um sorriso.

—De jeito nenhum. —Se ele meramente soubesse que acabara de fazer sua vida muito mais fácil a todos. Quanto menos pessoas falassem diretamente a ela, menor a chance de seu segredo ser revelado.

—Bom. — Ele ergueu seus braços, indicando que a ajudaria a sair do cavalo. —Venha.

Ela não hesitou, deslizou da égua branca direito para os braços fortes de seu marido. Ele a soltou imediatamente, mas colocou uma mão no seu ombro.

—Eu já apresentei minha esposa, eu agora digo a vocês que Abigail dos Sinclair é sua nova senhora.

Surpresa ondulou pela multidão, mas não foi mais forte do que sua própria sensação de surpresa. Até Abigail reconheceu um selo de aprovação quando ela “ouviu” isto. Talorc estava dizendo a seu povo que esperava que a aceitassem.

Surpreendente.

Ela soube que ele não fez o mesmo para Emily. Sua irmã se sentiu odiada pelos Sinclairs.

Um homem velho aproximou-se, uma carranca em suas feições enrugadas.

—Você nos pede para garantir nossa lealdade para esta *sassenach*?

—Não.

Abigail sentiu seu coração cair. Ela tinha entendido errado?

—Eu não peço. Eu exijo. Como é seu direito, qualquer que deseje me desafiar pode fazer então. Estejam seguros, porém, que eu considerarei o mais leve desprezo a minha companheira um desafio para minha posição como laird.

O ancião recuou, claramente cambaleando pelas palavras de seu líder.

Abigail sentiu-se um pouco fraca. Talorc acabou de anunciar para todos que quiseram escutar, que a considerava sua amiga. A calidez a encheu junto com a culpa que tinha mantido sepultada profundamente em seu interior desde que começou a ocultar sua surdez daqueles que a rodeavam.

Ela não queria enganar seu marido, mas o terror ante sua reação lhe impedia de confessá-lo. Mesmo agora. Seu plano tinha sido revelar sua aflição ao alcançar as Highlands de forma que Talorc a mandaria para viver com sua irmã, Emily, entre os Balmorals. Com aquela meta em mente, dizer a verdade sobre sua falta de audição teria sido fácil.

Ou então ela supôs, mas agora pareceu impossível. Uma vez mais a esperança estava florescendo dentro de que poderia haver um lugar para ela entre os Sinclairs. Um lugar verdadeiro. A posição de pertencer. E ela não quis desistir disto.

CAPÍTULO 11

O guerreiro ruivo que Abigail notou anteriormente avançou.

—Eu mostrarei a nossa senhora seus aposentos, assim poderá descansar de sua jornada, meu laird.

Talorc assentiu. Ele se virou para Abigail.

—Esposa, este é Guaire, seneschal da propriedade Sinclair.

—Seneschal? Eu não conheço esta palavra.

—É semelhante a um mordomo — Guaire respondeu em inglês, recebendo um olhar penetrante dos outros guerreiros ao redor dele.

Com exceção de um ligeiro encolhimento de ombros, ele ignorou a reação, mostrando que estava acostumado a tais comportamentos. Por alguma razão isso aborreceu Abigail. Ela sabia que iria gostar deste soldado. Ele ficou feliz quando Niall riu e isso agradou Abigail.

Niall era uma das poucas pessoas no mundo que ela contava como amigo.

À medida que se afastavam, Talorc deve ter dito algo, porque Guaire parou e olhou para trás ao seu laird. Abigail virou a cabeça para que ela pudesse ler os lábios de seu marido também.

—Você vai dar-lhe o braço nos degraus e assegurará sua segurança.

—Aye, meu laird.

—Eu não sou nenhuma atrapalhada, Talorc. —Ela era surda, não uma desajeitada. —Eu não vou cair pelas escadas.

—Não obstante, você permitirá a um soldado ajudá-la sempre que precisar.

Ela deu a ele um de seus famosos encolhimento de ombros, recusando-se a concordar com tal instrução ridícula e tampouco disposta a mentir.

Quando ela e Guaire partiram, Abigail estava realmente agradecida por sua inabilidade de ouvir os muitos sussurros e comentários que deveriam estar acontecendo por trás deles.

Eles entraram no salão e Abigail tomou fôlego.

O interior era tão imponente quanto o exterior e muito mais austero. Não havia sedas coloridas adornando as paredes de pedra para dar ao salão um aspecto mais alegre. Nenhuma cadeira cercava a lareira enorme, visivelmente apagada apesar do frio de final de tarde no salão cavernoso. O sol poderia brilhar do lado de fora, mas ele não penetrava nas grossas paredes de pedra da torre da casa de Talorc. As únicas mobílias no grande salão eram duas mesas longas com bancos sem encostos de cada lado.

—Quantos dos soldados jantam no salão? — Ela perguntou a Guaire, ao invés de comentar o aspecto sombrio da sala enorme.

—Dez dos soldados de elite vivem aqui no salão, bem como o conselheiro de Talorc, Osgard, e eu. Outros dez a quinze soldados solteiros juntam-se a nós para o almoço e jantar.

—Os soldados casados nunca compartilham uma refeição com seu laird? — Isso a surpreendeu. Talorc pareceu-lhe como um líder que preferiria ficar conectado a todo o seu povo.

—Seria considerado rude deixar suas esposas e famílias para tal. Isto não é o mesmo na Inglaterra?

—Bem, eu sei que todos os soldados de Sir Hamilton faziam rodízio para comer no salão uma vez por mês. Isto era considerado uma honra.

—Como devia ser.

—Claro, suas famílias eram bem-vindas a juntar-se a eles. Alguns se juntavam e alguns preferiam não. Minha mãe gostava de sua posição para com o senhor sobre as outras mulheres que vivem no baronato de meu padraсто.

—Interessante. —Guaire não aparentou como se o comentário fosse meramente educado. Ele olhou intrigado. —Não acredito que tivemos uma criança na mesa do laird desde que Talorc e Caitriona eram crianças.

—Talvez seja hora de mudar isto.

Guaire sorriu para ela, sua expressão dizendo que estava divertido, mas aprovando.

—Talvez seja.

—Quanto tempo você vive na torre do laird? — perguntou quando Guaire a guiou degraus acima.

Os degraus de pedra curvavam em uma suave espiral ao longo da parede até o primeiro andar, que era uns bons quatro metros acima do salão. Ela entendeu a insistência de Talorc sobre ela ter uma escolta um pouco melhor. Os degraus não eram largos o suficiente para duas pessoas caminhar lado a lado e eles não tinham nada entre eles e uma queda enorme para a planta principal.

Guaire a conduziu um passo a frente, enquanto sua mão estava firmemente segura na dobra de seu braço.

—Desde que a irmã do laird foi embora para viver com o clã de Balmoral. Eu era senescal há uns dois anos já, então, mas não dispunha o privilégio de viver dentro da casa do meu laird.

—Bem, eu estou contente que você está agora. Os degraus são muito estreitos — ela observou.

Guaire a levou através do pequeno patamar no topo das escadas e através de uma porta de entrada lá.

—É uma vantagem tática.

—Talorc parece muito preocupado com a segurança de sua fortaleza.

—Não a segurança da fortaleza. —Guaire parou e deu-lhe um olhar que transmitiu o seu desejo que ela entendesse. —Nosso laird se importa muito com a segurança das pessoas que vivem dentro dela.

—Por causa do que aconteceu com seu pai?

—Mais por causa do que ações de seu pai permitiram acontecer para o resto do clã. Nosso primeiro laird foi apenas um dos muitos que morreram quando sua cadela esposa traiu o Clã para seus amigos ingleses.

— Eu não posso imaginar uma força inglesa vindo tão longe ao norte para empreender uma guerra com um clã escocês. O que eles podiam esperar ganhar?

Guaire encolheu os ombros e ela esteve segura que não significava que ele não tinha uma resposta, mas era uma que não desejava compartilhar.

—Será que isso importa? Eles vieram e mataram.

—Sim. A mando de uma mulher que deveria ter sido leal ao antigo laird e seu povo. —E o marido de Abigail ainda a queria como sua companheira. Era um milagre ao seu modo de pensar. —Eu devo ser grata por Talorc ter me aceitado tão prontamente.

—Ele não tinha escolha. Você é sua companheira, sua única e verdadeira, se aceita voluntariamente o legado dos guerreiros Chrechte.

—Eu não percebi que ele me via como sua amiga. É uma honra que eu planejo estar à altura. Guaire deu-lhe um olhar perplexo.

— Amiga?

—Sua companheira.

Os olhos verdes do ruivo se arregalaram.

—Ele não disse a você o que quer dizer ser sua companheira?

—Nós falamos a noite. Mais ou menos. De uma forma indireta. Ambos sentimos que é uma benção para um marido e uma mulher serem amigos de verdade.

Guaire pareceu estar sufocando com algo, mas negou com a cabeça e a levou pelo corredor que dividia em dois o segundo andar. Abriu a primeira porta à direita.

—Este é o aposento de Talorc, agora seu também.

Considerando a dispersão de mobiliário e decoração do piso principal, ela não deveria ter ficado surpreendida com este quarto. Porém, ele faria uma cela monástica parecer decadente em comparação. Uma pilha de peles muito parecidas com aquelas que ela e seu marido dormiram na viagem do norte, ocupava um lugar contra a parede distante. Existia um baú debaixo da janela, mas nenhuma cadeira ou cômoda.

A única decoração, se você pudesse chamá-la assim, era uma espada enorme bem polida e uma seleção de facas penduradas acima da cornija da lareira. Ela virou-se em círculo e notou os detentores de tocha em cada lado da porta. Isso era algo pelo menos. Uma indicação pequena de que seu marido reconhecia que eles não eram mais homens das cavernas.

—Ele, hum... ele tem alguma cama?

O olhar de Guaire estava definitivamente tingido com humor desta vez, e talvez um pouco de piedade.

—Eu não acredito nisso.

—Você saberia, eu suponho.

—Aye.

Ela suspirou. As peles foram bastante confortáveis nas últimas noites, supôs.

—Ele é um homem de poucas indulgências.

—Eu penso que “poucas” possa ser um caso de exagero.

Isso era o que ela tinha medo.

* * *

—Ela é sua autentica companheira? — Barr perguntou a Talorc com nada menos que choque.

Ele e um grupo pequeno de guerreiros Chrechte entraram no salão depois de Talorc despedir os membros do clã.

Talorc olhou em direção ao andar de cima, como se pudesse ver sua linda esposa loira pelas madeiras. Ele suspirou ante sua própria tolice. Ela não estava lá em cima. Guaire levou-a em uma excursão pela fortaleza.

—Aye.

—Mas... — claramente seu segundo no comando não soube o que dizer, por que ele não terminou seu pensamento.

Os pensamentos de Osgard eram facilmente lidos. Ele estava furioso, seus envelhecidos traços se apertavam em linhas ferozes.

—Impossível.

—Você duvida de minhas habilidades de ler os sinais?

—Seu pai insistiu que Tamara era sua companheira verdadeira também, mas todos nós sabemos como isto acabou. —Osgard bufou. —O homem estava enfeitiçado, isso era o que era.

—Eu não estou apaixonado por minha esposa. —Ele estava protegendo-a, possessivo de um modo que ele nunca teria antecipado, mas isso era tudo por causa do lobo. Ela não era apenas sua esposa. Ela era sua companheira sagrada. —Eu não tenho nenhuma intenção de compartilhar os segredos de nosso clã ou do nosso povo com ela.

—Seu pai não pretendia dizer a sua mãe sobre o Tesouro Real também, mas ele o fez mesmo assim.

—Eu não sou meu pai — Talorc rosnou.

Osgard ainda estava ferido pela traição de seu antigo laird, mas ninguém conhecia a dor de ter elevado a esse homem a altura de seu senhor e sentir que todos seus sentimentos de respeito e admiração desapareciam em um só noite. Ninguém exceto Talorc.

—Nossa senhora não sabe que é sua companheira? — Niall perguntou, franzindo a testa.

—Ela pensa que isso significa que nós somos amigos de verdade. — E Talorc recusou a se sentir mal com isto. Abigail era humana. Ela não entenderia de qualquer maneira.

O fato de sua irmã ter o mesmo vínculo com Lachlan de Balmoral, não era algo que Talorc queria examinar de perto.

As palavras de Talorc provocaram uma risada de Osgard.

—Os ingleses são tolos.

—O que é tolo sobre uma mulher entendendo mal uma palavra que tem mais de um significado? — Niall exigiu. —Não existe nenhuma honra em fazer de tola sua companheira sagrada.

—Esta não era minha intenção. Ela não é uma de nós; ela não precisa saber que é qualquer coisa mais do que minha esposa. Isso é tudo que espera como humana.

Niall pareceu longe de estar convencido.

Osgard fez uma carranca para o guerreiro cicatrizado.

—Será que ela enlaçou você, também?

— Nossa senhora não trata de fazer armadilhas. Ela é inocente e gentil. — Niall cruzou seus braços em uma posição que disse que ele não se moveria. — A considero uma amiga.

Barr ofegou.

— Ela não me teme. Ela pensa que eu sou romântico e gentil. — Niall revirou seus olhos. — Ela vê o melhor nas pessoas. Esta é uma característica estranhamente atraente. Você verá.

Osgard bufou com raiva como só um escocês velho poderia.

— Eu vejo que a moça enganou você e nosso laird.

— Ela não é nada como Tamara — Talorc insistiu, e ele percebeu como profundamente acreditava nessas palavras quando as falou. — Ela nunca me enganaria como aquela mulher fez com meu pai.

— Seu covarde pai acreditou o mesmo.

— Basta! — Talorc aceitou muito de Osgard, mas isto estava indo longe demais. Ele ficou de pé e assomou sobre o idoso. — Meu pai era seu laird. Ele cometeu um erro em confiar na mulher errada e pagou com sua vida. Eu aprendi com esse engano e não repetirei isto. Você deveria precisar não mais do que minha palavra para aceitar esse fato. Insultando sua memória, como você acabou de fazer, está afrontando o título que ele usava.

— Melhor causar ofensas que assistir este clã traído por outras maquinações de uma inglesa. Eu não farei isto.

— Não existe nenhuma falsidade em minha companhia! — Talorc sentiu seus olhos mudarem e o mundo ficou branco e preto.

Osgard recuou quando todas as cores filtraram de sua pele enrugada.

— Minha única preocupação é o clã — ele disse com muito menos vigor que antes.

Talorc podia respeitar as motivações do homem mais velho, mas não suas opiniões.

— Me ocuparei da proteção do meu povo, como tenho feito desde o início de minha liderança. Mas saiba isso. Meu lobo exige a proteção de minha companhia sagrada da mesma maneira.

Osgard relutantemente concordou, e então suspirou.

— Eu não pretendia falar insolentemente contra ela, por tudo que eu vejo você é como o filho que eu perdi nesta sangrenta e ardente batalha, você é meu laird, e respeito ambas; suas decisões e seu compromisso para com o seu clã.

As palavras eram uma concessão importante do velho guerreiro, e Talorc tratou-o com o respeito que ele merecia, batendo seu punho direito sobre seu coração com um aceno.

* * *

Embora fosse fim de tarde quando eles chegaram à propriedade Sinclair, Abigail recusou a sugestão de Guaire de tirar um cochilo antes da refeição da noite.

— Eu preferiria me familiarizar com o castelo e descer a muralha se você não se importar de me escoltar.

— Eu ficaria encantado.

Abigail sorriu.

— Você é muito gentil. Você sabe que eu sou inglesa, não é?

—Você costumava ser inglesa. Agora você é casada com nosso laird. Isso faz de você uma Sinclair.

—Isto é semelhante a algo que Talorc disse na jornada até aqui.

Guaire assentiu.

—Falamos com a verdade.

—Eu espero que as outras pessoas do clã sejam da mesma opinião. —Entretanto, ela duvidava disto.

Porém, ela ficou agradavelmente surpresa por descobrir que a maior parte dos Sinclair era realmente bastante amigável quando Guaire a apresentou. Ela encontrou um grupo de mulheres que fiavam a lã tosquiada das ovelhas que o clã cuidava. Elas tingiam e transformavam no plaid dos Sinclair, como também outros plaids de cores semelhantes para comércio com os clãs nas reuniões semestrais.

O único edifício maior que a cabana de tecelagem no pátio inferior, era a ferraria. Abigail ficou encantada em saber que Magnus, o ferreiro, era casado com uma mulher originária do clã do qual a irmã de Abigail casou. Ela ficou ainda mais feliz quando Magnus chamou sua esposa de sua cabana atrás da ferraria para apresentá-la a esposa do novo laird.

Uma mulher adorável, com um sorriso doce, Susannah deu boas-vindas a Abigail ao clã.

—Eu estou certa que você encontrará muitos amigos entre o nosso clã, da mesma maneira que eu fiz quando cheguei.

—Obrigada.

Elas começaram a conversar sobre os membros de suas famílias na Ilha de Balmoral e Abigail disse:

—Trouxe presentes para Emily, mas eu não sei quando eu poderei levá-los para ela. Há mensageiros que vão entre os dois clãs frequentemente?

—Não mais frequente do que o necessário — Magnus respondeu laconicamente.

—O laird aprovou nossa visita à ilha depois da próxima lua cheia para que eu possa visitar minha família — Susannah disse com um sorriso. —Minha mãe está ansiosa para ver nossas crianças.

Abigail sorriu.

—Isto é maravilhoso.

—Sua família é o clã Sinclair agora — seu marido advertiu com exagerada paciência.

—E eu não vou fingir que minha mãe, meu irmão e sua esposa não mais existem somente porque eu casei com um recluso do clã Sinclair.

—Nós somos reclusos? Os Balmoral vivem em uma ilha sem outros clãs.

—E é uma ilha que você não se importa visitar. Você gosta de caçar lá.

Magnus não respondeu, mas Abigail não ficou perturbada pela brincadeira do casal. Ela era mais perita que a maioria em ler a linguagem do corpo, e estava claro que o ferreiro e sua esposa não tinham nenhuma hostilidade real em sua discussão.

Susannah girou os olhos e falou com Abigail.

—Meu ponto, antes de meu marido interromper com seus velhos argumentos, era que nós poderíamos levar seus presentes e entregá-los a sua irmã, se você quiser.

—Isso não seria um peso muito grande? — Abigail perguntou verdadeiramente comovida com a oferta e piscando de volta a umidade. —Eu adoraria que minha irmã soubesse que eu estou bem e vivendo nas Highlands agora. —Ela não poderia confiar em Sybil para enviar mensagens das novas circunstâncias de Abigail para Emily.

—Eu vou levar qualquer mensagem que você quiser — Susannah generosamente ofereceu.

—Muito obrigada. Se você não se importar, eu incluirei uma carta com meus presentes.

—Você sabe escrever? — o ferreiro perguntou curiosamente.

—Sim. Emily me ensinou.

—Ela pode, isso é único. Nosso laird sabe ler também — Magnus anunciou orgulhosamente. — Como também pode o nosso Guaire. É por isto que ele foi escolhido seneschal.

—Isto é o fato de que ele é o único membro do clã que pode ler e não treme as pregas de seu plaid quando os guerreiros de elite se reúnem em um só lugar. — Susannah sorriu com aprovação para Guaire.

Ele encolheu os ombros, mas sua expressão dizia que a mulher do clã tinha razão.

—Seus pais devem orgulhar-se de você por ter sido escolhido para um papel tão importante no clã — Abigail observou quando ela e Guaire afastaram-se da ferraria.

—Não tenho nenhuma dúvida de que eles teriam ficado contentes, mas meu pai foi morto durante a guerra com as forças do barão inglês.

—E sua mãe?

—Ela pegou uma febre no ano seguinte e nunca se recuperou.

— Eu sinto muito.

—Obrigada. Tristemente, a febre não era algo que tivéssemos experimentado antes da batalha com os ingleses. Nossos curandeiros não souberam o que fazer.

—Frequentemente não existe nada que se possa fazer — Abigail respondeu, lembrando-se de sua própria febre que deixou sua vida sem som.

As reuniões adicionais de Abigail com os homens e mulheres do clã Sinclair continuaram indo surpreendentemente bem. Isso até que eles retornavam ao castelo e alcançaram uma pequena cabana localizada atrás das cozinhas. Guaire apresentou Abigail para Una, a governanta e chefe da cozinha nas residências da torre.

A viúva, que era só alguns anos mais velha que Abigail e bastante bonita com seus cabelos vermelho escuro e olhos de gazela, deu a sua nova senhora nada mais que um olhar que não deixava nenhuma dúvida que achava deficiente a nova esposa de seu laird.

—Você é sua noiva inglesa forçada, então?

—Una! — Guaire preveniu. —O laird espera que o clã dê as boas-vindas a ela.

—Ela é inglesa — cuspiu, suas feições adoráveis torcidas em feia desaprovação.

Um menino pequeno que agarrava nas saias de sua mãe, espiou por detrás dela e fez uma careta para Abigail.

—Nós odiamos os ingleses.

Guaire deu a Una um olhar que teria feito Abigail retornar alguns passos e serviu para fazer a outra mulher evitar seus olhos pelo menos.

Ignorando-a por um momento, ele deixou cair um joelho e olhou direito nos olhos do garotinho.

—Nós não odiamos a esposa de nosso laird. De onde ela vem não é importante. Ela é uma Sinclair agora.

—Tamara era uma Sinclair, também, mas teve um barão inglês como amante, que trouxe suas forças para nossa terra e empreendeu uma guerra covarde, atacando com fogo enquanto nosso clã dormia — Una respondeu com veneno. —Muitos de nós perdemos seus entes queridos por uma traidora inglesa para poder esquecê-lo.

Era esta atitude que causou a Emily tanta angústia e alimentou as preocupações de Abigail sobre encontrar o clã. Porém, Abigail passou vários anos sendo ultrajada por sua própria mãe. Ela desenvolveu um âmago de pedra sólida. Ela não seria intimidada por este ódio irracional.

—MacAlpin traiu seu próprio povo. Nós não desconfiamos dos Chrechte por causa do que um homem fez — Guaire levantou e respondeu antes de Abigail ter a chance de se defender.

—Não é o mesmo.

—Não, não é — Abigail concordou. — MacAlpin queria poder e Tamara tinha suas próprias razões para trair seu clã, mas eu não tenho nada a ganhar fazendo inimigos aqui. Eu não tenho nada pelo que retornar a Inglaterra.

—Por que eu devia acreditar em você? — Una belicosamente perguntou.

—Porque eu estou dizendo a verdade, mas talvez você precise de tempo para aceitar isto.

—Tempo não é algo que ela tenha — disse Guaire, seu rosto desencaixado. —Eu me certificarei que o laird fique ciente de sua posição no assunto, Una.

Una empalideceu, provando que ela poderia ter preconceito, mas ela não era estúpida.

Abigail balançou sua cabeça, entretanto.

—Não.

Suas sobranças se juntaram em uma linha e Guaire disse:

—As instruções do laird sobre o assunto foram claras.

—Minha mente está perfeita. — Abigail cruzou seus braços sobre o peito e deu a Guaire sua melhor carranca. —Passarei o próximo mês conhecendo Una e ela conhecerá sua senhora, não a diaba inglesa que ela imagina que tanto a assustou.

—Eu não tenho medo — Una negou com desdém.

—O que acontecerá em um mês? — Guaire perguntou, ignorando a postura autoritária da outra mulher.

—Se ela não puder aprender a respeitar-me, se realmente não gostar de mim, então ela será aliviada de sua posição como governanta e chefe da cozinha do laird.

A boca de Una abriu e então estalou fechando sem formar nenhuma palavra.

Guaire balançou a cabeça.

—É mais do que você deveria esperar. Talorc deixou claro que ele consideraria desrespeito mostrado para nossa senhora como um desafio direto para sua liderança.

Una suspirou.

—Eu sei. Eu estava lá.

Abigail ficou tensa.

—Isto muda as coisas. — Desejou que não, mas o fato de que Una testemunhou as palavras de Talorc significavam que Abigail não podia escolher seu próprio caminho em questão.

Pela primeira vez, Una olhou para Abigail com algo aproximado ao respeito.

—De que modo?

—Eu não posso permitir que tal desafio para autoridade de meu marido permaneça. Tanto como eu acho que isto é desagradável, eu devo informá-lo de nossa discussão. Porém, eu tentarei convencê-lo a permitir a você a graça de um mês. De fato, eu pedirei a ele para dar ao clã inteiro um mês para chegar a conhecerem-me antes de ele tomar seriamente qualquer desacreditado comentário sobre ou em direção a minha pessoa.

Una e Guaire olharam fixamente para ela em diversos graus de surpresa.

—Você fará...

—Talorc não é conhecido por sua paciência — Guaire disse, interrompendo Una.

—Isto está bastante claro. Estou certa de que eu tenho suficiente por nós dois.

CAPÍTULO 12

Nem uma hora depois, Abigail tinha motivos para lamentar sua certeza quando ela discutia com Talorc em seu aposento.

—Una precisa de tempo para vir a me conhecer antes dela confiar em mim.

—Eu sou o seu laird. Ela me conhece bem o suficiente.

Abigail abriu a boca, mas não conseguiu pensar o que dizer por um momento. Isso era um ponto inegável.

—Eu não acredito que ela pretendia mostrar-lhe falta de respeito.

—Eu não concordo.

—Talorc, por favor! Você não pensa que esta transição é difícil o suficiente para mim? Deve você pôr-me em um lugar de inimizade com seu povo sem dar-me uma chance para provar eu mesma?

Ele pareceu surpreso com sua acusação.

—Não é isso que eu estou fazendo.

—Mas é. Eu imagino que Una seja bem quista dentro do clã. Ela é bonita e cuida não só do laird, mas de seus soldados mais confiáveis. Se você a banir por ser um pouco ranzinza, eu não culparia os outros membros do clã por colocar a culpa em mim. Eles terão uma razão real para me odiar, não um preconceito irracional.

—Nosso ódio pelos ingleses não é irracional.

Ela lançou suas mãos para o ar.

—Isto é exatamente o que eu quero dizer. Se até você, que me considera uma amiga, pode dizer algo tão nocivo, como pode esperar que todos os membros de seu clã sejam mais cautelosos?

—Não quis insultar, não disse que odiava você.

Levantando os braços, ela empunhou suas mãos em seus quadris e apenas olhou para o homem enlouquecedor que seu rei ditou que se casasse.

Seus olhares travaram, mas ela se recusou a desviar o olhar. E algo lhe disse que ele nunca faria.

—Você ousa me desafiar?

—É isso que eu estou fazendo? Eu pensei que eu estava discordando de você. — Ela podia dizer agora que isto seria um argumento contínuo em seu casamento.

—Eu não permitirei ao meu povo caluniá-la.

—Não estou pedindo isto. Não sou uma idiota. Eu só quero que você dê a todo mundo uma chance de me conhecer e perceber que eu não sou como Tamara.

Talorc levantou Abigail pela cintura e puxou-a para ele.

—Não se parece em nada àquela cadela do mal.

—Em nada, Talorc. Realmente em nada. —Ela precisava que ele acreditasse.

Ele não respondeu, mas começou a beijá-la, longa e profundamente. Beijar levou a tocar, e tocar levou a despir. Logo, eles estavam se contorcendo juntos nas peles. Pelo tempo que ela poderia colocar dois pensamentos juntos novamente, ela estava nua e aconchegada sobre o peito de seu marido.

Um som vibrou em seu peito e ela soube que ele tinha falado. Ela ergueu a cabeça, afetando um bocejo sonolento.

—O que?

—Eu disse que você causará minha morte.

—Eu não acho. Você me beijou, se você recorda.

—Você me desafiou.

—Considerando as consequências, eu acredito que terei que desafiar você mais frequentemente.

Ele rosnou em falsa afronta e a rolou debaixo dele começando a beijá-la novamente. Ela amou seu gosto e poderia ter mantido sua ocupação atual em felicidade perfeita pela próxima hora, mas Talorc ergueu sua cabeça e olhou em direção à porta.

Alguém deveria ter batido. Calafrios desceram por sua espinha quando Abigail reconheceu outra fonte de revelação de seu segredo. E se alguém batesse e ela não os ouvisse? Ela teria que manter a porta aberta quando estivesse em seus aposentos. Não havia mais remédio. Diferentemente de seu quarto na fortaleza de seu pai, ela não podia sentir as vibrações do piso quando alguém se aproximava da porta.

Ou talvez ela somente estivesse absorta? Ela perdeu todo o sentido de seu entorno, quando seu marido começou a tocá-la.

Ele apartou uma mecha de cabelo de seu rosto.

—Nós temos de descer para a refeição da noite, anjo.

—Eu não estou com muita fome, você está? — ela perguntou, colocando sua mão em seu pescoço e acariciando um ponto sensível que ela descobriu mais cedo.

Ele precisava de mais tempo para acalmar-se com respeito a Una. Abigail ainda esperava convencer Talorc de seu plano para dar ao clã um mês para se acostumar a ela.

—Eu poderia ser convencido a renunciar a refeição da noite se achasse que outros apetites mais urgentes seriam alimentados.

Ela não fez nenhum comentário sobre como eles acabaram de serem alimentados, mas inclinou-se pressionando seus lábios em sua garganta. Muitos aspectos de sua nova vida eram precários, mas não este.

O leito conjugal era tudo que ele prometeu que seria e mais. Muito mais.

Aqui, ela sentia-se como uma mulher completa, como se sua surdez não importasse. Ela não precisava ouvir para fazê-lo estremecer acima dela como ele estava fazendo agora enquanto seus lábios moviam-se ao longo da coluna forte de sua garganta.

Neste lugar, onde o toque governava, o silêncio de seu mundo não significava nada.

* * *

Na manhã seguinte, Abigail estava ao mesmo tempo decepcionada e aliviada por despertar sozinha. Novamente.

Ela não conseguiu extrair uma promessa de Talorc permitindo a seu clã tempo para acostumar-se com sua nova senhora, uma que nasceu e se criou na Inglaterra. Um país e seu povo para qual não expressava nada além que desprezo. Ela preocupava-se que agora estivesse banindo Una. Abigail se sentiria terrível se isso acontecesse.

Ela sabia muito bem como era não ter um lugar seguro para chamar de lar, um ao qual pertencesse sem dúvida.

Porém, tanto quanto essa possibilidade a afligia, Abigail não poderia lamentar ter a intimidade para enfrentar a perspectiva mais aterradora em plano pessoal, o risco de estar se tornando louca. Talvez a Igreja estivesse certa em ensinar que a sua surdez significava que ela tinha uma deficiência na mente, que sua febre a roubou de sua razão como também de sua habilidade de ouvir.

Entretanto, por que tal debilidade devia levar tantos anos para mostrar isto propriamente, ela não poderia nem ao menos compreender.

Abigail recusou-se a acreditar que ela estava possuída por um demônio, como o padre ensinou que tais defeitos indicavam, mas ela não podia negar que algo estava errado.

Na noite anterior, Abigail uma vez mais teve a certeza de ter ouvido a voz de Talorc. Era uma voz maravilhosa, masculina, que a fez ficar tonta com calor e cheia de alegria. Até esta lembrança causava-lhe o lamento de seu silêncio perpétuo mais intensidade do que havia tido em muitos anos. Somente que esta voz não podia ser real, pois desde a caverna das nascentes de águas termais, ela não ouviu nada mais.

A voz deveria ter sido completamente conjurada por sua imaginação, o que era um pensamento bastante inquietante. Ela se recusou a admitir a outra possibilidade, de que aquela voz era de algum demônio que supostamente causou sua surdez. A febre roubou-lhe a habilidade de ouvir e era só isto.

De acordo com a amiga abadessa de Emily, os padres eram muito rápidos em apontar um demônio quando enfrentavam o inexplicável. A mulher estudada tinha dito isso em uma de suas primeiras cartas para Abigail. Elas continuaram a se corresponder uma com a outra até que a mudança para o norte forçou Emily a afastar-se.

Agora, Abigail não tinha mais noção de como manter a amizade que sua irmã tinha feito. Era o único relacionamento que ela verdadeiramente lamentou deixar para trás. A abadessa conhecia a surdez de Abigail e nunca pensou menos dela por isto. Além de Emily, a abadessa era a única pessoa por quem havia sido tão aceita.

Porém, pela primeira vez desde que perdeu sua audição, Abigail sentiu uma preocupação mesquinha que os padres realmente poderiam estar certos. Porque além de imaginar que ela ouviu Talorc uma vez mais gritando seu nome durante o clímax, Abigail também ouviu o uivo de um lobo.

Seu estômago apertou na implicação de que sua mente estivesse pregando peças nela.

Ela cobriu seu rosto, desejando que realmente pudesse se esconder tão facilmente do que a afligia. Não podia, e fingir nunca faria a realidade mais fácil de aceitar a longo prazo. Lutando contra as

lágrimas, se obrigou a encarar seus medos. Ela não conseguiria chegar muito longe cedendo no primeiro sinal de adversidade.

As vozes em sua cabeça eram simplesmente mais uma coisa que ela tinha que esconder daqueles ao seu redor. Isso não era como imaginar que ela ouviu a voz de seu marido, ou até mesmo a de um lobo, poderia causar-lhe ou o clã Sinclair qualquer dano. De certa forma, não faria nenhuma diferença ser surda.

Isso não fazia dela um demônio em vez do anjo que Talorc alegava que ela era. Não fazia! Mas como ela desejava ter sua irmã aqui para discutir isto, ou alguma maneira de se corresponder com a abadessa.

A solidão inundou Abigail, mas recusou-se a reconhecer o deprimente sentimento. Forçando-se a enfrentar o dia diante dela, ela rastejou das peles e começou a examinar os aposentos. Ela estava satisfeita por descobrir um jarro que deveria ser de água ao lado de uma grande bacia de madeira já meio cheia disto. Ambas colocadas debaixo da janela sobre uma mesa pequena que não estava lá no dia anterior.

Quem pensaria em providenciar a ela tal generosidade?

Realmente não importava se tivesse sido Talorc ou Guaire que pensaram em providenciar isto como um cumprimento de boas-vindas para a civilidade; Abigail estava simplesmente grata a alguém por isto.

Ela não ficou surpresa que ela não despertasse quando a mesa foi trazida para o quarto. Descobriu que sua propensão para despertar com a menor sensação de alguém por perto voou na primeira noite que ela dormiu nos braços de Talorc. Seu marido a fazia sentir-se segura. Ela não sentiu qualquer ansiedade quando pensou que alguém esteve no quarto enquanto ela dormia. Eles não ousariam entrar lá sem o consentimento de seu marido.

Se ele pudesse somente protegê-la de suas próprias debilidades.

O que ela faria se as vozes em sua mente persistissem? E se elas ficassem piores? Ela poderia arriscar ter filhos, sabendo que sua mente era tão instável?

Abigail tentou banir as perguntas incontestáveis, mas as implicações desta nova aflição atormentaram-na durante suas abluções. Suas preocupações cresceram até que suas mãos tremiam tanto que levou três tentativas para conseguir que as pregas permanecessem em seu cinto, muito menos em linha reta.

Isto não aconteceria. Tinha que controlar-se. Não poderia mudar suas circunstâncias; só podia rezar para não ouvir as vozes novamente. Com esse pensamento firme em mente, ela deixou o quarto.

Abigail estava à metade do caminho de descer as escadas quando sentiu que ela estava sendo vigiada.

Ela desviou o olhar das escadas em frente a ela em direção ao grande salão. A princípio ela pensou que estava vazio tudo estava tão quieto. Então ela notou o idoso que tinha vocalizado seu desgosto com o casamento de Talorc no dia anterior. Ele estava olhando para ela de seu lugar na outra extremidade da mesa de banquete mais próxima. E se olhares podiam pegar fogo, ela seria chamuscada com certeza.

Ela tentou um sorriso hesitante, mas seu olhar ameaçador não vacilou. Já chateada com seus pensamentos de antes, Abigail chegou perto de tropeçar nos degraus de pedra, mas se conteve em tempo.

De repente, Niall estava lá. Ele disse algo para o homem mais velho que Abigail não conseguiu pegar. O guerreiro de cabelos grisalhos franziu a testa e negou com a cabeça.

Niall olhou para ela, sua própria desaprovação evidente.

—Talorc disse que você deveria ser acompanhada quando descesse as escadas.

—Eu sou perfeitamente capaz de descer um lance de escadas — ela disse, mas poderia dizer por seu olhar que ela não tinha projetado sua voz suficiente alta para ser ouvida.

Maravilha. Ela pôs a mão contra sua garganta e tentou novamente, contente pelas vibrações ficarem mais fortes, o que significou que sua voz estava mais alta.

Com certeza, a confusão de Niall era clara, mas ele não pareceu satisfeito com suas palavras. Ele atravessou a sala e estava pulando os degraus dois de cada vez antes dela chegar a dar mais dois passos. Suas feições definidas em linhas implacáveis, ele colocou seu braço nos dela.

Ela rolou seus olhos, mas aceitou sua ajuda e permitiu que ele a guiasse degraus abaixo. Quando eles alcançaram a parte inferior, ela viu que Guaire e Una tinham chegado. Ela sorriu para seu novo amigo e tentou não olhar para a carranca da mulher que foi menos que agradável no dia anterior.

Sem se importar com as atitudes de Una, Abigail ficou aliviada ao ver que ainda estava agindo como governanta da torre. Pelo menos, isso era o que Abigail assumiu que indicava a presença da outra mulher com Guaire.

Guaire sorriu e acenou para Abigail.

—Bom dia.

—Não teria sido um bom dia, se nossa senhora deslizesse nos degraus — Niall respondeu, seu desgosto agora firmemente fixo no seneschal. —O laird deu instruções para sua senhora ser acompanhada em todos os momentos.

—Eu estou ciente disto — Guaire respondeu, olhando um pouco atormentado. Ele afastou-se um passo quando a forma de Niall se aproximava, no que provavelmente parecia uma manobra sutil.

Mas o endurecimento da postura de Niall disse que ele certamente notou. E ficou ofendido.

—Então, por que ela estava descendo ao salão sozinha?

—Porque eu não sou criança e não quis esperar para descer os degraus até que alguém viesse segurar minha mão — disse Abigail com aspereza.

Honestamente, como todos podiam não ver como uma diretiva absurda que ela precisava de uma babá para descer as escadas?

—Una e eu estávamos a caminho de ver se nossa senhora tinha despertado, quando chegamos e a encontramos descendo com você — Guaire disse. O olhar que ele deu a Niall estava coberto com resignado anseio.

Do modo como o grande guerreiro cruzou seus braços e franziu a testa, Abigail imaginou que ele estava completamente cego aos sentimentos do outro homem. Que provavelmente era o melhor. Se

Niall não retornasse o respeito de Guaire, ele provavelmente só machucaria os sentimentos do seneschal quando ele os descobrisse.

Aqueles afligidos com cegueira e surdez não eram os únicos que a igreja ensinou seus seguidores para ultrajar como contaminado.

Ainda assim, ela desejou que existisse algo que ela pudesse fazer para ajudar.

—A água estava no jarro ainda morna quando você despertou? — Una perguntou, interrompendo os pensamentos de Abigail.

—Sim, estava boa. Muito bem-vinda, de fato.

—Eu estou contente.

—Foi sua ideia — disse Abigail quando o pensamento veio e então desejou que ela tivesse mantido sua boca fechada.

Mas Una não pareceu ofendida.

—Aye, o laird teria felizmente deixado você cheirando a ele para deixar todos saberem que você lhe pertencia.

—Como se pudesse existir qualquer duvida.

Elas compartilharam um momento feminino de compreensão, até que Abigail percebeu que Niall e Guaire estavam ainda discutindo sobre ter permitido que ela descesse os degraus sozinha. Normalmente, ela prestaria atenção à conversa, mas estava tão chocada pela consideração de Una, que se esqueceu de observar os lábios dos homens.

—Você dois, por favor, parem de atribuir culpas? Se vocês devem atribuir responsabilidade, então coloquem no lugar que isto pertence. Em mim. Eu não sou nenhuma criança para me esconder atrás do plaid de outro. Eu desci a escada sozinha. Aqui tem minha atroz confissão. E melhor que se acostumem, porque eu não vou esperar que alguém me escolte quando eu queira ir a algum lugar.

—Você desafiaria seu laird? — Niall exigiu.

—É claro que sim. Eu passei só algumas horas com ela ontem e já sei o suficiente para reconhecer que nossa senhora tem uma natureza teimosa que rivaliza com a de nosso laird. Você passou dias viajando em sua companhia, como pode não notar a mesma coisa?

—Eu notei que nossa senhora respeita demais o nosso laird para ignorar suas instruções de posse — Niall rangeu.

Abigail, que tinha sido bastante discutida na terceira pessoa, encarou ambos.

—Claro que eu respeito meu marido, mas eu sou sua senhora, não sua escrava ou seu filho.

E isto era um assunto extremamente perigoso para continuar prosseguindo, porque quando forçada, ela tinha que admitir que se recusar a obedecer ao seu marido não era realmente de todo aceitável.

—Eu tinha esperança de conseguir algo para quebrar meu jejum. Isso seria possível?

Niall movimentou a cabeça.

—Guaire verá isto.

—Eu sou a governanta agora? Eu posso não ser um Chrechte enorme, mas eu não sou mulher. No caso de você esquecer, eu sou o seneschal aqui, não serviçal.

Niall parecia querer explodir, mas ele apertou sua mandíbula e girou nos calcanhares, partindo sem outra palavra. O olhar verde de Guaire cheio de dor, quando o outro guerreiro se distanciava pisando forte.

O guerreiro mais velho ficou de pé.

—Eu suponho que você está feliz, cerceando discórdia — ele disse para Abigail antes de fazer sua própria saída menos feliz.

—Este aí é genioso — Una observou.

Abigail perguntou.

—O guerreiro mais velho?

—Oh, Osgard pode ser desagradável o suficiente. Minha mãe disse que ele nunca mais foi o mesmo desde que perdeu sua esposa e filho, ambos no ataque inglês. — Una suspirou e balançou a cabeça. —Mas eu estava falando de Niall. Ele sempre se contém com você, Guaire. Você tem sorte que ele o vê como um amigo.

—O que você quer dizer? — Abigail perguntou, pensando que Una tinha que estar exagerando a natureza agressiva de Niall. Seu novo amigo era doce.

—Se qualquer outro soldado dissesse algo assim para Niall, ele teria sido nitidamente derrubado e teria uma faca fincada nele por precaução.

—Nunca diria isso.

Guaire suspirou.

—É verdade, mas ele não se conteve comigo porque nós somos grandes amigos. — Ele parecia terrivelmente abatido naquele momento. —Longe disto, na verdade.

—Por que então? — Abigail perguntou curiosamente.

—Ele pensa que eu sou fraco demais para se preocupar.

—Tolice. Você pode não ser tão grande quantos alguns de nossos guerreiros Chrechte, mas você não é nenhum fraco, Guaire. Você pode usar seu cérebro para servir nosso laird, mas você nunca negligenciou o seu treinamento como soldado. Eu confiaria minha vida a você... — Una deu ao homem ruivo uma piscada. —Isto é, se eu não estivesse abrindo cabeças com minha própria tábua de pão.

Abigail sorriu enquanto os outros dois riam, embora o humor de Guaire parecesse forçado.

Aquela manhã anunciou uma nova direção para sua interação com a viúva que detestava os ingleses. Una compartilhou com Abigail que seu laird perdoou seu insulto inicial para sua senhora, depois de repreendê-la. Porém, ele salientou sua expectativa de que ela ajudasse Abigail a encontrar seu lugar no clã. Una não agiu minimamente surpresa com isto.

Mas Abigail ficou emocionada por descobrir que seu marido escutou-a e deu a outra mulher outra chance. Ela esperava que isso significasse que ele não seria muito duro com o resto do clã quando chegassem a conhecê-la melhor.

Essa vez Uma pareceu tomar a peito a diretiva do laird e gastou um tempo a cada dia familiarizando Abigail com o trabalho doméstico da fortaleza. As sugestões de Abigail para as refeições e mudanças no salão eram aceitas sem rancor, entretanto, ela logo percebeu que fazer as coisas como elas eram feitas na fortaleza de seu pai nem sempre era possível ou desejável.

Uma coisa ela permaneceu firme, e isso era, um convite de rotativo para cada membro do clã e suas famílias para jantar com seu laird. Talorc notou imediatamente que diferentes membros do clã agora se juntavam a ele na longa mesa de banquete para as refeições da noite.

Em lugar de ficar bravo, ele agradeceu a Abigail por pensar nisto e fez que ele passasse um tempo falando com os convidados especiais a cada noite.

Enquanto seu marido treinava suas forças e supervisionava as melhorias a que Abigail já considerava uma fortaleza impenetrável, Guaire ajudava-a a ficar familiarizada com o clã em vários setores. Não só os Sinclairs mantinham vários rebanhos de ovelhas e tosquiavam a lã para seu próprio uso, mas eles produziram bens para comércio com outros clãs também.

Seu ferreiro e seus dois aprendizes forneciam serviços para os Clãs ao redor, e Guaire gabou-se que outros highlanders vinham de muito longe, como a Irlanda, negociar armas que Magnus forjava. Apesar do fato de que seu laird não dormia em uma cama adequada, os Sinclair seguramente ostentavam um carpinteiro e seu filho aprendiz.

Abigail estava mais que um pouco impressionada como eles trabalhavam duro a criatividade e disse isso a Guaire. Ele assentiu:

—Aye, nós temos um clã bom e forte, mas nós podemos agradecer a sólida liderança de nosso laird.

Uma explosão de orgulho aqueceu o interior de Abigail por ser casada com um homem tão bom. Ela não sabia o que sua irmã Emily tinha encontrado tão desprovido em Talorc dos Sinclairs, mas Abigail o achava um rei no meio dos homens. Seus sentimentos cresceram continuamente a cada dia e seu plano para se reunir com sua irmã tornou-se uma consideração secundária na esperança de ficar com o homem que ela estava começando a amar de forma permanente.

Nem tudo eram rosas florescendo e raio de sol entre os Sinclairs. Esconder sua condição tornava-se cada vez mais difícil quanto mais ela vinha a conhecer as pessoas e uma melhor aceitação do clã por ela crescia. Toda noite ela ia para a cama agradecendo a Deus por outro dia em que seu segredo não tinha sido revelado.

E enquanto a atitude de Una claramente tinha melhorado a de Osgard não tinha. Oh, ele era cuidadoso suficiente na presença de seu marido, mas quando eles estavam a sós, ele frequentemente fazia comentários nocivos para Abigail. Una disse a ela que ignorasse as palavras do idoso porque ele não era realmente agradável com ninguém.

Às vezes isto era uma tarefa mais difícil de realizar do que outras. Como uma manhã quando ele "manteve-se em sua companhia" enquanto remendava uma das camisas de Talorc no salão.

—Eu suponho que você notou que você nunca é deixada a sós.

Era difícil de costurar e observar os lábios do idoso, mas Abigail gastou anos aprendendo a fazer este tipo de coisa. Graças a Deus. A última pessoa que ela queria que soubesse de sua surdez era o idoso excêntrico.

—Sim, eu notei isto. Como não poderia? —Ela assumiu que seu marido estava cuidando de sua segurança e sentiu-se bem com isto.

—Saiba que isto é porque seu laird e seu clã não confiam em você.

Ela olhou fixamente para ele, chocada demais para responder. Ela não podia estar certa se ele estava mentindo, mas ela odiava pensar que suas palavras podiam ser verdade.

Ele assentiu, esquentando o tema.

—Não pode ser deixada sem supervisão para que não nos traia de alguma forma.

As lágrimas queimavam em seus olhos, mas ela absolutamente recusou-se a mostrar debilidade na frente do idoso mal-humorado. Ela focou sua atenção completamente nos pontos pequenos que ela fazia com sua agulha, pouco disposta a dar uma resposta à farpa.

Era fácil ignorá-lo desde que ela não soubesse que ele estava falando a menos que ela olhasse para ele, o que ela recusou-se a fazer. Já tinha espetado com suficiente veneno por um dia.

Durante os próximos dias, ela perguntou-se se era verdade: que sua constante escolta era resultado da preocupação de seu marido por sua segurança, ou sua confiabilidade? Ela ficou muito desanimada com a perspectiva desta última para perguntar a um de seus novos amigos sua opinião.

Mesmo com a hostilidade de Osgard e a tensão de sua inabilidade para ouvir, Abigail achou sua vida entre os Sinclairs mais feliz que tinha tido desde que sua irmã Emily veio para norte.

A única coisa que faltava era Emily. Embora Abigail não quisesse mais ir viver com o Balmoral, ela deseja desesperadamente poder ver sua irmã. Estar tão perto e ainda assim incapaz de falar com sua amada irmã era realmente difícil, mas Talorc não iria considerar uma viagem para Ilha Balmoral agora. Ele disse que já tinha passado muito tempo longe do clã.

Abigail sugeriu ir sozinha com uma escolta. Porém, ele ficou até mais intransigente sobre o assunto dela viajando para lá sem ele. Embora ela não reclamaria. Magnus e Susannah tinham levado presentes e carta de Abigail para Emily e retornaram com presentes e uma longa missiva de sua irmã.

E Talorc prometeu estender um convite para Emily vir para uma visita.

Circin e seu irmão Muin chegaram com dois outros guerreiros Donegal, ambos os quais não tinham sequer se barbeado. Guaire arranhou para os quatro dormirem com os guerreiros solteiros no quartel embutido na parede espessa que cercava a muralha e a torre. Talorc gastou ainda longos dias treinando com seus soldados depois disto, e frequentemente vinha para sua cama exausto.

Nunca exausto demais para fazer amor, porém. E não importava quão longo seu próprio dia tivesse sido, o corpo de Abigail sempre respondia com satisfação ao toque de paixão de seu marido.

CAPÍTULO 13

Uma semana depois que os soldados de Donegal chegassem para treinar, Talorc achou Abigail trabalhando no que tinha sido um jardim coberto de ervas, escondido no pátio atrás da torre.

Ela o descobriu em seguida a sua chegada na propriedade dos Sinclair. Abigail começou a limpar as ervas daninhas imediatamente, emocionada por achar algo que pudesse fazer sozinha. Depois de ler, jardinagem era seu passatempo favorito. Ela aprendeu muito sobre plantas e preparação dos canteiros assistindo os jardineiros que seu pai mantinha e trabalhando com eles quando eles permitiam isto.

Ela também conhecia muito a respeito de ervas curativas, tendo pesquisado tudo que ela podia sobre a arte na esperança de curar sua própria doença. Entretanto, ela nunca conseguiu descobrir uma cura para seus ouvidos surdos, mas aprendeu a tratar uma grande variedade de doenças e lesões.

Ela estava cavando a sujeira ao redor de um perfumado ramalhete de lavanda quando notou a abordagem de seu marido. Ela olhou para cima com um sorriso. Embora odiasse ter que fazer isso, ela evitou-o tanto quanto possível durante o dia na suposição que quanto menos tempo eles passassem em companhia um do outro, seria menos provável que ele descobrisse seu segredo.

Contudo, seu coração sempre se enchia de alegria quando ela o via. E ela estava certa que isto transparecia em seu rosto.

—Bom dia, Talorc.

Sua escolta atual curvou para seu laird em saudação. Talorc retornou a saudação e então dispensou o jovem soldado para outras atribuições.

—Você planeja salvar o jardim de minha mãe? — perguntou a Abigail.

Surpresa, ela balançou sobre seus calcanhares.

—Este era jardim da sua mãe?

—Aye.

—Ela era uma herbalista?

Ele deu a Abigail um olhar que disse que ela era ainda um mistério para ele, e ele culpava suas raízes inglesas por isso.

—Ela estudou a arte de curar tanto o corpo como o espírito com ervas, se isto é o que você quer dizer.

Abigail movimentou a cabeça.

—Desejaria tê-la conhecido.

Para uma mulher que ficou tanto tempo falando muito pouco, Abigail muitas vezes trocava os pés pelas mãos.

Felizmente, Talorc não pareceu ofendido por sua observação irrefletida.

—Eu também gostaria muito que você tivesse tido essa oportunidade.

—Obrigado. —Ela mordeu seu lábio. —Incomoda-o que eu esteja trabalhando em seu jardim? — Talvez o jardim houvesse enchido de ervas daninhas porque Talorc não quisesse que mais ninguém tocasse as plantas da sua mãe.

—Não. É apropriado.

—Porque eu agora sou a senhora dos Sinclairs como ela era?

—Porque você é minha esposa e um amor. Ela teria gostado de você.

O coração da Abigail esta prestes a explodir com o elogio.

—Obrigada por dizer isso.

—Nunca é um sofrimento falar a verdade.

Se ele apenas soubesse. Algumas verdades causavam nada além de dor.

—Ela manteve um diário de suas receitas. Talvez você gostasse disto? — Ele perguntou.

Um calor inundou Abigail.

—Eu não posso pensar em qualquer coisa que eu gostaria mais.

—Nada, meu anjo? — ele perguntou com um brilho perverso em seus olhos azuis.

Ela sentiu um rubor subir por seu pescoço e não podia falar em resposta para salvar sua vida. Ela amava este lado brincalhão de seu marido e via isso muito raramente.

—Obrigada — ela disse, considerando tanto sua generosidade e por compartilhar este lado dele com ela.

—Você não precisa me agradecer, mas se você insistir, você pode fazê-lo esperando por sua escolta antes de descer as escadas pela manhã. — Sua carranca estava arruinada pelo brilho em seu olhar.

Ela sorriu.

—Eu considerarei isto.

Mas ambos sabiam que ela não iria.

Aquilo estava se convertendo em uma daquelas discussões que havia entre o ferreiro e sua mulher com respeito às discrepâncias entre os Sinclair e os Balmoral. Nenhum dos dois guardava verdadeiro rancor pelo assunto, mas também não mudariam seu modo de ver o assunto. Parecia bom ter algo assim entre ela e Talorc, algo muito normal e doméstico.

—Eu agora entendo por que você discutiu tão ferozmente comigo para dar ao meu clã um mês para se acostumar com você. Você estava esperando que ao mostrar clemência, eu aprenderia a tolerar sua ostentação de minha autoridade.

Ela alargou seus olhos em inocência falsa, entretanto ela se sentiria devastada se acreditasse realmente que ele a encontrasse culpada disto.

—Eu não faço tal coisa.

—Você pensa que não?

—É uma ridícula instrução.

—Você é uma mulher teimosa.

—Eu pensei que eu fosse seu anjo.

—Um muito teimoso.

—Vem de família.

—É uma característica mais encantadora em você do que em sua irmã.

—Como você pode dizer isso? — Ela perguntou com seu coração inchando com a implicação do elogio. — Emily é tudo o que há de maravilhoso em uma irmã.

Talorc fez uma careta.

—E o Balmoral diria que ela é tudo o que há de maravilhoso em uma esposa.

—Mas você não diz isso?

—Ela me chamou de bode. —Ele deu a Abigail um de seus sorrisos raros. —Ela não é você.

Sua mão voou para sua boca e ela negou com a cabeça. Ela não choraria como uma tola, mas ninguém nunca tinha dito nada tão adorável para ela. Nem mesmo Emily. Que viesse de seu marido normalmente taciturno tornar isso tudo mais especial.

—Obrigada.

Ele encolheu os ombros e ela sorriu, sabendo que ele fez de propósito para provocá-la com o que ela ainda considerava uma não-resposta.

Então seus olhos tornaram-se sérios como ficavam normalmente a noite em seus aposentos.

—Você é minha.

Abigail não pôde segurar mais. Ela ficou de pé e saltou nos braços de seu marido.

—É alguma surpresa eu estar apaixonada por você?

E sem um pensamento no decoro, ela o beijou exuberantemente, primeiro em seus lábios e então por toda parte de seu rosto.

Ela podia sentir seu riso retumbando em seu peito. Inclinando-se para trás, ela o olhou nos olhos, sua expressão tão séria quanto ela poderia.

—Você é o melhor marido que qualquer mulher poderia desejar.

Ela alegrava-se diariamente que ele e Emily não acharam um ao outro tão agradáveis.

Talorc olhou para ela com severidade falsa.

—Tal exibição é muito imprópria, meu anjo. Claramente isto é um comportamento que você aprendeu na Inglaterra.

—Sim, porque Sybil sempre foi muito aberta com seu afeto. —Abigail não conseguia segurar o riso borbulhante e não fez nenhum esforço para isso.

A ideia de sua mãe beijando seu pai, e a qualquer outra pessoa no pátio da guarda, era tão absurdo que era impossível até de imaginar.

Talorc não riu, mas em seu meio sorriso poderia muito bem ter sido uma gargalhada ao que concernia a Abigail.

—Eu vejo que terei que ensinar a você a maneira adequada para tratar seu laird em um ambiente público.

—Certamente, ensine-me — ela ofereceu atrevida e sem a menor preocupação. Afinal, seus pés não estavam mais no chão porque seu controle sobre ela estava bem assegurado.

—Você não deveria beijar seu marido deste modo — ele disse severamente.

Ela jogou sua cabeça para um lado.

—Eu não deveria.

—Nay. —Seus olhos azuis escurecidos com calor. —Você deve fazer isto assim.

Ele pegou sua boca com paixão possessiva, seus lábios movendo-se contra os seus de forma a garantir embaralhar sua mente.

Esquecendo onde eles estavam, ela retribuiu seu beijo com entusiasmo, enterrando as mãos nos cabelos de sua nuca.

Quando ele puxou seus lábios, ela estava respirando fortemente. E ele também.

Ela roçou em seu pescoço.

—Acredito que acabo de deixar toda a sujeira do jardim de sua mãe em você.

—Este é seu jardim agora.

—Eu o compartilharei com ela, e mantereí sua memória viva para nossas crianças.

Apenas com isto, a emoção cresceu espessa entre eles.

Talorc traçou a linha dos lábios de Abigail com a mão que não a segurava.

—Obrigado.

Sem estar acostumada a ser merecedora de tal gratidão, ela esfregou a terra agarrada ao suor no pescoço de Talorc.

—O que nós devemos fazer sobre esta sujeira?

—Para minha sorte, eu estava planejando um mergulho no lago.

—Você estava?

—Eu pensei que você gostaria de juntar-se mim. Eu lembro-me de quanto prazer você sentiu com a água nas fontes termais.

Um rubor de partes iguais de embaraço e prazer aqueceram suas bochechas.

—Eu gostaria muito disso.

—Bom. — Em lugar de libertá-la como ela esperava, ele colocou seu braço livre sob seus joelhos e a carregou contra seu peito.

—Eu posso caminhar. —Mas ela não disse isto com qualquer calor. Afinal, ela apreciou estar sendo levada deste modo.

—Eu gosto de levar você.

Ela deu uma risadinha de pura alegria.

Ele balançou a cabeça para outra pessoa e só então Abigail percebeu que eles tinham uma audiência. Os homens e mulheres do clã estavam sorrindo para eles e gritando comentários provocantes. Desta vez, Abigail não permitiu que o fato de que ela desconhecia isto a aborrecesse. Nada podia diminuir o prazer que ela sentia neste momento.

Ela amava seu marido e tinha a coragem para dizer isso a ele. Embora ele nunca pudesse repetir as palavras de volta, ele claramente se importava e gostava dela. Isso era milagre suficiente para Abigail.

Ela cavalgou até o lago no cavalo de Talorc, sentindo uma sensação de pertencer diferente de tudo o que já tinha conhecido. Eles brincaram na água, nem mesmo fingindo que sua principal finalidade era tomar banho. Posteriormente, eles fizeram amor na suave grama verde, cercados pelo perfume de urzes.

Quando chegou ao clímax, ela ouviu sua voz dizendo algo que ela reconheceu como chrechte. Ela fingiu que era “eu amo você”.

Se ela iria ouvir uma voz que existia somente em sua imaginação, ele poderia muito bem dizer algo que ela nunca iria ouvir dos lábios de seu marido.

* * *

Mais tarde, Talorc sentou-se em uma pedra e sorriu com os esforços de Abigail para vestir seu próprio plaid.

Determinada a provar que ela podia vestir seu plaid tão eficazmente quanto seu marido laird, ela estava concentrada em conseguir cada dobra precisamente iguais quando ouviu a voz de Talorc dentro de sua cabeça pela primeira vez sem ser fazendo amor.

“Abigail, corre!”

A urgência era tão forte, que ela obedeceu sem pensar, apenas para tropeçar em seu desdobrado plaid e cair ao chão.

O ar correu acima dela e ela olhou para cima a tempo de ver um lobo cinza enorme. Sua boca abriu em um grito mudo, mas o lobo não a atacou. Voou justo por cima dela.

Ela levantou-se, arrancando seu plaid à medida que corria. Ela procurou por Talorc, mas ele não estava em nenhum lugar que pudesse ver. Ela virou a cabeça e viu um javali selvagem e o lobo em uma briga. Abigail correu para o cavalo de Talorc, gritando o nome de seu marido.

Ela subiu sobre as costas do grande garanhão negro cutucando com o joelho em movimento. Ela tinha que encontrar seu marido. Algo deveria ter acontecido com ele.

Apavorada, mas pouco disposta a deixar o homem que amava para trás, ela girou o cavalo em direção à floresta do qual o javali selvagem tinha vindo.

“Abigail! Volte para onde estava”. A voz de Talorc exigia em sua cabeça.

“Eu não deixarei você.” Ela disse em sua própria cabeça, sentindo-se mais que um pouco louca respondendo para a voz imaginária.

“Obedeça-me.” A voz nunca soou tão severa.

Mas não era real e não importava o quão insistente soou, ela não tinha que escutar. Ela não iria deixar Talorc para trás. Ela contornou a luta dos animais selvagens, mas manteve sua atenção neles no caso deles perderem o interesse um no outro e virem atrás dela.

Com um spray de sangue, o lobo rasgou fora a garganta do javali. A grande fera cinza pôs a cabeça para trás e uivou. Céus, ela realmente estava enlouquecendo. Ela sentiu um louco desejo quase irresistível de parar o cavalo e abordar o lobo, elogiá-lo por lutar tão corajosa e eficazmente.

A fera girou a cabeça para olhar para ela. Mostrando que ela verdadeiramente perdeu todo o bom senso, ela deteve o cavalo e olhou fixamente para trás ao lobo coberto de sangue. Se ela não soubesse que fosse impossível, ela teria pensado que o olhar do animal selvagem deu a ela era de possessão. Isso não fazia nenhum sentido.

Sem aviso, o lobo virou e correu para a floresta. Cheia de ansiedade e inegável curiosidade, ela tocou o garanhão com o joelho para segui-lo.

Eles tinham ido somente alguns metros quando Talorc saiu andando a passos largos para fora da floresta. Ele estava coberto de sangue, explicando onde seu marido havia estado. Ele deveria estar

lutando com outro javali. Guaire disse a ela que os porcos selvagens com presas mortais às vezes viajavam em grupos.

Talorc a tinha protegido, e assim como o lobo enorme ele claramente ganhou sua luta. Deu-lhe um olhar indecifrável antes de tornar a mergulhar no lago. Ele não saiu até que todo o sangue desapareceu.

Abigail conseguiu pegar seu plaid enquanto seu marido tomava banho. Ele não disse nada quando ele vestiu suas próprias roupas.

—Você não está machucado? — Ela perguntou. Ela não viu quaisquer marcas, mas não podia ter certeza.

Sua mandíbula rígida, ele sacudiu a cabeça.

—Você viu o lobo? Eu acredito que o animal salvou minha vida. —Ela mordeu o lábio. —Não que você não me protegeu, também. É claro que você estava em sua própria batalha na floresta, mas um segundo javali entrou na clareira.

—Um segundo javali?

Ela movimentou a cabeça e apontou para a carcaça sangrenta.

—Bem ali.

Talorc olhou fixamente para ela por vários segundos tensos, mas não disse nada.

Ela passou anos em silêncio, mas este ela sentiu mais que um pouco desconfortável.

—Eu devo repensar minha visão sobre os lobos. Niall disse-me que o lobo cinza que encontrei nas águas termais nunca iria me machucar. Você provavelmente pensará que sou louca, mas eu acredito que foi aquele lobo que ajudou você a me salvar hoje.

—Era.

—Você conhece este lobo, também? Ele é um mascote do clã então?

—Um mascote? Não.

—Mas ele é um amigo do clã.

—Isto é uma maneira de colocar isto.

Desejando que seu marido não a olhasse tão severo, ela acenou.

—O que você acha que causou o ataque do javali?

—É sua estação de acasalando. Nossa presença pode bem ter sido a única causa.

—Oh.

Ele se virou e dirigiu-se ao seu cavalo. Ela seguiu não tendo certeza do que estava acontecendo entre eles. Eles estavam tão felizes antes dos javalis selvagens atacarem. Tinha sido perturbador estar certa, mas Talorc agiu com raiva. Embora não abertamente. Era como se a fúria surgisse sob a superfície e ela não entendia por que.

Era porque ele acreditava que ele não a tinha protegido o suficiente? Se o lobo cinza não tivesse aparecido, o javali poderia bem ter chegado até ela. Talorc era o tipo de homem que poria a prova qualquer outro, inclusive uma besta selvagem. Ele frequentemente agia como se acreditasse que ele e somente ele fosse responsável pela segurança e bem-estar de seu povo.

Ele forçou a si mesmo e seus guerreiros, mais duro que qualquer barão inglês que ela já tenha visto ou ouvido falar.

Sua viagem de volta para a fortaleza foi em silêncio. Apesar de andar colado um ao outro, Talorc manteve-se distante dela atrás de uma parede invisível, mas inegável de hostilidade. Abigail não fez nenhuma tentativa para falar, não sabendo o que dizer. Ela só desejava entender o que tinha chateado Talorc.

Quando retornaram à fortaleza, ele levou-a diretamente para o salão. Ela ficou surpresa por encontrar um punhado de seus guerreiros de elite acomodados a uma das mesas de banquete. A refeição da noite ainda estava há algumas horas e os guerreiros não vinham normalmente para dentro se reunir tão cedo no dia. Mas Niall, Barr, Earc, Fionn e Airril estavam todos lá, junto com a presença carrancuda de Osgard.

Una servia água e hidromel para os guerreiros sentados apressados diante do salão com um único olhar perplexo para Abigail.

Guaire estava lá também, parado do outro lado da sala dos guerreiros, entretanto ele parecia tão perplexo com a presença dos outros homens quanto Abigail.

Talorc parou no meio do salão com ela.

—Vire as costas para os guerreiros — ele instruiu.

—O que? Por quê? — preocupada ela mordeu seu lábio inferior. Virar as costas para os outros seria uma receita para o desastre no mundo silencioso de Abigail.

A raiva fervilhava em seu olhar azul.

—Só faça isto.

Ela não entendeu seu pedido e gostou disto menos ainda, mas ela não pensou que agora era hora para discutir.

Na esperança de que ele não falaria enquanto estivesse de costas para ela, ela se virou. Talorc moveu-se de forma que ele tivesse uma visão de ambos de seu rosto e dos soldados atrás dela.

Por causa de sua posição longe dos outros soldados, Guaire era a única outra pessoa cujo rosto ela poderia ver.

Com uma sensação de mal estar, ela de repente começou a perceber o que poderia estar acontecendo. Seu estômago embrulhou, enquanto a umidade de suas mãos aumentou e sua cabeça zumbia com terror atordoado. Ela não podia se forçar a perguntar novamente o que estava acontecendo porque temia que já soubesse.

Ela estava sendo testada, e se o que ela suspeitava fosse verdade, o revestimento que ela trabalhou tão duro para esconder seu segredo estava sendo arrancado com eficiência impiedosa. Ela poderia fingir “ouvir” o que quer que Talorc instruíra a seus homens para fazerem atrás dela. Ela podia continuar mentindo através de suas ações, se não, suas palavras, mas não existia nenhuma força nela para o subterfúgio.

E provavelmente não funcionaria de qualquer maneira.

Enquanto olhava fixamente para ela, um olhar de compreensão horrorizada raiou nos olhos verdes normalmente mornos de Guaire. O horror virou piedade inconfundível quando ela sentiu a cor drenar de seu rosto.

Talorc sabia. Eles todos sabiam. Sua condição tinha sido revelada.

De alguma maneira Talorc percebeu a verdade da debilidade de Abigail no lago e ele trouxe-a de volta aqui para testar seu novo conhecimento na frente de seus guerreiros. Escuridão tocou nas extremidades da visão de Abigail, mas ela recusou-se ceder à fraqueza. Ela não iria desmaiar.

Mas ela respirou fundo várias vezes antes que seu corpo estivesse de acordo com o convicção de sua mente.

Uma dor lancinante atravessou-a, ela enfrentou seu marido em súplica silenciosa.

Mas não existia nenhuma clemência para ser encontrada nele. Seu semblante estava tão escuro, com raiva, que ela recuou para longe dele.

Um olhar de desgosto cruzou suas características.

—Você manteve tanto de você mesma escondida que não me conhece melhor que isto? Eu nunca bateria em você.

As palavras eram severas, mas sua expressão era mais dura.

Foi exatamente como ela temia. Ele sabia que ela era surda e agora ele a odiava. Ela era defeituosa e ele não a queria mais. Como muitos na igreja, ele acreditava que a sua enfermidade merecia castigo em lugar de compaixão.

—Você é surda — ele disse com antipatia clara, confirmando seu medo.

Tudo dentro dela calou-se a esperança drenada deixando-a vazia. O tempo para reconhecer a verdade tinha chegado.

—Eu...

—Nunca minta para mim — ele disse, interrompendo sua confissão. —Entretanto isto é tudo que você tem feito desde o momento de nosso encontro.

Ela balançou a cabeça. Isso não era verdade. Ela escondeu sua condição, mas não tinha mentido sobre qualquer outra coisa. Nunca.

Seu olhar tornou-se sulfúrico.

—Você não pode negar isto. Eu gritei uma advertência quando eu ouvi os javalis vindos da floresta, mas você não reagiu de qualquer forma. Então, agora mesmo, fiz meus guerreiros soltarem um grito de guerra e você não fez nem mesmo uma contração, embora tal barulho teria feito até um guerreiro experiente correr.

—Eu estava concentrada em meu plaid. —E ela não estava olhando para ele para ler seus lábios. Não se importava com o que tinha acontecido. Ele só estava testando o novo conhecimento, não o descobrindo.

—Existiam muitos sinais, eu não posso acreditar que eu levei tanto tempo para perceber a verdade.

—Eu tive muitos anos de experiência para esconder minha deficiência. —E ela tinha uma razão constrangedora para manter isto escondido, uma que cresceu mais importante a cada dia, seu amor e seu desejo para ficar com o homem que agora a odiava.

—Como é que você fala? — ele exigiu.

—Eu não perdi minha audição para uma febre até meu décimo ano.

—E você mentiu sobre a verdade de sua condição desde então?

—Sim.

—Como?

—Emily.

—Eu devia saber disto.

—Não a denigra. Ela era a única que se importava o suficiente para tentar salvar-me. Ela trabalhou comigo, horas todos os dias, então eu continuei a falar normalmente. Eu aprendi a ler os lábios com sua ajuda e orientação constante. Ninguém em nossa fortaleza sabia de minha condição, exceto minha mãe e padrasto. E eventualmente, minha irmã Jolenta. —Ela odiou compartilhar a dor de seu passado, mas devia ao seu marido tanta verdade quanto ela pudesse dar a ele.

Ele não perguntou se era por causa de sua surdez que sua mãe a odiava tanto. Ele deve ter percebido que era.

—Eu disse a Osgard que não existia nenhuma decepção em você. Eu fui um tolo. —Ela poderia suportar se somente raiva mostrasse em seus olhos, mas a magoa espreitava também.

O coração de Abigail partiu-se.

—Não.

—Sim! Talvez a cadela de sua mãe a convencesse a mentir para mim inicialmente, mas você teve uma grande oportunidade desde então para admitir a verdade.

—Eu estava com medo.

—Assim como o resto de seus compatriotas, mentirosos e covardes, todos eles.

—Não, não foi assim.

Ele olhou para Guaire.

—Leve-a para nossos aposentos.

—Talorc, por favor. —Ela agarrou seu braço, mas ele se livrou dela.

—Você já me fez de tolo, você vai adicionar minha humilhação desobedecendo-me na frente de meus guerreiros?

—Por que não? Você revelou meu segredo na frente deles.

—Você os enganou também; eles mereceram testemunhar a verdade, também.

—Eu queria uma chance de me encaixar. — Ela não esperava que ele entendesse ou se importasse. A única que tinha entendido era Emily, mas ela disse-lhe a verdade de qualquer maneira.

—Não há nenhum lugar em nosso clã para enganadores e covardes.

Ela sentiu as palavras como golpes e caiu de joelhos com a dor.

Um toque gentil pousou sobre seu ombro. Ela olhou para cima através dos olhos nadando em lágrimas para encontrar o rosto coberto de compaixão de Guaire.

Ele pegou seu braço.

—Venha, minha senhora.

Antes de ela ter uma chance de tomar isto, ela estava sendo erguida com movimentos bruscos para os braços de Talorc. Ele a levou em direção as escadas, seu corpo inteiro irradiando fúria e repúdio.



Pouco disposta a esconder qualquer coisa mais e precisando enfrentar a total ramificação de sua situação, ela olhou em direção a mesa dos soldados Sinclair. Eles estavam olhando para ela. A expressão no rosto de Osgard era de satisfação presunçosa, mas isso não machucou tanto quanto o desrespeito que ela leu nos olhos de Niall.

Ele tinha sido seu primeiro amigo entre os Sinclairs. Agora ele era seu inimigo.

CAPÍTULO 14

Talorc soltou-a sobre a pilha de peles em seus aposentos.

— Se você valoriza sua segurança, ficará aqui.

Ela não conseguia pensar em nada para dizer a tal ameaça sendo emitida dos lábios do homem que ela veio para equiparar com sua segurança.

Ele se virou e só então ela percebeu que Guaire os tinha seguido para cima pelas escadas.

— Fique com ela. Não permita a ninguém neste quarto até que eu retorne.

Guaire assentiu sem uma palavra.

Então Talorc partiu. Guaire trancou a porta.

— Eu sou prisioneira? — ela perguntou não fazendo nenhum esforço para modular sua voz.

Mas Guaire ouviu. Ele franziu o cenho.

— Não. Talorc não quer que você se machuque. O clã necessita de tempo para ajustar-se com o conhecimento que você tem escondido a verdade sobre você. Se você quer minha opinião, a maior parte dos Sinclairs entenderá, até os Chrechte. Só aqueles que viram o quanto você machucou o nosso laird com seu engano sustentarão isto contra você.

— Eu não queria machucá-lo.

Guaire suspirou e encostou-se contra a porta.

— Eu acredito em você.

— Ele não.

— Eu nunca o vi tão feliz. — Guaire olhou além dela, entretanto ela ainda podia ler seus lábios. — Eu não acreditei que ele pudesse confiar em uma inglesa. Nem mesmo que ela fosse sua esposa.

— Eu destruí essa confiança. — A desolação cobriu-a. Será que ele nunca iria chamá-la de seu anjo novamente?

— Aye.

— Eu não quero ser mandada embora.

— Ele não mandará você embora, não importa o que aconteça. Você é sua autêntica companheira.

— Eu não penso que Talorc me considere sua amiga por mais tempo.

— Infelizmente, eu penso que você está certa.

* * *

A fúria de Talorc era só uma máscara fina para a profunda dor que poderia colocá-lo de joelhos se ele deixasse. Sua esposa, o exemplo de virtude que ele reivindicou como sua companheira sagrada, a mulher que tinha vindo muito perto de admitir amar, era uma mentirosa. Uma covarde.

Osgard fez um som de desgosto ecoado entre os outros guerreiros à mesa.

— Eu suponho que você não esperava nada melhor de uma inglesa.

— Eu esperava algo melhor — Talorc rangeu para fora.

Da mesma maneira que seu pai fez com Tamara. Talorc gastou anos provando-se ante seu clã, protegendo-os e sendo tão cuidadoso para não compartilhar a criminoso estupidez de seu pai.

Descobrir que ele foi tão habilmente enganado por uma mulher que ele tinha chegado a confiar, machucava mais em Talorc do que jamais admitiria em voz alta.

Sem uma palavra, Niall posicionou uma caneca de hidromel na frente de Talorc e sem outra palavra, Talorc bebeu.

Osgard deixou a mesa e retornou vários minutos mais tarde com um pequeno barril cheio de uma bebida muito mais forte que hidromel. Talorc começou a beber abundantemente nas horas seguintes e através do jantar. Em certo ponto ele pediu a um de seus soldados para levar uma mensagem para o rei da Escócia, dizendo a ele da deslealdade de Sir Hamilton e exigindo reparação.

Ele estava afundando em sua caneca quando Barr disse:

—Deve admirar sua engenhosidade.

Talorc virou-se para seu segundo em comando com um olhar penetrante.

Barr encolheu meramente os ombros, não parecendo quase tão bêbado quanto seu laird.

—Ela não só o fez de tolo, como enganou a todos na fortaleza de seu pai e dentro de nossa propriedade também. Tamara enganou somente seu pai, e isso era só porque ele estava pensando com sua pequena cabeça, não com a grande. A nossa senhora é esperta, não apenas uma mulher que manipula os homens com seu rosto bonito.

—Ela é uma visão mais que bonita — Earc disse, enrolando suas palavras. —A nossa senhora é bonita.

Osgard provavelmente teria discutido, mas ele estava caído sobre a mesa, roncando. Ele nunca tinha sido capaz de aguentar seu uísque, como também o pai de Talorc.

—Aye, bonita e esperta — Fionn entooou bêbado. —Assim como um anjo.

Talorc franziu a testa para seus guerreiros, as palavras de Fionn aferroaram de um modo que ele nunca admitiria.

—Ela mentiu para nós todos.

—Ela escondeu uma debilidade. Como um bom soldado — Barr disse. —Nós não revelamos nossas debilidades para outros.

—Ela não é nenhum soldado — Talorc rugiu, embora talvez não tão impressionante quanto ele tivesse antes daquela última caneca de bebida barata. —Ela é minha companheira.

—Aye, isto ela é.

Airril olhou para Talorc com olhos turvos.

—Você perguntou a ela por que ela escondeu sua doença?

—Isto não é uma doença. Ela é surda, não doente — Talorc furiosamente respondeu.

—Ele não perguntou. Nós estávamos todos aqui quando ele a testou. —Earc estava parecendo nitidamente esverdeado.

Se ele fosse esperto, e todos os Chrechte da elite de Tarloc eram inteligentes, Earc não iria beber mais esta noite.

—Não, eu não perguntei. O que poderia importar-lhe os porquês que ela mentiu para mim?

Barr guiou Earc para o chão quando o homem balançou de forma alarmante.

—Não saberá até que averigue.

—Ela disse que estava com medo — Fionn arrastou.

—Ahá. É uma covarde. —Entretanto, as palavras pareceram falsas quando as disse.

—Ela é sua companheira. É sua responsabilidade descobrir o que ela temia tanto.

O tom de Barr não deixou nenhum espaço para argumento.

E essa era uma das razões porque Talorc valorizava seu segundo: o outro guerreiro não tinha medo de falar o que pensava quando era preciso. Não que ele sempre concordasse.

Agora mesmo, ele não estava certo do que ele pensava. A não ser que a mesa pareceu malditamente confortável quando ele caiu para frente para descansar contra ela.

* * *

Depois de uma noite de insônia em que Talorc não retornou aos seus aposentos e Guaire não a deixou, Abigail retornou ao salão logo após amanhecer. Ela tinha deixado Guaire dormindo na enxerga que insistiu fazer com algumas das peles da cama dela e de Talorc.

Ela tinha um pressentimento que seu marido não gostaria disto, entretanto ele poderia ter voltado e dito a Guaire que o homem poderia ir para seus próprios aposentos para a noite. Tal como ela, sem importar quantas vezes Abigail garantiu ao seneschal que ela ficaria bem por conta própria, ele recusou-se a deixá-la.

Sua presença a impediu que desmoronasse em soluços. Ainda que desejasse fortemente fazê-lo, ela estava agradecida por ele inadvertidamente ajudá-la a manter sua força. Então novamente, considerando o quão astuto o homem era, sua ajuda poderia ter sido totalmente deliberada.

Pelo menos ela ainda tinha um amigo verdadeiro entre o Sinclairs.

O fedor de uísque velho assaltou seu nariz quando ela estava a meio caminho das escadas, então ela não estava completamente desprevenida para a visão que seus olhos encontraram quando alcançou a base da escada. Os guerreiros da noite anterior, todos eles membros da elite Chrechte, estavam desmaiados bêbados em várias poses de desordem.

Talorc dormia caído sobre a mesa, mas pelo menos não estava desmaiado no chão como Osgard. E Niall.

O grande guerreiro cicatrizado abriu os olhos quando Abigail estava olhando-o fixamente, contemplando seu próximo movimento.

Ela abriu a boca para falar, mas ele se virou com o intento claro de ignorar sua presença. Ele levantou-se e deixou o salão sem olhar para trás ou falar com ela. Então, era isto. Sua atitude não suavizou com a passagem de uma noite, ou bebendo muito uísque.

Seu irmão gêmeo, Barr, despertou em seguida. Seus olhos pareciam mais claros do que os de Niall, sua expressão mais aberta também.

—Bom dia.

—Bom dia — ela sussurrou não certa se queria despertar os outros.

—Eu não vejo Guaire.

—Eu o deixei dormindo.

Barr movimentou a cabeça.

—Talorc vai ter um ataque de fúria quando perceber que você desceu as escadas sem escolta novamente.

—Eu acredito que isto é a menor das minhas preocupações esta manhã.

—Você o enganou e ele se sente estúpido por causa disto.

—Ele não é estúpido.

—Aye, eu sei. E ele sabe disto também, mas o que ele sabe e o que ele sente não são sempre o mesmo. Isto é o mesmo para todos nós, você não acha?

—Suponho. — Ela embrulhou os braços ao seu redor e inspecionou os guerreiros dormindo. — Parece-me que todos eles estão se sentindo bêbados no momento.

—Ou não sentindo nada mesmo.

—Às vezes eu desejava que eu pudesse conseguir isto — ela admitiu, apenas dando som para sua voz.

Mas Barr ouviu. Aqueles Chrechte tinham a audição de um predador.

—Nunca tente isto com whisky barato. A enxaqueca na manhã seguinte não vale à pena.

—Talvez seja melhor falar com Talorc mais tarde, então.

A cabeça de seu marido ergueu da mesa em seguida, seu olhar azul injetados, mas ainda penetrantes.

—O que existe para conversar?

Ela não podia acreditar que ele fez uma pergunta tão tola.

—As revelações de ontem.

—Você quer dizer minha descoberta que você tem mentido para mim desde o momento em que nós nos encontramos?

—Eu nunca disse a você que eu podia ouvir.

—Você nunca me disse que não podia.

—Não, eu não disse.

—Por quê?

—Eu preferiria discutir isto em particular. —Uma vez mais, ela deixou seus olhos sobrevoarem rapidamente os guerreiros desmaiados ao redor deles. —Suficiente deste drama foi comentado no salão para seus soldados apreciarem.

—Eu não vejo nenhuma necessidade para discutir tudo isto.

Ela cruzou os braços.

—Eu tenho o direito de saber o que meu futuro me reserva. —Ela levou a maior parte da noite anterior pensando e tinha chegado a varias conclusões. O mais importante seria, se ela pudesse convencer Talorc a deixá-la ficar, ela queria continuar uma Sinclair.

Ela sabia que não seria fácil, mas nada em sua vida tinha sido desde que a febre quase a matou quando criança.

Ela também decidiu que ela não esconderia a verdade, qualquer que fosse. Então, seu marido conversaria com ela. E isto seria assim.

Talorc não respondeu, mas ele levantou-se da mesa, disse algo para Barr que ela não podia ver e se dirigiu a seus aposentos. Abigail o seguiu, inexplicavelmente desanimada pelo fato de que ele não insistiu em tomar seu braço para a subida.

Ela tinha dado dois passos quando ele parou e girou, pisando de volta para agarrar sua mão.

—Provavelmente estou menos estável que você. —Mas ele não largou sua mão.

—Não sei de onde tirou essa ideia que eu sou desajeitada — ela disse em suas costas.

Se ele respondeu, Talorc não se preocupou em virar a cabeça para que ela pudesse ver.

Quando alcançaram seus aposentos, Guaire havia partido. O alívio foi rapidamente substituído por decepção quando Talorc largou sua mão e se afastou. Seu corpo estremeceu quando ele viu a enxerga em que o soldado dormiu. Talorc encarou Abigail.

—Não olhe para mim assim, como se fosse minha culpa. —Ela acenou sua mão para a cama improvisada. —Foi você que ordenou que ele ficasse comigo. Quando você não veio para nosso quarto ontem à noite, ele foi forçado a dormir aqui. Eu tentei convencê-lo a partir, mas ele recusou-se a fazer isso.

—Como ele deveria ter feito. — Mas Talorc deu a pequena pilha de peles uma olhada menos que agradável.

Desejando que fora da vista resultasse em fora da mente, Abigail juntou as peles e as pôs de volta na cama de Talorc.

Talorc agarrou seu braço.

—Não.

—Por que não?

—Eu não dormirei em uma cama com o cheiro de outro homem.

Oh, Deus.

—Você está tentando dizer-me que você acha que pode sentir o cheiro de Guaire em nossas cobertas? — Guerreiro superior ou não, isso era simplesmente loucura.

—Eu posso. Eu fornecerei mais peles para nossa cama. Até então, nós passaremos sem.

—Por que não? Não é como se nós fôssemos passar sem uma cama de verdade para começar. O que é um pouco mais de desconforto? — ela resmungou baixinho enquanto se agachava para enrolar as peles em um pacote arrumado no chão.

Quando se endireitou, Talorc estava franzindo a testa ainda mais ferozmente para ela.

—Você não acha nossa cama adequada?

—Não é uma cama. É uma pilha de peles — ela obstinadamente insistiu, e então percebeu como irracional estava sendo. Agora não era o momento para discutir suas acomodações para dormir. — Não importa. Desde que nós a compartilhemos, as peles são mais que adequadas.

Um flash de algo como remorso apareceu em seus olhos.

—Eu não pretendia dormir no salão na noite passada.

Era bom saber disso de qualquer maneira, entretanto ela não estava certa do que isso queria dizer levando em conta o que ele disse na noite anterior.

Enfocando o mundano em lugar de questões com o poder para retalhar sua recém-descoberta felicidade, ela levantou o saco de dormir.

—O que você quer que eu faça com isto?

—Eu não me importo.

Ela deixou aquilo no canto.

—Tudo bem. — Ela daria as peles para Guaire mais tarde. Sem dúvida, ele poderia fazer uso das suaves e luxuosas peles.

—Por que você me enganou? — O cheiro de uísque ainda agarrado a ele e em seu plaid mostrando evidência de que ele dormiu com ele, Talorc recostou-se contra a porta.

Apesar de tudo isso, ele era ainda o homem mais bonito que ela já tinha visto. Era maravilhoso que ela tivesse algum fôlego nela ainda com a bonita visão dele. Mas agora não era o momento de insistir no quão atraente ela achava seu marido laird.

Ela abriu a boca, mas não falou. Ela teria que dizer a ele toda a verdade. Ela nunca mais mentiria para ele, por palavras ou ações. Somente que ela tinha certeza que a verdade não ajudaria no seu caso.

—Você foi à única que disse que queria conversar. —Voltando para a agressividade, ele olhou acusadoramente para ela.

E ela estava certa que só iria ficar pior.

—No princípio, eu sabia que se eu dissesse a você de minha aflição, você recusaria se casar comigo.

—Você sabia disto como?

—Nenhum homem quer uma noiva defeituosa.

—Todo mundo tem defeitos.

—Você está tentando dar a entender que você teria se casado comigo não importando minha debilidade?

Ele encolheu os ombros.

—Para perpetuar o seu engano, você teria que se casar comigo. Por quê?

Engraçado como ele simplesmente não assumiu que era porque toda mulher estava disposta a aspirar ao casamento. A abadessa aprovaria a inteligência de Talorc, Abigail pensou.

—O casamento com você me traria para as Highlands. Eu esperava que uma vez que você descobrisse meu segredo, você me mandaria viver com Emily, ao invés de voltar para a Inglaterra.

—Você casou-se comigo para reunir-se com sua irmã.

Ele era esperto. Ela sempre soube disso.

—Sim.

—Por que simplesmente não foi viver com ela? Sua mãe não parecia encantada com sua presença. Isto era explicar com delicadeza.

—Sybil queria uma solução mais permanente para minha presença em sua casa.

—Cadela.

Abigail vacilou, não certa se ele queria dizer Sybil ou ela.

—Eu disse a você que eu não me desculparia por dizer isto. Sua mãe tem um coração de pedra.

—Só quando se refere a mim.

—Por quê?

—O que você acha?

—Se eu soubesse, eu não perguntaria.

—Porque eu sou defeituosa. Não existe lugar para mim em sua vida. —Da mesma maneira que Talorc disse que não existia nenhum lugar para Abigail entre seu clã agora.

Inclusive agora, horas mais tarde, aquelas palavras a feriam como um punhal.

Ele disse uma palavra que ela não entendeu. Ela não lhe pediu para traduzir porque ela estava bastante certa que ela não queria saber de qualquer jeito.

—Se seu plano era conseguir que eu trouxesse você para as Highlands e então rejeitá-la por sua debilidade assim eu mandaria você para viver com sua irmã, o qual era um irremediável plano falho, porque você não me disse a verdade uma vez que nós chegamos a minha fortaleza?

Esta discussão tinha sido melhor do que ela poderia ter esperado e o fato que de ele ainda estava fazendo perguntas deram a Abigail um raio de esperança. Só o suficiente para alfinetá-la, entretanto, não o suficiente para realmente levantar seu espírito.

—No momento que nós alcançamos a propriedade dos Sinclair, eu soube que eu não queria deixá-lo.

—Você continuou a enganar-me com a esperança de ficar comigo? — ele perguntou como para se certificar. —Você estava tão certa de que revelar seu segredo resultaria em minha rejeição por você?

—Sim. Para ambos.

Ele não reagiu àquela admissão de qualquer forma.

Quando o silêncio entre eles estendeu-se ao ponto da dor, ela perguntou.

—O que você fará comigo agora?

—Você ainda está esperando ser enviada para viver entre os Balmoral?

—Não.

Ela não tinha acabado de confirmar que queria ficar com ele?

Ele olhou para ela com demanda mal-humorada.

Se ele queria isso especificado, então ela iria soletrar isto.

—Eu quero ficar aqui, como sua esposa, se você me quiser.

—Por quê?

—Eu amo você. Eu te disse isso ontem.

—Você poderia estar mentindo.

Seu coração partido estilhaçou um pouco mais.

—Eu não estava.

—Você mentiu para mim sobre qualquer outra coisa?

—Não, mas eu tenho escondido algo de você.

—O que?

—Eu comecei a ouvir uma voz em minha cabeça. Eu gosto de pensar que é você, mas não pode ser qualquer coisa exceto minha imaginação. Eu não ouço qualquer outra coisa. Bem, além de uma noite que ouvi o uivo de um lobo.

—Isto é tudo?

—Sim.

Ele movimentou a cabeça e então virou para ir, como se tudo tivesse sido resolvido entre eles.

—Isso não preocupa você? — ela desesperadamente perguntou. —As vozes em minha cabeça?

—Não.

Isso era porque ele tinha intenção de livrar-se dela?

—Você vai mandar-me embora?

—Você é minha esposa.

Ela não tinha resposta para isto, e antes que ela pudesse suplicar, ele se foi.

* * *

Talorc correu pela floresta em sua forma de lobo. Ele nadou no lago para limpar sua cabeça confusa pelo uísque, mas não fez nada para dispersar sua confusão levando em conta as revelações de sua esposa.

Ela o enganou da mesma maneira que Tamara enganou seu pai. Só que seu pai notou a verdadeira natureza de sua esposa muito tarde. Talorc estava agora muito ciente das inteligentes manipulações de Abigail, mas ele não tinha nenhum desejo de bani-la.

O problema era este, como seus soldados, ele admirava a habilidade da sua esposa de esconder sua debilidade. Ele não podia evitar parecer orgulhoso que ela fosse tão talentosa em ler lábios e falar, ninguém percebeu o fato que ela não podia ouvir. A admiração que ele sentia estava em conflito com a sensação de traição sufocando seu interior, e ainda ele não podia libertar-se disto.

Não mais do que podia libertar a si mesmo do desejo, não, a necessidade de manter sua esposa. Não que ele tivesse muita escolha. Se ele banisse Abigail da propriedade Sinclair, ele baniria qualquer esperança de crianças que levassem sua linhagem Chrechte junto com ela. Como um verdadeiro acasalado Chrechte, ele não era fisicamente capaz de tomar parte no acasalamento com ninguém exceto Abigail. Pelo menos, até que esse acasalamento fosse cortado pela morte, ou uma traição muito grande, até o seu espírito de lobo a rejeitar.

Aparentemente, seu lobo não estava aborrecido pela perfídia de Abigail. Ele sentia-se tão possessivo e protetor em relação a ela como sempre. Ele ainda almejava sua aprovação e a oportunidade para farejá-la em sua forma de lobo. Este desejo crescia mais forte a cada dia, ficando agudo quando o menor incidente indicava a invasão de outro homem no que ele considerava seu território.

O lobo uivou em desagrado com a visão das peles que Guaire tinha dormido no aposento de Talorc e Abigail. Talorc quis lançar as malditas coisas fora pela janela. Ele não tinha, mostrando considerável comedimento em sua opinião. Particularmente quando sua companheira fechou-os muito cuidadosamente, seu odor se misturou com o de Guaire nas peles.

Seu anjo tinha muito que aprender sobre a natureza Chrechte.

E dele.

Ela alegou amar Talorc, mas no mesmo fôlego, Abigail tinha atestado que ela pensou que ele fosse capaz de descartar sua esposa por algo tão insignificante como uma inabilidade de ouvir. Seguramente que era um pesar que ela tinha que aguentar, não ele. Sua surdez não o impactava a não ser que ele tinha que ser mais diligente em sua proteção, sabendo que ela era menos ciente de seu entorno do que ele acreditava.

Isto também explicava as vezes que ele pensou que ela o ignorava quando de fato ela simplesmente não tinha percebido que ele estava falando.

Como isso poderia ser uma coisa ruim?

No entanto, ela tinha escondido a verdade com uma diligência que tanto o preocupava e o impressionava.

Nenhum Chrechte já tinha escondido sua natureza com mais talento e engenho que sua esposa escondeu sua surdez. Quando chegasse à hora dele confiar os segredos de seu povo, ele não poderia duvidar de sua habilidade em manter sua confiança.

Mas não aliviava sua preocupação o conhecimento de que ela o enganou tão bem e tão facilmente. Ela assegurou que ela não tinha mentido sobre qualquer outra coisa, mas ele podia acreditar nela?

Ela casou-se com ele com a intenção de usá-lo para ganhar acesso a sua irmã.

Ela falou seus votos de casamento e a antiga promessa Chrechte de fidelidade sem significando nenhum nas palavras. Aquela verdade torceu algo profundo dentro dele, machucando de um modo que ele não sentia desde que perdeu cada um de seus pais. Sua companheira sagrada tinha falado suas promessas Chrechte como uma criança com seus dedos cruzados.

Isto, pelo menos, tinha causado sofrimento em seu lobo.

Apesar do fato que era inglesa e humana, ele tinha dado seu juramento de boa fé, ambos diante do padre das Lowlands e na caverna diante de seus irmãos Chrechte. Desde o começo, ele não tinha feito nenhum plano de sair desta aliança indesejada.

O fato que seu anjo abordou seu casamento com tais intenções espúrias agiu como uma lança direto por suas entranhas.

Ele odiava descobrir que ela tinha o poder de machucá-lo deste modo. Isto de ter suas emoções à mercê de alguém o irritava, até de sua companheira, mas particularmente uma companheira a quem ele não podia confiar. Era um estado que ele estava seguro de que ele nunca experimentaria. Talorc esteve tão certo que ele nunca cometeria os enganos de seu pai.

Entretanto, aqui estava, vulnerável ante uma mulher humana inglesa. Isto era seguramente algo odioso.

Ela alegou ter mudado de ideia sobre usá-lo, como se ele devesse agora acreditar que ela queria ficar com ele. Como se isso devesse fazer suas ações aceitáveis.



Não fazia. Só mostrou que ela era capaz de traição por causa de seus próprios interesses, da mesma maneira que Tamara. Ainda que Abigail viesse a amá-lo como ela alegou, ela começou com a intenção de usá-lo, de jogar fora seu casamento e seu acasalamento Chrechte.

Quanto parecia Abigail com sua madrasta morta?

Foi esta pergunta que o manteve em forma de lobo correndo pelo bosque em vez de retornar a fortaleza, para sua esposa.

CAPÍTULO 15

Talorc não mandou Abigail embora. Pelo menos não naquele dia.

Claro, que ele não estava por perto para ordenar seu banimento. Ele desapareceu depois de sua discussão naquela manhã cedo e não retornou a fortaleza desde então.

Ele não estava treinando os soldados. Barr estava fazendo isto hoje. Sem a ajuda de seu gêmeo, Abigail notou quando ela caminhou pelo pátio de treinamento na parte inferior da muralha a caminho da ferraria. Ela queria pedir a Magnus se ele poderia fazer-lhe uma ferramenta de mão de três pontas para escavar em seu jardim de ervas.

Ela abordou o ferreiro com alguma apreensão, insegura de como seria sua recepção. Porém, ele não só foi respeitoso e útil como sempre, mas ele até sorriu quando ela descreveu o que ela procurava.

—Aye, eu posso fazê-lo. É uma ideia inteligente.

—Obrigada. — Seguramente não se inteirou de seu engano.

Mas suas próximas palavras dissiparam seus pensamentos.

—É verdade, então, que você não ouve?

—Sim.

—Você é muito astuta, é mesmo.

Ela abriu a boca para se defender, mas o olhar de aprovação em seu rosto evitou isso.

Ele acenou.

—Você é a companheira perfeita para nosso laird.

—Um... obrigada.

—Uma Chrechte tem que ser furtiva e boa em manter um segredo.

—Mas não sou uma Chrechte.

—Não, você não é, mas você tem o coração e esperteza de um. —Do modo que seu peito inchou e seus olhos cintilaram, parecia que era o maior elogio que poderia fazer o ferreiro.

E isso era só a primeira de várias conversas tão estranhas que Abigail teve naquele dia com os membros de seu clã. Longe de fazer que eles a odiassem, saber de sua aflição e como ela havia escondido a debilidade aumentou sua estatura a seus olhos.

Ela só desejava que o mesmo fosse verdade com seu marido, entretanto ninguém mais sabia que ela tinha planejado usá-lo para chegar a sua irmã.

Tão incompreensível quanto ela achou isto, foi o fato de que seu marido parecia muito mais ofendido por sua fraude que sua surdez. O clã admirou sua fraude e parecia não ter nenhum escrúpulo sobre sua surdez. Na verdade, eles mostraram reverência em sua habilidade para discernir sua presença desde que ela não podia ouvir sua abordagem.

Isso era, todo mundo exceto Niall. Ele a ignorava completamente.

Ela assistia com assombro do outro lado do muro exterior, quando Guaire quis resolver o assunto. Talvez ela não devesse ter espionado, mas velhos hábitos eram difíceis de romper. Além disso, ela achou a troca fascinante.

Guaire olhava para Niall com fogo verde em seus olhos.

—O que se passa com você?

—Você não está muito próximo, Guaire? — Niall perguntou em lugar de responder a pergunta do seneschal.

Guaire apertou os punhos.

—Minha proximidade ofende você?

—Você é o único que corre em outra direção sempre que eu chego a um palmo de distância.

—Isto não é verdade.

—É.

—Eu não estou correndo agora.

—Eu notei. Parece que você vai enfrentar até mesmo o demônio marcado de seus pesadelos se isso for pela esposa do nosso laird.

—Não chame você mesmo disto! — Os tendões no pescoço de Guaire destacaram-se, deixando claro que ele gritava.

Niall não pareceu minimamente arrependido, só mal-humorado. Realmente, muito mal-humorado.

Guaire respirou fundo, obviamente obrigando-se a controlar-se.

—Você a está tratando cruelmente.

—Como eu ajo com Abigail não é de sua conta, seneschal.

—Ela é minha amiga.

Abigail se encontrou sorrindo com essa alegação, apesar da seriedade do argumento entre os dois de seus Sinclairs favoritos.

—Ela é?

—O que isto quer dizer?

—Sim, o que isso quer dizer?

Abigail gostaria de saber, também.

—Você passou a noite em seus aposentos.

—Você ousa insinuar...

—Eu não estou insinuando qualquer coisa. — Niall passou a mão sobre seu rosto. —Só deixa isto, Guaire.

—Eu não deixarei isto. A nossa senhora merece mais do que você está dando a ela.

—Eu a protegeria com minha vida.

Abigail acreditou nisto; não existia nada além de sinceridade e uma tristeza inexplicável em seus olhos.

—Ela é mais que uma responsabilidade para você. —Guaire não estava dando qualquer chance.

—Ela é sua amiga. Ou pelo menos acreditei.

—Eu acreditei nisto também.

—O que? Então você não acredita mais nisto?

—Ela enganou meu laird. Ela o machuca. Ela me enganou.

—Ela teve suas razões.

—Elas não importam.

Abigail temia que seu marido compartilhasse as convicções de seu guerreiro.

—Elas importam.

—Ela não precisa de minha amizade, ela tem a sua.

Abigail não podia suportar isto mais tempo. Ela caminhou em direção aos dois homens discutindo. Então com o intento que ela tinha de alcançá-los, ela não percebeu imediatamente as vibrações do chão. Quando ela fez, instintivamente moveu-se para o lado, virando-se para ver o que estava fazendo a terra sacudir.

O gigantesco garanhão negro de Talorc estava quase sobre ela. Ela moveu-se de seu caminho, mas não o suficiente. Percebendo isto, ela mergulhou ao chão, rolando longe do mortal caminho da fera.

Ela sentiu a corrente de ar quando ele investiu por trás dela. Agora isso era o que ela chamava de perto. Tremendo um pouco pelo acidente, ela se levantou e espanou seu plaid. Só então ela notou os guerreiros que corriam em direção a ela.

Niall chegou lá primeiro.

—Você está machucada?

—Não. —Ela tentou um sorriso hesitante que não foi devolvido. —Só um pouco agitada.

—Vários do clã gritaram uma advertência, mas você não ouviu. —Ele não pareceu estar fazendo uma acusação, mais como uma observação.

Não obstante, um rubor de humilhação rastejou por seu corpo.

—Não, eu não ouço qualquer coisa.

—Como você soube como mover-se, então? — ele perguntou, havia tanta curiosidade e preocupação por ela quando viu a maneira como ele a olhava.

—Eu senti a vibração da terra em baixo de meus pés.

—Aye, essa é nossa senhora — um dos guerreiros disse.

A ferroadinha de humilhação diminuiu um pouco.

Guaire alcançou-a e apertou seu ombro.

—Muito bem. —Ele encarou Niall. —Ainda que alguns sejam malditamente teimosos para admitirem isto.

Ela agarrou a mão de Guaire.

—Não.

—Eu não vou tolerar que ele a trate tão friamente.

—Guaire... — ela suspirou e disse o que precisava ser dito. — Minha aflição o machuca.

—Eu não preciso que você me defenda para meu... para Guaire. —Niall disse, um sulfúrico olhar cercando ambos. Então saiu apressado, em direção ao campo de treinamento, derrubando dois soldados que se interpuseram em seu caminho.

—O que aconteceu com ele? — Earc perguntou.

Abigail e Guaire ambos encolheram os ombros impotentes. Barr veio andando, levando o animal ainda agitado entre dois soldados Chrechte mais experientes.

—Ele está bem?

—Quem está bem, senhora? — Earc perguntou.

—O cavalo de Talorc — ela disse, respondendo para Earc, mas conservando seu olhar em Barr.

—Ele está sob controle.

—Você tem que descobrir o responsável por aborrecê-lo assim. Eu ousou dizer que você achará o culpado entre os mais jovens. —Uma brincadeira que eles não tinham ideia das graves consequências, mas isso não pode se repetir. Ela mordeu o lábio, olhando para o pobre cavalo nervoso. —Eu desejava que Talorc estivesse aqui, ele poderia acalmar a besta mais depressa.

—Se nosso laird estivesse de volta da caça, eu não acredito que sua primeira preocupação seria seu cavalo — Barr disse com um olhar divertido.

Abigail fez uma careta.

—Se você diz. — Mas ela não estava convencida do ponto de vista de Barr. Não de tudo.

—O que pegou Niall com um humor mais duro do que o habitual? — Earc perguntou. —Até com uma ressaca, ele não é normalmente tão bastardo.

Barr encarou o guerreiro.

—Isto é, eu quero dizer... — Earc tropeçou estranhamente em suas palavras.

Barr olhou para a mão de Abigail ainda apoiada em Guaire.

—Eu acredito que você achará a razão para raiva de meu irmão em algo diferente que o fundo de um barril de uísque.

Abigail soltou sua mão, ainda não realmente compreendendo o que deixou Niall tão chateado.

Ela pensou que era por seu segredo, mas agora que Barr insinuou que Niall talvez, estivesse com ciúmes? Do que? De sua amizade com Guaire? Isso não fazia nenhum sentido.

Ele não era tão mesquinho.

Sem mais explicações, Barr levou o cavalo em direção aos estábulos.

Guaire assistiu o progresso do outro homem por vários segundos antes de sacudir sua cabeça e suspirar. Ele virou para Abigail.

—Você está pronta para retornar a fortaleza?

—Eu não penso que você pode chamar aquele castelo de pedras de fortaleza — ela disse, renovando um argumento que eles tiveram quando ela chegou pela primeira vez.

—Mas castelos são tributados, minha senhora.

—Então certamente, leve-me para a fortaleza.

Eles fizeram isto finalmente. Depois que vários membros do clã expressaram sua alegria tanto por Abigail não ter se machucado como a apreciação de sua inteligência em sair do caminho do cavalo apesar de sua inabilidade para ouvir as advertências gritadas.

* * *

Talorc retornou a fortaleza logo antes da refeição da noite. Sua caça tinha sido bem sucedida e ele entregou o javali para Una na cozinha.

Ela louvou suas habilidades de caça e então deu a ele um olhar de compaixão.

—Eu sinto muito, meu laird.

—O que você sente muito? — ele perguntou, com pouco interesse. Seus pensamentos estavam em outro lugar, como eles estiveram o dia todo.

—Que você tenha sido enganado para casar-se com uma mulher tão imperfeita e tão cheia de artimanhas enganosas. —Ela fez um som tsk e agitou a cabeça. —Eu não sei por que o resto do clã está se comportando como se ela tivesse conseguido algum grande feito em enganar todos nós.

Ele também não, mas ele estava agradecido se isso fosse verdade. Ele não estava esperando ansiosamente ter que proteger Abigail de seu próprio clã.

Sem realmente querer entrar em uma discussão com a viúva, ele simplesmente encolheu os ombros. E então não pôde evitar pensar que a ação teria feito seu anjo olhar para ele zangada ao invés do olhar satisfeito como Una fazia.

Sentindo-se desconfortável da breve conversa por nenhuma razão que pudesse entender, Talorc foi para o salão para juntar-se aos seus soldados e sua esposa.

Ela já estava acomodada em seu lugar habitual na mesa de banquete. Seu cabelo dourado brilhando, seus cachos suaves como se ela tivesse acabado de escová-los. Ela vestia uma de suas blusas bordadas com seu plaid e o surpreendeu que ela tivesse feito seus melhores esforços para parecer adorável para ele.

Pelo menos devia ser para ele.

Ele olhou para o seu plaid com pequenos respingos de sangue causados por carregar o porco e mentalmente encolheu os ombros. Ele não era nenhuma mulher para se preocupar com sua aparência, mas talvez ele pudesse ter lavado o suor de sua caminhada de volta para a fortaleza antes de juntar-se a ela no salão.

Não existia nada para ser feito sobre isto agora. Ele caminhou em direção à mesa, sua atenção fixa em sua esposa.

Ela estava corada e parecendo ligeiramente aflita. Ele franziu a testa e escutou o que estava sendo dito ao redor dele. O salão estava repleto com algo a ver com seu cavalo e sua esposa. Ela tentou montá-lo? Ele pensou que o garanhão tinha mostrado uma grande tolerância com ela até agora.

Ela levantou o olhar com surpresa em seus traços de porcelana quando ele tocou em seu ombro para deixá-la saber que estava lá.

—Você retornou.

—Como você vê.

—Sua caçada foi bem sucedida?

—Sim. Nós teremos javali amanhã.

Eles teriam tido isto hoje, mas aquele que ele matou na véspera foi pego por outros predadores. Era de se esperar quando deixou lá para eles acharem.

Ele tomou seu lugar ao lado de sua esposa e virou-se para Barr.

—O que aconteceu com meu cavalo e minha esposa em minha ausência?

—Alguém atormentou o garanhão até deixá-lo nervoso e então o soltou do estábulo em um alvoroço.

Talorc mal escutou as palavras de Barr quando Earc disse com satisfação.

—Sua esposa estava diretamente no caminho do cavalo.

Um grunhido de fúria subsônica retumbou em sua garganta, fazendo os outros Chrechte ao redor da mesa devolver grunhidos imediatos de submissão. Só o fato que ela estava sentada lá parecendo incólume de qualquer forma o impedia de rugir sua raiva.

Ele abruptamente virou-se para enfrentar sua esposa.

—Você está bem?

—Fresca como uma rosa. —Ela até sorriu.

—Alguém a salvou. Quem? — ele perguntou a Barr.

—Ela salvou-se. Ela não ouviu os gritos de advertência, mas ela notou a terra tremer sob seus pés — ele disse com clara admiração.

Inferno, Talorc estava mais que um pouco impressionado.

—Onde estava sua escolta?

Pelo olhar no rosto de Barr, era a primeira vez que a questão lhe ocorreu.

—Eu não sei Talorc. Quem você atribuiu para escoltá-la hoje?

A memória de Talorc voou de volta para aquela manhã e sua partida da fortaleza.

Ele não atribuiu a ninguém o encargo específico de escoltar sua esposa. Ele atribui o encargo entre seus soldados diariamente, de modo que nenhum perdesse muito tempo de treinamento. Apesar do fato de que ele não tinha atribuído um soldado para a tarefa, sua esposa sabia muito bem que não podia deixar a torre sem uma escolta.

—Você sabe que deveria ser escoltada quando deixasse nosso quarto — ele censurou-a.

Um fio de algo como raiva passou por seus belos olhos castanhos antes de ela piscar e isto ter ido.

—Eu nunca estou só.

—Se você tivesse uma escolta, você não teria estado em perigo.

—Eu evitei o perigo sozinha. Eu tenho feito isso por anos.

—Ela é uma deficiência para o clã. Qualquer um pode ver isto — Osgard disse furiosamente de seu lugar abaixo na mesa.

Talorc olhou para sua esposa para ver sua reação com as palavras do idoso, mas ela pareceu não ter notado. Pareceu-lhe então que ela raramente olhava em direção de Osgard. Considerando o fato de que ela não podia "ouvir" se ela não o visse, este comportamento efetivamente eliminava o guerreiro rabugento de sua atenção.

Foi uma maneira eficaz de lidar com a incapacidade irritante de seu conselheiro de aceitar sua nova senhora. Talorc teve que admirar a simplicidade e engenhosidade disto também.

Ele virou-se para ela não poder ver seus lábios também e olhou ameaçadoramente para seu conselheiro.

—Ela é minha esposa.

—Para inferno com o clã, então?

—Cuidado, Osgard. Você não irá muito longe com seu preconceito e se encontrará vivendo com sua sobrinha-neta em uma cabana já lotada.

—Não era o clã em perigo hoje, mas nossa senhora — Guaire disse de seu habitual lugar do outro lado de Abigail.

—Eu não estava realmente em perigo mais que qualquer outro — Abigail afirmou, obviamente tendo lido os lábios de Guaire.

Osgard bufou, mas vários soldados movimentaram a cabeça de acordo, seu respeito por sua Senhora claro.

—O que o mestre do estábulo tinha a dizer? — Talorc perguntou a Barr.

—Ele não viu ninguém.

—Ninguém mesmo?

Barr agitou a cabeça.

—Ele estava treinando uma das jovens éguas no paddock, então não estava nem próximo do estábulo no momento que seu cavalo saiu.

—E o garanhão?

—Mostra sinais de que foi chicoteado em seu flanco esquerdo.

Talorc soltou um grunhido que teve vários guerreiros acenando com a cabeça.

—Você verificou o odor?

—Não havia mais nada que o mestre do estábulo e seu ajudante, e nada nas marcas do próprio chicote.

Talorc franziu a testa para isto. Quem tinha feito a brincadeira, claramente sabia o suficiente para evitar a detecção mascarando seu odor. Além disso, eles tiveram o cuidado de usar um instrumento que eles não tocavam para chicotear o cavalo.

—Suspeita de um dos meninos?

—Pode ser. —Barr era um homem cauteloso e não acusava sem alguma indicação de culpa.

Nem mesmo os jovens conhecidos por suas travessuras.

Apesar de estar incerta do que seu marido estava sentindo em relação a ela, Abigail achou a refeição da noite surpreendentemente agradável. Foi mais relaxante que qualquer refeição que ela comeu na presença de outros desde que desceu as escadas pela primeira vez depois de sua febre quando ela tinha dez anos. Ela não precisava se preocupar em revelar seu segredo mais.

A liberação da pressão era mais que surpreendente. Ninguém ficou impaciente com ela quando ela perdeu algo que eles disseram. Todo mundo agiu como se sua capacidade de entendê-los fosse algum grande talento, que ela era algo de especial.

Não alguém amaldiçoado.

—Você escondeu sua surdez entre sua família inglesa? — Earc, sempre o mais curioso, perguntou.

—Claro. Só minha mãe, meu padrasto e eventualmente minha irmã mais nova Jolenta sabiam.

—Por que isso?

—Na melhor das hipóteses minha aflição era considerada uma grande desgraça.

—E na pior das hipóteses? — Earc insistiu.

—Muitos padres ensinam que ser tão fraco indica possessão por um demônio.

—São os padres ingleses tão crédulos, então? — Fionn perguntou. —Você espera que acreditemos nisso?

—Asseguro-lhes, que isto é a verdade. — Ela só desejava que não fosse. —A abadessa diz que eles gritam “demônio” quando eles não podem explicar por que uma febre deixa uma pessoa surda ou cega, mas outra intacta por tal dificuldade.

—Sua abadessa fala como uma mulher sábia — disse Guaire.

—Eu nunca a encontrei. Nós só nos correspondemos por cartas, mas eu a considerava como amiga. Ela era a única pessoa além de minha irmã Emily que encontrou valor em mim depois de descobrir minha aflição.

Talorc pegou em seu rosto e virou sua cabeça para que seus olhos se encontrassem.

—Pare de chamar sua surdez de aflição.

O resto do salão deixou de existir para ela.

—É...

—Uma enfermidade, embora não muito no seu caso. Você aprendeu a compensar isto de maneiras surpreendentes.

—Eu não tenho nenhuma escolha. Eu não queria viver o resto de meus dias trancada em uma cela de um convento de freiras. —Ela estremeceu com o pensamento de que viveu isso em seus sonhos algumas noites.

—Você tinha uma escolha, mas não desistiu. —Ele agitou sua cabeça, olhando perplexo, mas ela não sabia o porquê. —O único infortúnio verdadeiro é a idiotice que seus pais mostraram em saber que suas circunstâncias mudaram.

—Emily me protegeu de ira da minha mãe. Tanto quanto ela podia de qualquer maneira.

—Não deveria ter havido nenhuma raiva. Você não se fez surda.

—Ela sempre me culpou. Eu deveria fazer um bom casamento e encaminhar sua ambição social.

—O casamento com um laird deveria agradar qualquer mãe.

—Sybil estava contente somente por livrar-se de mim, mas minha irmã mais jovem Jolenta estava ciumenta.

—Não importa. Você é agora minha para proteger.

Abigail olhou fixamente para ele, não tendo certeza como tomar isto. Ontem mesmo, ele disse que ali não havia lugar para ela no clã. Agora ele agia como se ele não tivesse nenhuma intenção de bani-la. Ela queria conhecer seus planos, mas não estava a ponto de perguntar sobre eles na frente de seus soldados.

Alguém deve ter dito algo porque Talorc franziu a testa e olhou por cima de seu ombro. Ele falou, com seu rosto evitando que ela pudesse ler seus lábios. Osgard levantou e evadiu-se do salão.

—Ele faz muito isto — ela disse calmamente.

Talorc retornou sua atenção para ela.

—O que?

—Osgard está em uma idade de ser venerado, mas ele age como criança, saindo tempestuosamente. — Ela mordeu o lábio, esperando que não tivesse ido longe demais criticando o idoso.

—Ele pagou um preço muito grande quando a segunda esposa de meu pai traiu nosso clã com seu amante inglês.

Ela suavemente puxou seu rosto de seu contato e virou-se para Guaire, recusando-se a ouvir novamente como ela era responsável pelas ações abomináveis de uma mulher morta.

— Quando é a próxima feira? — ela perguntou ao senescal, no que ela esperou não fosse uma tentativa óbvia para mudar de assunto.

—No início de outono.

—Será que nós vamos frequentar?

—Os Sinclair sempre enviam uma delegação.

—Talorc não vai? — Abigail perguntou, desapontada. —Eu teria gostado de ir.

Guaire olhou para além dela para Talorc e então teve que morder de volta um sorriso.

—Eu acredito que seu marido gostaria de sua atenção.

Ela virou para Talorc, determinada a não responder se ele fizesse outro comentário infame sobre Tamara ou a traição dos ingleses. Pela ferocidade da carranca em seu rosto, isso era exatamente o que ele estava pensando.

Ela abafou um suspiro.

—Sim?

—Você gostaria de assistir a feira? — ele perguntou cada palavra era um grunhido.

O choque fez seus olhos arregalarem, mas ela não era nenhuma tola, não importa o que Sybil dissesse.

—Muitíssimo.

—Então nós iremos.

—Eu verei Emily lá? — Excitação percorrendo-a.

O semblante de Talorc, que começava a iluminar, ficou escuro novamente.

—Eu não sei.

—Ela é minha irmã e eu a amo.

—Eu sei quanto.

—Por favor, Talorc... — ela implorou com os olhos para não ventilar seus pecados na frente de seus soldados.

—Eu vou garantir que Balmoral esteja ciente de nossa intenção de participar.

Contente com a generosidade do seu marido, lágrimas de frustração ainda entupiam sua garganta quando ela forçou-se a um simples:

—Obrigada.

—Não há necessidade de me agradecer. É meu dever assegurar sua felicidade.

Em lugar de sentir derrotada em seu raciocínio por atrás de sua generosidade, Abigail estava contente.

—Poucos maridos veriam assim. Você é um bom homem, Talorc.

—Os Chrechte sabem suas responsabilidades para com suas companheiras.

—Um amigo é mais importante que uma esposa?

Ele não respondeu, escolhendo ao invés perguntar a Barr uma questão sobre os treinamentos dos soldados daquele dia.

Ela se debruçou em direção a Guaire e sussurrou.

—Ele pode ser muito abrupto.

—Ele é o laird. Ele não desperdiça palavras.

—E uma resposta é um desperdício de palavras?

Quando Guaire encolheu os ombros, a expressão de reconhecimento em seus olhos disse-lhe que se lembrava de sua reclamação sobre aquele gesto particular tão favorecido pelos guerreiros Highlanders.

Ela deu uma risadinha e ele logo sorriu em seguida.

Quando seu olhar viajou ao redor para os outros comensais no salão, ela encontrou os olhos de Niall apunhalando nela e seu riso desapareceu do nada. Ela não podia esquecer que, justamente com a confiança do seu marido, havia perdido um amigo com a revelação do seu segredo.

Mais tarde, cansada, Abigail pediu licença para se retirar.

—Eu acompanharei você para seu aposento, minha senhora — Guaire ofereceu.

Mas Talorc abruptamente levantou-se.

—Eu subirei com minha esposa.

Abigail tomou a mão de seu marido com um pouco de apreensão. Ela não estava certa se queria estar a sós com ele onde ele se sentiria livre para continuar a repreendê-la por sua aflição.

Ele notou sua vacilação e franziu a testa com isto, sua mão fechando firmemente sobre a dela. Ela olhou para trás para a mesa e viu Niall dar a Guaire um olhar que fazia pouco sentido.

O guerreiro enorme olhou magoado de alguma forma, mas Guaire não tinha feito nada para machucá-lo.

CAPÍTULO 16

Talorc olhou à porta depois de colocar Abigail dentro do quarto e então se afastou para encará-la.

—Guaire e você se tornaram muito próximos.

—Ele me lembra Emily.

Seu marido elevou os ombros surpreso.

—Meu guerreiro lembra a sua irmã?

Ela riu ante as implicações.

—Não porque seja feminino, possivelmente não seja tão feroz como você, mas é um guerreiro forte, confiaria minha segurança em suas mãos — disse ela repetindo algo semelhante ao que Una havia dito alguma vez.

—Então como é que te recorda Emily?

—Ele viu valor em mim antes de saber meu segredo e não mudou depois.

As sobrancelhas de Talorc se elevaram.

—De acordo com o que vi no jantar de hoje à noite, muitos membros do clã sentem o mesmo.

—Sim, é surpreendente. Só que Guaire já era um bom amigo, e então demonstrou ser um verdadeiro amigo ao permanecer por e para mim até com Niall intimidando a maioria dos membros do clã.

—Como Emily fez a primeira vez que perdeu a audição — disse Talorc claramente capaz de chegar a uma conclusão lógica.

—Emily salvou minha vida duas vezes — Abigail tentou fazer seu marido compreender por que sua irmã era uma parte tão importante de sua vida. —Quando tive febre ninguém quis expor-se a me cuidar.

—Nem sequer sua mãe?

—Especialmente ela.

—Assim Emily cuidou de você?

—Sim.

—Diz que te salvou a vida duas vezes.

—O medo ao inexplicável é forte entre o povo do castelo de meu pai.

—Sim?

Abigail confirmou com a cabeça.

—Se o resto dos habitantes da fortaleza de meu pai se interessasse da minha perda, talvez tivessem insistido em liberar o castelo da minha presença.

—Seu pai teria cedido às demandas de sua gente?

—Só sei que minha mãe não se sentiria decepcionada ao ver minha ida.

Ele pronunciou novamente essa palavra que ela não compreendia.

Incapaz de sustentar seu olhar diretamente e dizer o que ela desejava, olhou-o por entre suas pestanas.

—Não acreditei que houvesse outra pessoa tão importante em minha vida como minha irmã.

—Quer que eu acredite que eu sou essa pessoa? — a tensão em seu corpo era fácil de ler.

A emoção lhe fechou a garganta.

—Sim — mais que qualquer outra coisa.

Vários longos segundos passaram em silêncio. Enquanto ele a observava e ela a ele por entre suas pestanas.

—Quero uma prova.

Ela levantou o rosto.

—O que?

—Prova o muito que deseja estar comigo — lhe estendeu os braços. —Venha aqui.

Ela podia fazê-lo.

Sem dúvida alguma, caminhou para esses braços que sempre a fizeram sentir-se segura e protegida. Seu picante aroma masculino se apoderou dela, enchendo-a de desejo. Olhou-o, desejando que seu amor brilhasse para ele para ver se o queria.

—Por favor, não me mande longe, Talorc.

Ele não respondeu, mas sua boca lhe respondeu com crua paixão. Ele tinha o gosto do licor do jantar e desse sabor selvagem que ela associava unicamente com ele. Foi uma embriagadora combinação e não soube quanto tempo durou o beijo. Sorte pura que seguia e seguia e que, entretanto se sentia como fosse terminar em qualquer momento. Estava tão aturdida por isso, que ele teve que lhe tocar as pálpebras para fazer-lhe saber que tinha algo que dizer quando deixou a boca feminina.

Seus olhos revoaram ao abrir-se.

A expressão masculina era de feroz posse e selvagem desejo.

—Minha.

—Tua — se apenas pudesse saber que ele realmente era seu.

—Mostre.

Ela assentiu, finalmente tinha compreendido o que devia fazer para provar o lugar em seu coração. Queria que lhe oferecesse a única coisa que não era e nunca foi parte de seu engano, algo que não estava relacionado à sua irmã ou alguém mais.

A paixão indomável que sentia por ele.

Com isso em mente, desabotoou o cinturão, deixou-o cair no chão, com as mãos ocupadas já tirava o plaid. Tinha que tocar sua pele nua não só porque ele queria prová-la, mas sim porque ansiava a intimidade que só podia conseguir assim.

O plaid azul, verde e negro caiu de seu magnífico corpo com facilidade. No havia colocado uma camisa, assim que a perda de seu plaid o deixou total e gloriosamente nu. Seu corpo brilhava de vitalidade com os músculos ondulando tensos sob sua pele dourada.

Sua virilidade estava meio dura e aumentando rapidamente, seus testículos penduravam grandes e pesados de semente. Saber que ele poderia plantar essa semente profundamente em seu corpo logo fez estremecer seu centro. A ideia de ter seu bebê era incrivelmente doce.

O aroma a suor seco e almiscarado saturou o ar entre eles, chamando seus sentidos como um elixir da terra. Ela não compreendia, mas ele extraía um elemento sem refinar de seu caráter que

respondia a nível mais básico a ele. Como um animal com sua companheira, ela o achava agradável não só à vista, mas sim de aroma e sabor.

—Você gosta do que vê, não é assim meu anjo?

Seu coração saltou de carinho e assentiu, até desfrutando da saturação de seus sentidos.

Entretanto a forma em que sentia sob seus dedos era o mais maravilhoso de tudo. Ter a liberdade de tocá-lo onde e como quisesse, e dispor dessa liberdade até agora era incrível, da melhor maneira possível.

Incapaz de resistir tomou vantagem dessa liberdade, adiantando-se e acariciando-o, deslizando a mão pelo pescoço, cruzando seu peito e mais abaixo por seu estômago até deter-se justo em cima do ninho de pelo que coroava sua virilidade. Seu ser inteiro estremeceu de prazer ante a reação, o salto do corpo masculino e sua rápida e florescente ereção, que mostrou seu efeito no instante em que ela pôs a mão sobre ele.

Curvando a mão sobre ele, silvou ante o calor que emanava de sua carne dura.

—Tão quente, tão forte — sussurrou procurando em seu rosto mais sinais de prazer.

Estavam aí, na forma em que seus olhos se fechavam sob o sulco de suas sobrancelhas, e seus lábios se abriam para aspirar e relaxar sua ofegante respiração.

Ele adiantou para ela seus quadris, deslizando sua endurecida haste contra os dedos femininos.

Ela caiu de joelhos e beijou sua macia ponta. Os joelhos masculinos se curvaram e em seguida se fortaleceram, e ela pôde dizer que ele simplesmente se manteve de pé com pura força de vontade.

Ela cheirou os cachos negros de seu pelo púbico, inalando a essência única de seu sexo. Seu agora rígido pênis se esfregou contra a bochecha feminina como se procurasse mais daquela sedutora fragrância.

Ele tomou sua cabeça entre suas grandes mãos de guerreiro e lhe guiou à boca para deslizá-la ao longo de seu tenso prepúcio. Ela pestanejou ante a grande ponta vermelha e escura, pérolas de líquido gotejavam da fenda. Então levantou o olhar para ele.

Ele elevou uma sobrancelha como se perguntasse o que faria agora.

Sabia o que desejava, prová-lo. Inclinou-se para frente encurtando a distância entre sua boca e sua virilidade e lambeu essas pérolas de aparência deliciosa, amando sua salgada doçura.

Ele utilizou a forma como a sujeitava para guiar a boca mais profundamente sobre seu eixo endurecido.

—Por favor...

Ela não queria perder suas palavras, mas o prazer em sua boca era irresistível, fechou os olhos e inclinou a cabeça para diante para levá-lo tão profundamente como pudesse. Ele tamborilou a parte posterior de sua garganta e ela se concentrou em relaxar e desfrutar da sensação. Sugava puxando-o, girando a língua sobre sua cabeça. Delicioso.

Os joelhos masculinos falharam e ela repetiu o movimento, incrementando a sucção de sua boca até cavar suas bochechas. Continuou amando-o com a boca enquanto ela se despojava da roupa. Gostou de olhá-la enquanto dava tudo para demonstrar que era sua.

Ela teve que deslizar fora de seus lábios a pétrea coluna envolta em seda de sua carne para poder

tirar a blusa e depois continuar.

Ele tomou essa oportunidade para mover-se para as peles onde se deitou, levantando o corpo sobre os cotovelos com suas largas e musculosas pernas abertas. Fez-lhe gestos com a mão.

—Venha aqui.

A expressão de necessidade em seu rosto encheu algumas das gretas do coração feminino.

Ela não se incomodou em levantar-se, mas sim engatinhou cruzando o chão, seus peitos balançando sob seu olhar.

Os formosos olhos azuis dele se abriram e depois se estreitaram quando seu corpo se estremeceu de prazer.

O poder surgiu dela com o conhecimento de que com um ato simples como esse podia desarmar o poderoso laird Chrechte.

Ela se deteve com as mãos sobre os joelhos masculinos.

—Amo você.

Algo flamejou no rosto dele, mas permaneceu em silêncio. Esperando.

Ela umedeceu os lábios e olhou como o pomo de Adão se movia indicando que engolia. Colocando uma mão sobre cada coxa se aproximou até aproximar novamente a boca ao membro. Dando um festim com as pérolas de umidade que continuavam gotejando, ela se concentrou em dar prazer só em sua inchada ponta.

Usou uma mão para deslizar seu prepúcio abaixo para ter melhor acesso e arrastou os dentes sobre o orifício antes de inundar em seu interior a ponta da língua. Os quadris masculinos corcovaram e ele a sujeitou pela cabeça novamente, seus dedos enterrados sobre os cachos loiros. Ela chupou, lambeu e deslizou gentilmente os dentes ao longo de sua dureza, mal tocando. Ele começou a pressionar por sua conta, mas nunca tão forte para asfixiá-la.

Era selvagem, licencioso e completamente decadente.

E então ele gozou, sua essência lhe encheu a boca derramando-se por seus sentidos. Ela engoliu tomando-o em seu interior com júbilo, marcando a alma masculina como os lábios e dentes que frequentemente lhe marcavam o pescoço.

Abigail. Meu anjo, minha autêntica companheira.

Desta vez não se alterou ao escutar a voz, não evitou escutá-la ou qualquer outra coisa. Simplesmente desfrutou. Não lhe importou se era sua imaginação ou não. Essa voz falava em tom de admiração, afeto, possivelmente inclusive amor. Ela deixou que as emoções a banhassem. Não importava nesse momento se eram fantasias, alimentavam sua esperança e a semente da felicidade que sempre sentia em sua presença.

Ele a levantou de entre suas pernas com mãos gentis e sua expressão era quase reverente.

—Doce esposa. Meu anjo.

Lágrimas surgiram em seus olhos e ela não as conteve. O sentimento era muito grande para contê-lo.

Ele a atraiu até que esteve com ele sobre as peles, suas mãos a acariciaram quando se acomodou a seu lado sobre as ultras suaves peles.

—Agora farei amor com você.

—Já fez.

Seus olhos se fecharam e logo se abriram, o azul rodeado pelo brilho dourado que a estremecia.

—É perfeita para mim.

—Até defeituosa?

—Todos estão defeituosos de uma forma ou outra.

Sua mãe não era adepta dessa teoria, mas Abigail podia dar graças a Deus que seu marido sim.

—É perfeito para mim.

—Como deve ser.

Então ele procedeu a provar o quão perfeito era para ela. Grandes e calosas mãos deslizaram sobre seu corpo com roces tão gentis como demandantes, procurando sua resposta desinibida. Acariciou-lhe o pescoço, seu ventre, suas coxas e finalmente seus seios, mamilos e esse ponto de prazer total entre suas pernas. Ela gritou de alegria quando ele a penetrou respondendo com energia ao ritmo longo e potente que marcava.

Seu clímax a tomou de surpresa, endurecendo seu corpo ao senti-lo lançar sua semente quente e maravilhosa dentro dela. Enroscaram-se juntos sobre as peles que amava mais que qualquer leito porque Talorc e ela as tinham compartilhado.

CAPÍTULO 17

Abigail não podia acreditar quão diferente eram seus dias desde que o clã conhecia sua incapacidade de ouvir.

E não precisava esforçar-se constantemente para ver os rostos das pessoas. Agora que sabiam que precisava ler seus lábios, os membros do clã se asseguravam de estar de frente a ela quando lhe falavam. Ninguém se impacientava quando precisavam repetir e isso a fazia mais confiante em pedir-lhes. As pessoas se asseguravam de que ela "ouvisse" as notícias importantes pessoalmente, sem confiar em que ela se inteirasse por acaso.

Era consciente do que a rodeava a um nível que nunca conseguiu antes. E isso era magnífico. Ela sentia que realmente pertencia.

Cada dia neste novo e aberto entorno a relaxava ainda mais. Tentava novas coisas, aventurava-se mais longe no feudo, conhecendo membros do clã que não visitavam com frequência a fortaleza. Guaire a acompanhava frequentemente, mas sentia falta da amizade de Niall. Isso não significava que não lhe visse. Junto com o extremamente curioso Earc, ele frequentemente os acompanhava em suas incursões para visitar os pastores e aos membros afastados do clã.

Mas Niall atuava como uma silenciosa escolta, raramente falava com Guaire ou Abigail, e punha um feroz rosto em cada ocasião em que eles se tocavam amigavelmente.

Una também havia tornado a tratá-la com a mínima cortesia devida à esposa do laird. Abigail tentou falar com a mulher sobre seu comportamento frio, mas a ama de chaves negou qualquer sentimento negativo. Entretanto, de modos tão sutis como abertos, Una deixou claro que preferiria que Abigail delegasse os deveres domésticos a ela.

Entretanto, Abigail rechaçava deixar sua posição de mando no castelo. Era a esposa de Talorc e não permitiria que outra mulher a fizesse se sentir inadequada para o papel. Independentemente do rancor que Una tivesse contra ela, Abigail ainda era a senhora do castelo. Sem mas. E ponto.

Tanto como não desejava crescer-se com sua posição sobre outros, tampouco permitiria que a atropelassem. Assim, pouco a pouco assentava sua capacidade para supervisionar. O fazia até o ponto de poder dar direção pessoal às mulheres que ajudavam Una na cozinha, na limpeza para Talorc e seus guerreiros de elite.

E continuando com sua campanha para transformar o grande salão e o resto do castelo em um lar mais que em uma fortaleza, Abigail instruiu Una nas mudanças adicionais que desejava que fizessem.

As cadeiras agora flanqueavam a grande chaminé e flores frescas adornavam as mesas de banquete. Um comprido plaid, de aproximadamente um metro e meio de largura, pendurava da parede detrás da mesa em que Talorc, Abigail e os guerreiros de alto mando de seu marido se sentavam. Ela estava bordando o brasão dos Sinclair em fio negro sobre uma peça de seda azul que havia trazido com ela da Inglaterra e que planejava costurar no centro do estandarte.

Una resistia às mudanças, queixando a outros das flores frescas e do mobiliário adicional aos que

se devia tirar o pó no grande salão. Quando ela pensava que Abigail estava longe, também dava ordens em contrário que esta tinha dado às outras mulheres.

Abigail analisava seu proceder a respeito enquanto trabalhava no agora próspero jardim de ervas. Apesar da atitude negativa da viúva, não desejava retirar Una de seu cargo. Ela seguia esperando que Una a aceitasse como sua senhora e que começasse a atuar em consequência.

Nesse aspecto, sabia que era muito diferente de sua mãe. Sybil faria jogar à mulher do castelo e das terras de seu marido por tal comportamento. Sem titubear.

Abigail se perguntava às vezes se tolerava tanto a Una porque não queria parecer com sua mãe em nenhum aspecto. Era sua compaixão boa para o clã, dando um exemplo positivo de tolerância? Ou sua falta de vontade para tomar as rédeas diretamente debilitava sua posição como senhora e, portanto, o sentido de estabilidade do clã?

Não podia encontrar a resposta a essas perguntas e estava lamentando que sua irmã não pudesse aconselhá-la no preciso momento em que algo captou sua atenção pela extremidade do olho. Deu a volta para ver o que acontecia e ficou paralisada pela comoção.

Talorc e Barr caminhavam junto a um grande guerreiro de cabelo negro que usava um plaid azul escuro, verde e amarelo pálido. Com um braço rodeava firmemente uma mulher muito menor que segurava um bebê.

Abigail esfregou os olhos para assegurar-se de que estes não a enganavam, mas a mesma gloriosa visão se mostrou ao abri-los outra vez. Seu cérebro poderia enganá-la com o pensamento de que ouvia a voz de seu marido, mas isto tinha que ser verdade. Desejava-o tanto que doía.

Abigail deu um alegre grito quando se permitiu reconhecer os dourados e castanhos cachos que rodeavam esse querido rosto.

Emily!

Abigail ficou em pé de um salto e correu para sua irmã, deixando cair sua pequena paleta, suas saias voaram. Emily também corria, sua expressão refletia a evidente euforia de Abigail. Abigail lançou seus braços ao redor da outra pequena mulher.

Os beijos em sua bochecha e um estreito abraço que fazia difícil respirar lhe disseram que era verdade. Sua irmã realmente estava ali. As lágrimas caíam por seus rostos enquanto sorriam a uma à outra.

—Temia que nunca voltasse a lhe ver — disse Abigail suspirando.

—Sabia que Deus não seria tão cruel, mas confessarei que nunca considerei que usaria Talorc Sinclair para te devolver para mim.

O olhar de Abigail se dirigiu nervosamente para seu marido para ver como tomava as palavras de sua irmã. Enquanto obteve uma aproximação de alguma classe e seu trato sexual era mais intenso que nunca, ele jamais reconheceu abertamente suas palavras de amor, embora ela as dissesse cada noite e frequentemente pelo menos uma vez durante o dia. Apesar disto nunca lhe devolveu as palavras.

Nunca falaram sobre seu plano de utilizá-lo para chegar a sua irmã, mas isto era uma barreira entre eles. Invisível, mas evidente.

Entretanto, agora mesmo, só havia indulgente prazer no rosto de Talorc.

Agradecida por sua consideração, ela riu para ele, sua alegria a fazia tola.

—Minha irmã está aqui.

—Notei-o. —Seus lábios se curvaram para um lado humoristicamente.

Emily tocou a bochecha de Abigail em um gesto longo e familiar para conseguir sua atenção.

—Ele nos convidou a vir.

—Ah... — ela olhou outra vez para Talorc, seus olhos cheios de lágrimas de felicidade. —É muito bom comigo.

Talorc se inclinou para frente e a beijou suavemente. Ali mesmo diante de sua irmã e cunhado. E não na bochecha, e sim nos lábios.

—Não te afastaria de sua família.

Aturdida pelo beijo, Abigail deu a volta com o que sem dúvida era um sorriso bobo para sua irmã.

—Acaso não é maravilhoso?

—Devo admitir que não é um bode — brincou Emily girando os olhos.

Seu marido jogou para trás a cabeça, obviamente lançando uma gargalhada.

Talorc olhou com censura para Emily, mas a diversão em seus olhos azuis desmentia qualquer cólera verdadeira.

—Era tempo que reconhecesse a verdade.

Abigail sacudiu a cabeça, tão feliz que poderia explodir por isto.

Talorc lhe acariciou a orelha com o dedo, indicando que queria lhe dizer algo. Com um sorriso brilhante, lhe prestou toda sua atenção.

—Sim?

—Esposa, este guerreiro quase decrépito é o homem com o qual sua irmã decidiu casar-se em meu lugar. —Ele assinalou com a mão ao outro homem. —Lachlan, laird dos Balmoral.

—É um verdadeiro prazer te conhecer — disse Abigail, colocando sua mão sobre sua garganta para assegurar-se de que tinha bastante volume para ser ouvida. —Estou egoisticamente agradecida de que minha irmã se casasse contigo, em vez do homem que seu rei queria para ela. Talorc me aceita tal como sou.

Embora Lachlan não entendesse o quanto importante e extraordinário isso era, Abigail sabia que Emily sim o faria.

—Também me alegro de que tudo tenha resultado desta maneira — respondeu o grande guerreiro, seus olhos castanhos escuro cintilavam. —Quem adivinharia que um simples rapto pudesse ter semelhantes consequências?

—Emily te sequestrou? — Perguntou Abigail com fingido assombro.

Embora sua irmã nunca tivesse compartilhado todas as circunstâncias que rodearam seu matrimônio com o laird incorreto, Abigail nunca acreditou que fora algo tão simples como Emily e Lachlan se conheceram e se apaixonaram, tampouco acreditou que Talorc desse um passo para o lado tão facilmente como Emily tinha insinuado em suas cartas.

Lachlan riu outra vez e sorriu a sua esposa. Se Abigail não soubesse melhor, poderia afirmar que eles se comunicavam de algum jeito. Sua linguagem corporal o delatava, mas seus lábios não se

moviam.

Emily sorriu brandamente a Abigail.

—Ambas encontramos atalhos mais felizes pela graça de Deus. —Piscou-lhe. —E não sequestrei meu marido, embora fizesse um bom trabalho conseguindo que me incluíssem no sequestro da Caitriona.

—Essa é uma história que eu gostaria de conhecer.

—Contarei isso depois — prometeu Emily. Ela olhou a seu marido com malícia. —Cada mínimo detalhe.

Lachlan representou um grande grunhido.

Abigail sacudiu a cabeça rindo.

—Posso ver que é um bom companheiro para seu humor e engenho.

—Sim. —Emily sorriu com ditosa alegria. Então assinalou à menina em seus braços. —Esta é Abigail Caitriona, nossa filha.

A preciosa pequena com os olhos violetas de sua mãe e o cabelo escuro do pai estendeu os bracinhos para Abigail.

Ainda estremecida por saber que sua irmã chamou sua primeira filha com seu nome, as mãos da Abigail tremeram quando as estendeu para pegar a bebê. Emily deixou sua filha ir com um sorriso.

Abigail embalou a bebê muito próximo a ela.

—É linda. — Sorriu à pequena. —Olá, doce. Sou sua tia.

O bebê estendeu os braços e acariciou o rosto de sua tia.

—Nós a chamamos de Gail — disse Emily.

—OH, isso é encantador.

—Seu pai que a adora. — começou. —Disse que Abigail Caitriona era um nome muito grande para um corpinho tão diminuto.

Abigail se afogou em uma risada aquosa.

—Devo estar de acordo.

Ela olhou para Talorc, deixando que seu desejo de ter seus próprios filhos reluzisse em seus olhos. Ele a olhou em resposta com um calor evidente que lhe espremeu o coração.

Emily contemplou a ambos com nada menos que surpresa.

—Nunca teria suposto que Talorc fizesse isso.

—O que? — perguntou Abigail.

—Amar.

Então os olhos de Emily arregalaram e ela disparou um olhar de desgosto a seu marido.

Ela suspirou e olhou para Talorc.

—Sinto muito, isso foi pouco amável. É só que, enquanto a carta de minha irmã dizia que era feliz com seu clã, nunca supus que poderia estar tão contente. Minha própria experiência foi tão diferente, mas não se pode negar que Abigail é feliz. Ela brilha.

—Todos conhecem meu segredo e a maioria não se importa. —Abigail ignorou a insinuação de sua irmã de que Talorc estava apaixonado por ela. Ela sabia que não era verdade, mas se dissesse a Emily,

sua irmã mais velha sem dúvida se voltaria em sua defesa. Abigail desejava que nada danificasse a visita de Emily, em particular não os problemas que arranhavam as bordas dessa alegria pela que sua irmã tão claramente se alegrava.

—Estamos orgulhosos de sua inteligência — disse Earc. Ele esteve vigiando-a enquanto cultivava sua horta e se conteve de formular suas habituais perguntas curiosas com muita valentia até esse momento.

—Aye, todo o clã está orgulhoso — afirmou Talorc, também claramente desejoso de passar por cima da alusão de Emily sobre sua capacidade de amar.

Os adoráveis olhos violetas de Emily ficaram nebulosos outra vez.

—É um milagre.

Abigail sabia exatamente ao que se referia: a aceitação do clã e sua avaliação.

—Sim.

Ela passou o resto do dia mostrando de novo a sua irmã as terras dos Sinclair e dando-se a conhecer a sua irmã em palavras, feitos e coração. Emily falou com Abigail sobre sua vida entre os Balmoral, com detalhes muito mais ricos do que jamais foi capaz de expressar em uma carta que sabia seria lida tanto por seu pai como por Sybil e Abigail.

—Estou tão contente de que tenha encontrado outra mulher a que chame irmã. Senti tantas saudades, mas ao menos ainda tinha Jolenta. Rezei para que encontrasse alguém que ocupasse meu lugar — confessou Abigail.

—Ninguém poderia ocupar seu lugar em meu coração, mas Cait é outra irmã de alma. Sei que estará de acordo quando for à ilha Balmoral de visita.

—Não é também irmã do Talorc?

—Sim.

—Não veio aqui de visita?

Emily mordeu o lábio, uma clara amostra de que vacilava em falar livremente.

—Só diga — exigiu Abigail.

—Talorc prometeu não tomar o pequeno filho de Cait, mas lhe preocupa que se o trouxer de visita, Talorc diga que pertence aos Sinclair em vez dos Balmoral.

—Por que o faria?

—Porque o pai do pequeno era Sean, o primeiro de Talorc antes de Barr.

—O irmão mais velho de Niall e Barr? — perguntou Abigail surpresa. —Sabia que eram casados, mas não era consciente de que estava grávida quando ele morreu.

—Sim. E com uma gravidez muito avançada quando Drustan decidiu conservá-la.

—Essa é a parte da história que deve me contar, não é assim?

—Sim, mas é uma história muito comprida de contar antes que tenhamos que voltar para grande salão para comer.

A refeição da noite foi toda uma celebração que terminou com ambos os lairds insistindo em levar nos braços suas mulheres para seus recintos de descanso. Abigail não pôde menos que notar e divertir-

se com o fato de que Lachlan parecia tão preocupado com a segurança de Emily na estreita escada como Talorc era com ela.

—É uma vantagem tática, admitirei isso — disse Lachlan a Talorc. —Mas não é prático para um laird com uma família a que cuidar.

Talorc observou a escada, logo ao bebê adormecido nos braços de Emily e finalmente a Abigail, em quem seu olhar se atrasou durante vários segundos.

—Vejo seu ponto — disse ele com um olhar que ela não pôde decifrar.

Ela não teve nenhum problema em decifrar o cenho de aborrecimento que Guaire dedicava ao outro extremo da mesa. Sem dúvida Osgard havia dito algo grosseiro outra vez. Ignorá-lo se fazia cada vez mais difícil, mas não se queixaria a Talorc como uma menina mimada. Tinha desfrutado de mais aceitação em seu clã do que jamais teria esperado.

A insistência intransigente de um homem com seu caráter desagradável não era significativa. Nem sequer se esta ecoasse na atitude da governanta do castelo.

Niall ao menos nunca compartilhava suas palavras, nem tentava menosprezá-la como esses dois. Independentemente de que seguiam distanciados como amigos, ela tinha a esperança de que um dia renovariam seu companheirismo.

* * *

A seguinte semana foi uma das mais agradáveis na vida da Abigail. Sua irmã e ela trabalharam em seu jardim de ervas enquanto Gail dormia a sesta à sombra. Quando o bebê despertava, brincavam com ela, e passaram mais tempo visitando o clã de Abigail.

Emily exclamou repetidas vezes sobre a atitude amistosa com a que o clã a tratava agora que ela estava casada com alguém que não era seu laird.

—Só posso pensar que minha falta absoluta de interesse por me casar com seu laird se mostrava em cada um de meus atos.

—Ele aprendeu da forma em que te tratou e estabeleceu meu papel entre os membros do clã imediatamente.

Emily sorriu abertamente e como a maior parte dos dias, Abigail se encontrou contando a sua irmã tudo sobre sua vida desde que Emily partiu do castelo de seu pai, inclusive as experiências da Abigail como a dama de um laird recém-casado. Emily ainda tinha terminado de contar a Abigail a história completa de como terminou casada com Lachlan.

—Recorda, você tinha minhas cartas. Eu não tive respostas suas. Sir Reuben esteve pouco disposto a enviar um mensageiro tão ao norte às Highlands com nada mais importante que uma carta. A diferença de Lachlan do Balmoral, o barão inglês não tinha clãs aliados complacentes que passassem as cartas. —Tenho centenas de perguntas ainda sem responder.

Abigail fez todo o possível para responder.

Ambas estavam na antecâmara que Emily e Lachlan compartilhavam em sua estadia com os Sinclair. O bebê dormia a sesta e a escolta de Abigail esperava no corredor, fora da porta.

—Seu marido é muito consciencioso com sua segurança — observou Emily.

—Osgard uma vez me disse que era porque nem Talorc nem o clã confiavam em mim para estar sozinha. Porque sou inglesa.

—Não acreditou, verdade? — Emily parecia pronta para ferir corporalmente o velho guerreiro. —É óbvio que seu clã te ama e confia em você.

Abigail assentiu em acordo.

—Inclusive depois de que se inteiraram de meu segredo.

—É muito diferente da fortaleza do pai, não é?

—Oh, sim. Sinto-me tão livre aqui.

—E valorizada.

Cheia de prazer com o pensamento, Abigail sorriu.

—Sim. Durante tanto tempo só duas pessoas acreditavam que eu tinha valor: a abadessa e você. Agora tenho um clã inteiro.

Isso a assombraria até o dia que morrer, mas também daria graças a Deus a cada dia.

—É maravilhoso. — Emily começou a chorar outra vez. Ela esteve fazendo isto com frequência.

Abigail posou a mão sobre o estômago de Emily.

—Irmã, está segura de que não há algo que deseje me dizer? Não recordo que fosse das lágrimas à felicidade ou a qualquer outro sentimento com tanta facilidade.

—Não é seguro. Mal tenho uma semana de atraso em meu ciclo feminino. Mas posso sentir a mudança de meu corpo, estranhas ânsias de comida e náuseas ante a ideia de mantimentos que pelo geral adoro. Ainda não falei nada a Lachlan, embora acredite que ele deve sabê-lo. — Emily riu, seu prazer ante essa perspectiva evidente. —Não queria que o usasse como uma desculpa para postergar nossa visita.

—Quando chegará o bebê?

—Se meus cálculos forem corretos, no início da primavera.

—São notícias maravilhosas.

—Obrigada. Não esperava ter dois bebês tão perto um do outro. Gail tem só oito meses.

—Serão amigos.

—Suponho que serão, mas sinto que este é um moço.

—Estou segura de que isso não os deterá.

—Oh, Abigail, estou tão contente de te ter de retorno em minha vida — disse Emily com um suspiro entrecortado.

—Eu também. —Abigail deu a sua irmã um abraço espontâneo. —Lamento que não possa ficar mais tempo.

Emily assentiu.

—Mas logo irá à ilha Balmoral para uma visita, Talorc prometeu.

—Sim, e ele mantém suas promessas.

—É bom ser capaz de confiar em seu marido em tais coisas.

—Sim. — Abigail deixou que seu olhar se deslizasse ao bebê dormindo e logo depois de retorno a sua irmã. —Um... há algo do que estive desejando falar contigo.

A única preocupação que desesperadamente necessitava da sabedoria de sua irmã.

Já tinham falado brevemente do problema de Una, e Emily não tinha tido nenhum reparo em assinalar o fato de que a outra mulher deveria ser despedida. Abigail deveria ter esperado a postura protetora e dar-se conta de que Emily não seria mais imparcial do que ela era, só que em um sentido diferente.

Ela expôs a Guaire e ele sugeriu que falasse disso com seu marido, já que como laird tinha direito de que Una alardeava outra vez sobre a indecisão de Talorc de aceitar a Abigail como a senhora dos Sinclair.

Mas tão frustrante como era Una, não era a preocupação mais premente de Abigail.

Emily levantou a cabeça ante o silêncio prolongado de Abigail.

—O que acontece?

—Recorda o que os sacerdotes ingleses ensinavam sobre a surdez?

—Esse assunto sobre o demônio? — Emily franziu o cenho. —Uff!!! Sabemos que isso não é verdade. Não esteve preocupando-se por esse velho conto, verdade?

—Estive ouvindo vozes em minha cabeça — confessou ela sem rodeios.

—Vozes? Em sua cabeça? — perguntou Emily, sem parecer muito preocupada. De fato, se não interpretava mal o que acontecia, Abigail haveria dito que sua irmã parecia quase excitada. —O que quer dizer?

—Quando Talorc e eu fazemos amor, imagino que ouço sua voz e uma vez ouvi o uivo de um lobo. Às vezes penso que é só minha imaginação, porque desejo desesperadamente escutar sua voz quando não posso ouvir nada mais. Só que é tão real e, Emily... não recordo como soam as outras coisas. Nem o gorjeio de um pássaro, o borbulhar de um riacho, o som do vento nas árvores ou nem sequer sua voz. Mas ouço a dele claramente. E do que posso recordar, é muito diferente a qualquer voz que tenha escutado antes de perder a audição.

O radiante sorriso de Emily não tinha sentido.

—Tem que dizer a Talorc, embora esteja surpreendida porque ele já não tenha notado a situação.

—Mas disse.

Emily franziu as sobrancelhas.

—O que disse ele?

—Nada.

—Nada? — Ela sacudiu a cabeça. —Esse idiota.

—Meu marido não é um idiota. Ele não me julgou. Assegurou-me que não estava preocupado por isso. —O que em primeiro lugar alimentou seus medos era que Talorc planejasse expulsá-la, mas então ela tinha visto sua aceitação como um presente.

—Claro que não estava preocupado. Sabe exatamente por que ouve sua voz e a seu lobo em sua cabeça. —Os pensativos olhos do Emily se abriram com moléstia.

—Seu lobo? — Abigail se sentia um pouco confundida. —Refere-se ao grande lobo cinza que é amigo do clã?

—Esse lobo cinza é mais que um amigo. —Emily saltou e começou a caminhar de um lado a outro.

—Também o viu?

—Só à distância.

—Eu o vi de perto duas vezes. —Contou a sua irmã sobre o passeio nos bosques com Niall e logo seu incidente com o javali. —O lobo salvou minha vida.

—Claro que o fez. É seu marido, seu companheiro.

—Emily... não estou casada com um lobo. —Ela passou bruscamente de preocupar-se com sua própria prudência com a de sua irmã.

CAPÍTULO 18

Possivelmente a gravidez de Emily fazia que sua mente lhe pregasse peças.

Mas Emily não parecia estar fantasiando quando disse:

—Sim, está.

—Emily...

—São homens lobo, Abigail.

—Não tire o sarro. Sei que acreditava nas histórias de Anna sobre homens lobo nas Highlands como se fossem o evangelho e que estas me assustavam, mas já não sou uma menina. E de verdade estou preocupada com estas vozes.

—Não estou brincando. —Os olhos violetas de Emily refletiram sua frustração. —Menti a você alguma vez?

—Não.

—Não minto agora. Há uma raça especial que vive entre os clãs aqui nas Highlands.

—Os Chrechte.

—Assim é. Talorc falou sobre eles.

—Sim.

—Não contou tudo se não sabe que eles são homens lobo.

—Os homens lobo são só um conto. — Abigail recordou a sua irmã teimosamente.

—Não, não o são. São de verdade e Talorc é um deles. Acredito que é hora de que lhe conte a história de como cheguei a me casar com Lachlan.

O assombro de Abigail cresceu quando sua irmã lhe contou a história. Com cada segundo se dava conta de que Emily acreditava em cada palavra que dizia, e se ela acreditava nelas era porque provavelmente era certo, o qual significava que as histórias de Anna também. Os homens lobos eram reais.

Se alguém mais tivesse afirmado algo semelhante, Abigail teria exigido uma prova, mas esta era sua irmã. A única pessoa no mundo que sempre a amou e nunca lhe mentiu. Além de sua absoluta confiança em sua irmã, Abigail não podia menos que notar como alguns detalhes da história de sua irmã davam sentido a coisas que a aturdiram desde que conheceu Talorc.

—Quando um homem lobo encontra sua verdadeira companheira, alguns são capazes de comunicar-se mentalmente entre eles — disse Emily. —Lachlan e eu podemos fazê-lo.

—Talorc me chamou de sua autêntica companheira, acreditava que se referia a que eu era seu amiga.

Emily não riu, mas Abigail deveria fazê-lo. Que estúpida foi ao não entender palavras que explicavam tanto.

—Os lobos se acasalam pela vida toda e seu lobo se acasalou com você — disse Emily com completa segurança. —Embora seja estranho que um Chrechte se acasale com um humano, isso pode acontecer. Sou uma prova vivente disso. A existência de nossa filha e meu atual estado são provas adicionais de que Lachlan e eu somos companheiros sagrados. Não entendo como cheguei a ser tão

abençoada, nem como chegaste a compartilhar essa bênção com Talorc, mas é possível.

Abigail recordou o olhar possessivo do lobo, tanto no bosque como depois de ter matado por ela, e se sentiu atordoada.

— Isto não pode ser verdade. E

mbora suas dúvidas fossem mais palavras que convencimento.

— Mas é. Nunca mentiria ou brincaria sobre uma coisa tão importante. Sabe isso.

Abigail recordou o modo em que a voz lhe gritou quando o javali havia atacado.

— Ele pode dirigir-se a mim dessa forma todo o tempo ou só em momentos de grande emoção?

— Lachlan me fala dessa forma todo o tempo, como eu. Cait e seu marido também são verdadeiros companheiros com esse dom. Por isso sei, é possível falar dessa forma todo o tempo para os companheiros sagrados abençoados com a comunicação mental.

— Por que Talorc não me disse isso? — Por que não usaria sua capacidade para lhe falar de um modo tão especial? Como podia privá-la do som de sua voz quando seu mundo inteiro estava cheio de silêncio?

— Não sei. Ele tampouco me disse isso quando estive aqui como sua prometida. Lachlan tampouco foi quem me confiou sobre a verdadeira natureza dos Chrechte. Foi Cait.

— Mas por que o escondem?

Emily lhe deu um agudo olhar.

— Entre todos você deveria saber a resposta.

— Porque as diferenças frequentemente são vistas como ameaças.

— Exatamente. Se seus segredos fossem descobertos, é provável que os Chrechte fossem caçados e destruídos como animais. Sabe o que poderia ter acontecido se as pessoas soubessem de sua surdez; quanto pior se descobrissem que alguém é capaz de converter-se em um lobo? Os Chrechte são guerreiros fortes, mas escassos em número em comparação com seus pares totalmente humanos.

— Isso não explica por que Talorc não me disse nada.

— Não, não o faz. Sei que os Chrechte protegem os segredos de sua raça muito estreitamente. Se descobrirem que eles traíram o segredo, ou a alguém a quem o disseram é encontrado fazendo-o, a sentença é a morte.

— Mas você me disse — disse Abigail, preocupada com sua irmã.

— Claro que fiz. É minha irmã e está acasalada com um guerreiro Chrechte. Não é um risco para a segurança da raça.

— Claramente Talorc discorda.

— Ele não é um homem que confia facilmente.

Se a amasse, confiaria nela, mas não era algo que Abigail mencionaria a sua irmã.

— E eu o enganei.

— Sim. Mas deveria entender a necessidade dos Chrechte de guardar seus segredos, assim como ele devia ter entendido sua necessidade de esconder sua aflição e não haver te julgado pouco confiável devido a isso.

— Ele se zanga muito quando chamo minha surdez de doença — disse Abigail, dando-se conta de

que se não trocava de assunto logo, romperia em lágrimas pelas implicações do que acabava de descobrir.

—Faz?

—Sim. Diz que não é uma doença, só uma perda e não uma grave pela forma em que aprendi a compensá-la.

—Pode ser um homem ardiloso.

—Sim.

Era tudo o que Abigail pôde fazer para manter sua fachada de normalidade ante sua irmã. Seu coração murchava em seu peito ante todas as conclusões pelas que Talorc lhe tinha guardado o segredo dos Chrechte.

Por que devia receber semelhantes golpes cada vez que pensava ter encontrado a felicidade?

—Está bem, irmã?

Pela primeira vez em sua vida, Abigail mentiu a Emily.

—Sim. É obvio.

—Eu gostaria de ser uma mosca na parede quando der a notícia a seu marido de que sabe tudo sobre seu lobo.

Abigail não pôde impedir de fazer uma careta para mascarar seus rasgos.

—Estará aliviado, me acredite. O lobo de Lachlan necessita minha aceitação e amor tanto como seu lado humano. Adora que lhe acaricie detrás das orelhas; certo que a Talorc também.

Abigail forçou uma risada e um sorriso que enganaria inclusive sua irmã. Manteve a fachada para sua irmã e os Sinclair até o final do jantar quando se desculpou até o dia seguinte.

Essa noite pela primeira vez, Abigail evitou fazer amor com Talorc utilizando a desculpa do cansaço. Lágrimas silenciosas caíram por suas bochechas na escuridão enquanto seu marido dormia junto a ela entre as peles.

Ele a enganou como ela o fez, mas ainda assim a condenou cruelmente por guardar seus próprios segredos. Talorc duvidava de seu amor por ele, mas o que era mais importante e claro é que nunca a amaria.

Não só não era uma highlander de nascimento, mas também não era uma Chrechte. Emily tinha compartilhado o papel que sua humanidade desempenhou para que Lachlan aceitasse seus sentimentos por ela. E esse homem estava tão loucamente apaixonado como nenhum outro homem jamais na história do mundo.

Que possibilidade tinha Abigail de vencer um preconceito tão perceptível e profundamente enraizado em Talorc?

Ele não tinha nenhum desejo de compartilhar sua especial herança com ela de nenhuma forma. O lobo, que segundo Emily necessitava do amor e aprovação de Abigail, ocultava-se dela. Inclusive embora pudessem compartilhar o íntimo vínculo de falar na mente do outro, Talorc se continha de fazer com ela.

E isso era possivelmente o que mais doía. Talorc devia ser consciente da devastação que

experimentou Abigail ao perder o som em sua vida. Ter a possibilidade de ouvir outra vez, sobretudo a voz de seu marido, era o milagre mais assombroso possível.

Mas ele o negava porque compartilhá-lo seria compartilhar seus segredos também. Significaria confiar nela. Algo que nunca faria por uma mulher nascida e criada no país que odiava. A agonia desse conhecimento feriu o coração já maltratado de Abigail.

Emily tinha expressado o desejo de estar ali quando Abigail encarasse Talorc com a verdade.

Só que Abigail não estava segura que tivesse alguma intenção de fazê-lo. Não desejava lhe fazer dizer em sua cara por que não a acreditava digna de saber a verdade. Tampouco queria arriscar-se que Emily se envolvesse no problema com outro Chrechte. Sem dúvida Lachlan a protegeria, depois de tudo Lachlan Balmoral amava sua esposa, mas Abigail não queria arriscar-se a causar a sua irmã a pena mais leve agora que partia.

Emily nunca fez nada mais que protegê-la e animá-la. Ela merecia o mesmo em troca.

* * *

No dia seguinte, Abigail deixou sua "cama" antes que Talorc despertasse, não tinha desejo de falar com seu marido enquanto sua mente e emoções se encontrassem em semelhante confusão.

Não sabia se poderia lhe perdoar por negar o som de sua voz quando ele tinha o poder de lhe entregar semelhante dom.

Seus pensamentos eram um caos e não prestava a usual atenção enquanto descia a estreita escada. Seu pé aterrissou contra o degrau, mas algo rodou sob seu sapato. Perdendo o equilíbrio, tropeçou para diante. Agarrou-se desesperadamente à parede, mas a pedra lisa não deu sustentação.

O terror a embargou. Ia cair. Incapaz de deter o impulso, fez todo o possível para lançar seu peso para a parede, em vez do vazio, e agachou a cabeça, rodeando-a com os braços, esperando evitar um golpe fatal enquanto seguia golpeando-se entre cambalhotas.

Ela gritou o nome de Talorc em sua cabeça enquanto aterrissava com um golpe seco na base das escadas que fez que seus braços se agitassem involuntariamente. Sua cabeça se chocou contra a parede e foi quão último soube.

Abigail despertou sobre as peles em sua antecâmara devido a uma voz insistente exigindo sua atenção. Talorc se inclinava sobre ela, sua expressão era uma de feroz preocupação. Ou assim parecia. Ela ignorou a voz em sua cabeça, sendo consciente que a estava chamando. Ela apartou a cabeça.

Ele tocou sua orelha, dizendo que queria dizer algo.

Ela rechaçou olhá-lo.

—Caí rodando pela escada.

Ele a puxou por seu queixo, oh, tão suavemente, que não teve outra opção que encontrar seu olhar.

—Não se preocupe. Não estou zangado porque desceu sozinha as escadas.

Ela não necessitava de sua condescendência.

—Não foi meu engano. Havia algo nas escadas. Isso rodou sob meus sapatos e perdi o equilíbrio.

—Não é necessário que invente desculpas. —Talorc sacudiu a cabeça. —Lachlan tinha razão, embora isso me dói admiti-lo. A escada não é segura para uma família. Farei instalar um corrimão.

Ela ignorou seu consolo pela questão mais importante à mão.

—Havia algo na escada. Senti-o sob meu sapato.

—Não havia. Encontrei-a momentos depois que caiu e ali não havia nada.

—Encontrou-me?

—Osgard o fez, possivelmente um segundo ou dois antes de mim, e apesar de sua fanfarronice, estava muito preocupado.

Talorc franziu o cenho e girou a cabeça para olhar a alguém detrás dele.

Guaire suportou o cenho franzido de seu laird com equanimidade.

—Osgard demonstrou uma e outra vez que não aceita a nossa nova senhora. Conhece seu hábito de descer as escadas antes de qualquer um pela manhã. Ele é o primeiro em ir ao grande salão geralmente. Poderia ter posto facilmente seixos sobre os degraus, limpo antes que chegasse e descobrisse o corpo caído de sua esposa.

Abigail não gostou da possibilidade de que alguém de seu clã tivesse tentado feri-la, mas sabia que tinha algo na escada. Antes que pudesse dizer algo, Niall fez notar sua presença.

Seu olhar era um decalque da ferocidade da de Talorc quando contemplou Guaire.

—Atreve-se a acusar ao conselheiro de nosso laird de um ato equivalente a traição? Ele é um leal Chrechte.

—E porque é um Chrechte, é irrepreensível, mas porque eu sou um simples humano, minha opinião não conta para nada? Embora seja o senescal deste feudo e me preocupe profundamente pela segurança de minha senhora?

Uma calma perigosa caiu sobre Talorc e Niall indicando que algo do que Guaire havia dito os fazia parecer mais que furiosos. Isso os fazia perigosos.

Abigail refletiu em sua mente as palavras de seu amigo e o entendimento clareou. Guaire referiu a si mesmo como humano, não como highlander, o qual implicava que sabia a verdadeira diferença entre os Chrechte e o resto do clã. E nem Niall nem Talorc sabiam que ele era consciente de sua verdadeira natureza.

O olhar que devolveu aos dois guerreiros maiores era sulfúrico.

—Creem que estou cego? Vivo aqui com todos.

—É suficiente — grunhiu Talorc olhando de lado a Abigail.

O olhar de Guaire se tornou de desprezo.

—É obvio, mantém a sua esposa, sua companheira sagrada, na escuridão.

—Vai — ordenou Talorc.

—Não! — gritou Abigail. —Ele é meu amigo.

—Desobedece minha ordem? — perguntou Talorc perigosamente.

—Me oculta muitas coisas; não me afastará de meu amigo mais querido.

—O que te oculto? — perguntou ele, tão claramente seguro de que seu segredo estava a salvo, que se mostrou genuinamente confuso.

Isto só a fez zangar-se mais. E como Emily sabia, quando Abigail se zangava, guardava silêncio, não gritava.

—Não vale a pena falar sobre isso.

Ele a contemplou, claramente desconcertado.

—Abigail...

Ela o fulminou com o olhar, tanto muda como surda.

—Tenho deveres que atender — disse Guaire em uma óbvia oferta para finalizar o ponto morto entre seu laird e senhora. —Precisa descansar.

Abigail lhe sorriu agradecida por sua preocupação. Logo deu a Talorc e Niall seu olhar significativo.

—Não lhe farão mal.

Niall cambaleou para trás como se o tivessem golpeado.

—Não o faria. Ele é meu... camarada de armas. Sempre o protegerei.

Guaire parecia tão convencido disso como ela estava do amor de Talorc, o qual queria dizer que não confiava nele.

—Abigail, que demônios passa contigo? — demandou seu marido.

—Possivelmente minha queda me abrandou o cérebro — disse ela com sarcasmo puro.

Talorc realmente pareceu aliviado pela explicação.

Guaire e ela compartilharam um olhar de puro entendimento antes que o soldado ruivo deixasse o quarto.

—Descansarei — disse Abigail, sem olhar nem a seu marido, nem a seu leal guerreiro.

Acariciou-lhe a bochecha como Emily frequentemente fazia para conseguir sua atenção. Ela deixou que seu olhar caísse nele só porque sabia que se não o fazia não se desfaria de sua presença.

—Primeiro beberá um pouco do chá que fiz Una preparar do receituário de minha mãe.

Com sua sorte, o chá estaria envenenado.

—Não.

—Insisto.

—Una me odeia. Alguém tinha deixado seixos, ou algo, na escada. Se não era Osgard, então possivelmente foi a viúva. Não beberei ou comerei nada que ela faça. E não se incomode em me mentir e fingir que alguém mais fez as preparações por ela. Posso ler um rosto tão bem como os lábios e saberei que não é honesto.

—Eu não mentiria — disse Talorc, a cólera finalmente acendeu seu olhar.

Abigail rechaçou dignificar sua ridícula afirmação com uma resposta. É óbvio que ele mentiria. Ou ao menos reteria a verdade.

Como ela não rompeu o silêncio entre eles, Talorc girou para Niall e lhe ordenou:

—Faz que um dos ajudantes de cozinha prepare a infusão.

Niall retornou dez minutos mais tarde com uma taça fumegante. Abigail não tinha falado e tinha conseguido ignorar seu marido pelo oportuno e simples ato de fechar os olhos.

* * *

Talorc foi paciente com seu mau humor assim como solícito ao longo desse dia e o seguinte, mas Abigail manteve distância. O fato de que tivesse a pior dor de cabeça de sua vida fazia fácil manter sua atitude irritada. Nem sequer a constante insistência de Sybil nunca fez que a cabeça lhe pulsasse assim.

Guaire vinha visitá-la duas vezes ao dia, mas nunca os deixavam sozinhos seguindo os ditados do decoro, mas não gostou disso porque não era sua virtude o que Talorc, Niall e Barr protegiam, a não ser seus segredos.

A terceira manhã, Abigail insistiu em ir ao grande salão para tomar seu desjejum com Talorc e os outros guerreiros.

Una expressou sua preocupação pela saúde de Abigail, mas esta não estava de humor para brincar de a família feliz com a viúva depois de seu trato frio e sua tentativa de minar a autoridade da Abigail entre os outros membros do clã que serviam na fortaleza. Simplesmente pretendeu não notar à mulher que lhe falava.

O rubor que cobriu as bochechas de Una disse a Abigail que a empregada sabia que não lhe respondeu de propósito, assim não tentou falar com a esposa de seu laird outra vez.

—O que foi tudo isso? — perguntou Guaire enquanto Talorc e Barr estavam ocupados planejando seu dia com os guerreiros. —Acreditava que tentava ganhá-la.

—Rendi-me. Embora seja no momento. Não tenho humor para tratar com ela neste instante.

—Ela esperava terminar sua condição de viuvez com Talorc antes que chegasse o decreto do rei.

Isso podia explicar a inicial frieza de Una, mas não a justificava.

—Informou-me que foi a governanta durante três anos. Se Talorc estivesse interessado, teria demonstrado antes.

—Sem dúvida. —Guaire franziu o cenho, parecendo triste e derrotado. —Agora aspira a um guerreiro diferente.

—Niall? — perguntou Abigail intuitivamente.

—Sim.

Abigail lhe apertou a mão em silenciosa comiseração.

Os olhos de Guaire se alargaram e logo articulou um obrigado antes de apertar sua mão em resposta.

Niall cruzou os braços, chamando a atenção de Abigail.

—Se vocês dois terminaram de agarrar as mãos, possivelmente gostaria de atender seus deveres, senescal.

Parecia que ela não era a única resmungona por ali esta manhã.

A expressão de Guaire se fez mais áspera.

—Vou ao ferreiro para comprovar o progresso dos utensílios que nosso clã levará para comercializar na feira. Quer vir?

—Sim. Quero agradecer a Magnus pelo utensílio de horticultura que fez para mim.

Talorc tocou sua orelha e o gesto familiar combinado com a distância que ela criou entre eles fez que Abigail desejasse algo diferente. Ela virou a cabeça para estar frente a ele.

Ele deslizou um olhar de preocupação a Guaire e ela.

—Possivelmente deveria descansar outro dia. —Obviamente, ainda estava preocupado se o senescal contasse seus segredos.

Se sua preocupação fosse por sua saúde, o teria escutado, mas como sua preocupação se centrava em que Guaire contasse o que ela já sabia ficou mais decidida a lhe acompanhar.

—Estou machucada, não quebrada. O passeio me fará bem.

—Crê que contará? — perguntou Talorc a Niall.

—Ele disse que não o faria. Nunca soube que Guaire quebrasse sua palavra.

—Nem eu. Mas não podia menos que preocupar-se.-- Talorc deveria ser o único a contar a Abigail sobre sua verdadeira natureza Chrechte, mas notou quando se fez claro que Guaire sabia o maior segredo dos Chrechte, que se Talorc não o fazia logo, ela poderia averiguá-lo por outra via.

—Crê que sua irmã tenha falado? — perguntou Barr.

—Não é muito provável, já que se tivesse feito, Abigail me teria encarado com a verdade.

Niall soprou.

—Ou Emily o teria feito quando se deu conta de que manteve a sua querida irmã às escuras sobre seu lobo.

—Ela nunca foi tímida para expressar o que pensa.

—Isso eu lembro — disse Barr com um sorriso.

—O clã inteiro recorda que me comparou com um bode.

A meio caminho do muro exterior, Abigail se assegurou que ninguém estivesse perto para perguntar ao Guaire:

—O ama, verdade?

Guaire não perguntou a quem se referia nem tentou fingir não saber do que estava falando. Simplesmente deu um suspiro derrotado e disse:

—Sim.

—Pensei muito sobre isso.

—Amei-o toda minha vida. Não recordo quando fui consciente de querer beijá-lo, tocá-lo como a um amante. Só sei que nunca quis a outro.

—Alguma vez achou atrativo a outro homem ou mulher?

Guaire ruborizou.

—Acho a muitos guerreiros atrativos, mas o único quem me faz desejar atuar segundo esses sentimentos é Niall. Desejo-o tanto que me estremeço. Um dia estará obrigado a notá-lo. E logo provavelmente me matará.

—Por que é homem?

—Não, os acasalamentos entre os Chrechte podem ser entre dois homens ou duas mulheres. Não acontece frequentemente, mas muitos deles reconhecem a bênção de Deus em tal amor. Mas Niall estaria furioso de averiguar quanto o amo porque não sou Chrechte. Acredita que sou fraco por que... — repentinamente, Guaire deixou de falar.

—Porque não tem a natureza do lobo igual a ele — terminou ela pelo senescal. —Emily me contou a verdade sobre os Chrechte quando esteve aqui.

—Talorc acredita que ainda ignora.

—Sei. — Foi sua vez de sentir-se derrotada.

—Ele é lento para confiar, mas isso chegará um dia.

—Possivelmente quando for velha e grisalha. — Abigail suspirou. —Conta mais sobre Niall.

—Não acha meu amor como uma abominação? — perguntou Guaire com um cenho de perplexidade.

—É óbvio que não.

—Mas a Igreja ensina isso. Aqui não nos preocupamos tanto dos decretos de Roma, mas sempre fui levado a acreditar que os ingleses seguem seus decretos sem falar.

—Uns o fazem, outros não. — Abigail deu de ombros. —A Igreja também ensina que as mulheres são as últimas no amor de Deus, inclusive depois dos animais de carga.

Os olhos do Guaire se alargaram com surpresa.

—Nosso sacerdote nunca seria tão tolo para dizer tal coisa.

—As mulheres do clã são ferozes.

—Nay, nossos guerreiros o jogariam a chutes de nossas terras por tal estupidez.

Abigail sorriu.

—A Igreja também ensina que um marido não só tem o direito, mas também a responsabilidade de bater em sua esposa.

—Agora sei que está tirando sarro. Nem sequer a Igreja da Inglaterra diria uma coisa tão terrível.

Abigail quis chorar ante sua inocência.

—É verdade. A abadessa diz que quando a Igreja ensina o abuso ou o ódio, devemos considerá-lo com cuidado à luz da proclama de Cristo que o maior mandamento é amar a Deus e o segundo em importância é amar ao próximo, e que todos os outros mandamentos e preceitos se desprendem destes dois.

—Sua abadessa soa como uma mulher sábia.

—Ela é. Não acredito que amar seja uma abominação mais do que acredito que Deus me ama menos que aos bois de meu pai.

—Eu tampouco. Mas meu amor não tem esperanças.

—Está seguro? — Parecia que Niall tinha fortes sentimentos por Guaire, mas não sabia se era amor. Assim preferiu não especular e animar as esperanças de Guaire.

—Sim, sobretudo desde que Una começou a centrar sua atenção em Niall.

—Não lhe atraem os homens como a você?

—Não sei. Os Chrechte de nosso clã não são sexualmente promíscuos, mas Una é uma mulher

bonita. E é bastante estranho para um guerreiro Chrechte acasalar-se com um humano, inclusive mais ainda com um humano macho.

—Una pode ser bonita, mas não é agradável.

—Certamente é um aborrecimento — concordou Guaire com mais veemência da que teria mostrado desde que a mulher começou a paquerar com Niall.

Quando saíram do atalho que levava da fortaleza ao muro exterior, um par de guerreiros se aproximou. Um deles levava as cores dos Sinclair, mas Abigail não reconheceu as cores da roupa do outro homem.

Depois de que passaram junto a Guaire e ela, Abigail deu a volta para o senescal.

—Quem é?

—Um mensageiro do rei. —Guaire já tinha girado, e soltado a mão de Abigail, para retornar sobre seus passos até o topo da colina.

CAPÍTULO 19

Os dois guerreiros só estavam a poucos passos diante deles, assim Abigail se absteve de pedir a Guaire que especulasse os motivos pelos quais um mensageiro do rei da Escócia estivesse em território Sinclair.

Quando chegaram ao grande salão, agarrou o braço de Guaire.

—Espera — sussurrou.

Ele dirigiu um olhar interrogativo.

—Entra sem que o notem.

—Teríamos que ser mais silenciosos que uma aranha avançando lentamente através do chão para que um Chrechte não notasse nossa presença.

—Podemos ir pela entrada que Una usa das cozinhas. — Mordeu o lábio, perguntando-se se Guaire pensaria mal dela por querer escutar às escondidas.

—O aroma da comida mascarará nossos aromas.

—Assim é. —Ela sorriu abertamente.

Guaire piscou para ele.

Apressaram-se a rodear a torre para as cozinhas, ignorando Una quando entraram em seus domínios. Embora Abigail dedicasse um sorriso às duas mulheres que ajudavam a amassar o pão para o jantar dessa noite.

Incapaz de ouvir se fazia ruído, Abigail caminhou tão ligeiramente como pôde. Guaire ficou perto. Quando alcançaram a entrada, Guaire a deteve.

—Não podemos ir mais longe — articulou ele.

—Pode ouvi-los? — perguntou em apenas um sussurro.

—Nay, mas pode ver o rosto do mensageiro.

Ela assentiu e concentrou sua atenção no soldado do rei.

—O rei estava muito preocupado quando se inteirou do ardil do barão inglês contra seu laird favorito.

O ardil? Isso significava que o rei de Escócia se inteirou de que sir Hamilton tinha enviado a sua enteada surda a Escócia como noiva de Talorc? Como soube?

A imagem do semblante invejoso de Jolenta passou ante Abigail. Sua irmã caçula esteve furiosa que alguém tão importante como um laird se desperdiçasse com Abigail. O que faria Talorc agora que o rei sabia?

Ela não podia ver o que seu marido respondeu ao mensageiro, mas o homem assentiu.

—Nosso rei ouviu sua queixa. Disporá que seu matrimônio seja anulado com motivo do engano. De uma ou outra forma, ele se ocupará dela. Enviarão a outra filha de sir Hamilton, Jolenta, ao norte para substituir a sua irmã. Isso já foi arrumado.

Talorc se levantou e gritou algo ao mensageiro. Abigail só podia esperar que rechaçasse a oferta de seu rei.

—O rei David estava seguro de sua complacência por esta oferta quando recebeu a mensagem

exigindo reparação pela ação do barão inglês e o engano de sua filha.

Talorc tinha enviado uma mensagem ao rei informando do segredo de Abigail? Tinha exigido uma reparação? As noites fazendo amor após não significavam nada. O fato de que nunca tivesse respondido a suas palavras de amor ou reconhecesse a verdade destas, tinham perfeito sentido agora. Talorc esteve esperando que seu rei anulasse o matrimônio. Igual a Sybil, Talorc fazia planos para desfazer-se de Abigail permanentemente.

A dor a atravessou e se dobrou por esta. Os braços de Guaire estavam ali, detendo a queda. Elevou a vista para ele, mas não pôde formar as palavras para contar o que tinha lido.

Os olhos masculinos se encheram de compaixão, mas a determinação também estava ali.

—Não deixe que vejam sua dor.

Ela assentiu, inalando ar e resolução. Obrigou-se a erguer-se e afastar-se dele.

—Voltemos pela cozinha ou atravessemos o grande salão. Sua opção.

Tão aborrecida como se encontrava Una, seria muito mais fácil de esconder a devastação de Abigail à outra mulher. Ela assinalou para a cozinha e Guaire assentiu, mostrando o caminho. Seu caminhar foi muito mais cometido esta vez, embora não vadiassem na cozinha. Por sorte, Una não estava ali nesse momento.

Encontraram-na nos fundos. Com Niall. Beijando-se.

Todo o corpo de Guaire se esticou com a comoção, a angústia do que viu fez que cobrisse o rosto.

Niall afastou a viúva, seu olhar posou sobre Guaire com infalível exatidão. Ele abriu a boca para falar, mas Guaire se afastou, arrastando Abigail com ele.

Se Niall os chamou, não pôde ouvir, mas sentiu a vibração da terra quando correu atrás deles. Não soube o que Guaire disse sobre seu ombro ao grande guerreiro, mas o homem com cicatrizes não os seguiu pelo caminho para o muro exterior.

Abigail seguiu caminhando quando alcançaram a ferraria. Sem incomodar-se em perguntar por que não se detinha, Guaire a seguiu. Cruzaram diretamente os portões, o guarda não os deteve devido à presença de Guaire.

Afastaram-se bastante da muralha quando Abigail se deteve.

—Que caminho?

—Para onde? — perguntou Guaire.

—Ao clã de minha irmã. Qual é o caminho à ilha Balmoral?

—O que disse o mensageiro do rei? — perguntou Guaire, sua própria derrota desolada se refletia em seu verde olhar geralmente brilhante.

Ela contou.

Guaire parecia aturdido.

—Talorc enviou a um mensageiro se queixando sobre você ao rei?

—Sim.

—Não acredito.

—Sei o que vi.

—Sim, mas...

—O mensageiro disse que o rei se ocuparia de mim de uma ou outra forma.

Os traços já pálidos de Guaire perderam toda cor. Assinalou ao nordeste.

—A ilha Balmoral está nesse caminho.

Abigail começou a andar. Guaire seguiu seu passo. Detiveram-se para beber em um riacho quando o sol se elevava alto no céu.

—Nosso clã guarda alguns esquifes para cruzar a baía em uma caverna perto da borda — disse ele.

—Embora tenhamos que esperar até amanhã para ir à ilha. Caminhando, não alcançaremos a borda até que a escuridão já tenha caído.

—Podemos ficar na caverna com os barcos.

—Aye.

Reataram sua viagem, sem descansar até a última hora da tarde. Como todos os guerreiros, Guaire levava carne seca na pequena bolsa que tinha presa ao seu cinturão. Comeram isso junto com bagos e couves que Abigail encontrou. Não foi nenhum banquete, mas renovou suas forças para continuar sua excursão pelo bosque.

Embora a lua brilhasse alegremente no céu, já era de noite como Guaire havia predito quando chegaram à praia.

Abigail se deteve e olhou a amplitude, o sobressalto substituiu a dor de seu coração durante um momento mágico.

—É tão enorme. E bonita.

—Aye. Durante o dia se pode ver a ilha Balmoral à distância.

—Emily temia à água, ou ao menos estava acostumado a fazê-lo, antes que seu marido a ensinasse a nadar. Pergunto-me como pôde cruzar a primeira vez.

—Não tem medo da água?

—Não. Embora estivesse acostumada a me aterrorizar pelas bestas selvagens.

—Inteirar-se que seu marido se transforma em lobo trocou seu sentimento?

—Encontrei-me com seu lobo, sem saber sobre isso nessa oportunidade. — Abraçou a si mesma, mas a frieza de seu coração não podia ser aquecida. —Ele veio para mim enquanto caminhava pelo bosque perto das águas termais. Assustei-me terrivelmente, se devo dizer a verdade, mas foi assombroso apesar de tudo. Niall me prometeu que o lobo não me faria mal.

Guaire estremeceu ante a menção do homem que amava.

Ela posou a mão em seu ombro.

—Sinto muito.

—Sua dor é maior que a minha.

—Não acredito.

Guaire limpou as bochechas e Abigail fingiu não notá-lo.

—Nada bom poderia resultar de meu amor, mas enquanto ele não encontrou a ninguém mais, deixei que meu estúpido coração mantivesse as esperanças.

—As esperanças quebradas doem mais que nada, acredito. As suas ainda não tinham deixado de sangrar.

—Porque nascem de nossos desejos mais ferventes.

Assentiu, repentinamente muito sufocada para falar. Talorc tinha realizado os desejos mais profundos de seu coração, ou ao menos assim acreditou.

—Crê que o marido de sua irmã permitirá que me estabeleça entre os Balmoral?

—Claro, será uma grande aquisição para qualquer clã.

Guaire sorriu tristemente.

—Obrigada.

Não irá à ilha Balmoral. Ameacei com a guerra a meu próprio rei para te manter ao meu lado. Não deixarei que outro laird, líder de um bando Chrechte ou não, afaste-a de mim.

Ante o som da voz de seu marido na cabeça, Abigail se virou. Dois lobos enormes estavam a menos de três metros de Guaire e ela.

O ruivo deu a volta quando ela o fez. Sua expressão refletiu sua surpresa.

—Meu laird?

Talorc cabeceou, embora mantivesse a forma de seu lobo. O lobo junto a ele parecia ser branco, mas brilhava como prata pálida à luz da lua.

Guaire tremeu ao lado de Abigail.

—Niall?

O outro lobo não respondeu como Talorc fazia, mas avançou, detendo-se só quando sua grande cabeça roçou contra o flanco de Guaire. Um olhar maravilhado cobriu as feições de Guaire, dissipando a dor derrotada que o embargava fazia só uns momentos.

Ele se agachou e percorreu com os dedos a pele do lobo.

—Está bem? — perguntou à besta.

Niall ladrou. Guaire ficou de cócoras. O lobo branco esfregou a cabeça contra a bochecha de Guaire e o senescal sepultou a cabeça na pele da besta. O corpo do lobo tremeu como se o embargasse uma emoção intensa, e o homem envolveu os braços ao redor do pescoço do lobo.

“Ele não teme absolutamente ao lobo de Niall”, a voz do Talorc estava cheia de desconsolo.

Abigail usou sua voz tal como era para falar.

—Se tivesse sabido que era você, tampouco teria tido medo.

“Está tão segura disso?” Os olhos do lobo... os olhos de Talorc... pareciam examinar seu coração.

—Sempre te confiei minha vida. Do momento em que nos conhecemos.

“Mas ainda assim escapou.”

—Você se queixou de mim ante seu rei. Deseja se desfazer de mim. —Sua angústia anterior voltou, fazendo que a tristeza espremesse seu coração.

“Enviei um mensageiro em um momento de estupidez em meio de uma bebedeira. Não desejo me livrar de você. Certamente deixei claro depois que voltei a ficar sóbrio.”

Abigail se separou dele só para encontrar Niall tirando o plaid de Guaire. A surpresa forçou outra reação além da vergonha, ao menos por esse momento.

“Não pensará acasalar-se com ele como um lobo?” perguntou Abigail a Talorc, com sua mente.

Um prazer não desejado a encheu quando respondeu. Nem sequer nesse momento esteve

totalmente segura de que essa forma especial de comunicação poderia ir a ambos os lados.

“Nay, claro que não. Impregna sua essência em seu companheiro, reclamando-o, assim todos saberão que Guaire pertence ao Niall.”

E em efeito era o que o grande lobo fazia. Esfregava sua cabeça contra cada centímetro de Guaire ao que podia chegar. Guaire ria, se era porque fazia cócegas ou porque simplesmente estava cheio de alegria, Abigail não podia dizer, mas ao menos seu amigo parecia completamente feliz com o que o homem... o homem lobo ao que amava, fazia.

Ela se separou do outro casal, dando a eles intimidade.

“É por isso que esfrega seu rosto contra mim quando fazemos amor?” Ou quando estavam acostumados a fazê-lo.

“Sim. Desejo impregnar minha essência em você como lobo.”

“Mas não confiou em mim o suficiente para me contar sua verdadeira natureza, assim não o fez.”

“Não desejava amá-la.”

“Conseguiu o que desejava.”

“Aye, com você consegui os mais profundos e mais secretos desejos de meu coração.” As palavras a paralisaram ao ecoar em seus próprios pensamentos. *“É minha verdadeira companheira.”* Aproximou-se dela lentamente, como se temesse assustá-la. *“Necessito que me aceite desta forma para que meu lobo obtenha a felicidade.”*

“Que diferença faz isso se deixará que seu rei anule nosso matrimônio?”

“Não o farei. Enviei de volta seu cavaleiro com esta mensagem: Que considerarei qualquer tentativa de anular nosso matrimônio ou afastá-la de nosso clã como um ato de guerra.”

“Não pode ir à guerra contra seu próprio rei!”

“Não seria a primeira vez que os clãs das Highlands se rebelaram.”

“Mas somos apenas um clã.”

“Tenho aliados.”

“De verdade não deseja se desfazer de mim? Poderia ser tão fácil?” Não, ainda estava o assunto da confiança que deviam solucionar, mas Abigail era consciente de quanto desejou que ele atuasse assim quando acreditou que Talorc seria afastado dela.

“Morreria para protegê-la, e se for necessário, matarei para conservar você.”

Bem, definitivamente, Talorc não desejava que seu matrimônio terminasse.

“Não confiou em mim sobre sua verdadeira natureza.” Não obstante a seguiu em sua forma de lobo e agora estava falando em sua mente, assim sem dúvida teve a intenção de lhe contar a verdade. *“E ainda assim... deixou-me acreditar que imaginava vozes em minha cabeça. Acreditei que estava enlouquecendo ou que os sacerdotes poderiam ter razão e que minha mente sofria devido a minha surdez.”*

O lobo roçou a cabeça contra seu estômago.

“Sinto muito, meu anjo. Nunca pensei lhe causar semelhante dor. Nenhum desses pensamentos entrou em minha cabeça. Temia ficar vulnerável ante você, e egoisticamente agi guiado por meu medo. Tudo o que sou pertence a você, e nunca lhe negarei nada outra vez.”

Incapaz de sustentar-se, caiu de joelhos e abraçou o pescoço peludo de Talorc.

"Machucou-me tanto."

"Nunca o farei outra vez."

Ela esfregou a bochecha contra sua pele enquanto finalmente deixava cair as lágrimas que não tinha querido que ninguém visse.

"Posso confiar em você?"

"Rezo por isso."

Ela se aferrou e chorou, encontrando mais fácil compartilhar sua dor com o lobo em lugar de que seu marido a sustentasse como um homem. Acariciou-lhe com o focinho enquanto chorava, de maneira sutil impregnando seu aroma nela assim como dando consolo.

Suas lágrimas se converteram em risada aquosa.

"Sei o que está fazendo."

"Aye, todo o clã sabe que é uma mulher inteligente."

Ele apartou a cabeça e lambeu as lágrimas de suas bochechas.

"Agora estou beijando você." O som de um lobo soprando em sua mente trouxe um sorriso a seus lábios.

"Se espera me dar seu aroma como Niall ao Guaire, eu gostaria de ir à caverna."

Um suave resplendor de luz terminou com Talorc em forma humana. Levantou Abigail em seus braços.

"Tenho uma ideia melhor."

Quando ele a levou a borda, pela extremidade do olho viu dois corpos masculinos nus entrelaçados. Foi muito consciente de que não devia olhar nessa direção, mas não pôde menos que sentir-se contente por seu querido amigo e o homem ao que esperava chamar amigo outra vez brevemente.

Talorc a levou pelo bosque até que entraram em uma pequena clareira banhado pela luz da lua.

"A erva será mais cômoda que o chão da caverna."

"Mas..."

"Ninguém mais está aqui. Niall e Guaire estão na praia, muito ocupados para notar nossa ausência. Uma vez que a notem, não deverão olhar."

"Está seguro?"

"Sim."

"É bonito aqui."

"Não tão belo quanto você."

Sacudiu a cabeça, afastando o olhar dele.

"Não tente se esconder de mim."

"É mais fácil."

"Farei que seja mais fácil me amar, dou minha palavra."

Elevou o olhar para ele.

"Agora crê que amo você? Sim. Talvez troque de opinião. Possivelmente quero a anulação assim

poderei encontrar a um marido que possa me amar.”

“Nunca estará com outro homem! É minha verdadeira companheira.”

“Mas só sou um ser humano. Claramente não me quer como sua companheira, sagrada ou o que seja.”

“Não é verdade; embora tivesse opção, nunca quereria a outra mulher.”

“Realmente tem uma opção, sobretudo agora que seu rei oferece para desfazer-se de mim.”

“Somos companheiros sagrados. Sou Chrechte.”

“E o que isso significa?”

“Meu lobo nunca aceitará a outra mulher.”

“O que significa isso?”

“Vê isto?” Ele assinalou ao seu duro membro.

“Sim.”

“Com outra mulher estaria tão murcho como o de um menino de peito.”

“Não, você é tão... tão... um... viril, disse ela finalmente.”

Ele sacudiu a cabeça.

“Como Chrechte não sou fisicamente capaz de me acasalar, exceto com minha verdadeira companheira uma vez que meu lobo a encontrou.”

“Assim é seu lobo quem quer me conservar.”

CAPÍTULO 20

Um brilho de compreensão estalou dentro de Talorc.

Atraiu a sua preciosa esposa e a manteve perto, baixando o olhar para os suaves olhos castanhos, e logo falou em voz alta assim como através de seu vínculo mental.

—Isso é o que dizia a mim mesmo. Acreditava que meu lobo se sentia possessivo contigo, que ele desejava a proteger a todo custo — disse quando a compreensão caiu sobre ele.

—Você e seu lobo são seres tão diferentes? — perguntou ela brandamente com novas lágrimas brilhando em seus olhos. Emily não fala de Lachlan como se ele e seu lobo fossem seres diferentes.

—Não o são. Meu lobo e eu não o somos. Somos um, mas em meu desejo por me proteger de não cometer os enganos de meu pai, tentei separar meus sentimentos como laird dos de meu lobo. Isso não funcionou. Amo você com cada pedaço de minha natureza de lobo, mas isso ainda é mais certo como homem porque meu lobo não pode compartilhar fisicamente a consumação física de nosso acasalamento.

—Me ama?

—Mais que a minha própria vida. Tanto que a vida não vale a pena vivê-la sem você nela.

—Não quer dizer isso. Não pode.

—Posso. Faço-o. Por favor, me acredite, doce esposa. Meu precioso anjo. — Observou-a com nada menos que desejo nu. —Não me abandone à solidão que conheci antes de você.

—Tinha a todo um clã antes que eu chegasse.

—Mas nenhum era o verdadeiro companheiro de minha alma. Necessitou de uma inteligente mulher inglesa para encher esse lugar dentro de meu coração, para completar a outra metade de meu espírito Chrechte.

—Disse que já não sou inglesa.

—Não o é.

—Sou tua.

“E eu teu.”

Ele pronunciou as palavras em sua cabeça o que fez que ela recordasse seu acasalamento.

—As pronuncie para mim, desta vez dê os votos com verdade em seu coração.

—Fiz a primeira vez. Não sabia o que dizia, mas em meu coração entregava todo meu ser.

—Mas...

—Disse que tinha trocado meus planos uma vez que nos casamos. Já não queria me reunir com minha irmã acima de tudo. Queria ficar contigo.

—Queria dizer os juramentos que pronunciou — repetiu ele maravilhado, precisando absorver a verdade para curar as feridas em seu coração.

—Absolutamente.

—Isso está bem porque nunca poderei deixá-la ir.

—Nunca.

—Deixará que meu lobo impregne meu aroma em você?

Nenhum medo se mostrou em seus olhos marrons.

—Sim.

Caindo em quatro patas, deixou que seu lobo tomasse o controle. Seus sentidos já agudos se tornaram mais fortes, e o aroma das emoções de sua companheira se mesclaram com aqueles do bosque. Sorriu-lhe, amor e aceitação brilhava em suas formosas feições.

Jogou a cabeça para trás e uivou de alegria, enviando o som deste através de seu vínculo mental.

Seu sorriso se tornou uma gargalhada.

—Seu lobo é feliz.

“Sou feliz.”

“Amo você, Talorc,” disse ela dentro de sua cabeça com uma convicção que as palavras ditas não podiam expressar.

“Não me teme nesta forma?”

“Nunca.”

Soprou com felicidade quando esfregou a cabeça contra ela.

“Tire a roupa, tenho que impregnar sua pele.”

Rindo bobamente com claro prazer, Abigail se despiu.

Embora a vista do corpo nu de sua esposa sempre afetava sua libido, a emoção mais premente que sentiu foi a de alívio. E alegria. Finalmente, poderia impregnar seu aroma nela corretamente.

Esfregou-lhe o ventre, deixando seu aroma para que todo Chrechte soubesse que ela era dele.

Acariciou-lhe com as mãos ambos os lados de sua cabeça, o sorriso espreitava em seu olhar.

“Você não me pega,” disse ela com diversão em sua voz mental. Então deu a volta e correu.

Saltou atrás dela, acariciando com o focinho suas costas quando a alcançou. A natureza brincalhona de seu lobo se impôs e ele deu a volta em um círculo e se afastou, dizendo:

“Sua vez.”

Não foi muito rápido, sabendo que ela corria com a desvantagem de ter só duas pernas. Agarrou-o na borda da clareira, saltando ante ele. Permitiu-lhe que o fizesse rodar, ouvindo a risada cheia de maravilha em sua cabeça. Sua companheira gostava de brincar, e por isso agradecia. Não era um homem alegre, mais pelas circunstâncias que por natureza.

Mas ela fazia que ele mostrasse, ele tinha um lugar para desfrutar com as coisas boas que a vida entregava. Continuaram com o jogo de corre que te pego e fingida luta até que seu corpo recordou outras coisas que gostaria de fazer com sua companheira muito mais que brincar. Permitiu que sua forma humana ressurgisse quando a fez rodar embaixo dele.

Sua boca caiu de repente sobre a dela e Abigail respondeu como se estivesse esperando. A boca feminina era doce néctar, não podia ter suficiente. Sua língua saqueou a boca de Abigail, mas ela respondeu a cada carícia de sua língua com uma própria.

Seus braços rodearam seu pescoço, aferrando-se a ele tão fortemente que Talorc pensou que teria problemas para soltar-se dela. Se é que queria fazer isso.

“Nunca a deixarei ir,” disse ele em sua mente.

“Nunca. É meu marido, meu verdadeiro companheiro.” Uma risada irônica soou em sua cabeça.

“Acreditei que me via como uma amiga.”

“É minha melhor e mais autêntica amiga.”

“Como você é para mim, mas um dia me vingarei de você por me deixar tagarelar sobre sermos amigos quando sabia que estávamos casados do modo Chrechte.”

“Devidamente anotado. E um dia confiará tanto em mim como o faz com sua irmã.”

“Já o faço.”

A seriedade se infiltrou em sua felicidade.

“Estava me abandonando.”

“Ia para minha irmã, em busca de conselho para saber como conservar você.”

Humilhado porque tinha querido lutar por ele embora não se mostrou digno do esforço, rompeu o beijo para encontrar seu limpo olhar.

“Obrigado.” Então não pôde evitar acrescentar: *“Mas se me tivesse falado, haveria dito que sempre serei seu.”*

“Estava zangada. Tinha-me negado seu lobo e a intimidade desta classe de conversação. Doe-me tanto saber que podia guardar deliberadamente algo que eu daria boas vindas.”

“Sinto muito.” Esperava que ela pudesse sentir sua sinceridade porque não havia palavras que pudessem expressar a profunda pena de privá-la de sua comunicação mental. *“Estou envergonhado ao dizer que nunca pensei que lhe faria tanto dano.”*

“Não considere que feriria você quando descobrisse que ocultei minha surdez. O amor nem sempre nos faz brilhantes.”

“Ou valentes.”

Roçou-lhe os lábios com os dedos.

“Saber que me ama me dá toda a coragem que necessito.”

“Assim é como deve ser.”

“Beije-me.”

Como podia opor-se a isso? Pressionou seus lábios contra os dela, seu corpo renasceu com renovada paixão com essa pequena carícia de suas bocas. Ele embalou um seio, amassando-o gentilmente e roçando seu polegar sobre o inchado mamilo.

Ela gemeu contra o beijo enquanto um gemido feminino soava na cabeça do Talorc. Como pôde haver se negado a compartilhar essa íntima comunicação? Ele não sabia, mas soube que nunca o faria outra vez.

As pequenas mãos soltaram o agarre sobre seu pescoço para vagar por seu corpo, e ele se deleitou com cada toque.

Precisando estar dentro dela, os rodou até que Abigail esteve em cima.

“Monte-me, minha doce esposa. Por favor.”

Não se opôs, mas sim deslizou para baixo até que suas sedosas dobras úmidas encontraram a ponta de seu ereto pênis para logo inundar-se. Fogo aveludado envolveu seu pênis, e Talorc uivou em êxtase.

Um selvagem sorriso digno de qualquer mulher lobo Chrechte enrugou as encantadoras

características de Abigail. Montou-o com uma paixão sem travas, mais livre do que jamais foi com ele, e Talorc se deu conta de que ao compartilhar seu lobo com ela havia preenchido esse último vazio entre eles.

Seu orgasmo se formou tão rápido que se encontrou despreparado, mas Abigail estava ali mesmo com ele, gritando seu prazer em sua cabeça enquanto seu lobo uivava.

Nesse momento, realmente realizaram a promessa de acasalamento Chrechte, de ser um em corpo, mente e espírito.

* * *

À manhã seguinte, Talorc encontrou um pequeno riacho para que Abigail se banhasse antes de vestir-se e retornar à praia.

Guaire e Niall estavam concentrados em um beijo, seus braços ao redor do outro. A beleza de sua paixão lhe tirou o fôlego. Assim disse a Talorc através de sua comunicação mental.

“Isso é amor.”

“Sim.”

“Não posso deixar de notar que ambos estão vestidos.”

“Aye.”

“Onde conseguiu Niall o plaid?”

“Da caverna. Guardamos ali alguns junto com os barcos.”

“Estou segura de que há um para você também, não é assim?”

“Está me dizendo que não quer caçar nua comigo?”

“Quão ardiloso de sua parte captar o que quero dizer.”

Talorc jogou a cabeça para trás e riu. Abigail notou que ele tinha enviado cada som por seu vínculo mental de tal forma que ela pudesse compartilhar tudo com ele.

Ela se girou para ele.

“Amo-o tanto, Talorc.”

“Amo-a, meu precioso anjo.”

Guaire se separou de Niall, só para ser atraído junto ao grande guerreiro. Manchas rosa cobriram suas maçãs do rosto.

—Bom dia, minha senhora. Meu laird.

—Bom dia, querido amigo. Parece feliz.

Guaire elevou a vista para Niall, o guerreiro com cicatrizes lhe dirigia o sorriso mais deslumbrante que tinha acreditado capaz.

—Sou. Muito.

—Estou tão contente.

—Obrigado. O laird e vocês solucionaram já suas diferenças?

—Sim. Não deixará que seu rei me envie longe.

Guaire assentiu com aprovação.

—É óbvio que não. É nossa senhora.

—E vocês estão acasalados — disse Talorc.

Os toques de rosa se converteram em um rubor total que baixava até o pescoço de Guaire.

—Estamos.

—Todo este tempo ele não teve medo de mim — disse Niall, dirigindo suas palavras a Talorc.

As sobranceiras do Talorc se uniram com confusão.

—Suas ações...

—Desejava-me. —Vá se Niall parecia orgulhoso. —Tanto que tremia ante minha presença. Sempre evitava estar perto porque temia que me desse conta de seu desejo secreto.

—Os segredos mantêm apartados aos companheiros — disse Talorc com certeza.

Niall assentiu, algo passava entre os dois indicando que sua comunicação era mais profunda que as meras palavras.

Niall se ajoelhou diante da Abigail.

—Devo-lhe uma sincera desculpa, minha querida senhora e amiga.

—Ainda sou sua amiga?

—Sim. Se me perdoar. —Baixou o olhar como se estivesse envergonhado e logo levantou a cabeça para que ela pudesse ler seus lábios outra vez. —Estava ciumento.

—Do tempo que Guaire passava comigo — adivinhou, entendendo tudo por fim.

—Sim. Acreditei que se apaixonou por você e, embora soubesse que nunca trairia o nosso laird, estava furioso pela inveja já que parecia que encontrou em você o que não podia ver em mim... o Chrechte escolhido por Deus para ser seu companheiro.

—Seu amor por você nunca vacilou.

—Em segredo — disse Niall com expressão comovida.

Ela se inclinou e beijou a bochecha com cicatrizes de seu primeiro amigo entre os Chrechte.

—Perdoo-o e espero que me perdoe por esconder meus próprios segredos.

—Sempre.

—Amigos?

—Até a morte.

* * *

Demoraram dois dias em voltar à fortaleza, Talorc e Niall insistiram em caçar para proporcionar alimento a seus companheiros ao longo do caminho. Abigail não se opunha porque isso lhe dava tempo para falar com Guaire.

—O que disse Niall sobre os beijos de Una? — perguntou ela logo que acreditou que os dois guerreiros estavam o suficientemente longe.

—Disse-me que ela o beijou. Ele o permitiu porque me viu sair da cozinha. Pensou que isso poderia me fazer sentir ciúmes. Então se deu conta de quão estúpido era, mas já era muito tarde para detê-lo. Viu a dor em meu rosto e isso lhe deu a primeira esperança desde que foi consciente de que eu era seu companheiro.

—Quando se deu conta disso?

—Faz muito tempo. —Todo o comportamento de Guaire mostrava sua frustração. —Meu medo de me revelar e o seu de me assustar nos manteve apartados.

—Supõe-se que o amor perfeito expulsa ao medo.

—Suponho que o faz quando o admite.

—Mas quando você está decidido a ocultá-lo...

—Só causa dor.

Abigail assentiu e logo disse:

—Façamos um pacto de não lamentar o passado, e de nos alegrar por nosso presente e futuro.

—Feito. — Guaire estendeu a mão.

Abigail a apertou.

—Feito.

Quando retornaram à fortaleza, Niall não fez nenhum esforço por esconder seu afeto de tanto tempo por Guaire. Abigail estava encantada de descobrir que os Highlanders eram muito mais tolerantes no amor entre os dois homens do que seus pais ou seus compatriotas tivessem sido. Todos salvo Una.

Abigail sabia que algo teria que ser feito com a outra mulher, mas isso teria que esperar. Talorc havia dito que devia lhe mostrar algo. Ela esperou no grande salão enquanto ele e Barr discutiam os deveres dos guerreiros para o dia.

Finalmente, todos se foram e quão únicos ficaram no salão foram Talorc e ela.

Talorc se deteve diante dela, olhando-a de cima a baixo e fazendo formigar sua pele em todos os lugares pelos que viajou seu olhar.

—Não posso acreditar que seja minha companheira. É tão perfeita para mim.

—Sinto o mesmo.

Compartilharam um beijo, mas quando este começou a ficar apaixonado, Talorc se apartou.

—Venha comigo.

—A qualquer lugar.

Ele sorriu, tomando a mão firmemente. Levou-a para um dos armazéns. Percorreu com o olhar a habitação em penumbra, mas não viu nada em particular que imaginasse que seu marido queria mostrar. Ele acendeu uma tocha, embora logo que estava escuro para fazê-lo necessário. Entendeu melhor isso quando ele fechou a porta e deslizou uma barra para fechar o lugar.

Tão estranho como ter uma fechadura por dentro de um armazém. Teria perguntado sobre isso, mas parecia tão decidido, que duvidou se dizia algo.

Dirigiu-se para a parede mais longínqua e pressionou algo entre as prateleiras que guardavam as provisões para a fortaleza. As prateleiras se balançaram como uma porta pesada para revelar uma abertura na parede de aproximadamente um metro vinte de altura e meio metro de largura.

Ele transferiu a tocha à sua mão esquerda e estendeu a direita para ela.

—Vamos.

Tomou a mão e deixou que a guiasse pela abertura escura. Desceram por uma seção de escadas até um quarto secreto sob a fortaleza. Todas as paredes, e inclusive o teto, estavam reforçadas com pedra.

—O que é este lugar?

—O quarto do Tesouro Real.

—Tesouro Real?

Talorc assentiu, puxando-a até um cofre de pedra gravado com as figuras de lobos por todos os lados e a tampa.

—Meu pai era um descendente direto de uma das sete linhagens reais Chrechte pelo lado de seu pai. Quando MacAlpin matou a todos os príncipes de nossa raça, assassinou àqueles que tinham herdado o sangue real através da linhagem de sua mãe, como era nossa tradição. As linhagens masculinas não foram consideradas até que se fizeram necessários guardiões para o tesouro. Então sete homens descendentes das sete tribos Chrechte foram escolhidos para custodiar nossos últimos dons reais. Este era o tesouro que o barão amante de Tamara tentou tomar quando tratou de incendiar nossa fortaleza e matar a nossos guerreiros.

—E está me mostrando isso?

—Sim. Confio em você com tudo o que sou. —Ele pôs a tocha em um suporte e tomou ambas as mãos. —O único que sabe do tesouro é o protetor e ajudante eleito. Minha mãe não conhecia sua existência, nem o faz minha irmã Cait. Não sei como Tamara se inteirou deste por meu pai, mas o fez. Seu primeiro era a única outra pessoa que sabia.

—O pai de Niall e Barr.

—Sim. Quando meu pai me falou sobre o tesouro em seu leito de morte, decidi compartilhar o segredo com Niall, em vez de seus irmãos mais velhos. Meu lobo o escolheu como meu companheiro para a proteção do tesouro como ele a escolheu para ser minha companheira.

—Sua própria mãe não sabia?

—Não.

—Obrigada por me dizer isso.

—Tudo o que sou é seu.

—Fala a verdade.

Ele assentiu. E logo girou para o cofre.

—Deseja vê-lo?

—Se você deseja me mostrar isso.

—Faço-o.

Ele levantou a tampa do cofre de mármore. Dentro havia ossos, uma grande cruz como a que os sacerdotes usavam durante a missa, uma cruz menor em uma corrente, uma modesta coroa e uma espada sem fio com um cabo adornado.

—Estes são tesouros do coração, não de ouro.

Ele sorriu, claramente agradado de que ela entendesse.

—Os ossos da mão direita de São Columba, o santo guerreiro.

—A mão que sustentou sua espada e sua pluma.

—Exatamente.

—E os outros ossos?

—O crânio e a mão direita do Uven, filho do Oengus, o último rei sobre todas as tribos Chrechte. A espada e a coroa são suas também. A cruz da esquerda pertenceu a Columba, e a que está à direita é a que Uven usava em batalha.

—Sua madrasta era uma tola. Por este tesouro vale a pena morrer protegendo-o, mas não vale a pena matar para roubá-lo. Seu valor vive nos corações das pessoas para quem isto representa sua história.

—É uma mulher assombrosa, Abigail Sinclair. Na verdade, meus segredos estão seguros em suas pequenas mãos.

—E meu coração está seguro em suas grandes mãos, embora fortes, são suaves com ele.

—Sempre. —Então a saudou como um guerreiro, com o punho direito sobre seu coração.

Ela sorria quando se lançou a seus braços para beijá-lo.

Tinha encontrado mais que um lugar seguro no mundo desde que fez dez anos; tinha encontrado o verdadeiro amor e a um companheiro sagrado.

Nenhuma mulher poderia querer mais.

EPÍLOGO

O rei de Escócia não enviou um novo mensageiro a seu laird favorito, Talorc Sinclair, em resposta às últimas palavras deste. Veio ele mesmo. Para conhecer a mulher que inspirava tal lealdade, disse ele. Embora, logo se fez evidente que tinha um motivo secundário. Desejava que Barr governasse o clã Donegal até que o jovem Circin estivesse preparado e alcançasse a idade adequada para conduzir ao clã menor.

Talorc deixou que Barr escolhesse. Este aceitou com a condição de que Osgard pudesse ir com ele. O velho guerreiro se confessou culpado tanto de instigar ao cavalo de Talorc atrás de Abigail como de pôr calhaus sobre as escadas para que ela tropeçasse. Estava claro por sua confissão incoerente que o ancião tinha começado a confundir o presente com o passado.

Ele não tinha querido ferir Abigail seriamente, embora ambas as travessuras pudessem ter causado sua morte. Queria demonstrar a Talorc que ela era uma carga para o clã, de tal forma que solicitasse ao rei a dissolução do casamento.

Talorc desejou matá-lo, mas Abigail suplicou misericórdia, e a sugestão de Barr foi aceita como um compromisso realizável. Barr partiu com os quatro jovens Donegal uma semana depois que fizesse o rei.

Una partiu dois dias após, depois de haver contradito uma das ordens de Abigail. Talorc a ouviu por acaso esta vez e tomou medidas imediatas, enviando à governanta ao clã de sua família, já que a viúva se uniu aos Sinclair por matrimônio. Chegaram notícias um par de meses mais tarde que Una se casou, tomando a um viúvo com quatro meninos de menos de seis anos, e que era extremamente feliz.

Abigail desfrutava compartilhar suas responsabilidades com Guaire como senescal, já que era muito para ela assumir a posição de Una completamente, assim promoveu a um dos outros cozinheiros e esteve feliz com os resultados.

Mas nada era mais agradável que o dom de cada dia com seu amado Talorc. Seu homem lobo era o homem mais assombroso e maravilhoso que jamais existiu, ela estava segura disso. E estava muito agradecida à vida de ser sua companheira. Não entendia isto, mas estava na natureza dos milagres serem incompreensíveis.

Só sabia que longe de ser amaldiçoada como os outros poderiam ter reclamado devido a sua surdez, ela foi abençoada com o raro dom da vida e o amor.

Fim